OS MACKENZIES 15



# AMOR POR AMBIÇÃO

DWG

*Série Tower: Os Mackenzies*

*Livro 15*

***DWG**irl*

# *Amor Por Ambição*

# Capítulo 1

— Você está vendo aquilo ali? — Bianca pergunta e me viro para onde ela está olhando. — Ei, não tão rápido, Natasha! Ele vai perceber, sua burra.

— Ele quem? Perceber o quê? — rebato, desentendida.

Ela bufa, característica de impaciência constante que é impregnada em minha amiga desde que me lembro.

— O cara que acabou de entrar e está olhando os perfumes. Você precisa disfarçar — gesticula para mim —, e não se virar tão abruptamente querendo vê-lo. Não seja tão direta.

Eu serpenteio o olhar pela loja, até que vejo o tal cara. Ele está em uma das prateleiras experimentando os novos perfumes de estação que acabaram de chegar. É realmente impossível não querer olhá-lo. Só a forma de ele estar em pé, é chamativa.

Mas isto não é novidade. Só o que se vê em shoppings são homens bonitos. Muitos. Então eu me viro de novo para minha amiga, fingindo não reparar em nada em nosso recém chegado cliente.

— Você vai atendê-lo ela — declara.

— Vai você. Estou ocupada aqui.

Bianca solta uma risadinha maligna, ao que parece, então pega o espanador de minhas mãos.

— Você estava ocupada. Agora sai, vai atender o cliente ou se o Roberto ver que não há assistência para ele, vai ficar uma fera.

— Você é uma vaca — reclamo.

— Eu sou mesmo — dá de ombros, então começa a espanar a bancada.

Solto um suspiro longo e me concentro, então abro um sorriso profissional e começo a caminhar em direção ao homem.

É rotineiro, vai ser fácil, e logo vou poder bater em Bianca com o objeto que ela tem em mãos.

— Boa noite, senhor. Precisa de ajuda? — me prontifico, pondo-me ao seu lado.

Ele está abrindo um perfume, mas para no ato e vira a cabeça em minha direção. Eu perco um pouco dos meus sentidos, então.

— Boa noite — ele responde e vira o corpo inteiramente para meu lado.

Mas, esses olhos, minha nossa. Ele tem olhos da cor de piscina. É perceptível em um instante, porque é um azul tão límpido quanto o céu. É a primeira coisa que se ver ao olhá-lo de frente, na verdade. Estou impressionada. — Estou perdido aqui. O que você me recomenda?

Eu ouço a pergunta e me esforço a reabrir o sorriso e pôr minha máscara profissional. Que olhos, é só o que posso dizer.

— Que tipo de fragrância o senhor prefere?

Ele balança a cabeça e puxa os lábios de um jeito engraçado.

— Como é isso? — interpela. — Gosto do que é bom.

Solto um riso, para parecer simpática, mas na verdade fiquei decepcionada interiormente.

Esse é o tipo de cliente que chega para comprar, mas que não faz ideia da preferência e você precisa dar a ideia a ele, o que acaba te fazendo ficar cansada, com raiva e tonta de tantos aromas.

— Compreensível. Mas me refiro ao seu gosto. Amadeirado, adocicado, suave, crítico?

— A verdade é que o perfume não é para mim — ele coloca o vidro que está na mão de volta na prateleira e me olha novamente. — É para um amigo. Mas eu não conheço o gosto dele.

Assinto e dou um passo para trás, a fim de inspecionar as amostras que estão à minha frente. Avisto um perfume suave e unissex de cor azul e me aproximo para pegar. Fico na ponta dos pés, mas mesmo assim não é suficiente para alcançar.

O homem ao meu lado ri.

— É esse aqui? — pergunta, estendendo a mão e pegando o perfume sem a menor dificuldade.

— Sim, esse. É bem suave, com um toque impactante, ao mesmo tempo discreto.

Ele balança a cabeça e destampa o vidro, colocando um pouco do perfume sobre a mão.

— É bom — conclui. - Mas não me instigou.

Não o instigou? Evito bufar.

— Bem, podemos ver algo mais masculino. — Volto meus olhos para a prateleira e vejo o vidrinho pequeno com um perfume da cor âmbar, e pego. — Esse aqui sai muito sempre. Os homens adoram — direciono a ele.

— É bom também — comenta, depois de cheirar. — Vou ficar com esse, senão não vou sair.

Sorrio, concordando.

— Eu vou embalar para o senhor, vamos.

— Só um pouco — fala, e eu o olho de novo. — Agora quero um para mim.

— Gostaria de levar do mesmo?

— Não. Quero um diferente.

Eu assinto.

— Qual o gosto do senhor?

Ele pensa um pouco, enquanto me olha e eu aproveito para mergulhar nas piscinas que são esses olhos. Céus, são lindos. Dá vontade de chegar mais perto para ver se é real.

A verdade é que não são só os olhos, mas o homem inteiro é bonito. Ele usa uma camisa social branca, com um colete preto por cima e a gravata azul em um tom quase turquesa, acentuando a cor de seu olhar. Os cabelos negros e bem cortados são um detalhe a mais, e é impossível não notar as formas que os braços dele denotam por baixo do tecido fino da camisa, em músculos. Algo como um deus grego, é assim que se chama um homem desses. Definitivamente.

— Quero que você escolha para mim. Não vou saber qual é, até usar — ele diz e eu me obrigo a sair do transe.

— Perdão?

Um sorriso surge em seus lábios e eu estou imediatamente sorrindo também, porque é inevitável.

— Eu disse que quero que você escolha o perfume para mim e o embrulhe junto. Não vou saber qual é, até usá-lo.

— Por que o senhor quer algo assim? — É irresistível que eu pergunte, porque não faz qualquer sentido.

Ele levanta os ombros, em um gesto de desdém.

— Apenas porque quero. Pode fazer isso?

— Posso, é claro.

Estou logo de frente para a prateleira novamente, vasculhando por uma embalagem que eu me lembro de ter gostado da fragrância. Então vejo o vidrinho preto, com um leão na frente, e pego.

— Esse — mostro a ele.

O homem concorda.

— Obrigado.

Balanço a cabeça de forma afirmativa e sigo para o caixa, para embalar e cobrar. Esta é uma das partes em que é mais difícil meu trabalho. Vendo e

atendo, e tudo o que surgir para fazer, na verdade.

— O senhor gostaria que eu colocasse o do seu amigo em um embrulho para presentes? — questiono quando o homem abre a carteira.

— Pode ser.

Agradeço interiormente, porque é daí que vem o dinheiro extra. Minha comissão.

Pego uma sacola mais bonitinha e guardo o do amigo, e o dele em uma da loja, então bato o valor e cobro.

Ele me estende as notas de dinheiro e dou um sorriso, ao que ele sorri de volta.

Pego o troco e as sacolas e estendo a ele.

— Muito obrigada. Volte sempre — agradeço.

O homem assente e dá uma piscadela, então pega tudo e se vira, saindo por onde entrou.

Eu evito me abanar com as mãos pela ação, então apenas presto atenção enquanto Bianca corre até mim, toda animadinha.

— E aí? — pergunta.

— E aí, tudo bem?

— Não banque a idiota — resmunga. — Você conseguiu saber ao menos o nome dele?

— Para de ser louca. É claro que não.

— Não estou sendo louca, Natasha. Quando um homem bonito desses aparece na sua frente, você tem que instigar um contato. Qualquer coisa!

— Por que você não o atendeu então?

— Porque estou comprometida. Você sabe.

Aparentemente ela está.

— Deixe de dizer bobagens. Vamos voltar ao nosso trabalho.

— Trabalho... — ela caçoa.

Então eu relembro que, é verdade, qual trabalho? Nós só trabalharemos até o fim do dia mesmo.

# Capítulo 2

Está uma noite agitada para uma segunda-feira costumeira. Geralmente não tem cinco pessoas no banco desse bar perto de onde trabalho.

É uma atividade costumeira. Diria que uma mania. Sempre depois do primeiro dia de reinício da semana, caminho até o bar do Charles, e ele me serve um licor ou ponche. Raramente bebo algo diferente. Preciso me estressar muito mesmo – o que é quase raro acontecer –, para mudar o que já de costume.

— Como foi o dia? — pergunta enquanto seca uma taça.

— Bom.

— Bom — ele repete. — Acho que é um bom termo para não dizer normal.

— Sim. Não tive nenhuma porcentagem de prejuízo, então posso me alegrar. Amanhã terei que comparecer a uma festa de um colega da faculdade. Ele vai pedir a namorada em casamento no dia do próprio aniversário.

— Que romântico — Charles sorri. É um senhor simpático, saudoso e sempre conversa comigo. — As mulheres gostam dos românticos.

— Não gostaria de ir — mudo o rumo do assunto. — Ele só me quer lá para espalhar para os amigos que me conhece. Acho isso... marketing pessoal.

Ele ri.

— Cada um ganhando o seu, Sr. Damon.

— É. Não importa muito. Já comprei seu presente e vou aparecer por cinco minutos — sorvo um gole da bebida quente e doce.

— Tire umas fotos, marque os momentos com as pessoas que se lembram de você — ele coloca o pano no ombro e me olha. — Acredite, Sr. Damon, chega um momento em que a vida se torna apenas lembranças e você não vai poder voltar atrás.

Levanto o copo e finjo um brinde.

— Saudações ao mestre — bebo o restante e me levanto. — Obrigado pela atenção de sempre, Charles, mas preciso ir em casa e descansar um pouco.

— Nos vemos amanhã. Boa noite — ele me cumprimenta com um aperto de mão e pego minha maleta, voltando à rua para pegar o carro.

Foi mais um dia exaustivo. E agora, passando pouco das onze, estou voltando para casa como se tudo bem. E está tudo bem mesmo, exceto pelo fato

de que não consigo dormir antes das quatro e além das seis.

Estou começando a ficar preocupado com isso e não sei se preciso recorrer a um médico.

Ligo o carro e ganho outro destino, minha mente funcionando à mil por hora. Porque isso também é costumeiro, ficar ligado no duzentos e vinte quando chega a madrugada. Às vezes é bom, mas também pode ser ruim, principalmente porque tenho ainda mais dificuldade em tentar dormir.

Estaciono na calçada e deixo o veículo, rapidamente atravessando a rua e indo em direção à farmácia.

Me direciono ao balcão de atendimento e peço algo que ajude a dormir. A atendente questiona sobre leve ou forte, e opto por algo entre meio termo.

Aproveitando onde estou, vou em busca de um shampoo, pois o que uso está acabando. Mas me arrependo quando ouço risadas femininas e escandalosas no mesmo corredor. São duas moças.

— Por que você está rindo tanto? — uma pergunta para a outra.

— Porque nós somos bobas. Estamos desempregadas e rindo de tanta besteira.

— Não tanto, Renata — a primeira discorda. — Apenas levamos a vida de forma… Da forma que deve ser. Vamos encontrar outro emprego.

— Onde Bianca? — a segunda parece debochada.

E eu não sei bem porque estou prestando atenção na conversa alheia, porque não me diz respeito. Então apenas viro para a outra prateleira, ainda em busca do shampoo.

— É o homem bonito do shopping — um cochicho.

— Shiu — a segunda voz parece repreensiva.

Encontro o produto e o pego, virando-me para ir fazer o pagamento, então pego em flagrante as duas mulheres me olhando. Elas rapidamente fazem uma encenação horrível de quem não estavam o fazendo, mas eu já vi.

Dou cinco passos à frente, me aproximando delas o suficiente. Nem tão longe, mas nem tão perto.

— Senhoritas — as cumprimento.

Elas voltam a me olhar, a de cabelo loiro abrindo um sorriso instantâneo, enquanto a segunda apenas faz um gesto com a cabeça.

— Era sobre mim que estavam comentando? — questiono.

— Sim — a primeira toma a palavra. — Minha amiga aqui te vendeu um perfume hoje mais cedo, você não lembra?

Olho a garota, tentando ligar os pontos. Sim, o perfume no shopping.

— Ah, sim. Me recordo.

— Mundo pequeno, não? — ela dá um risinho e me estende uma mão. — Muito prazer, eu sou Bianca.

Aceito seu cumprimento, ela dando outro riso quando aperto sua mão.

— O prazer é meu, Bianca.

— Ah — ela segura os ombros da amiga. — E minha amiga se chama Renata.

— Oi, Renata.

Ela acena simplesmente, dando um sorriso acanhado.

— Ela só fala muito em horário de expediente — Bianca ri de novo. Parece gostar muito de fazê-lo. — Está comprando shampoo?

Olho a embalagem em mãos.

— É, estou. E vocês?

— Estamos comprando pasta de dentes, óleo para cabelos, uma escova nova, e hidratante corporal — ela gesticula um pouco. Parece quase agitada e algo me diz que é o seu jeito. — Fomos demitidas e a Renata não sabe como vai pagar seu aluguel a partir de agora.

— Não está fácil — digo simplesmente.

Então é a primeira vez que vejo uma expressão na amiga.

Ela bufa, como em desdém.

— Parece mesmo não ser fácil para você — aponta para mim. — Com esse terno que reluz a minha cara e esbanjando poder nos olhos. Realmente, não é nenhum pouco fácil para você.

Estou surpreso, mas não mais que Bianca, que tem a boca muito aberta.

— Bem, eu... — começo, então parece que ela cai em si, porque me interrompe.

— Desculpe — chia baixinho. — Eu apenas estou preocupada e você aparentemente com o nome riqueza escrito na testa aparecer e dizer que não é fácil, é totalmente insano.

— Você bebeu e eu não vi? — Bianca questiona a ela, mas é ignorada.

— Bem, eu não queria ter dado uma impressão ruim, apenas fui educado. Se me dão licença — olho a garota simpática. — Foi um prazer te conhecer, Bianca. Boa noite a vocês.

Passo por elas e me dirijo ao balcão. Pago tudo e volto ao carro, manobrando e dando a volta para cortar caminho.

Às vezes ser tão bom em tudo que faço, pode soar ruim e as pessoas podem enxergar outra coisa que não trabalho árduo para se alcançar. Mas não é um

problema.

Esse comentário dessa pessoa que nem conheço, não foi um problema. Ela não me conhece. E eu não preciso da opinião dela. Muito menos de seu óbvio desprezo.

Eu me sou autossuficiente.

Ligo o som do carro enquanto dirijo, até que, antes de chegar ao ponto de ônibus, eu consigo ver as duas silhuetas femininas.

São elas.

E não poderia haver pior momento para encontrar duas mulheres sozinhas em um ponto de ônibus quase na madrugada.

Principalmente quando uma delas te desprezou.

# Capítulo 3

Estou quase assustada quando um carro prateado para à frente de nós, só assim fazendo Bianca calar a boca um instante. Não bastou que eu tenha sido completamente não-educada com o homem dentro daquela farmácia, agora vamos ser sequestradas.

Nós, por pura impulsão, damos alguns passos para trás, até que a janela se abre e ouvimos a buzina.

Estou mais impressionada ainda quando vejo quem deixa o carro.

— Que merda… — Bianca sussurra.

Realmente.

— Parece que estamos nos esbarrando muito — ele diz, então dá a volta. — As senhoritas gostariam de uma carona? — abre a porta traseira.

— Não — eu digo, mas ao mesmo tempo minha amiga diz "sim", o que me faz olhá-la em repreensão. — Não, obrigada.

— Certo — ele alisa a barba. — Não posso rebater sobre sua opinião, Renata, mas também não posso concordar sobre sua resposta egoísta.

Eu o olho, muito desacreditada.

— Egoísta? — questiono.

— Está se recusando a uma carona simplesmente porque deixou claro que tem algo contra mim. Mas sua amiga aceitou, porque ela parece entender o amplo cenário em que se encontram — ele olha Bianca, que rapidamente caminha até seu carro e entra, o que me deixa alarmada. — Você está preferindo ficar à mercê do perigo por egoísmo.

— Egocêntrica! — Bianca grita do carro, dando uma risadinha em seguida.

Está óbvio que o homem bonito está achando que ela é hiperativa – o que eu também acho às vezes.

Eu o encaro, ele mantendo seu semblante sério, o que não é muito bom, porque ele é realmente bonito. E muito alto. E os seus olhos, apesar de eu não poder ver claramente agora, são de um tom marrom avassalador.

E parece mesmo muito engraçado que o tenha visto algumas horas atrás e pensado que seria só uma vez. Ele está me oferecendo uma carona.

— Nós vamos ficar quase ali — eu digo.

— Deixarei vocês em Quase Ali — aponta o carro. — Faça as honras.

Solto um suspiro frustrado e resolvo ceder. Caminho ao seu carro e Bianca empurra meu ombro com o seu assim que estou sentada ao seu lado.

O estranho fecha a porta e logo está em seu assento.

— Coloquem os cintos — avisa e liga o carro, nos tirando do meio-fio.

Mais estranho do que estar pegando carona com um estranho, é estar em uma carona com um estranho lindo e cheiroso, que está ouvindo uma música que não consigo identificar.

— Se importa em nos dizer seu nome? — Bianca pergunta. — É que eu falei nossos nomes, você disse que era um prazer, mas não se apresentou.

— Me chamo Alexander — ele diz simplesmente.

Bianca me olha e sorri, parecendo mais animada do que deveria.

— Está sendo muito gentil em nos dar uma carona, Alexander.

— É um prazer, Bianca.

Ele parece sempre ser bem objetivo, e isso é impressionante. Principalmente porque sua voz tem uma rouquidão natural, que parece fazer as palavras retumbarem e pode causar arrepios.

Mas é de forma involuntária.

— Você é médico, Alexander? — ela insiste nas perguntas, e eu só posso ter pena dele.

— Sou empresário. Vocês ficam onde?

Eu quase dou risada, porque é óbvio que ele deve estar de saco cheio de ouvir minha amiga matracar.

— Quando chegarmos perto, eu aviso — responde e emenda outra pergunta: — Você namora?

— Solteiro.

— Tem filhos?

— Sem filhos, Bianca — ele nos olha rapidamente pelo espelho retrovisor e isso me deixa... Eu não sei, mas não confortável.

— Sabe, Alexander, eu realmente admiro caras como você.

— É mesmo?

— É — ela afirma. — Você é todo assim e ainda é gentil, nos oferecendo carona em seu carro que o valor deve ser capaz de sustentar cinquenta pessoas por toda suas vidas.

Ele não diz nada é Bianca não se agonia por isso, pelo contrário, parece ainda mais induzida a falar por causa de seu silêncio.

— Você disse que é empresário — diz como quem não quer nada. — Não

teria jeito de nos arrumar um trabalho? É que, sabe, eu tenho um namorado, mas ele quase não tem dinheiro para si próprio, não vai poder me ajudar. A Renata e eu moramos juntas, não podemos ficar desempregadas.

Eu quero pedir que ela pare de nos fazer passar vergonha, principalmente porque o homem parece totalmente concentrado na pista.

— Eu poderia encontrar uma ocupação para vocês — ele se pronuncia, depois do que parece alguns segundos de hesitação. — São aptas a aprender tudo?

— Tudo, tudinho! — ela parece triplamente eufórica. — Aprendemos rapidíssimo.

— Perfeito.

Ela me olha, parecendo desacreditada como eu, mas feliz.

— Você é dono de onde? — questiono.

— Não é necessário que eu responda essa pergunta — me corta, Bianca interrompendo-o para avisar que ficaremos logo à frente.

E logo o homem estaciona, tirando seu cinto e virando para nos olhar.

O impacto é imediato. Ele é de uma beleza rara. Mesmo com traços comuns, consegue ser incomparável a qualquer outro homem de olhos e cabelos escuros que já vi.

— Este é o meu cartão. Liguem para minha secretária exatamente às sete da manhã e peçam que ela direcione vocês ao RH — seu olhar foca só em mim agora. — Digam que Alexander Damon enviou vocês e que exige um cargo para cada uma — volta a virar-se. — Tenham uma boa noite, moças.

Só então nós nos apressamos em deixar seu carro, Bianca parecendo acabar de se tornar uma puxa saco.

Quando estamos na calçada, o homem buzina e sai cantando pneus.

Ele gosta de buzinar.

— Você está vendo isso? — Bianca quase coloca o cartão de visita dentro dos meus olhos. — *NÓS ESTAMOS EMPREGADAS!*

— Shiiiiiiu — eu a acalmo. — Estamos no meio da rua, Bianca.

— Oh, meu Deus! — Parece quase emocionada. — Você imagina o quanto meu namorado vai ficar feliz por isso?

Ela queria que ele ficasse.

— Sei — sorrio e a puxo, para nos levar em direção ao nosso prédio, que parece sempre morto. — Nós precisamos falar com o responsável para pintar a fachada desse prédio.

— Vamos fazer isso quando o encontrarmos. Ele quase nunca aparece.

Cumprimentamos o porteiro e entramos, logo chegando ao elevador. Bianca ainda está olhando o cartão, parecendo maravilhada.

Mas eu só estou conseguindo pensar em como pode ter acontecido tantas coisas em um só dia.

Fomos demitidas e conseguimos um novo trabalho, por meio de um estranho que pareceu arrogante, mas que não aparentou isso quando estava provando as essências de perfumes na mesma loja do shopping em que fomos demitidas.

*Faz sentido?* Não.

E por isso eu estou tão impressionada.

# Capítulo 4

Eu preciso admitir. Bianca e eu tivemos a maior sorte do mundo. Sim, porque o tal Alexander, que é chamado por todos de Sr. Damon, nos deu trabalhos. E eu seria completamente ridícula de não aceitar um cargo como Assistente Pessoal dele, que irá me render dois mil dólares. Nunca ganharia esse salário me matando em um shopping.

Estou dizendo, Assistente Pessoal. O que vou precisar fazer, pegar café e passar suas blusas? Moleza.

O mais incrível, foi que ligamos para a secretária às sete, às oito já estávamos no RH e, às nove, porque fomos mandadas pelo próprio Sr. Damon, já estávamos trabalhando.

É eficiência ou poder? Ambos, pode ter certeza.

Estou em uma sala adjacente a sua, separando envelopes com adesivos. Eu ainda não o vi e não vejo a hora de fazê-lo, para agradecer a grande oportunidade.

A única coisa ruim, foi que a Bianca foi enviada a outra empresa. E não sei se é coincidência, mas irá ser assistente de outro Damon. Espero que nos saiamos bem.

Me levanto para beber água na sala da secretária e, quando estou voltando, vejo que o Sr. Damon deixou sua sala e está falando com ela. Ele parece mesmo muito alto e esses ternos escuros só o deixam mais elegante do que aparenta ser.

Mas, como não sou notada, apenas saio em silêncio e volto para fazer meu trabalho.

E é impossível não estar sorrindo, porque deve ser isso que chamam de trabalho bom.

※※※

O dia voou. Pode ser impressão, mas definitivamente não foi cansativo. E estou

quase finalizando o último documento para salvar no computador, quando ouço algo cair de repente, e me levanto num susto.

— Não queria te assustar. — O Sr. Damon diz, juntando a caixinha de madeira com canetas e o grampeador que caíram no chão. — Realmente não queria. — Ele coloca tudo de volta na mesa perto da porta.

— Ok — respondo sem reação ao reparar ele sem o terno mais uma vez e perceber sua musculatura bem delineada mesmo por cima da blusa social azul claro, que o deixa irresistivelmente lindo.

— O que faz aqui até essa hora, Renata?

Meu nome parece mais longo e forte em seus lábios, e isso me deixa impressionada.

— Estou trabalhando — respondo, pigarreando em seguida, porque é estranho que ele me trate como se tivéssemos já conversado antes.

— E ainda não acabou aí? — aponta para a tela do computador.

Sento-me novamente.

— Ainda não. Estou quase.

Ele puxa a cadeira perto de onde está e a coloca ao lado da minha. Quando se senta, quase fico tonta. Tanto pelo seu cheiro maravilhoso – que imediatamente percebo ser do perfume que eu embalei –, quanto pelo poder que sua presença exerce. É real e de verdade.

E é tão forte que não consigo lembrar mais de nada do que ia fazer e apenas fico com as mãos sobre o teclado, sem ação.

— Isso é trabalho pra você? — ele pergunta quebrando o silêncio e minha respiração fica profunda.

— Foi o que sua secretária me instruiu — respondo simplesmente.

Meu celular toca na mesa e a foto de um modelo sem camisa aparece. É apenas uma brincadeira, para que quando minha mãe ligar, eu não ficar tão desanimada ao ver que é ela. Mas, péssima hora. Alexander estende a mão e me passa o telefone.

— Acho que o seu namorado está preocupado.

— Não — respondo de imediato e pego o celular de sua mão, sem fazer qualquer contato.

Atendo e minha mãe parece, como sempre, pronta para um questionário.

— Ainda estou no trabalho, mãe. Posso ligar mais tarde?

Ela resmunga sobre o por que de uma vendedora de shopping estar trabalhando até essa hora.

— Tenho que terminar o que meu chefe me manda fazer. Não posso... —

meu celular é tomado de minha mão de forma rápida.

— Termine aí e mantenho sua mãe entretida.

Fico boquiaberta quando ele levanta-se e começa a falar com minha mãe como se já se conhecessem.

Imagino que é dessa  forma que ele consegue manter tantas empresas no topo das mais bem sucedidas do país. Eu pude ver isso em algum documentos que transcrevi.

Alexander fala de forma intimidadora. Mas é claro que eu já percebi isso logo de cara.

Trato de terminar logo o que falta e desligo o computador. Pego minha bolsa e levanto. Alexander sentou-se em uma mesa maior e está aos risos ao celular.

Franzo a testa e me aproximo dele. Seu sorriso morre ao me notar e percebo quando seus olhos se abaixam lentamente e sobem na mesma velocidade, me analisando.

Me sinto incrivelmente perturbada e aponto para o celular. Ele assente.

— Certo, Cristina. Foi um imenso prazer falar com você, mas agora preciso devolver o celular da Renata. É claro! Tenha uma boa noite — diz e me passa o aparelho. Confiro o visor e vejo que minha mãe desligou.

Minha testa franze novamente, em estranhamento óbvio.

— Ela já ia dormir — Alexander diz, como se lesse meus pensamentos.

— Ah... Que estranho. — É muito.

— Você já acabou?

— Sim. Obrigada por isso — balanço o celular. — Boa noite.

— Ei, Renata — ele levanta-se. — Prometi sua mãe que te levaria embora.

Meu celular cai da minha mão, diretamente no chão e faz um barulho estrondoso para tamanho silêncio. Alexander olha em direção, surpreso. Ou assustado.

*Mas eu não sou culpada.*

— Droga… — me abaixo para juntar a bateria e a outra parte do celular que se separaram.

— Ela pediu por isso.

— Não precisa, não. Eu vou de táxi. Minha mãe é muito superprotetora.

— Prometi a ela, Renata. Não descumpro minha palavra, a menos que seja incontestavelmente necessário.

Potência e poder na voz e na aparência. Parece demais para uma pessoa só.

— Desculpas pela minha mãe...

— Vamos? — ele gesticula para eu ir à frente, me cortando totalmente.

A minha mãe pode me pagar por essa.

— Não se perturbe — diz. — Só vou levá-la até sua casa.

Caminhamos até o elevador e os passos de Alexander me acompanham. Espero as portas se abrirem, sem qualquer paciência.

Eu posso sentir o olhar do Alexander em mim, me queimando.

Então também o olho, confirmando meu achismo. Ele sorri quando meu olhar encontra o seu. Sorrio de volta.

Encrenca. Problema. Sofrimento. Choro.

Tudo isto está bem estampado nele.

Talvez seja sua camisa social parecendo ser feita propriamente para ele ou o relógio enorme de ouro que reluz por onde quer que tenha luz, que o deixe levar passar essas características.

Ou mesmo sua elegância e inteligência, nítidas e explícitas. Ou pode até ser a sua voz; grave, potente, autoritária e incrivelmente suave, tudo ao mesmo tempo.

Eu ainda não faço ideia, mas, esse cara, lindo demais para existir, sendo meu chefe e altamente atraente, me parece ser um imenso problema.

Um catastrófico problema.

Solto um suspiro de alívio quando o elevador abre as portas. Entramos lado a lado e ele aperta o botão.

— Me diga uma coisa — ele pede.

*Ai, como não dizer depois de uma voz tão maravilhosa dessas se fazer ecoar pelos meus ouvidos?*

*Droga...*

— Sim?

— Você está com fome?

Me surpreendo com a pergunta mais inesperada que havia pensado.

— Estou — admito.

— Vamos comer, então. Ouvi dizer que tem uma pizzaria ótima aqui perto.

Vamos comer então? Quê?

— Não — nego. — Realmente tenho que ir embora.

Alexander me lança um olhar todo sério, me deixando anestesiada.

— Você não mora com sua mãe. Não é o horário que está preocupando você. Então, o que seria?

— Hm... — tento pensar. — Um compromisso.

Ele cruza os braços e estreita os lindos olhos.

— Acho mais fácil você dizer "eu não quero", do que fingir que está indo embora para um compromisso quando na verdade vai sentar no sofá com sua amiga e assistir séries até tarde.

Minha boca abre instantaneamente. Ele sorri, convencido.

*Mãe…*

— Só uma pizza, Renata. Ou duas, se você quiser.

— Ok.

Mas, como assim? Eu realmente gosto de ser idiota, não é? O homem é meu chefe e eu estou aceitando comer uma ou duas pizzas com ele no fim do expediente; para depois ele me levar embora.

Ah, não esquecendo do papinho que ele levou com minha mãe no telefone. E nossa pequena discórdia no dia anterior.

O elevador abre, me tirando de meus pensamentos e saímos logo em direção à porta da entrada.

Alexander faz sinal para que eu saia na frente. E, quando já estamos ao lado de fora, sinto uma mão grande em minha cintura.

— Meu carro está bem ali — ele diz, me puxando para o lado oposto ao que ameacei caminhar.

Seguimos ao veículo e ele abre a porta para mim.

— Entre, Renata.

Eu já estou acostumando a ouvir meu nome sair de sua boca. Ou não. Não acho que seja possível acostumar, na verdade.

Débora ficaria louca quando soubesse da carona que eu estava recebendo.

Fui tomada da admiração quando Alexander entrou e o seu perfume se espalhou todo por dentro do carro. Fiquei até um pouco tonta de tanta intensidade.

# Capítulo 5

— Você me recomenda algum lugar? Acho que uma pizzaria não é muito adequada, não é? O que você comeu durante o dia, Renata?

— Nossa, você precisa perguntar devagar — eu o olho, já rindo de nervoso.

Eu não sei como explicar exatamente o que houve para eu estar dentro do carro do meu atual chefe, sendo levada a algum para comer uma pizza.

— Desculpe — seus lábios entortam um pouco, chamando minha atenção para eles e é impossível que eu também não note que são lindos. Meu Deus.

— Não tenho lugares para recomendar. Não como muito fora. Gosto de cozinhar por minha conta. Acho mais saudável.

Alexander me analisa e cruza os braços em seguida. Parece esperar mais alguma coisa.

Outra resposta.

— Gosto de pizza e acho que seria ótimo uma ao fim de semana, mas não hoje. E... — penso antes de responder. — Realmente não me lembro o que comi durante o dia.

Provavelmente eu não comi. Eu não me lembro de comer a menos que meu estômago me lembre. E eu sei que isso é um problema e deixa tanto minha mãe, como minha amiga, loucas.

Alexander solta um som estranho, parecendo desacreditado.

— Passou o dia sem comer? Se eu não fosse o seu chefe, conversaria com ele.

Ele saca o celular do bolso e disca algum número, logo começando a falar.

— Dayane, reserve uma mesa para duas pessoas no lugar mais privativo que tiver aí. Sim, vou aparecer em poucos minutos.

Estreito os olhos.

Alexander guarda o celular e me dá uma última olhada antes de soltar um:

— Sinto muito, querida. Mas escolhi um péssimo ambiente para satisfazer sua fome. Vamos jantar.

Eu sei, completamente patético eu admitir que isso é o primeiro "convite" de jantar que estou recebendo. Tanto que começo um indício de suar.

Assim que Alexander começa a dirigir, meu celular toca dentro da bolsa.

Confiro o visor e vejo que é Bianca.

— Oi — eu digo simplesmente, constrangida pelo momento.

— Renata, cadê você? Estava quase ligando pra sua mãe.

— Ela já me ligou. E não é tão tarde, eu trabalhei minha carga horária.

— Sério? Então eu fui liberada mais cedo. Você já está no ônibus?

— Bem… não exatamente.

— A gente tem que colocar *Prison Break* em dia, você sabe.

— Sei... — É um péssimo papo.

— Preciso ver o *Dominic Purcell* exalando aquela autoridade incrivelmente masculina que me deixa até sem ar.

Rimos juntas.

Mas que é o Dominic se comparado ao homem ao meu lado?

— Assiste alguma coisa enquanto chego — palpito. — Lilo e Stitch.

— Rá, boa! Mas não demora — ela desliga.

Guardo o celular e acompanho a vista pela janela.

— Se importa em me dizer sua idade? — pergunto e quero me bater por isso, porque não faz sentido. Mas estou curiosa.

Ele me olha rapidamente, a expressão fechada.

— Não me importo, Renata. Vinte e nove.

— Hmmmm... — meu tom de satisfação sai mais alto do que eu posso premeditar.

— Espero que não esteja desapontada.

*De jeito nenhum*.

— Eu sou um pouco curiosa, me desculpe. Mas você já foi casado, levando em conta que disse ser solteiro.

— Ainda não tive o prazer de encontrar uma esposa. — Suas respostas são mesmo objetivas e ele não parece se abalar por nenhuma.

— É sério?

— Você parece surpresa.

— Um pouco — admito.

— E por quê?

— Porque é óbvio que centenas de mulheres se jogam aos seus pés. A minha amiga se jogaria aos seus pés se não tivesse namorado.

Ele faz um gesto mínimo com a cabeça, mas não nega.

— Estamos chegando — explicitamente desconversa.

Após mais alguns minutos, ele estaciona em frente a um restaurante lindo.

As paredes imensas de vidro, com toques de dourado por fora, dão um ar completamente elegante e sofisticado ao lugar.

Ele sai do carro e eu o acompanho. Rapidamente Alexander vem ao meu lado e segura minha cintura – de novo. Não reclamo. Há tempos eu não tenho o contato masculino perto de mim.

Eu só tive um namorado aos treze anos e nosso namoro durou três meses porque ele se apaixonou por outra menina.

Alexander me guia até a entrada e só basta aparecer para que as recepcionistas se ofereçam prontamente para levá-lo até a mesa.

Ao chegarmos até a mesa, ele puxa a cadeira para mim. Aproveito para babar no lugar ao sentar, encantada. O teto é absurdamente alto. Conceito aberto por todos os lados, exceto na cozinha. Lustres de cristais chamam a atenção para as pinturas rústicas mais acima. As paredes são todas praticamente de vidro. Um lugar tranquilo sob as luzes baixas. Harmonioso, sensível, romântico...

Olho para Alexander e ele já está me olhando, todo sério. Se não fosse pelas reais circunstâncias, eu realmente acharia estar em um encontro.

Mas isso não faz sentido. Minha vida parece ter dado uma volta de ontem para hoje.

— Então, como é a sensação de fazer reservas sem restrições em um lugar como esse? — questiono, tentando criar uma atmosfera descontraída.

— Bem fácil — responde.

— Bem fácil? Eu me lembro que quase precisei me ajoelhar nos pés da recepcionista quando fui fazer uma reserva para minha amiga e seu namorado uma vez em um restaurante mais requintado perto de nosso apartamento.

Ele solta um ruído.

— Deve ser porque tenho algumas vantagens.

*Deve ser...*

Ele pega o cardápio.

— O que você vai comer? — questiona.

Abro meu cardápio, louca de nervosismo. Passo rapidamente os olhos, mas não conheço nenhuma das comidas, então somente rio, também de nervoso.

— Renata? — Alexander abaixa meu cardápio, me obrigando a encontrar seus olhos. — Tudo bem?

— Tudo — eu pigarreio, porque ao mesmo tempo que ele parece sério, também está parecendo apreensivo.

— Você está estranha, rindo tanto. O que foi?

— Nada é nada. — respondo, levantando o cardápio de volta e me

forçando a observá-lo e escolher algo. Estou rindo muito?

— O ambiente está ruim? — ele insiste. — Podemos ir até outro lugar.

— Não. — Estou absurdamente impressionada. — Aqui está bom demais.

— Mesmo?

Eu apenas tenho pavor a homens absurdamente ricos.

— Vou aceitar um prato de qualquer massa — desconverso.

— Certo — Alexander chama o garçom e faz os pedidos.

Fico impaciente. Minhas pernas começam a balançar sem parar. O suor aumenta.

— Preciso ir embora — decido levantar e pegar minha bolsa. — Desculpe por isso. E obrigada.

Saio depressa com o olhar de interrogação estampada no rosto do Alexander. Ando depressa depois de passar pela entrada, agradecendo a Deus por um táxi passar bem no momento que chego à rua.

Entro depressa, aliviada.

E se isso fosse parte do teste para início de emprego? Houve algo do tipo no shopping no início.

*Mas que grande droga.*

# Capítulo 6

Quando entro no prédio da empresa no dia seguinte, me sinto agoniada. Eu posso estar prestes a ser dispensada. E não sei se vou estar acostumada a esse chefe. Ele é diferente.

Aperto o botão do elevador e o aguardo abrir as portas.

Mas eu não sou culpada por ontem. Ele é. Não pedi para ser levada a algum lugar para um possível almoço. Sequer consegui dormir, pensando à noite inteira se era um teste.

O elevador abre e entro, uma mulher se juntando a mim e, quando ele aperta seu andar, uma sombra chama minha atenção e eu vejo o Sr. Damon também se juntar a nós.

E eu já não sei se fico preocupada, temerosa ou o que mais posso ficar. Observo-o se recostar na parede do elevador, apoiado em uma perna e de braços cruzados.

Ele me encara imediatamente e depois dá uma olhada na outra mulher, estreitando os olhos.

Viro para frente, tentando aguardar como se eu não o tivesse deixado em um restaurante ontem, saindo sem explicação alguma.

Eu devia escrever um livro só de momentos constrangedores da minha vida.

Quando as portas se abrem, a mulher sai primeiro e eu quase vou atrás, para chegar no meu andar subindo os degraus, só para não ficar no mesmo cubículo que o Sr. Damon, que parece estar… Normal.

E isso é estranho.

— Renata?

Sua voz parece uma avalanche de sensações. Não pensei que ouvir meu nome na voz de alguém fosse me arrepiar algum dia. É estranho, mas impressionante.

Olho-o com cautela, pensando se dou um sorriso ou apenas faço cara de paisagem. Mas sorrir não parece a melhor opção.

— Você parece um pouco perdida — ele diz.

— Eu? — aponto para mim mesma, dando uma risadinha amena. — Estou normal. Bom dia.

Ele mantém a expressão, descruzando os braços e ajeitando a manga do

paletó.

— Interessante que você me cumprimente somente à essa altura. Entrei no elevador deve fazer uns minutos.

— Tecnicamente, você chegou depois. Você deveria me cumprimentar. Além do mais, tinha uma outra moça conosco e você também não a cumprimentou.

As portas do elevador se abrem e ele apenas solta um:

— Me acompanhe.

*Droga…*

— Bom dia — ele cumprimenta a secretária, pegando uma pilha de pastas em sua mesa e então segue diretamente à sua sala.

Vou atrás, um pouco agoniada, mas não temerosa. Ele não pode me demitir, pode? Eu não sabia que era um teste.

— Renata, sente-se. — Foi uma ordem, não tenho dúvidas.

Obedeço, um pouco transtornada pelo tom de sua voz. Até o ar de sua sala exala uma superioridade absurda, e isso sim é temível.

Ele me olha nos olhos, quase me fazendo encolher no lugar.

— Diga — pede.

— Dizer o quê?

— Por que foi embora daquela forma ontem.

Faz sentido.

— Porque me senti mal — admito.

— Não te ensinaram que sair dos lugares, abro um parênteses para dizer que ainda estando acompanhada, é redondamente falta de atenção?

— Desculpe.

Ele senta em sua cadeira, ajeitando o paletó e em seguida colocando os cotovelos sobre a mesa.

— Acrescento ainda que, enquanto alguém mantém a palavra com você, deve-se olhar a pessoa nos olhos, para transparecer confiança — praticamente rosna. É um esporro? Ele está com raiva?

Não dá para identificar. Seu tom continua o mesmo. E as expressões, também.

— Você tem um namorado?

A pergunta me deixa surpresa, mas não tão impressionada.

— Não — cruzo as pernas, em busca de uma posição confortável.

— Então não vejo mesmo um motivo por me ter deixado como um idiota ontem.

— Eu não o deixei como um idiota. Estou dizendo a verdade, me senti mal.

— Por que se sentiu mal? — ele se recosta em sua cadeira.

Deve ser a entrevista pela qual não passei, não é possível que sejam apenas perguntas casuais.

— Não gosto de requintes e muita sofisticação. E, sinceramente, estou bem enjoada em estar nesta sua sala enquanto sei que milhares de crianças estão morrendo de fome neste momento e você esbanjando tudo isso.

Agora eu consigo ver um expressão definida. É surpresa.

— Renata, não seja extremista.

— Não estou sendo. Apenas sincera. Olha isso — pego a caneta, aparentemente de ouro, sobre sua mesa. — Isto deve custar mais do que já ganhei em tantos anos de trabalho.

Ele dá um riso melancólico e me lança um olhar estranho, meio impassível e meio cortante.

— Pode levar e vender. Depois doa o dinheiro para onde você quiser — seu tom é suave, embora eu não acredite.

Solto a caneta calmamente de volta na mesa, me questionando por que eu realmente falei isso. Não faz sentido. O homem ter dinheiro não é da minha conta. E ele é meu chefe.

Eu realmente posso ser uma idiota, às vezes. Mas estou nervosa, não sei como agir. Ele é intimidante.

— Desculpe — eu repito. — Não é da minha conta.

— Realmente não é. Você não sabe nada sobre minha vida, então não tente me pregar ética ou moral — ele mantém o mesmo tom, mas estou interpretando como uma bronca. Uma grande bronca. — Você trabalha para mim e não eu para você. E, mantenha algo consigo; se um dia pretende ter riquezas, aprenda e lidar com elas.

Engulo em seco.

— Está bem.

— E tenta lembrar sobre encarar a pessoa enquanto ela te fala algo. Isso passa confiança e, até o presente momento, eu não senti isso em você — ele hesita. — Mas não encara muito, só ao ponto de ela pensar que você estar prestando atenção.

Por que eu tenho que saber isso?

— Como vou saber o certo? Então não é preciso necessariamente prestar atenção?

— Você vai saber quando a pessoa começar a desviar o olhar de você. Significa que ela está se sentindo atingida. — Bingo. — E, não, necessariamente você não tem que prestar atenção. Por exemplo, se eu te levo a uma reunião ou festa sobre negócios, homens que se aproximam vão puxar assuntos.

Assinto, já não muito contente. Eu terei que ir a lugares ainda mais sofisticados? Sabia que ontem era um teste.

— Mas não necessariamente você vai precisar ouvir sobre o que é — continua. — Quando você perceber que não envolve o caixa de minhas empresas, pode apenas ser gentil, mas não prestar atenção. E também não é preciso encarar.

Quero pedir que me explique tudo de novo, mas mais devagar. E sem me olhar, é importante ressaltar.

— Então é tudo isso que uma Assistente Pessoal faz, também — concluo.

— Tudo e mais um pouco — ele separa as pastas em cima da mesa, e seu telefone começa a tocar ao lado. — Não espera que eu mande. Atende.

Levanto rapidamente e vou até a mesinha perto da estante.

Acho que já não gosto mais tanto de ser Assistente Pessoal.

# Capítulo 7

Olho de soslaio para o lado, não me sentindo uma boa pessoa por querer rir da minha assistente obviamente perdida. Dei a ela uma tarefa que é aparentemente impossível que faça.

Mas confesso que estou bem surpreso por ela não ter desistido. Parece que é insistente e isso é uma boa característica. Me incita a mantê-la como minha assistente.

Exceto por ontem. No entanto, algo me diz que tem algo estranho nela. Eu não sei. Ela tem um jeito diferente de se comportar. Eu não consigo ver o que realmente pensa, exceto por saber que ela é facilmente deixada sem graça.

— Você terminou? — questiono. — Preciso disso até às cinco.

Ela me olha, primeiro abrindo um pouco mais os olhos e depois dando um risinho.

— Ainda não terminei. Eu pensei que poderia terminar em casa, fazer umas analisadas — responde.

— "Fazer umas analisadas"?

— Sim — outra risada. — Para conferir.

Mantenho meu olhar sobre ela, que retribui por uns segundos, mas acaba desviando e fingindo voltar a analisar os papéis distribuídos na mesa em que está, na outra extremidade da sala.

Decido levantar e ir até ela, sentando na ponta da mesa, e esperando seu olhar.

Demora mais do que prevejo, então ela suspira profundamente. Não sei se de cansaço, tédio ou simplesmente por desistência.

— Eu gosto de pessoas francas, Renata.

— Entendo — ela entrelaça os dedos por cima das folhas em suas pernas.

— E estou desapontado que não tenha sido franca comigo. — Não estou, na verdade. Eu apenas estou lhe ensinando a se portar.

— Mas o que eu fiz? — suas sobrancelhas se erguem, em incompreensão palpável.

— O que você não fez — pontuo. — Você não foi sincera. Não chegou até mim e disse que não pode fazer o que te foi passado.

— Mas eu posso — está incrédula agora.

— Você não pode. Não entende sobre isso. Não é sua área — me inclino e pego uma folha na mesa. — Quando você estiver vendo tantas informações importantes, saiba que não é algo que pode fazer.

— Então por que o senhor me pediu para fazer?

— Porque eu posso — rasgo a folha. — E queria testar suas habilidades e paciência, embora você não seja a primeira que tenta fazer o que sabe que não é capaz.

Sua boca se abre e ela solta um som esganiçado, parecendo descrente. E isso me seria divertido, se não tivesse sido desagradável.

— Esse tom também não é permitido comigo, seu chefe.

— Isso foi bem… desnecessário — ressalta.

— Do contrário, foi muito necessário. Apesar de tudo, você tentou mesmo sem saber. Mostra sua força de vontade.

Ela me estuda por uns segundos, então novamente desvia o olhar.

— Não faça mais isso — digo. — Não tente entender o que não consegue. Quando tiver dúvida, receio ou até mesmo medo, pode falar comigo.

— Fiquei com medo de ser demitida.

— Você não vai ser demitida por banalidades — a tranquilizo. — Meu irmão faz isso, não eu.

Seu olhar encontra o meu novamente, e ela faz uma expressão engraçada.

— Por acaso seu irmão é o que minha amiga está trabalhando com ele? O outro Damon?

— Ele — afirmo e volto a me levantar. — Sua amiga gostou do primeiro dia com ele?

Eu quero muito rir então. Meu irmão pode ser mais novo, mas é mais estressado. Ele se estressa com qualquer coisa. Qualquer mínima coisa. Pode ser estressante o estresse dele.

— Ela foi liberada mais cedo — Renata responde, parecendo pensativa. — Não comentou sobre ter sido ruim.

— Bom para ela — volto a sentar em minha cadeira. — Receio que tenha que me acompanhar até minha casa hoje.

— Quem? — seu tom sai carregado de desnorteamento.

— Você — não a olho. — Nós sairemos às seis daqui, direto para lá. Seu horário é até às nove, de lá levo-a até sua casa.

— Isso vai ser realmente necessário?

— Sim, você vai aprender meus gostos para poder saber fazer as coisas

que preciso — levanto a cabeça, encontrando sua expressão que parece costumeira. — Você tem algo a dizer sobre isso?

— Não — um risinho baixo. — Eu apenas não sei se me sinto muito confortável em ir à sua casa. Quero dizer, o senhor é meu chefe.

— Vamos trabalhar e não qualquer outra coisa — deixo claro. — Não tenha receio quanto a isso. Eu não sou do tipo que faz mal a ninguém.

Ainda posso sentir seu olhar em mim, mas apenas continuo minha tarefa, também começando a pensar sobre o fato de ter que levá-la à minha casa.

Talvez não seja uma boa ideia.

# Capítulo 8

— Onde você está? — Bianca questiona assim que atendo o celular. — Eu fui liberada mais cedo de novo. Estou desconfiada. Nossos trabalhos são uma pegadinha?

— Receio que não — respondo, querendo rir porque neste momento estou no carro gritantemente luxuoso do meu chefe, segurando um absurdo de envelopes nas pernas, e tentando soar normal enquanto ele exala um magnetismo absurdo. Ele é um homem ilegível. — Você devia fazer algo especial para o jantar.

— Mas nós não jantamos.

É verdade.

— Podíamos mudar hoje.

Ela ri. Parece incrédula.

— Tem algo errado com você? — pergunta.

— Não. Eu chego no mesmo horário de ontem. A gente se vê — eu desligo e apenas aguardo chegarmos até a casa de Alexander.

E isso parece demorar um tempo imenso, me fazendo questionar se é realmente tanto ou apenas parece, por conta do momento constrangedor.

Quando enfim chegamos, é estranho que eu sinta um enorme buraco na barriga, como se eu pudesse até vê-lo. Mas parece que tenho sentido essa sensação nos últimos dois dias com constância.

— Nós chegamos — Alexander anuncia e sai do carro, o que me faz imediatamente fazer o mesmo.

E eu não poderia me sentir mais impressionada do que quando olho para onde estamos. Não é uma casa, é um sonho. A minha boca está aberta de um jeito que não poderia imaginar.

Ele começa a caminhar e tenho que fazer o mesmo, parando na porta dupla, querendo apenas ficar admirando essa casa linda e enorme, que deve ser um incrível lar.

— Tem algo de errado com você, Renata?

Sua voz me tira da admiração, e eu busco seu olhar, encontrando-o totalmente sério. É o seu olhar costumeiro.

— Não — respondo rapidamente. — Eu apenas estava… admirando sua

casa.

Ele assente, gesticulando para que eu entre. E o faço, tentando não ser boba o bastante. Mas é impossível que eu não pare e fique olhando. É um espetáculo.

E se por fora é de chocar, quanto mais por dentro. Tudo parece perfeito. A sala de estar ampla, os lustres, a escada à direita que tem um formato diferente… eu posso ficar simplesmente sentada e me perguntando se é real.

— Você aceita algo para beber ou comer? — ele questiona. — Se sim, me diga. Se não, vamos ao meu escritório.

— Estou bem. — E estou. Mas ainda embasbacada. Eu nunca vi tanto luxo em uma casa. Até o chão parece de cristal, tamanho o brilho.

— Perfeito. Então me acompanhe.

Eu o faço, o seguindo por entre um corredor e outro, reparando em quantas portas se pode ter uma casa. Isso é o significado de ampla.

— Desculpe a intromissão — eu pigarreio —, mas mora aqui sozinho?

— Sim.

É desconcertante. Como uma pessoa pode morar em uma casa tão grande estando sozinha? E, digo mais, ele nem mora. Duvido que passe mais de apenas algumas horas aqui dentro.

Eu o sigo quando abre a porta do escritório, me gesticulando a cadeira em frente sua mesa para eu sentar. E vou, arrumando uma boa posição sobre a cadeira, deixando as pastas na mesa.

Ainda demora alguns minutos para que Alexander se sente em seu lugar, já sem o paletó, parecendo concentrado.

Eu aguardo, ansiosa para que ele me diga o que preciso fazer. Mas isso não acontece por uns bons minutos.

Tão bons que eu preciso pigarrear, chamando sua atenção. Não é por nada, apenas porque eu não posso – e nem consigo – me sentir à vontade enquanto Alexander está à minha frente, muito lindo e concentrado. Ele tem a capacidade de ausentar quem está perto. E o faz muito bem.

Ou talvez eu seja fácil de me tornar invisível. E isso não é uma novidade.

— O que posso fazer? — questiono quando seu olhar levanta para mim e ele me encara.

— Não disse que era para fazer algo.

— Por isso estou perguntando.

Ele solta a caneta em mãos, dando um suspiro longo e cansado, então entrelaça os dedos.

— Você está incomodada por não estar fazendo nada? — seu tom sai com

um pouco de desdém.

— Não, mas eu pensei que viria trabalhar e não apenas ficar sentada…

Eu resolvo me calar quando ele entorta um pouco a boca. E é agonizante que seu olhar não se desvie um segundo sequer. Ele encara de verdade. Se encarar fosse uma pessoa, seria o Sr. Damon.

— Justo — ele conclui. — Mas não há algo que precise fazer neste exato momento. Por que não conversa um pouco?

Então estou surpresa. Muito surpresa.

— Com quem?

Suas sobrancelhas se erguem.

— Comigo, obviamente. A menos que minha companhia seja tão indigna que se recuse a trocar algumas palavras comigo — seu olhar castanho acentua a cor, escurecendo um tom a mais. E eu insisto, é o olhar castanho mais lindo que já vi na minha vida. — Você tem quantos anos?

— 23.

— Bastante jovem — É só um comentário, porque emenda outra pergunta: — Mora com sua amiga há quanto tempo?

— Dois anos.

— Perfeito.

— E o senhor, mora há quanto tempo sozinho nessa grande e perfeita casa? — devolvo a pergunta.

Ele volta a atenção à mesa, juntando folhas e abrindo seu notebook em seguida, parecendo que não vai responder.

E eu me sinto intrometida, o que não deveria fazer sentido porque ele me fez a mesma pergunta e eu não o achei intrometido.

— Sete anos — sua voz soa mais estrondosa. — Gostou do lugar?

— É bastante lindo — admito. — Deve ser ótimo morar em um lar assim.

Ele dá um pequeno sorriso de canto, o que é pouco comum pelo que pude notar; e, além do mais, parece um sorriso descrente e que não concorda.

E é o que pergunto.

— Discorda disso?

— Sim — sua resposta é imediata, apesar de sua atenção estar na tela do notebook. — Eu não tenho muito vínculo, por assim dizer, com essa casa. Eu apenas a comprei porque ela é bonita.

— Não gosta dela?

— Não como uma boa casa — ele me olha. — Não é como se eu estivesse com a minha família, feliz e empolgado. Consegue entender isso?

Não, na verdade.

— Sim.

— Então — conclui seu pensamento —, é isso. Onde você conheceu sua amiga?

— Na escola.

— Um bom tempo de amizade.

— Bastante — sorrio.

— Ela é um pouco agitada, ou somente estava sob efeito de alguma bebida alcoólica?

Dou risada.

— É meio doida mesmo — respondo.

Ele dá um sorriso de canto e volta a atenção ao que está fazendo.

— Gostou do perfume? — eu questiono, tentando não deixar o silêncio imperar. Vai ficar um clima estranho se ficarmos em silêncio.

— Sim, é muito agradável.

— Seu amigo gostou do dele?

Ele me olha novamente, deixando o notebook de lado e pegando a caneta.

— Eu não perguntei a ele, mas deve ter gostado. Se interessa a saber, ele só queria a minha presença lá, e não um presente de fato.

— Isso é ruim?

— Bom não acho que seja — outro sorriso de canto, que some rapidamente.

Alexander levanta-se, me fazendo acompanhar todo seu tamanho esplêndido com o olhar.

— Estou com fome. Vou fazer algo para comer. Venha comigo.

E simplesmente assim ele sai caminhando, não me deixando opções que não levantar também e ir atrás.

# Capítulo 9

Estou cortando cebolas quando mais um suspiro longo de Renata chama minha atenção. Já perdi a conta de quantos foram desde que se sentou no banquinho da ilha.

— Tem algo te incomodando — eu digo, não tirando a atenção da minha tarefa.

— Não — ela responde.

— Não foi uma pergunta — ressalto, levando as cebolas picadas para a panela ao fogo e mexendo em seguida. Só assim olho-a. — Esse seu suspiro particularmente parece de insatisfação.

Seu olhar fica meio perdido e ela enfim dá um sorriso, meio desanimado.

— Só estou ansiosa para ir embora, mas muito atenta a tudo que me diz.

— Hum… — meu olhar recai para sua blusa de seda. Não me lembro de tê-la visto com ela. Pensei ter visto um terninho. — Por que você não namora? — Tenho noção de que a pergunta não faz sentido, mas o expediente dela está quase acabando mesmo.

— Ninguém me quer — ela dá uma risadinha. — E você, por que não?

— Porque todas me querem.

Então ela ri de verdade. E sua risada tem um som tão engraçado, que me pego sorrindo.

— O que é tão engraçado? — questiono, indo até os armários buscar o molho de tomate.

— Sua… Autoestima.

— É a verdade, moça — despejo o molho na panela depois de abri-lo e acrescento sal. — Mas eu não tenho tempo. Para namorar. Vocês gostam que se dê tempo a vocês, e não tiro suas razões, mas isso é algo que não posso, no momento.

— É compreensível — ela conclui. — Então você só… tem encontros casuais?

— Não — olho-a de novo, meio preocupado com a sua curiosidade. Mas é bom poder finalmente conversar com alguém em minha casa. — E você, tem encontros casuais para se satisfazer?

Pego o macarrão para colocar no molho, e começo a mexer. O silêncio de

repente parece pesaroso, então olho-a.

Renata parece estar em um leve choque, o que não entendo o motivo.

— Foi a mesma pergunta que você me fez, mas menos específica, mas tenho certeza que quer saber a resposta — coloco a tampa na panela e dou a volta para sentar ao seu lado. — Eu sim tenho encontro casuais, raramente. Somente quando penso que vou explodir com tanto sêmen acumulado.

Renata arregala os olhos, então parece imediatamente desnorteada, olhando para qualquer canto que eu não esteja.

— Está me dizendo que… — embola as palavras, hesitando um pouco. — Usa as mulheres?

— É claro que não — franzo o cenho, indignado com a conclusão. — Eu apenas disse que em certos desses encontros, as mulheres sentem vontade de transar comigo. Isso não é uso, apenas vontade. Por isso questionei sobre você.

— É — ela ainda parece em choque. — Mas não é da sua conta.

— Tudo bem, não precisa se alterar — saio para ir até a geladeira, onde pego dois bifes e levo ao *grill*. — Foi apenas uma pergunta casual. Não precisa ficar reclusa quanto a isso.

— Imagina — ela ri. — Como eu poderia ficar reclusa com perguntas tão casuais?

— Algumas pessoas acham isso errado — ressalto. — Mas não há algo tão gostoso como um bom sexo depois de um bom jantar.

Ela não diz nada, apenas ainda parecendo querer rir. Pode ser a indicação que está gostando do rumo da conversa, o que é bom, porque está me animando um pouco.

— Sexo na água, você já provou? — questiono, mas ela não responde. — É muito bom — vou a outro armário pegar temperos. — Mas a penetração perfeita é a mulher estando sentada homem. É perfeito. Qual sua posição favorita?

— A fuga.

Começo a temperar os bifes, que já estão no *grill*.

— Que posição é essa? — questiono.

— A que eu me levanto daqui e coloco minhas suas pernas para correr.

Olho-a, franzino o cenho.

— Por que você quer correr?

— Você está falando sobre sexo ou eu estou louca? — rebate.

— Estou, mas você começou a pauta, apenas dei continuidade — fecho o *grill*, desligo o fogo do macarrão e volto para sentar novamente ao seu lado. —

Se não quiser falar sobre, tudo bem.

Ela estreita os olhos, lambendo os lábios. Então, depois de hesitar uns segundos, enfim assente.

— Certo, podemos falar sobre… isso. Qual a sua posição favorita? — sua voz é mais baixa.

— A tradicional.

Ela gesticula.

— Qual é a tradicional? — Parece um pouco nervosa, e isso começa a me afetar de um jeito não profissional.

— Eu por cima. Gosto de manter a visão e o controle.

— Isso soa errado — ela parece pensar.

— É um pecado eu querer contemplar a mulher que estou tendo enquanto dou prazer a ela?

Ela abre a boca, mas logo fecha. Parece que se encolhe um pouco, me fazendo achar outro jeito para sentar.

— Responda — peço.

— Acho que não — ela pigarreia. — Desde que seja bom para ambos…

— Nada que eu faça não é bom — deixo claro. — Principalmente sexo. Não faço todo dia, mas, mesmo que fosse, eu prefiro ficar insatisfeito do que deixar uma mulher insatisfeita. Queira isso envolva meu pau ou apenas minha boca.

Renata arregala os olhos, então logo ri. Parece meio perdida, porque quase no mesmo instante volta a ficar séria.

— Você parece bem… — gesticula. — Bem relaxado em falar sobre esse assunto.

— Por que não seria? Sexo é vida.

— Então eu estou morta — ela ri, mas imediatamente se cala, parecendo arrependida do que disse. — Quero dizer… Estou brincando.

— Hum… — meu tom sai curioso e meus olhos a analisam de cima a baixo. Talvez por isso uma boa parte do seu estresse. — Você não é tocada há muito tempo?

Ela ri, dizendo um "meu Deus" baixinho.

— Podemos considerar que sim — responde baixo, mas eu ouço.

— Interessante… É importante manter a vida sexual em equilíbrio também. Você já ouviu falar sobre a Pirâmide de Maslow?

— Não.

— Explica basicamente nossas necessidades. É dividida em cinco partes e,

adivinha só, sexo é considerado uma das bases — me inclino para falar olhando dentro de seus olhos. — É importante que eu esteja bem alimentado, beba água e cuide da minha saúde, mas também é essencial fazer sexo. E muito, é bom ressaltar — levanto-me. — Acho que minha pirâmide é concluída e só percebi agora.

— É concluída para você, mas o que as pessoas pensam sobre você?

— Isso não me importa, Renata — viro os bifes no *grill*. — Só o que importa é o que sou. E eu sou o melhor.

Ninguém tem dúvidas sobre isso.

# Capítulo 10

Eu termino de comer, o que é uma tarefa difícil, porque Alexander parece muito hipnótico sentado ao meu lado, os talheres sendo os únicos ruídos; e ele parece não ter estado incomodado.

*Mas eu sim*. Há algo mais estranho do que jantar com o seu chefe, que, inclusive, acabou de levar um papo sexual com você? Pode existir, mas, até o presente momento, eu desconheço.

— Você gostou? — pergunta e o olho rapidamente, vendo me encarar. Eu repito, ele encara demais, devia parar um pouco com isso.

— Eu gostei. Estava delicioso, obrigada. — E estava mesmo. Além de lindo, inteligente, elegante e prestativo, sabe cozinhar. Se não é o pacote completo, então não sei o que é.

— Está com vontade do quê?

O olho novamente, estranhando a pergunta.

— Vontade do quê? — repito.

— Sim — responde. — Agora. Está com vontade de quê?

— De nada. Por quê?

— Hum — seu olhar se abaixa minimamente, um calafrio me atingindo. Ele parece muito delicioso quando fala sobre sexo. Tenho certeza que as mulheres competem para ir à sua cama. — Eu estou com vontade de comer.

— Mas você acabou de comer — balanço a cabeça, impressionada.

Ele dá um sorrisinho de canto, voltando a me encarar.

— Comer outra coisa. Uma comida melhor — explica e, quando vira o corpanzil de frente para mim, minhas pernas amolecem. — Sentimos fome de muitas coisas, Renata, não só de comida.

— Ah — eu apenas digo, porque não tem outra resposta. Ele ainda está falando sobre sexo e isso me deixa desconfortável.

*Sim*, porque ele é um homem enorme e muito delicioso, com essa voz meio rouca falando *sacanagens* propositalmente, enquanto parece sério ao mesmo tempo que diz estar com fome – e não de comida.

Eu não dou conta. Não dou, porque simplesmente não sei se devo ir de acordo com sua onda ou apenas fingir normalidade quanto ao assunto; o que também não parece adequado, porque não tem como ser normal. Não sei como é

estar por cima, ou por baixo, ou seja lá como for. Eu sou virgem, pelo amor de Deus.

Mas, mesmo assim, algo me diz que devo apenas ouvir se ele quiser continuar falando. E vou dar a entender que sei sobre quando me fizer alguma pergunta.

Isso não foge a ética, certo? Nem estou [quase] mais em horário de trabalho. E ele não está me desrespeitando ou invadindo meu espaço, eu apenas…

— Do que está sentindo fome agora? — ele pergunta e tenho um segundo para pensar, para não parecer hesitante.

— Não sei.

— Ah, vamos lá — ele sorri, seu corpo inclinando um pouco em minha direção. — É claro que você sabe. Me diz.

Sorrio também, mas de nervoso.

— Talvez eu esteja com fome de uma sobremesa…

— Especifique.

— Só uma sobremesa — afasto o prato para poder colocar as mãos sobre a ilha e entrelaçar os dedos. Estou muito nervosa. Ele parece estar como um… predador. E tomara que seja somente impressão.

— Eu posso ser sua sobremesa.

Começo a rir, mas é de extremo nervoso. Olho para frente, quase me sentindo tremer.

Ele não tem vergonha quando se trata de assunto do tipo, acabo de comprovar. E tudo bem, porque estou fingindo não ter também.

Certo. Talvez nem tão bem assim.

— O que você mais gosta no corpo de um homem? — ele questiona.

— Eu não acho que tenho uma parte preferida — tento soar firme na minha resposta, o olhando de relance quando ele fica em silêncio.

— É claro que você tem — estreita os olhos e fico na defensiva. — Eu adoro peitos.

— Ah — apenas digo de novo, porque é só o que me resta. Tudo que ele está dizendo, está afetando meu corpo. Estou ficando arrepiada e mole. Muito vulnerável. E eu não gostaria de admitir, mas é uma sensação muito gostosa, ao mesmo tempo que parece perigosa. Nem preciso dizer que por n motivos.

— Eu gosto tanto em um nível que não consigo expressar — complementa, seu olhar ainda em mim, parecendo ainda mais próximo. — Não tem coisa mais linda e gostosa do que peitos macios e deliciosos para minha boca. Salivo só de pensar.

Engulo em seco, tentando encontrar algo para dizer. Qualquer coisa. Mas não encontro. Não encontro porque estou totalmente hipnotizada pela voz desse homem dizendo coisas que não deveriam ser agradáveis de ouvir, mas são.

— Então é por isso que eu suponho que você tem uma parte favorita, também — diz, eu já querendo me levantar e tentar ganhar um espaço entre nós. Estamos a centímetros. É perigoso. Ele é perigoso.

— A boca — eu respondo, pigarreando. — Gosto da boca.

— Em que lugar?

O olho de novo, Alexander se inclinando mais, deixando um mínimo espaço entre nós e eu já consigo ver até as linhas dos seus lábios carnudos emoldurados pela barba linda. Ele é todo pigmentado de sensualidade.

— Independe — umedeço os lábios. — Qualquer lugar.

— Você experimentou em todos os possíveis lugares do seu corpo?

— Não…

— Imagino que não — seu olhar desce para onde onde minhas mãos estão juntas. Alexander parecer pensar, mas logo sua própria mão segura meu pulso. — Me permite?

Balanço a cabeça, um pouco desorientada.

— Permitir o quê?

— Explicar do que estou falando.

Ele aguarda uma resposta e, depois que eu pareço hesitar muito – com razão –, amoleço o braço, Alexander puxando minha mão para as suas.

E por um instante ele apenas a segura, me dando uma olhada de segundos. Mas é um olhar diferente. Misterioso. Sensual.

É impossível não me sentir arrepiada. O contato dele é muito quente e firme. Suas mãos são muito grandes. Ele é muito delicioso.

— Você está tensa — seu olhar desvia para minha mão e ele começa a alisar cada um de meus dedos, me fazendo engolir em seco. É arrepiante. — Relaxe.

Mais do que já estou? Se sim, posso derreter. Mesmo.

Respiro fundo, mantendo meu olhar nele, que parece agora concentrado em simplesmente tocar minha mão, que está em sua palma, enquanto a outra alisa meus dedos.

Os arrepios são involuntários, atingindo todo meu corpo.

Quando seus dedos começam a projetar carinhos só com as pontas, eu suspiro, remexendo sobre o banco. Isso parece a coisa certa, porque Alenxader cobre minha mão com a sua, me transmitindo todo seu calor. E é maravilhoso.

Não sei bem porque estou permitindo isso, mas é realmente delicioso.

Meus pelos eriçam quando, inesperadamente, ele puxa minha mão mais para cima e então leva à sua boca.

E outro suspiro de surpresa é inevitável.

Primeiro ele beija o centro da minha mão, o que já é uma coisa tão louca, que eu sinto minha barriga contrair e entre minhas pernas pesar. É muito diferente e novo.

Posso então pensar que vou mesmo derreter quando sua língua percorre todo caminho até meu pulso e chupa. Ele realmente chupa ali e meus olhos se arregalam, eu não sabendo bem se por causa da sensação que me inunda ou por sua ousadia.

— Se você se arrepia assim só por eu tocar sua mão, o que dirá se não fosse só aqui — ele diz e recolho o toque, envergonhada, mas muito mais quente que isso para sentir algo que não seja desejo.

Muito e acumulado desejo.

# Capítulo 11

Antes não, mas agora estou. De pau duro. Isso é horrível, e acho que me faz tão horrível quanto, mas não é algo que eu possa comandar.

Não tenho a mínima culpa se minha assistente parece ter uma pele que pega fogo. E se arrepia fácil. E tem um cheiro delicioso. E uma maciez que sequer consigo colocar em palavras.

Ela deve ser deliciosa na cama.

— Presumi que você não tivesse mesmo sentido uma boca em todos os possíveis lugares — digo e levanto, recolhendo meu prato e o dela, para levar à pia de louças.

Isso me dá algum tempo para controlar a respiração e tentar amenizar minha armação na calça. Não é o que eu gostaria. Nós poderíamos nos tocar um pouco.

Seria perfeito. Ela parece receptiva e eu faria questão de ser o outro, que a faz receber.

Mas isso não é profissional e me censuro imediatamente. Se eu fizer algo com ela, vou ser obrigado a demiti-la. E não quero ter que fazer isso. Não quero porque sei que ela está precisando do emprego.

— Por que não mora com seus pais? — pergunto, tentando dissipar o clima quente que está.

— Eles falam muito — ela pigarreia. — Será que você poderia me dar um pouco de água, por favor?

— Pode pegar. Os copos estão nos armários da direita.

Ouço-a levantar, então alguns ruídos e termino de guardar os pratos, secando as mãos e virando para ir até meu quarto, ainda em tempo de vê-la colocando algo na boca e só então sorvendo a água.

— Você se importa em me esperar aqui ou quer me acompanhar? — indago.

Ela gesticula, então rapidamente assente.

— Eu posso acompanhá-lo, se não incomodar. Sou um pouco apreensiva em relação a ficar sozinha, principalmente se for em uma casa grande como essa.

Estreito os olhos, estranhando o que ouvi, mas apenas balanço a cabeça de modo assertivo.

Sigo pelo corredor até o hall, logo chegando às escadas que me deixam no

andar superior. Vou direto ao meu quarto, abrindo a porta e esperando que ela entre primeiro.

Renata hesita. Parece realmente apreensiva.

— É o seu quarto? — questiona, me olhando.

— Sim. — Minha resposta é com certa dificuldade, porque Renata parece muito sexy perguntando tão baixo se é o meu quarto.

Claro que é. E tem também minha cama. E poderíamos experimentar pelados em cima; eu realmente gostaria de sugerir.

*Porra, Alexander! Ela é sua Assistente*.

— É bem grande, né? — seus olhos brilham com a pergunta e a forma como ela curva um pouco os lábios me faz querer apertar o pau, só para ter algum tipo de contato.

— É muito grande — concordo. — E muito convidativo, também. Entre.

Ela o faz, parando depois de alguns passos, olhando ao redor e parecendo encantada.

Tomando sua distração como uma oportunidade, eu percorro meus olhos por seu corpo, de cima a baixo e meu membro pulsa com força.

Ela tem um corpo chamativo de um jeito próprio. Não é algo que chama a atenção ao longe, mas que esconde a beleza de um jeito misterioso e que me faz querer desvendar. Eu realmente quero puxar sua calça para baixo e apalpar sua pele.

— É maravilhoso — ela vira-se para me olhar. — Deve ser incrível dormir em um lugar assim.

— Eu quase não durmo, na verdade.

Caminho para meu closet, indo em busca de um shorts. Escolho qualquer um e volto, Renata estando parada no mesmo lugar, de braços cruzados.

— Fique à vontade. Pode sentar onde quiser — aviso e vou ao banheiro.

Quando tiro a roupa, vou direto para baixo do chuveiro, o jato gelado me sendo um alívio e tortura ao mesmo tempo. Excitado é pouco.

Não deveria ser justo que ficássemos assim tão rápido. Principalmente se não há como mudar do jeito que queremos.

Termino o banho rápido, seco o corpo, ignorando meu pau e visto o shorts, voltando ao quarto.

Ela agora está sentada na poltrona perto do closet, parecendo ainda olhar ao

redor. Não sei por que está tão impressionada, sinceramente. É só um quarto.

— Gostaria de tomar banho também? — pergunto e Renata tem um pequeno sobressalto, primeiro me olhando nos olhos, só para perceber que uso apenas um shorts, então nitidamente fica sem jeito.

E isso me instiga. Eu poderia aproveitar a oportunidade. Se der a entender o que quero agora, com ela, talvez consiga. Talvez ela queira o mesmo. É muito difícil não querer. Eu nunca fui recusado.

Eu posso fazer com que ela queira.

— Não — a negação me traz de volta. — Já está quase na hora de ir embora mesmo.

— Hum — passos as mãos nos cabelos para ajeitar e vejo seu olhar desviar para baixo, então ela rapidamente desvia. Eu quase sorrio por isso. — Tem certeza? A água está uma delícia.

Agora ela ri. Mas é uma risada diferente. Tímida e envergonhada.

— Tenho certeza, mas obrigada pelo convite.

— Eu tenho banheira, também. Você pode usar. É relaxante.

— Eu não quero, Sr. Damon — dá um sorriso.

— Certo. — Caminho até à prateleira do lado direito e pego meu notebook, em seguida indo sentar perto dela. — Gostaria de passar com você suas principais tarefas.

Ela assente.

Sento-me no braço da poltrona e entrego o notebook a ela, colocando o braço por trás do estofado. Renata nitidamente solta um suspiro abafado, abrindo o aparelho e o ligando.

— Você sabe o que faz um Assistente Pessoal? — indago.

— Quase tudo…

— Eu diria que tudo. Abra o bloco de notas.

— Se é para usar o bloco de notas, não seria melhor no meu celular? — ela tenta me olhar, mas não consegue. Eu sorrio por isso. É nítido que está muito intimidada.

— Não — respondo apenas. — Comece com meu café às sete. Sem açúcar e com leite desnatado. Até às onze você precisa ver com minha secretária o que mais preciso. Às onze e meia é o almoço. Geralmente como em algum lugar, mas nem sempre é possível e você precisa estar atenta a isso. Gosto de bife com salada. O bife tem que ser mal passado. Não gosto de comer nada muito gorduroso em dias normais.

— Entendi.

— Está anotando tudo? Não vou repetir. Isso precisa fixar na sua mente.

Ela me olha, agora parecendo bem séria.

— O senhor está também em frente ao notebook. Está vendo que estou anotando.

— Perfeito. Após o almoço, outro café. É um hábito. Às uma, quero você na minha sala. Ficará comigo até seu horário. Depois disso, estará livre — levanto-me. — Não sou o tipo que vai te perturbar depois do seu horário, e agradeça por isso.

Ela me olha, assentindo.

— Terminou de anotar? — indago.

— Sim, só vou salvar.

Pego o notebook de suas pernas e fecho, voltando para guardá-lo.

— Eu disse que teria que fixar na sua mente. Espero que o tenha feito.

Ouço-a chiar algo em voz baixa, mas tudo bem. Imagino que não tenha guardado tudo mesmo. E tudo bem também.

Esse é o sentido do nome trabalho.

# Capítulo 12

Eu estou sendo testada. Não tenho dúvidas sobre isso. Não só profissionalmente, como também fisicamente. Não é justo.

Realmente não é. Como eu posso estar concentrada em mil coisas se ele estava sentado a um centímetro de mim, com seu braço por trás dos meus ombros, quase me tocando e exalando um cheiro bom de seu sabonete e a própria pele?

Eu digo: não é possível.

Depois que ele guarda o notebook e eu tento desviar meus olhos do lindo e moreno corpo atraente, ele vai até sua cama e deita. Simples assim. Alexander realmente deita, parecendo muito relaxado quando solta um suspiro de alívio.

Um silêncio pesaroso reflete o meu estado – e talvez o dele. Mas principalmente o meu, que não sei o que fazer. Ele está seminu deitado em sua enorme cama. Isso é demais para alguém como eu. Não sei o que fazer ou dizer.

Achando ser a melhor opção, apenas aguardo. Preciso tomar um tempo quando chegar em casa para tentar lembrar de tudo que ele me disse que preciso fazer.

— Quer deitar comigo? — ele pergunta, o que não deveria a essa altura, mas me deixa muito surpresa.

Mas o que é perguntar se quero deitar ao seu lado quando já disse sobre acúmulo de sêmen, não é mesmo?

— Estou confortável aqui, obrigada — respondo.

Estou mais que confortável. Essa poltrona de cor creme é tão macia e deliciosa, que deve se assemelhar a sensação de estar em uma nuvem. Esse quarto deve ter semelhança com o céu. Tudo é tão rico e exala poder. As maçanetas das portas são douradas, quase me dando certeza que são banhadas a ouro.

Eu concluo, há algo que esse homem possa não ter?

— Aqui é mais confortável — sua cabeça vira em minha direção e ele me encara, fazendo com que eu cruze as pernas de forma automática. — Não quer experimentar?

— Não, obrigada. O senhor tem dificuldade em ouvir a palavra não pelo

que pude notar — tento soar divertida, mas é uma observação. Ele realmente deve não saber.

— Eu não costumo ouvir não — volta o olhar para o teto e começa a passar a mão direita pelo abdômen bem delineado de músculos. Uma audácia, com certeza. — E, não, eu não gosto, mas compreendo.

— Compreende? Tenho minhas dúvidas.

— Por quê? — me olha de novo.

— Porque está tentando com outras vértices fazer com que eu diga sim, mas não vou dizer, e não adianta tentar — sorrio no final, para não parecer grosseira. Ele me deu um trabalho, tratá-lo de má forma se tornou outros quinhentos.

— Moça — ele dá um pequeno riso de deboche e senta-se, me olhando diretamente —, se eu quisesse fazer você dizer sim, eu não teria tocado sua mão e sim sua boceta. Então não, não estou tentando te fazer dizer sim, apenas sendo educado.

Estou petrificada. Eu poderia rir de descrença, mas apenas engulo em seco e tento soar normal.

Deu a entender que ele queria me fazer mudar de ideia, não foi? Claro que foi.

Ou eu estou muito errada em concluir o que eu gostaria que fosse. Não me acho capaz de dar conta de um homem como ele. Alexander parece grande demais em relação a mim – de todas as formas.

— Ah — eu digo simplesmente, não sabendo se tem algo que possa sair da minha boca que me faça sentir menos idiota.

— Não se preocupe, você não é a primeira mulher que gostaria de ser seduzida por mim — ele solta essa e levanta-se, indo em direção ao seu closet e me deixando de boca aberta. — Vou te levar para casa.

※※※

Como não poderia deixar de ser, o caminho até em casa foi feito no mais extremo silêncio. Eu estou me sentindo muito mal. Foi uma humilhação, posso

concluir. Ele disse como se eu estivesse querendo ser seduzida, mas não queria.

Aliás, ele me seduziu sem querer.

Ele chupou o meu pulso! Isso não é comum. As pessoas não saem por aí chupando o pulso umas das outras. Nunca ninguém tinha chupado o meu pulso e eu nunca poderia esperar que fosse uma sensação tão arrebatadora.

Sem falar, que ele me convidou a ir tomar banho e para sua cama, e depois ficou exibindo o corpo só com um short vermelho, que ficou maravilhoso contra sua pele morena e bonita.

Ele é muito lindo. E, quando meu deu um simples "boa noite" quando deixei seu carro depois de agradecer, eu pude concluir que talvez tenha imaginado demais.

Alexander não está para Renata, assim como Bianca não está para normalidade.

— Por que você está com o ar tão gelado? Aumenta — eu digo assim que abro a porta e sinto a diferença gritante de temperatura.

— Eu gosto de frio — ela responde do sofá, onde está coberta com o edredom até o pescoço. — Você está atrasada uma hora. O que houve?

— Meu chefe me levou para a casa dele — vou até o sofá e caio sentada ao seu lado. — Ele chupou meu pulso.

— Oh, meu Deus — ela rapidamente segura meu braço e começa a procurar algo. — Algo venenoso te mordeu? Você foi ao médico? Às vezes chupar não serve. Foi uma cobra?

Estreito os olhos, balançando a cabeça em negativa.

— Bianca — puxo o braço de seu contato —, nada me picou, ele chupou meu pulso porque quis me provar que eu não tinha sentido uma boca em todos os possíveis lugares do corpo.

Agora ela parece desentendida.

— E por isso ele chupou seu pulso?

— Sim, pois é — eu sorrio de agonia. — Depois ele deitou na cama e perguntou se eu queria deitar com ele. Sabe, ele colocou um short e ficou se exibindo para mim. Eu pensei que ele estava tentando me seduzir.

Minha amiga ri. Uma risada que cresce gradativamente, até se tornar uma gargalhada.

— Não é tão engraçado, vai — lamento.

Ela começa a gesticular, parando com o escândalo aos poucos, então começa a falar de forma pausada.

— É que… É que… Eu achei que o irmão dele… Que o irmão dele estava

fazendo o mesmo comigo — ela me dá um tapa no braço, ainda rindo, e eu me esquivo. — E daí eu levei um esporro… Ele disse que… Que eu sou louca.

Ela é um pouco, mas de uma forma muito amorosa.

— E você disse o quê? — questiono.

— Eu não disse nada, apenas que… — uma risadinha amena. — Ele está louco de tentar algo… Eu denunciaria ele por assédio.

— Você faria isso?

— É claro que não, mas ele não precisa saber. Eu tirei uma foto dele para te mostrar.

Dou risada quando ela levanta para ir pegar o celular.

Acho que no fim das contas, eu sou tão louca quanto a Bianca.

# Capítulo 13

Depois de mais uma manhã em que vi o dia clarear da janela do meu escritório, estou indo para o trabalho. Dessa vez, meus olhos estão pesados. Muito pesados.

Eu não dormi nem as poucas horas que durmo normalmente. Tudo culpa daquela mulher, que cometi o erro de contratar como assistente.

Ela me deixou de pau duro e ainda teve a ousadia de dizer que não iria me dizer sim não importava o que eu fizesse. Achei corajoso de sua parte, admito, mas não é assim que as coisas funcionam comigo.

Não houve sexo porque eu não queria. Sem más interpretações, não é que eu pense ser o cara, apenas sei da minha capacidade. Eu sou muito rico, inteligente, bonito e tenho um pau abençoado. Não sou culpado e as mulheres também não, por me desejarem.

E talvez esse pensamento soe errado a ponto de dar nojo – eu teria –, mas é simplesmente como as coisas funcionaram comigo desde sempre. Nunca foi diferente. Eu nunca tive como pensar de outro jeito.

Então, paciência.

Mas não posso negar que vê-la não vai ser a mesma coisa da primeira vez. Ela pareceu marrenta, mas pensei que fosse primeira impressão. Não, ela realmente é.

E eu lamento profundamente se pensa que tolero esse tipo de coisa.

Estaciono o carro e rapidamente me dirijo para o elevador, cumprimentando dois rapazes que entram. Logo começam a conversar entre si, até que um dos dois fala o nome da minha assistente.

Interessante, mas não muito. Deve ser alguém do RH e que está falando sobre novas admissões. Também acho interessante que conversem sobre na minha frente, o que não é algo oportuno.

Eles saem primeiro e quatro andares depois, chego à minha sala. Minha secretária parece ocupada, mas me dá um sorriso quando a cumprimento.

Ela vai sentir um pouco de alívio agora que contratei uma assistente.

Abro a porta da minha sala e imediatamente meu olhar congela ao ver ela. A corajosa em pessoa.

Ela está com meu café em mãos, em pé ao lado da minha mesa, parecendo séria, mas não antipática.

— Bom dia, Sr. Damon.

— Bom dia — fecho a porta em um baque e vou em sua direção, pegando o café, que destampo e inalo o cheiro. — Faltou a canela — olho-a, repreendendo a falta de atenção.

— Ah — rapidamente ela parece agoniada, passando as mãos na saia. — Desculpe, foi pouco tempo ontem para lembrar tudo.

— Presumo que sim, ou teria lembrado que não mencionei canela — vou à minha cadeira e sento-me, sorvendo uma quantidade de café. — Já falou com a minha secretária sobre o que terá que fazer até a hora do almoço?

— Sim, ela me disse que não tem nada, que já fez tudo.

Levanto meu olhar para ela, não podendo evitar de parar no decote discreto que seu vestido preto tem nos seios.

Mas logo de manhã… Ela é má.

— Hum, entendi. Que sorte você teve então.

— Duvido muito — sua voz tem tom de riso. — Eu não acredito em sorte.

Levanto o copo em sua direção.

— Então um brinde a nós, porque eu também não.

— Por que me desejou então?

Realmente desejei. Mas não com a língua sempre afiada. Eu teria outros meios para isso.

— Desejei porque pensei que você acreditasse — deixo o café na mesa e ligo o computador. — Você pensou em mim ontem? — Eu não sei de onde a pergunta sai, mas não tem como voltar atrás.

Ela dá um risinho, atraindo meu olhar de novo. Parece nervosa, sem saber onde coloca as mãos, e tudo bem por isso, já estou acostumado a ver reações do tipo.

— Não, por que eu pensaria?

— Acho que você está mentindo — meu olhar a analisa de cima a baixo de novo. — Não minta para mim, quanto mais trabalhando para mim.

Sua boca se abre. Ela está chocada.

— Como sabe se estou mentindo? — questiona. — Não é o senhor o único homem que já fui na casa e vi sem camisa.

— Não estava pensando em nada desse quesito, para falar a verdade. — Não estava mesmo e isso quase me faz rir dela. — Então você pensou em mim sem camisa? Interessante.

— Não pensei.

— Você acabou de admitir que pensou — aliso a barba. — Não teria

mencionado se não tivesse ficado em sua cabeça. Pena que não aceitou algo mais, teria lembrado de coisas muito melhores.

Ela ri.

— O que é engraçado? — pergunto.

— Sua cara de pau — ela junta as mãos. — Imagino que deve doer quando o que o senhor deseja não acontece. Quase posso apostar que coisas são quebradas.

— Está se achando muito engraçada? — estreito os olhos.

— Nem sei o que é isso de ser engraçada, apenas estou sendo sincera — pigarreia. — Tenho razão ou o senhor está longe de ser um homem que fica louco quando leva um *não*?

— Eu estou louco?

— Aparentemente não, mas as aparências enganam…

— Não estou — volto a atenção ao monitor. — E, Renata, você não me disse *não*.

— Eu não falei que disse, apenas fiz um comentário — explica. — Afinal, sou sua Assistente Pessoal, não é? Preciso entender o senhor. Mas, já que perguntou se está louco, significa que acha que eu disse não.

— Chega — a olho em repreensão novamente. — Você está muito abusada para quem começou ontem.

— Eu!? — Agora parece indignada. — Foi você que me convidou a deitar na mesma cama que estava ontem! Como assim eu sou abusada?

— Você não pareceu incomodada quando beijei sua mão.

— Outro horizonte, Sr. Damon. Eu não pedi que chupasse meu pulso. Não estou reclamando — agora começa a gesticular. — Eu achei que foi algo bom, mas não condiz com meu cargo.

— Então você gostou? — um sorriso de satisfação é inevitável.

Renata hesita. Parece considerar a pergunta.

— Não foi ruim, mas não é algo com meu cargo. Enfim — ela começa a parecer desnorteada —, eu queria saber se posso almoçar com a minha amiga hoje. Nós gostaríamos de nos ver.

Então eu rio. Sim, porque é impossível que não.

— Você acha que está trabalhando para um idiota? — indago, voltando a ficar sério. — Vai almoçar aqui, como te expliquei ontem. Não quero saber sobre o que planejou com terceiros. Agora, pega outro café. Esse aqui não vai ser suficiente. E, quando voltar, preciso que vá buscar meus ternos. Entendeu?

— Mesmo que eu dissesse não, o senhor não ia repetir, então, entendi —

ela vira-se e vai em direção à porta. — Estou de volta em poucos minutos, Sr. Damon.

E isso me surpreende, porque eu esperava cara feia e alguns resmungos, mas ela sempre consegue fugir do script.

Talvez isso não seja bom.

# Capítulo 14

Seria uma tarde normal, se eu não estivesse nesse trabalho. Deveria ser proibido nascer tão lindo e arrogante ao mesmo tempo, é só o que posso concluir depois de passar mais cinco horas com esse homem.

Alexander Damon. Ele tem potência até no nome. Eu quero tocar seus cabelos e sua barba, não sei por quê. Mas à vontade é latente.

— Renata?

Levanto o olhar, ele estando parado no meio da sala, me olhando com seus olhos intensos. Ele parece um homem com misturas de humor. Nunca dá para saber como vai reagir. Imprevisível é ele.

— Sim — me prontifico.

— O que vai querer para almoçar?

— O que o senhor pedir.

— Que não inclua muita gordura? — ele repuxa um cantinho da boca, em um sorriso discreto.

— Como assim?

— No carro, quando levei você para jantar e você me deixou sozinho como um idiota, você me disse que durante a semana não gostava de comer nada muito gorduroso.

Ergo as sobrancelhas, em surpresa.

— Se bem me lembro, eu disse que gostaria de uma pizza ao fim de semana, pois gosto de comer saudável — pontuo.

— Então, querida, é a mesma coisa. Te parabenizo por se preocupar com isso. Geralmente não o fazem.

Eu deveria ser parabenizada por aguenta-lo sendo tão… diferente.

— Bom — tento sorrir —, obrigada. Admirada estou por ter lembrado.

— Eu tenho boa memória — ele diz e seu olhar permanece em mim por mais algum tempo. — Não gosto do jeito que você age comigo, mas gosto da sua competência. Você me parece o tipo que não desiste.

— Não vou cair nessa sua ladainha de bom moço, Sr. Damon. Eu não durmo com chefe.

Seu olhar se estreita, então ele ri.

— Eu não me lembro de ter mencionado sobre querer dormir com você —

fala.

— Não disse que mencionou, mas é bom deixar claro. O senhor parece muito certo do que pode fazer e admiro isso no âmbito profissional, mas, se isso se abrange a jogar encantos sobre funcionárias, reprovo totalmente.

— Eu não preciso da sua aprovação — seu olhar volta a ficar sério. — Você quer me estressar?

— Não, estou ressaltando a política de trabalho da sua empresa que li ontem — sorrio, adorando a forma como suas sobrancelhas se juntam e seus lábios quase fazem um biquinho.

Ele é muito lindo mesmo. Sexy. Mesmo sendo um pouco idiota. E isso é estranho, porque ele me pareceu um doce no shopping. Muito simpático e atencioso. Até recebi uma piscadela.

— Interessante — ele ajeita o terno. — Você come tudo?

— Como.

— Não muito gorduroso.

— Eu nunca disse isso — dou risada. Porque não disse.

— Vou pedir folhas, porque é isso que comem as…

Minha boca se abre, então ele dá uma risadinha, já caminhando em direção à porta.

— Complete a frase — murmura antes de sair.

Ele se acha muito engraçado?

Palhaço.

※※※

Alexander está ao meu lado, comendo como se estivesse sozinho, e estou admirada com seu apetite voraz. Ele tinha dito que gostava de bife e não três bifes.

E é impressionante o que está fazendo além disso. Comendo e trabalhando ao mesmo tempo. Mas é um impressionante errado.

— Você devia comer primeiro. Pelo menos o seu horário de almoço tinha que ser sagrado — eu digo e ele me olha de relance, os castanhos de seus olhos me deixando quase mole. Ele é sexy de um jeito próprio e isso é muito atraente.

— Eu não consigo. Fico nervoso se só comer. Tenho sempre que fazer algo ao mesmo tempo — sua resposta é objetiva, como todas. — Isso te incomoda?

— Um pouco. Quero dizer, não de um jeito que eu me sinta incomodada com você, mas por você.

— É preocupadinha?

Sorrio, não devendo, mas não posso evitar.

— Um pouco, também. Você é hiperativo? — questiono.

É sua vez de rir enquanto volta a atenção ao bife e corta outro pedaço.

— Não que eu saiba, só gosto de trabalhar.

— Ah, você é viciado em trabalho — concluo.

— Não, Renata, eu apenas gosto.

— Tanto a ponto de nem parar para comer?

Ele volta a me olhar, agora mais sério, como se quisesse me dar toda a atenção.

— Meu trabalho é a minha vida — sua cabeça inclina um pouco, seus olhos quase à altura dos meus. — Quando algo é muito significativo para sua vida, você tende a se apegar muito, não conseguindo abandonar ou deixar de ter e fazer. Você entende isso?

— Acho que não.

— Então é por isso. O que você faz que dá uma razão para viver?

Minhas sobrancelhas se erguem mais uma vez, sempre em surpresa ou descrença.

— Eu não preciso ter uma razão para querer viver — respondo.

— Não seja boba. Todo mundo precisa. Sua família, seus amigos? O que seus pais fazem?

— Meu pai tem uma oficina e minha mãe só cuida de tudo — estreito os olhos. — Por quê?

— Apenas curiosidade — uma mão sua se ergue em minha direção, quase me fazendo desviar, então as pontas de seus dedos passam quase imperceptivelmente por cima do meu lábio inferior. — Estava sujo.

Engulo em seco, a sensação quase intocável de seus dedos me fazendo lembrar mesmo assim do que senti quando lambeu meus próprios dedos. Foi algo incomparável.

— Sexta-feira teremos que ir a um evento — me avisa, voltando a atenção ao seu bife. — É muito importante que você não se atrase. Gosto de chegar depois e ser o primeiro a sair. Não sou obrigado a permanecer onde não quero.

Dou um risinho contido, simplesmente pelo seu tom blasé.

— Certo. É só me dizer o horário, local e o que devo vestir.

— Não quero ter o risco de que vá se atrasar — ele coloca outro pedaço da carne na boca e mastiga, me olhando em seguida. — Você dorme na minha casa quinta. O evento é na parte da tarde. Iremos comprar algo para você. Entenda como parte do trabalho.

— Está bem.

Suas sobrancelhas agora que se erguem. Ele está muito surpreso.

— Você não vai me questionar e bater o pé no chão? — indaga.

— Por que eu faria isso? — Não faz mesmo sentido. — Eu sou sua Assistente Pessoal, não é? Pessoal. Tenho que estar por perto. Se o perto for sua casa e ir às compras, eu não me oponho de jeito nenhum, contanto que ao dia vinte do próximo mês, meu salário esteja em minha conta como deve ser. O senhor faz sua parte e eu a minha.

Depois de me encarar por mais uns segundos, a boca entreaberta, ele a fecha e desvia a atenção.

— Perfeito — conclui. — Quinta-feira então você dorme comigo.

— Em sua casa — enfatizo. — Quinta é amanhã.

— Então amanhã, Renata. Que porra. Você é chata — ele levanta-se. — Vou atrás de um café, volta ao trabalho.

— Não acabou meu horário de almoço.

Alexander me ignora e bate a porta, o que me deixa suspeita.

Seu temperamento é muito instável.

# Capítulo 15

Estou nervosa.

Não sei dizer se mais aflita do que nervosa. Sim, porque depois de tentar me preparar psicologicamente na noite anterior para o que está prestes a acontecer, não consigo me sentir pronta.

Estou entrando, mais uma vez, na casa do Alexander. E, dessa vez, parece diferente.

Nós quase não nos falamos depois do almoço de ontem. E durante todo o dia de hoje, não nos vimos, exceto quando me chamou para virmos embora.

E foi estranho. Está estranho. Ele está quieto e calado, o que não parece do seu costume.

Já em sua sala de estar enorme e linda, ele tira o paletó, desfazendo em seguida, de forma rápida, os botões da camisa social azul claro.

Ele está muito lindo hoje. Como se estivesse um pouco bagunçado, e até assim é charmoso.

— Eu não costumo dormir agora, mas se você quiser ir, me diga e te mostro em que quarto vai ficar — ele fala, ao mesmo tempo que os dois lados da camisa se abrem e o seu abdômen moreno fica visível aos meus olhos mais uma vez. Ele é apetitoso.

— Também não durmo agora — tento sorrir, mas sua expressão se mantém séria. — Estou indo malhar. Você pode comer algo ou ver TV, tanto faz. Fica à vontade — ele hesita, mantendo o olhar no meu e a mandíbula cerrada. — É isso.

Ele sai andando e eu vou atrás, o acompanhando. Seu cheiro me embala mais uma vez. Alexander cheira a homem limpo e quente. E isso nem faz sentido.

— Posso ficar com você?

Ele para e me olha, os olhos estreitos.

— Quer ir comigo? — questiona.

— Sim, sua casa é muito grande, não quero ficar sozinha nos cômodos.

Ele ergue as sobrancelhas.

— É medrosa, Renata?

— Bastante — admito, não me sentindo envergonhada por isso. A casa é

realmente grande.

Depois de me estudar por uns instantes, ele maneia a cabeça, de um jeito conclusivo.

— Perfeito então. Venha comigo.

Eu o acompanho até alguma porta mais a frente, onde posso ver que ele definitivamente tem uma academia em casa. As paredes são de vidro e dão visão para a piscina, que possui plantas e flores por perto.

Minha boca está aberta, em completo encanto. É um lugar lindo.

— Você gostou? — Alexander pergunta e eu sorrio, ainda sem desviar o olhar.

— Uau. É incrível.

— A água é aquecida, você quer experimentar?

Eu o olho, então meu semblante se enche de brilho.

— Eu poderia?

Sei que estou ultrapassando o limite que eu mesma coloquei. Sim, o meu chefe está com a blusa semiaberta me oferecendo sua piscina aquecida para eu experimentar.

Mas eu não vou recusar. Quando terei outra oportunidade dessas?

— Claro que sim — ele dá alguns passos até a porta dentro da academia e a abre, deixando a área da piscina acessível. — Fique à vontade. É uma delícia nadar a essa hora.

Eu sorrio, nem pensando duas vezes quando caminho para passar por ele e chegar à piscina.

As luzes baixas e amarelas, com o contraste da luz da Lua acima, é romântico. É muito romântico e eu só posso me sentir uma ridícula por me sentir carente em um momento assim.

— Vou deixar você para que fique à vontade — Alexander diz e volto a olhá-lo. — Estarei bem ali se precisar de mim. Não tenha medo. Minha casa é um santuário.

— É?

Ele dá um sorrisinho.

— É, sim. Mas, todavia, precisando, é só me chamar. Bom mergulho.

Ele se vira e caminha para sua academia, eu não podendo desviar o olhar quando, assim que chega, tira totalmente a blusa e coloca em um aparelho.

De costas para mim, mesmo a alguns possíveis seis metros, eu consigo ver suas costas delineadas e bem marcadas de músculos, igualzinho a barriga. Mas não são excessivos, são perfeitos. A quantidade certa para eu pensar que são

macios e bons de arranhar.

*Eu queria fazer isso.*

Tomada pela ideia e vontade, não percebo o exato momento em que Alexander vira em minha direção, e eu imediatamente arregalo os olhos e, sem pensar muito, dou dois passos a frente e mergulho na piscina.

E só então, voltando à superfície, eu percebo que talvez não tenha sido uma boa opção. Burra, sim. Fui pega no flagra de qualquer jeito.

Ouço os passos e volto a imergir, ficando o máximo de tempo que consigo, pensando em qual desculpa eu vou dar por isso.

Depois que passa, no mínimo uns bons segundos, volto à tona e solto um resmungo baixo por primeiro visualizar os sapatos, depois as pernas, logo o abdômen bonito e, ah, o lindo rosto de Alexander.

Ele está me olhando de um jeito risonho. Não é nada sério ou presunçoso. Parece leve. Sim, ele parece que vai rir.

E, de um jeito que não deveria, isso me enche de alívio.

— Você está bem? — questiona.

— Estou — sorrio, sem graça. — Água boa mesmo.

— Eu disse — ele cruza os braços. — Tive a impressão de que pulou de súbito na piscina…

— Verdade, impressão — me adianto, um pouco apressada e embolada. — Eu sinto muito por ter entrado de roupa.

— Entrou com roupas e não foi de súbito?

— Exato — desvio o olhar por um instante.

— Então por que de roupa?

— Eu não sei — o olho novamente. — Talvez porque eu não tenha biquíni aqui.

Ele dá uma risadinha, então começo a ficar um pouco assustada quando o vejo levar as mãos à frente da calça e desfazer o cinto, só para partir para o botão e zíper.

Em dois segundos a calça vai ao chão e eu também iria se não estivesse na água.

Eu realmente o estou vendo de boxer. Preta. Nas coxas morenas e musculosas. Ele tirou os sapatos antes, porque o estou contemplando entrar na piscina só de cueca.

Alexander realmente está entrando na piscina comigo.

— O que está fazendo? — minha voz sai de algum lugar.

Ele vem nadando até mim, abrindo um sorriso enorme e presunçoso.

— Estou dentro da minha piscina — uma sobrancelha escura e charmosa se ergue. — Você se opõe?

— No momento, sim — começo a nadar para o outro lado, a calça jeans atrapalhando um pouco, então ouço a risada grossa, e eu penso ter caído em um mar e encontrado um tritão, que, como sereias, tem uma voz linda; no caso do Alexander, a risada.

— Você é engraçada nadando.

Eu o olho, já ao lado adjacente ao seu.

— Por quê?

— Parece uma patinha.

Ele começa a gargalhar devido a minha expressão de descrença provavelmente.

— Isso não é engraçado — ressalto. — Você não pode ofender as pessoas assim.

— Não foi uma ofensa — o riso se transforma em sorriso e ele mergulha, em segundos emergindo ao meu lado, os cabelos molhados e o rosto cheio de pinguinhos de água. — Patinhos são lindos.

Tento fazer cara feia, mas não sei se é muito possível, porque ele está divertido, leve e seminu junto comigo.

— Eu sei que sou linda, mas obrigada.

— De nada — o sorriso insiste nos lábios, e me impressiono por ele não discordar. E também me sinto bem. — Falando sério, e não como chefe, por que você não tem ninguém?

— Eu pensei já ter respondido — estreito os olhos, repensando sobre ele ter dito ter boa memória.

— Você me disse sobre ninguém te querer, mas isso é uma mentira, porque eu estou te querendo agora, e minhas exigências são muitas, então imagina os demais homens.

Eu não sei se estou sem voz ou simplesmente alucinando.

Realmente acabei de ouvir o que ouvi?

Alexander me quer.

# Capítulo 16

Depois do que parece muito tempo, Renata finalmente balança a cabeça, dando um sorrisinho.

— Eu falo sobre querer namorar e afins — explica. — Não da forma que você quer. Para esquentar seu corpo.

— Hum. Mas não é verdade que quero alguém só para esquentar meu corpo — repito suas palavras, não podendo deixar de exibir um sorriso. — Eu gosto de momentos.

— Então você se lembra das mulheres com quem fica?

— Não necessariamente, mas das noites, às vezes — dou de ombros. — Nada disso importa muito. Eu não preciso me lembrar se elas não permaneceram comigo.

— Entendi — ela olha além, então seu semblante parece cair um pouco. — Não entendo por que os homens são tão frios.

— Por que diz isso? — pergunto. Não vou discordar, não parecemos os mais quentes do mundo e, também, porque quero saber do que ela está falando. Já estive com mulheres suficientes para saber que Renata quer falar de seus problemas nesse momento.

— Ah — parece desdenhosa. — Vocês nos machucam como se não fosse nada.

— Alguém machucou você — concluo. Definitivamente sim, e foi algo profundo, tendo em vista seu semblante cair em milissegundos.

— Sim, muitas vezes — seu suspiro sai pesado. — Vocês mentem com facilidade.

— Mentimos — concordo. — Eu, no entanto, odeio mentiras, por isso, como bem pode comprovar, trabalho apenas com a verdade.

Ela dá um risinho baixo, contido, triste. E isso me incomoda de alguma forma. Não por vê-la triste, quero dizer, também; mas mais por saber que alguém – ou alguéns – foi capaz de mudar seu humor em tão pouco tempo.

— É… Eu sei — diz baixinho, começando a mexer na água com as mãos, o olhar vago.

— Ei — eu me aproximo devagar dela, tocando seu ombro. — Não fica assim, Renata. Eu sou homem e digo a você, não vale a pena ficar triste por nós.

Provavelmente enquanto você está triste aqui e pensando nesse cara, ele está transando com outra e nem se lembrando de você — toco seu queixo, levantando seu rosto para que ela me olhe. — Não vale a pena, acredite.

Ela me encara por mais tempo do que presenciei, então, tomado pelo momento, ou simplesmente sendo um desgraçado por me aproveitar de sua carência, aproximo meus lábios dos seus e a beijo.

A princípio, ela parece pega de surpresa. E foi. Mas, quando junto nossos corpos, passando um braço por trás de sua cintura, mantendo-a junto a mim; eu sinto e ouço o som que sai de sua boca e se abafa na minha.

Foi um suspiro de desejo.

Ela é meio imprevisível, sim, mas quando vi seu olhar sobre mim antes de mergulhar constrangida na piscina, sabia que não ia me negar.

E Renata tem lábios macios, doces e suaves. Isso logo me deixa animado e minha mão livre começa a vaguear seu corpo pequeno e moldado. Quase xingo quando sinto o jeans.

Ela devia ter entrado sem roupas.

Discretamente, em meio a sua entrega ao beijo, viro-a à borda da piscina, prendendo seu corpo contra o meu. Ela solta um gemido baixo e saudoso.

E isso me instiga. Não vendo oposição de sua parte, minhas mãos agora livres começam a procurar a barra de sua calça.

Meus dedos trabalham rápido em abrir o botão e o zíper, e, sem protestos, minha mão direita se infiltra em sua lingerie, um grunhido sendo inevitável quando sinto sua quentura.

Renata parece mais à vontade quando sinto suas mãos virem aos meus ombros e ela me arranha, quase me tirando um rugido.

Meus dedos se perdem na sensação da carne macia e quentinha, então ela começa a se remexer, gemendo baixinho e me incentivando a tocá-la.

Posso ser um babaca, mas, agradeço sua carência nesse momento. E agradeço muito.

Afasto o rosto, querendo ver suas expressões, a forma como ela fica quando tem um orgasmo, e posso me considerar um homem de sorte, porque Renata parece a coisa mais linda do mundo enquanto me encara de volta.

Tem um misto de raiva em meio a tanta vontade. Raiva por eu ter parado de beijá-la.

— Alexander...

Meu nome. Simplesmente isso, mas soa muito sexy em sua voz, me fazendo acelerar o movimento dos dedos em seu clitóris, e, mais uma vez, eu amaldiçoo

o jeans por me atrapalhar.

Quero levá-la ao meu quarto e minha cama, mas é uma péssima ideia porque ela pode mudar de escolha se esfriar um pouco seu próprio corpo e a vontade hesitar.

Sendo assim, apenas volto a beijá-la, me inebriando com o gosto de seu beijo e o calor de sua boca, sentindo o quanto ela está ficando molhadinha e com a respiração errática.

E, quando sinto as unhas em meus braços, sei que ela está vindo. De um jeito muito gracioso, com gemidinhos contidos e quentes, que me deixam muito duro.

Ela desvia o rosto, só para jogar a cabeça para trás, minha mão livre indo a tempo de amparar a possível pancada, então goza, o som de seu grito me fazendo grunhir.

Isso foi rápido e forte.

Renata tem alguns espasmos e volto a beijá-la, adorando a forma como ela parece mais mole e desejosa.

E, mesmo que minha mão ainda esteja em sua lingerie, sentindo seu calor, nosso beijo se torna calmo. Suas mãos começam a acariciar meus braços, algo meio cauteloso, e é gostoso.

Desvio os lábios um instante, só para descê-los ao seu pescoço, onde chupo e mordisco.

Então é mesmo de se estranhar quando ouço o barulho de choro, levantando a cabeça no mesmo instante para encontrar Renata chorando.

Não entendo bem, mas sei que não é um bom sinal e, calmamente, tiro minha mão de sua roupa. Encaro-o por uns instantes, não identificando sua expressão em meio às lágrimas.

— Ei — puxo-a de volta para meu corpo e ela esconde a cabeça em meu pescoço. — Não chore, querida. Está tudo bem — acaricio suas costas, o choro sendo acompanhado por soluços agora.

E isso é desconcertante. Eu nunca vi uma mulher chorar depois de um orgasmo. Será que foi tão forte assim?

— Você está cansada — concluo. — Precisa dormir.

E, para minha grande surpresa – mais uma delas quando se trata de Renata –, ela chia um "não" baixinho e me abraça pela cintura, seu rosto se escondendo ainda mais.

Mas, de toda forma, eu vou ficar na mão de novo.

*Literalmente*.

# Capítulo 17

Eu não sei o que é mais constrangedor.

Ter sido tocada. Pelo meu chefe. Beijado-o. Correspondido aos toques. Ter chorado.

Se fosse uma aposta, eu com certeza não apostaria, porque não tem como saber qual desses é o mais constrangedor.

E agora, como se não bastasse tudo isso, eu estou sendo abraçada, enquanto finjo por um momento que isso pode ser de verdade. Porque ele está me dando carinho.

E quem em sã consciência não gostaria de receber carinho de Alexander?

— Não entendi muito bem — ele dá uma risadinha, ainda com as mãos em minhas costas. É bom, mas totalmente estranho. — Você quer ir deitar?

Aperto bem os olhos, inspirando fundo uma última vez para me lembrar bem do seu cheiro.

Eu não sei exatamente como pude permitir algo assim. Mas estava querendo tocá-lo há uns dias, e tive a oportunidade. E, sinceramente, depois que ele me deu o mínimo dos toques, eu sabia que era aparentemente impossível de voltar atrás.

Alexander é todo potência e calor. Ele tem músculos, como supus, macios e quentes. Causam, sem dúvidas, muitas sensações. E, se somados às suas mãos grandes e quentes, é a mistura perfeita para criar a combustão.

A combustão no meu corpo.

— Vamos — ele diz, me afastando pelos ombros de forma cautelosa. — Ei, olha pra mim.

Eu o olho, me sentindo um pouco idiota pela atitude de ter chorado.

Mas o que mais eu poderia fazer? Sei que ele vai se gabar sobre o que acabou de acontecer. É isso que ele faz. No entanto, isso, para mim, foi mais sentimental do que qualquer outra coisa. Posso ter criado só na minha mente, mas eu senti. Para mim, teve sentimentos.

— Sou culpado pelo seu choro? — pergunta, sua voz sendo baixa, embora cheia de potência.

— Não — pigarreio, recobrando minha própria voz, não conseguindo olhá-lo diretamente. — Eu só… Não sou acostumada com… isso.

Ele junta as sobrancelhas de forma irresistível, então balança a cabeça levemente.

— Isso — repete. — Certo.

Alexander me deixa para sair da piscina, com uma habilidade louvável. E, já de pé, estende a mão para mim.

Eu aceito, recebendo sua ajuda para sair e, quando fico de pé, rapidamente fecho minha calça aberta, que me atenta ao que acabou de acontecer.

— Vou pegar uma toalha para você — ele avisa e vai até o outro lado da piscina, onde tem algumas dobradas em uma mesa.

E, enquanto ele volta, me olhando e tão certo dos próprios passos e atitudes, eu só posso concluir uma coisa: eu estou mesmo muito ferrada.

※※※

Acordar é bom, dormir é melhor. Mas eu não acordei, porque nem dormi. Passei a noite virando de um lado para o outro na cama grande e macia do quarto de hóspedes do Alexander. Um dos enormes quartos de sua casa.

Primeiro, por tudo que aconteceu durante a noite. Ele me tocou. Segundo, por não ser boa em dormir sozinha. Terceiro, porque ele me deu somente "boa noite".

*Não que eu esperasse mais, mas…*

Uma batida leve na porta me faz sentar, então uma segunda.

— Renata, precisamos ir — sua voz está profissional de novo e isso me faz murchar. — Você tem quinze minutos no máximo.

Me apresso em levantar e ir para o banho, tentar reviver um pouco a cara de morta-viva.

Eu não espero nada e sei que fui infeliz em minha escolha ontem, mas eu estava carente… E não me acho tão culpada assim.

Depois de alguns minutos, eu deixo o quarto, saindo pelo corredor até encontrar as escadas e descê-las, à procura de Alexander.

Eu o encontro sentado em um dos sofás da sala de estar, lendo uma revista. Está impecável em seu terno preto *slim*, parecendo o homem sério e profissional que é – o segundo, às vezes.

— Estou pronta — me faço notar.

Ele me olha de um jeito rápido, então deixa a revista de lado e levanta-se.

— Perfeito. Vamos. Precisamos comprar algo para você vestir.

Eu o sigo para onde vai e logo estamos na garagem, só então percebo que há outros dois carros juntos ao que chegamos ontem.

São bonitos e reluzentes. Não entendo de carros e não posso dizer quais são, mas, com certeza, não custam pouco.

Em instantes nós estamos junto ao emaranhado de outros carros de Nova York, eu me sentindo estranha por estar com ele.

*Sim*, porque ele está como se não tivéssemos tido um contato sequer no dia anterior.

— Vamos tomar o café da manhã depois que você escolher o que vai usar — ele diz ao parar no sinal vermelho. — Eu esqueci de avisar, caso esteja com fome.

— Estou bem.

— Dormiu bem?

— Sim. — Não. Eu não gosto de mentir e não tenho esse costume, e não faria isso se não soubesse que está perguntando só por educação.

— Ótimo então — volta a nos colocar em movimento. — Imagino que sua amiga também vá estar nesse evento. Meu irmão irá.

— Ah, ela não me disse nada sobre isso.

— O Arthur não é adiantado como eu — ele me olha rapidamente, mas estou olhando para frente, então só vejo um pequeno vislumbre disso. — Ele é mais do decidir na hora. Vou te provar.

Ele pega o celular no interior do terno, então em um segundo o celular começa a chamar.

Uma voz preguiçosa atende, parecendo muito grave.

— Bom dia, Arthur — Alexander diz, um tom mais leve. — Te acordei?

— Suponho que não — o outro emite um som ruidoso. — Eu não sou homem de estar dormindo às oito, você sabe disso. O que você quer?

Ele me olha e sorri, desviando rapidamente.

— Saber se você vai ao evento de Tecnologia.

— É claro que eu vou, Alexander. Que pergunta mais idiota.

— Sua Assistente vai?

Arthur parece rugir e isso me faz olhar para Alexander de um jeito impressionada.

— É claro que ela vai. Não sei de onde você tirou aquela mulher, Alexander, ela é louca.

— Por que diz isso? — ele parece estar se divertindo.

— Porque ela não desliga. Trabalha bem, ótimo, mas não cala a boca. Eu tive que tomar uma aspirina ontem de tanta dor de cabeça.

— Boa sorte com isso. Preciso desligar. Nos vemos lá, tchau.

Ele dá uma risadinha quando guarda o celular de novo.

— Parece que Bianca está fazendo bem seu trabalho em dar trabalho — diz.

— Não é proposital. Vou falar com ela para que seja amena. Ela não vai gostar sobre ter o risco de perder o recente emprego.

— Acho que não tem esse risco — ele me olha e dá uma piscadela, quase me fazendo suspirar.

Ele não deveria piscar para mim depois do que houve ontem. Não deveria.

E eu também não deveria derreter por isso.

※※※

Quando entramos na loja, eu quase quero sorrir para as outras mulheres, que parecem ter seus olhares atraídos por algum tipo de imã quando Alexander aparece.

Eu sei, não as culpo. Eu teria a mesma reação.

Rapidamente uma mulher se aproxima. Ela é linda com seus cabelos loiros e escorridos, brilhantes e impecáveis, trabalhada em uma maquiagem perfeita.

E, de algum jeito, não me sinto bem por isso. Por ela parecer o tipo que faz Alexander ficar de joelhos.

Mas isso nem tem por quê. Apesar dos pesares, ele continua sendo só meu chefe e nada além disso.

— Oi, bom dia. Posso ajudá-lo? — ela se prontifica, olhando diretamente para ele.

E isso é incoerente. Ela devia ser solícita também a mim, e dizer ajudá-los porque eu estou com ele. O profissional passou longe.

— Bom dia, querida. Sim, você pode — Alexander passa seu braço grande por trás da minha cintura, me puxando um pouco mais para seu lado. — Estamos procurando um belo vestido de festa para um clima como o nosso em uma tarde de sexta-feira.

— O vestido é para o senhor? — ela dá uma risadinha e faço uma careta inevitável, quase com vontade de dar uma boa resposta.

— Imagino que sua tarefa não é bancar a palhaça — não consigo evitar quando as palavras escapam da minha boca e só assim tenho a atenção dela em mim, que imediatamente fecha a cara. — Eu já estive trabalhando como vendedora e o seu trabalho é dar atenção e simpatia a todos os clientes, não só a homens que te parecem bonitos.

Um pequeno silêncio impera, a mulher parecendo de boca aberta, até que Alexander pigarreia ao meu lado.

— Acho que é melhor procurarmos outro lugar. Bom dia — diz e me incentiva a virar e caminhar com ele, sua mão ainda em minha cintura. — Está com raiva, Renata?

— Não — me desfaço do contato. — Obviamente ela quis dar preferência a você.

— Ela me achou bonito então?

Eu o olho, percebendo-o prender um sorriso.

— Você sabe que sim, mas isso não é profissional — respondo o óbvio.

— Interessante — ele me puxa de volta pela cintura. — O que fizemos ontem também não é nada profissional.

Eu o olho, não me intimidando.

— Não estava mais trabalhando naquele horário — lembro. — Ela está.

— Então você não se opõe se eu voltar quando ela estiver deixando o trabalho e troque uns beijos?

Resmungo e me afasto, começando a andar na frente dele.

Eu sei que não devo, mas isso é ruim de pensar. Não por ele, mas por mim, que fui feita de boba.

# Capítulo 18

— Ei, Renata, é brincadeira — Alexander me alcança, seu braço circundando minha cintura outra vez, como se fosse algo costumeiro. — Eu só queria ver a forma como você revira os olhos de raiva.

— *Ha-ha*, é super engraçado...

— É muito. Acho que o seu problema é fome. Vamos tomar café.

E talvez seja, então eu o acompanho nos passos, Alexander parecendo saber exatamente onde ir.

Durante o caminho, eu quase quero rir pelo que observo, as pessoas desviando dele. É como se ele nem precisasse pedir licença ou passar por elas, porque estas já o fazem de modo automático.

Por isso ele se sente tanto. É como se realmente soubessem o que ele também sabe. E isso também não faz sentido.

— Aqui — ele me conduz para dentro de um estabelecimento ameno. Não é nada requintado, o que me alivia em muito. — Vamos sentar perto das paredes ao fundo. Estou bem cansado e, tomando nota de que você não para de bocejar, imagino que também.

Eu não digo nada, apenas vou com ele para uma das cadeiras mais escondidas. O local está vazio praticamente, com algumas pessoas sozinhas tomando seus cafés.

— Não conseguiu dormir à noite? — Alexander questiona, levantando uma mão para chamar a garçonete. — Eu não quis entrar no quarto para comprovar, achei que seria indelicado.

— Não dormi — admito. — E você?

— De igual modo. Como eu disse, não costumo dormir muito.

— Por que não? — questiono, a essa altura conseguindo olhá-lo mais diretamente. A ação da noite anterior já não está me deixando mais tão constrangida.

— Eu não sei — ele passa uma mão pela barba linda. Eu comprovei ontem. É também macia e gostosa de sentir, fazendo um arrepio quando no pescoço. Quero sentir de novo. — Desde que assumi as empresas do meu pai, o sono não vem com frequência. São muitos funcionários e decisões para tomar. Isso tira o sono.

— Você devia tirar férias — palpito.

— Eu sei, mas o Arthur ainda não está apto para me substituir.

— Por quê?

— Não me inspira confiança — ele dá de ombros.

— Não deve ser algo muito fácil ganhar sua confiança…

— Não é, mas às vezes isso é só o que se requer. Por que você chorou? — ele gesticula. — Ontem, você sabe, depois que gozou.

Eu evito tossir de nervosismo. Ele não tem alguma vergonha. Simplesmente parece falar o que pensa, o que é um contraste gritante com o homem de negócios que deve ser.

— Eu fiquei triste — confesso, acompanhando o momento em que uma sobrancelha escura e grossa se ergue, em óbvio desentendimento. — Fiquei triste, eu não sei explicar. Foi como se eu tivesse descoberto um novo caminho e, ao mesmo tempo que isso pareceu incrível, arrancou algo de dentro de mim. Foi bem emocional.

— Continuo sem entender, mas…

Ele é interrompido quando a garçonete se aproxima e eu me alegro por essa ser cortês com ambas as partes, sendo muito educada em oferecer os ovos especiais do dia.

Isso é profissionalismo.

— Sabe, eu me arrependi de ter comprado aquele perfume — Alexander diz quando somos deixados a sós novamente.

— Por quê? Você tinha dito que tinha gostado…

— Porque… — ele olha para os lados, então percebo quando seu semblante endurece um pouco. — Posso estar errado, mas tem semelhança com o cheiro da sua pele.

Engulo em seco, tentando um sorriso em seguida.

— É a versão masculina do que eu uso, sim, mas as essências se diferenciam em muito. Acho que está enganado.

Alexander dá um suspiro profundo, parecendo cansado.

— É óbvio que eu não estou enganado, Renata. Quase nunca estou errado. Quando penso estar errado, estou errado por pensar isso — diz, seu corpo se inclinando um pouco para frente quando ele coloca os braços sobre a mesa.

— Divergência de palavras? — sorrio.

— Não — a resposta é cortante. — O que fará depois do evento?

— Vou para casa e…

— Ver séries com sua amiga — ele completa, me fazendo ficar surpresa.

— Não exatamente. Hoje é sexta, geralmente a Bianca sai com o namorado.

— Então você fica sozinha?

— É, por aí — começo a ficar agoniada por seu olhar que é insistente. — E você?

— Vou trabalhar. Eu não tenho folga.

— Ah…

— A menos que... — seu olhar estreita. — Queira me convidar para fazer algo com você.

Então eu rio, porque é a única opção.

— Ótima piada — digo, mas, quando Alexander permanece sério, meu sorriso esvai. — Você não está falando sério, está?

Ele fica em silêncio.

*Oh, merda*... Ele está.

# Capítulo 19

Nós estamos já indo em direção ao local e eu não sei mais o que estou sentindo. Ou como estou.

Alexander disse que podemos pensar juntos em algo para fazer depois da festa ou evento ou seja para onde eu estou indo com esse vestido azul bebê que custou o meu salário.

*É lindo, sim*. Feito de um tecido tão fino por cima da camada de cetim branco, que parece pele de ovo. Sim, é mesmo muito fino.

E, como se não fosse esquisito suficiente, termos ido em três lojas diferentes atrás de uma roupa que ele achasse que combinava com a tarde, também fui levada a um salão de beleza e meus cabelos foram tão bem tratados, que eu estou pensando seriamente na possibilidade de fazer isso sempre. E fui maquiada.

Se isso não é um dia de princesa, então eu não sei. E ainda na companhia de um príncipe – diga-se de passagem, e também enquanto não explana seus pensamentos.

— O que eu tenho que fazer? — pergunto, juntando as mãos sobre as pernas.

— Nada. Apenas ficar ao meu lado e ser sorridente. As pessoas geralmente fazem as perguntas a mim, a você, serão educadas apenas.

— Entendi, então não tenho o perigo de travar e não saber responder?

— Só se você ficar tão impressionada como quando entrou no meu quarto — ele me olha de relance. — Tirando isso, estou certo que ficará bem.

Balanço a cabeça de modo assertivo e apenas aguardo.

Estou muito nervosa. Se a casa dele é tão maravilhosa, quanto mais uma festa ao ar livre que frequenta. Um evento. Ou seja lá o que isso for, o frio na barriga não vai embora.

— Chegamos — Alexander anuncia e respiro fundo, já muito chocada quando entramos no estacionamento que mais parece um pátio gigante e está repleto de carros chamativos.

Isso exala fortuna e poder. É de cair o queixo.

Ele estaciona em uma das vagas e sai do carro, eu me obrigando a tirar o cinto e fazer o mesmo. Respiro fundo mais uma vez e a porta ao meu lado se abre, eu vendo apenas seu corpo.

Deixo o carro, agradecendo o gesto com um manear de cabeça, então Alexander bate a porta e tranca o veículo.

— Por que você parece tão nervosa? — questiona e reconheço que a seriedade absurda voltou.

— Medo de errar.

— Não seja boba. Isso não vai acontecer — ele coloca novamente sua mão grande e firme em minha cintura, me trazendo calor e alívio, então me sinto mais segura. Começamos a caminhar. — Não tem o que errar, Renata. Você apenas está me acompanhando. Fique atenta aos detalhes, ao que acontece e depois me conta o que achar interessante. Ninguém vai te sentar em uma cadeira de tortura.

Sorrio, adorando o contraste entre seu modo profissional e normal.

Quando chegamos onde está acontecendo o evento, um suspiro de surpresa e receio é inevitável. Tem muitas pessoas, todas muito elegantes com seus ternos e vestidos lindos, e as taças de vinho nas mãos, rindo à toa.

— Parecem estar se divertindo — eu digo baixinho, Alexander me incentivando a caminhar pelo lado direito.

— Não estão sentindo metade do que transparecem, Renata.

Eu o olho, surpresa. E, quando vou questionar sobre isso, ele para, então o vejo sorrir de leve. Não é o seu sorriso completo.

— Damon, que bom te encontrar aqui — um homem diz, atraindo meu olhar para frente.

Ele está no meio termo, não parece jovem e nem velho. Seus cabelos estão penteados de um jeito impecável e ele puxa só um dos lados da boca quando sorri.

— Olá — Alexander diz simplesmente, tão cortante que eu evito olhá-lo em uma possível repreensão.

— Veio tentar um palpite? — o primeiro dá uma risadinha.

— Palpite? Imagino que esteja equivocado sobre a situação. Eu simplesmente estou comparecendo porque sou um dos investidores e, como bem pode notar, já estou obtendo lucros. Então não, não vim tentar um palpite.

O homem parece surpreso e logo em choque. E, como se não fosse muito estranho, simplesmente sai andando.

Alexander me incentiva a continuar andando por onde estávamos indo.

— Quem era aquele? — questiono.

— Ele está sempre tentando arrumar confusão comigo. É um idiota. Não entende sobre o próprio trabalho — responde, então nos guia até perto de um lugar mais movimentado.

— Ficaremos aqui parados?

— Sim — me olha. — Preciso ficar em um lugar que todos me vejam. As pessoas estão aqui para me cumprimentar.

Não estou surpresa, então apenas concordo, inspirando fundo e tentando agir com normalidade.

※※※

Meus pés estão doendo tanto. Ficar em pé e sorrir, também é cansativo. Ainda mais se for por horas. Devem fazer, no mínimo, umas duas que estamos assim e as pessoas parecem como em formigueiro, não param de chegar.

Solto um suspiro de cansaço, trocando o peso do corpo para a outra perna.

— Que negligente de minha parte — ele chama minha atenção. — Você está de saltos, deve estar doendo os pés.

— Um pouco — sorrio.

— Venha, vamos procurar um lugar para você sentar.

— Não tem, eu acho. Estão todos em pé — olho ao redor. — Só vou sentar se for no colo de alguém.

— Não brinque com isso, Renata — ele me repreende. — Deve ter algum lugar, sim. Vamos procurar.

E nós realmente vamos, Alexander me conduzindo por entre as pessoas que lhe cumprimentam – todas, sem exceção –, sua mão em minha cintura e isso é algo que eu realmente estou começando a acostumar.

*É bom e não vou reclamar.*

— Ali parece adequado para você descansar por uns minutos — ele sinaliza com a cabeça discretamente para uma área asfaltada sobre dois degraus de pedra perto de onde não tem ninguém.

— Esse lugar é estranho — dou um riso nervoso. — Não quero ir ali, parece cenário de filme de terror.

— Não seja boba, Renata. Não tem nada de terror desde que esteja comigo — ele me olha, um sorrisinho presunçoso alcançando seus lábios. — Discorda?

— Você vai ficar comigo?

— Mas é claro que sim. Áreas íngremes são perigosas para moças.

Franzo o cenho e ele dá uma risadinha.

Soa ridículo de dizer, mas, tem algo mais fofo e lindo do que ele tentando ser engraçado?

Talvez tenha, mas eu desconheço.

Nós caminhamos para o lugar, poucos metros a nossa frente, o burburinho de vozes ficando para trás cada vez mais.

— Vão sentir falta do anfitrião da festa — eu digo, meio que me esforçando para não cair pela área áspera.

— Eles que me esperem.

— Não é deselegante da sua parte? — sorrio.

— Creio que não e se for, bem, eu não me importo tanto. Nem está sendo algo bom.

Nós chegamos finalmente aos degraus, subindo-os até a parte lisa, mas então eu percebo que meu vestido é muito fino para até mesmo sentar em uma superfície assim. Continua sendo concreto de qualquer forma.

Já Alexander, senta-se sem qualquer preocupação, soltando um suspiro semelhante a alívio.

Só depois de alguns segundos, ele me olha.

— Por que está de pé? — questiona.

— É que… — gesticulo. — Não posso sentar com esse vestido delicado aí. Vai estragar com certeza. Precisa ser uma área macia, de preferência estofada.

Ele olha para o local, então para o meu vestido.

— Temos um problema — concluo, rindo um pouco de nervoso. — Não quero fazer mal a esse vestido tão lindo.

— Bom — ele me olha. — Acho que sua brincadeira vai se tornar realidade.

— Que brincadeira?

Ele bate nas pernas.

— Aqui. Senta no meu colo.

Então dou risada, juntando as mãos, nervosíssima.

— Não — nego.

— Não seja boba. Não é por muito tempo, só até seus pés relaxarem um pouco.

— Mas não quero sentar no seu colo — começo a suar, a sensação de seu corpo colado ao meu ontem, me invadindo e deixando também apreensiva. Eu posso gostar, e isso não é nada bom.

— Renata, você vai apenas usar meu colo como um assento — explica,

muito paciente e como se fosse algo muito normal. Deve ser. Para ele.

— Não acho uma boa ideia.

— Vem — ele segura minha mão.

E, pode soar completamente irreal, mas, quando sinto o toque de sua própria mão quente e grande envolvendo a minha, eu vou.

Eu realmente vou sentar no colo de Alexander Damon.

De um jeito muito estranho, ele me ajuda a abaixar sobre seu colo, eu me atrapalhando um pouco e rindo durante a ação, porque é, no mínimo, absurdamente esquisito.

Quando finalmente estou sobre suas pernas, ainda rindo de agonia, eu o olho, Alexander colocando um braço por trás das minhas costas, até alcançar meu quadril, onde ele segura sem qualquer constrangimento.

— Isso é estranho… — eu digo, então ele me olha.

— Não é, mas é pra ficar sentada quietinha, senão eu fico de pau duro.

Então meu riso aumenta, mas é de completo e extremo nervosismo.

*Oh, Deus*.

# Capítulo 20

É muita covardia o que está acontecendo. Tentei ser educado e acabei com uma mulher linda, macia e cheirosa sobre meu colo.

Renata está se remexendo vez ou outra, de forma inocente, pedindo desculpa por estar tentando ficar confortável. Ela tem mesmo que se desculpar. Alguém de baixo gosta além da conta de sua ação.

— Você tem pernas longas — ela diz entre uma risadinha.

— Não só as pernas.

Ela me olha, prendendo outro riso.

— Você não parece safado de primeira vista — parece pensativa.

— E não sou, eu quis dizer que meus braços são longos também — ajeito-a sobre minhas pernas, de forma que não pressione tanto meu pau, e ela dá um gritinho. — Você que tem a mente maldosa, Renata.

— Não diga…

Eu ainda estou com a sensação dos seus lábios macios nos meus e da sua carne molhadinha em meus dedos. E os gemidos… Ah, sim. Os gemidos que pareciam música.

Ela estava totalmente entregue.

— Sabe de uma coisa? — digo, olhando seu ombro descoberto pouco abaixo do meu queixo e sentindo uma vontade louca de beijar e morder.

— O quê? — sua atenção voltou para frente, onde conseguimos ver as pessoas distantes fingindo se divertir.

— Por mim, você já estaria sentada em cima de mim de pernas abertas. — Ela me olha de imediato, parecendo chocada. — E com certeza minha calça não estaria fechada.

Tento um sorriso, só para suavizar o que acabei de dizer, porque, por estar tão perto e seus lábios parecerem tão convidativos, é impossível que eu não me sinta animado. Lá em baixo.

— Você é muito… — balança a cabeça. — Descarado. Sabe disso, não é? A ética passou longe. Muito longe.

— Ah, deixa disso — ajeito-a de novo em meu colo. — Você não fica quieta também, não ajuda muito a cabeça não pensante.

— Devia parar de dizer essas coisas, Sr. Damon.

— Por quê? — estreito os olhos. — Alguém está ficando animadinha?

— Não — agora ela revira os olhos e isso me faz sorrir, porque é algo característico dela e que parece gracioso. Ou é por raiva ou impaciência. — Não estou animadinha, não.

— Então por que devo parar de te provocar?

— Primeiro, porque é meu chefe e, segundo, porque não estou acostumada.

— Não? — pergunto e ela nega. — Os homens que se envolveu sem namorar não tentavam umas mordidinhas? — inclino a cabeça, de forma irresistível, e mordo seu ombro.

Ela tenta se esquivar, rindo um pouco.

— Isso é proibido, sabe? Você não pode fazer isso com sua assistente.

— Assistente Pessoal, querida — pisco para ela, começando a mordiscar seu ombro, sentindo-a arrepiar. — Então, eles não davam conta de você?

Também não sei porque quero saber sobre isso. Definitivamente não é da minha conta.

— Não tem eles, eu nunca me envolvi com nenhum homem.

— O que isso quer dizer? Não me diga que está iludida pensando que um príncipe de armadura vai aparecer em um cavalo branco — brinco.

— Não, mas… Os homens não caem aos meus pés.

Dou um sorriso, afastando o rosto para olhar em seus olhos, que parecem dizer algo, mas eu não capto, porque a mente já está embaralhada.

As duas cabeças não conseguem funcionar corretamente ao mesmo tempo.

— E quanto a mim? — digo, sugestivo. — Não conta?

— Não estou interessada só em sexo. Com o meu chefe, ainda por cima.

— Depois do seu horário, não sou mais seu chefe.

— Não, Alexander. Sei que é difícil para você ouvir essa palavra — um sorrisinho alcança seus lábios. — Mas, não.

E não é exatamente isso que me deixa com cara de idiota, mas sim o fato de ter ouvido ela me chamar pelo nome. Soou tão quente e sexy.

— Fala de novo — peço.

— Não.

— Não isso — puxo-a mais para meu peito, ela dando outro gritinho gracioso. — Fala meu nome.

— Ah. Alexander.

— De novo.

Ela ergue as sobrancelhas, a essa altura seus lábios muito próximos aos

meus e, se eu inclinar só um pouco a cabeça, consigo beijá-la.

E eu quero muito isso. Porra, pensa em algo que quero desesperadamente.

— Alexander?

Seu tom sai cheio de desentendimento e, não resistindo, eu a beijo, soltando um suspiro de satisfação quando nos lábios se tocam.

Renata parece surpresa e não a culpo, mas minhas mãos começam a se mover de forma inconsciente, tocando suas pernas e seu braço, tudo como consigo.

O tecido fino me dá fácil acesso às pernas macias e quentes. Ela é toda assim. Seus lábios começam a me acompanhar, tudo em uma mistura mais que perfeita.

Isso tudo me instiga muito. Minha mão em suas pernas começam a avançar mais um pouco, até as coxas, conforme ela se entrega mais ao beijo.

Ela é doce, também. Lábios doces e que me dão vontade de morder, sendo exatamente o que faço, Renata dando um gemidinho rouco e trazendo uma mão à minha nuca.

Meu pau começa a pulsar com força, e é quando aperto sua coxa e, com a outra mão em sua cintura, incentivo-a começar a se mexer.

Renata parece meio incerta do que fazer e isso me deixa ainda ligado. Não sei se é temor, mas, seja lá o que for, me enche de tesão.

Separo a boca da sua para beijar e chupar seu pescocinho, ela começando a rebolar sozinha. Na verdade, parece inquieta e isso só me tem uma explicação.

Volto com a mão para dentro do seu vestido, incentivando-a separar um pouco as coxas, então toco entre suas pernas, adorando o jeito que ela segura minha nuca agora com as duas mãos e arranha.

Ela não é negligente, o toque dela não é, mesmo dizendo não me querer, e isso só me faz ficar salivando mais ainda.

Volto com a boca para a sua, ao mesmo tempo em que coloco minha mão dentro da sua calcinha, rugindo de prazer.

Renata parece mais desesperada, soltando uns gemidinhos entrecortados e excitantes, agora sim começando a se remexer de verdade.

E mais surpreso fico quando ela separa ainda mais as pernas, me dando melhor acesso, onde consigo tocá-la com mais veemência.

Acaricio seu clitóris, adorando a forma como ela parece extasiada, só para colocar um dedo em sua entradinha molhada. E, não só pelo mínimo susto que ela parece ter, tremendo um pouco, mas também pela dificuldade de conseguir um pequeno espaço, percebo que tem algo diferente.

Mas ela parece já estar muito acessa para eu comentar, então apenas volto ao seu clitóris e circulo de forma rápida, Renata desviando a cabeça para meu pescoço, onde fica; e se remexe mais rápido, também endurecendo ainda mais meu pau.

*Que lástima*, porque eu sei que vai ser só isso.

E não é preciso muitos segundos para ela gozar, gritando roucamente, parecendo esquecer que a poucos passos tem pessoas.

É perfeito. Ela gosta do perigo.

Continuo tocando-a por um tempo, mesmo ela tendo pequenos espasmos em cima de mim, parecendo muito relaxada.

É uma sensação gratificante, embora eu não tenha sentido o mesmo.

— Você não transa muito, suponho — eu digo, tirando minha mão de sua lingerie e ajeitando seu vestido.

Renata afasta a cabeça depois de uns segundos, não me olhando e sim para baixo, então quando fala, eu penso estar louco.

— Não mesmo. Eu sou virgem.

Ela… *O quê?*

# Capítulo 21

— Virgem? — ele repete depois de me encarar quase por um minuto inteiro parecendo perplexo.

— É — eu sorrio pela sua cara, mas isso não parece ser uma boa ideia, porque ele olha além, usando a mesma expressão que eu uso quando estou fazendo alguma conta *super* difícil na cabeça.

— Meu Deus, você é virgem — repete. — *Virgem*.

— Isso não é uma coisa surreal.

— Para mim, sim — ele volta a me olhar. — Eu nunca ao menos beijei uma mulher virgem.

— Já, ontem e hoje — dou risada, adorando a forma como ele torna a ficar sério, unindo as sobrancelhas, ainda parecendo concentrado.

— Não é engraçado, Renata — ele emite um som abafado, semelhante a um suspiro cansado. — Nós temos que voltar. Imagino que já conseguiu descansar bastante.

— Oh — Então eu entendo que isso foi uma ordem, e me levanto rapidamente do seu colo, precisando da sua ajuda para encontrar equilíbrio. — Vamos ficar até o fim?

— Creio que sim — diz somente, o tom profissional voltando.

Ele intercala o profissional e comum de um jeito muito rápido. Não consigo acompanhar.

Em instantes estamos seguindo de volta para onde está a multidão, minhas pernas tremendo um pouco pela sensação de… outro orgasmo.

Alexander realmente fez isso enquanto eu estava sentada em seu colo e, como se eu não tivesse um pingo de vergonha na cara, aceitei seus carinhos de novo.

Que tipo de virgem faz isso?

Eu mesma, sem dúvidas. Um péssimo exemplo.

*Ou talvez não*. Porque não acho que alguém resista ao Alexander. Ele é todo potência e ação. As mãos em todos lugares possíveis, trazendo fogo e calor onde quer que passem e esses olhos incríveis que parecem brilhar quando ele sente que está no poder.

É claro que ele está. Se tratando em me dar orgasmos de maneira simples e

rápida, sim, ele está totalmente com e no poder.

Assim que chegamos ao movimento, um homem se materializa à nossa frente, chamando-o pelo primeiro nome.

— Onde você estava? — questiona. — Estou há meia hora procurando por você — parece sem qualquer paciência.

E, quando ouço meu nome entre uma risada, eu posso ter ideia de quem se trata.

— Bianca? — meus olhos acompanham o momento que ela chega até nós, completamente simples em um dos seus vestidos de verão.

— Oi, amiga — ela me dá um abraço, então se afasta, me olhando de cima a baixo, sua boca formando um O. — Uau, você está linda! Não que você não seja — gesticula. — Você entendeu.

— Obrigada — sorrio. — O Sr. Damon comprou o vestido para o evento.

— Comprei para você — ele entra na conversa, se aproximando de Bianca e a cumprimentando com um beijinho na bochecha. — Oi, Bianca.

Ela dá um risinho, atraindo a atenção de seu próprio chefe, que parece repreender a atitude.

— Sr. Damon Loiro — ela o olha —, essa é a minha amiga Renata.

Ele estende a mão para mim, que aceito, mas não aperta e sim beija, dando um sorriso incrível.

— Muito prazer, Renata — diz, se afastando para olhar o irmão. — Você viu o Gerry?

— Sim, ele não sabe que fechei o negócio. Quero dizer, não sabia — Alexander responde, olhando Bianca outra vez. — Por que não está vestida de acordo, querida?

Minha amiga tira o sorriso do rosto, o que me deixa apreensiva.

Ela olha o vestido, tentando dar um sorrisinho e eu me sinto muito mal por isso.

— Ela está linda — digo, acariciando seu braço e ela parece agradecer.

— Sim, está — ele concorda. — Mas o traje não está de acordo para o lugar — olha o irmão. — Por que você não a levou para comprar algo?

Arthur olha minha amiga, então balança a cabeça, soltando um som ruidoso. Ela se encolhe.

— Ela está linda assim, não precisa de roupas caras — resmunga.

— Não é sobre serem roupas caras, Arthur. Você não está vendo que ela pode estar se sentindo mal com seu vestido surrado em meio a essas mulheres? — Alexander parece um pouco alterado agora. — Porra, você não pensa? É de

se esperar que uma moça comum não tenha vestidos decentes para algo assim. Como você estaria se sentindo estando aqui de camiseta e shorts?

— Você está me dando um esporro por ela estar com um vestido próprio? — o irmão parece incrédulo.

Já eu, estou muito surpresa, e Bianca, como poucas vezes presenciei, muito séria.

— Não! Estou te dando esporro por ser um filho da puta e não se importar com a garota.

— Alexander, eu estou bem — Bianca fala, talvez entendendo que algo de errado está acontecendo.

Arthur encara o irmão por uns segundos e, parece ser mania deles ou passaram pelo menos treinamento de chefes, logo volta à olhá-la.

— Você está se sentindo mal? — pergunta.

Ela hesita, o que faz Alexander bufar.

— Não estou. Estou bem — responde enfim, um sorriso contido nos lábios. — Eu gosto desse vestido.

Arthur a avalia de cima a baixo novamente.

— Você teria me avisado se não tivesse se sentindo bem com sua vestimenta? — questiona.

Ela imediatamente nega.

— Você é um idiota — Alexander diz. — É por isso que não encontra ninguém. Não sabe ver o óbvio em uma mulher.

Quem fala vestimenta?

— Não estou vendo uma aliança em seu dedo — o irmão fecha a cara.

— Sr. Damon — entro na frente de Alexander —, não acha que seria bom beber um pouco de água?

Ele me encara, a mandíbula cerrada, os olhos lindos e castanhos se estreitando até quase fecharem.

— Seu serviço está terminado, Renata — declara, então o vejo pegar a carteira no interior do terno, tirando alguns dólares de dentro e entregando para Bianca. — Vão para casa vocês duas. Imagino já ter acontecido muito hoje para as senhoritas.

Então simplesmente assim, ele chama o irmão e os dois nos deixam para trás.

Sem mais, nem meio mais.

E só me resta indagar:

— Por que o irmão dele é loiro?

# Capítulo 22

— Arthur está com raiva por eu ter dito que homens de sua idade não me excitam, então ele não poderia mesmo me deixar a fim dele — Bianca despeja enquanto ainda estamos paradas onde Alexander e seu irmão nos deixaram.

Eu a olho, surpreendida e curiosa.

— Ele é esquisito — explica, soltando uma lufada de ar. — E o maior problema é ele bate, depois pede desculpa, entende?

— Não — respondo no mesmo instante que um garçom passa por nós com uma bandeja contendo alguns tipos de doces, que aceitamos sem recusa, é claro.

— Assim — ela gesticula —, ele é grosso por natureza, mas logo em seguida pede desculpas, dizendo que é involuntário e não sabe mudar. É muito difícil lidar com ele. Você sabe que sou feliz e alegre, e ele repele isso. Sempre está carrancudo e briga por eu estar bem. É desgastante.

Como o doce, soltando um gemido por ser tão gostoso.

Só não mais que Alexander.

— Deixa ele para lá — aconselho. — Vamos aproveitar mais um pouco desses doces e então vamos embora, aí você sai com o seu namorado.

— Leonard está ocupado hoje.

— De novo?

— É… — parece desanimada. — Sei lá, depois do trabalho eu fico me sentindo muito esgotada. Mesmo que nos dois primeiros dias Arthur tenha me liberado mais cedo, me sinto mal.

— O seu namorado devia te ajudar a esfriar a cabeça — sorrio de um jeito confortador.

— Boa tarde — uma voz chama nossa atenção.

É um homem e, como se não fosse novidade, lindo. Mas lindo de verdade. O lindo materializado.

Bianca não se pronuncia, o que me impressiona, e eu apenas dou um leve aceno, por estar terminando de engolir.

— Sou Logan, e vocês, como chamam? — pergunta, nos cumprimentando com um sorriso dilacerante.

É lindo mesmo, embora não tenha a beleza extraordinária do Alexander.

— Renata e Bianca — nos apresento.

— Muito prazer, meninas. Vieram em companhia?

— S… — desisto da resposta, então reformulo. — Não, nós estamos sozinhas.

— Ótimo. Eu também. Faço companhia a vocês — ele bebe o restante de vinho em sua taça e coloca na bandeja do garçom que passa. — Uma dança, me permitem?

— Legal da sua parte, mas — Bianca me olha — eu estou indo embora, Renata. Estou com dor de cabeça e minha roupa realmente está me deixando desconfortável.

— Tudo bem, vamos embora — eu concordo, já pronta para me desculpar com o homem lindo, mas ela me impede.

— Não, fica. Eu preciso mesmo de uns minutos sozinha. De verdade. Fica, pode ficar — olha para ele. — Prazer te conhecer, Logan. Até algum dia.

E ela vai embora, eu percebendo que ela está triste e não entendo o motivo.

— Quer dançar comigo? — ele insiste.

— Ahn — sorrio, simpática. — Agradeço, mas não, obrigada.

— Uma dancinha só — ele já segura meu pulso, eu me afastando. — Vamos lá, uma dança, o que te custa?

— Dá licença, camarada, você não ouviu ela falando que não quer? Vaza.

Eu ouço a voz. A voz. Alexander.

Ele está tomando minha frente em um segundo, o outro homem se afastando no mesmo instante.

— Ela disse que não estava acompanhada — justifica.

— E só por isso ela tem que dançar com você? — sua voz parece estrondosa. — Em que tipo de mundo você vive? Ela disse não e essa palavra tem que te bastar. E ela não está sozinha, está comigo.

Ele vira-se para mim, então segura minha mão, começando a caminhar e me induzindo a fazer o mesmo.

Estamos indo em direção ao estacionamento, Alexander estando meio apressado.

— O que houve? Por que estava aqui ainda? Aquele homem te forçou a algo. Ele te tocou? — ele questiona tudo muito enérgico. — Sinceramente, Renata, eu estou não tentando me estressar.

— Mas só fiquei para comer uns doces. São mais gostosos que o da padaria perto da minha casa…

— Porra — ele ruge, parando para me olhar, então me encara por longos

segundos. — Ele te machucou? — levanta minha mão ao alcance de seus olhos, analisando. — Mauricinho filho da puta.

— Oh, nossa, você está muito alterado — tiro a mão do seu toque. — Foi o seu irmão que te deixou assim?

— Não — ele passa as mãos no rosto e expira com força. — Foi você, Renata. Você.

E eu tento entender o que acabei de ouvir.

# Capítulo 23

— Você está irritado por minha causa? — questiono, muito desentendida assim que estamos dentro de seu carro.

Ele tira o terno de forma apressada, então joga para os bancos detrás, logo me olhando, uma mão indo ao volante e a outra descansando em sua coxa.

— Eu disse que era para você ir embora. Cadê sua amiga?

— Ela foi embora, estava triste, provavelmente por causa do seu irmão… E eu queria comer um pouco do que estavam oferecendo — explico, paciente.

— Interessante, Renata. Muito interessante — seu olhar estreita, parecendo mais raivoso. — Você disse àquele homem que estava sozinha? Por quê?

— Porque estava. No momento, eu estava. Você tinha ido embora.

— Eu não tinha ido embora — agora parece incrédulo. — Somente fomos conversar. Por que você é virgem?

Balanço a cabeça, desentendida.

— Oi?

— Não faz sentido — a outra mão também vai ao volante e ele olha para frente por um segundo. — Por quê?

— Eu tenho os meus motivos.

— Você devia ter me dito. Devia ter me dito assim que te toquei — as suas mãos vão às coxas e ele suspira fortemente, relaxando sobre o banco. — Você disse depois. Só depois de eu... Merda, Renata. Você é louca?

— Eu não fiz nada — me defendo. — Você que fez. Por que está alterado assim?

— E tem outro jeito?

— Continue normal.

Ele dá uma risadinha, mas não muito animadora.

— Você ainda quer ficar comigo? — questiona, ligando a chave de ignição. — Coloque o cinto.

— Sim, pode ser — obedeço o pedido, não pensando em desperdiçar a oportunidade de vê-lo irritado.

É maravilhosa. Ele fica quente e também muito fofo.

Isso só porque eu sou o motivo, é claro. Mesmo que não faça sentido.

※※※

— Você me trouxe para beber? — pergunto a Alexander assim que nos sentamos nos banquinhos do bar, um local que ele nos trouxe depois de muito silêncio em seu carro durante o caminho.

— Trouxe — me olha.

— Eu não bebo.

Ele estreita os olhos.

— Não estou surpreso — dá um sorrisinho de canto, muito cínico.

Reviro os olhos, vendo um senhor se aproximar de nós.

— Sr. Damon, quanto tempo — o sorriso dele é enorme e contagiante, tanto que sorrio também, não podendo evitar, mesmo o cumprimento não sendo para mim.

— Charles, sempre uma honra. Estive ocupado ultimamente… — Alexander responde. — Pode me trazer uma garrafinha de água e uma bebida de sempre, por favor?

— Claro — ele assente, então me olha. — Boa noite, o que vai querer?

— Ah, eu… — gesticulo.

— Está comigo — o outro me interrompe. — A água é para ela.

— Devia saber que tinha algo errado. Seguiu meu conselho é arrumou uma namorada? — o senhor dá um riso contente. — Homem sábio, fez bem.

Então é a minha vez de rir, mas por ter achado graça.

— Essa é Renata, minha Assistente Pessoal, Charles — Alexander explica.

— Ah… Claro. Me desculpem — ele faz um simples gesto e nos deixa.

— Ai, ai… Esse pessoal tem cada uma — eu digo, parando de rir.

Alexander me olha, as sobrancelhas juntas por sua seriedade.

— Do que você riu? — questiona.

— Disso.

— Por que é tão engraçado? Você acha que sou indigno de você?

— Quê? — Minha expressão se enche, respectivamente, de surpresa, desentendimento, descrença e graça. — Nossa, Alexander, de onde você tira tantas coisas?

— Responda.

— Não, eu não acho isso.

— Então por que riu? — ele vira o corpo de frente para mim, apoiando uma perna no meu banco e inclinando o corpo. Uma mão rapidamente chega à minha nuca e ele me puxa em sua direção, raspando os lábios nos meus, me arrancando um suspiro.

Por que ele está fazendo isso? Estou arrepiada agora e triplamente desentendida.

*Ai, merda*.

Como resistir a isso?

De um jeito muito rápido e ao mesmo tempo lento, sua boca está em meu pescoço, e minha respiração começa a desregular de um jeito surpreendente.

Ele é muito quente e seus lábios, junto com a barba macia, só me deixam desesperada.

*Por mais.*

Os lábios sobem até o lóbulo da minha orelha, onde ele morde de leve, dando um beijinho logo abaixo.

— Quero ouvir você gemer de novo — ele sussurra bem no meu ouvido, um choque correndo pelo meu corpo de um jeito que nunca vou saber explicar. — Geme pra mim.

Fecho os olhos, inevitavelmente soltando um gemido baixo, porque ele é irresistível.

Ouço seu próprio gemido áspero e recomeço a ser agraciada com beijos e lambidelas no pescoço, remexendo as pernas pelo contato maravilhoso.

De repente, um pigarreio me faz abrir os olhos de súbito, então vejo o senhor nos olhando e isso é muito constrangedor.

Me remexo, Alexander me soltando e voltando rapidamente à posição anterior.

— Obrigado, Charles — agradece, empurrando a garrafa de água para mim, que vejo a necessidade de abrir depressa e dar uns grandes goles. — É só isso por enquanto.

O senhor dá um sorriso profissional e vai atender as outras pessoas, enquanto com minha visão periférica consigo ver Alexander sorver sua bebida toda de uma vez.

Seria ele alcoólatra?

Um silêncio pesaroso se instala e olho de relance, o vendo observar o copo em mãos como se fosse a coisa mais fascinante do mundo.

Me sinto inquieta.

Isso foi realmente muito estranho. Ele passou de: perguntar se era insuficiente para me seduzir em poucos segundos.

Isso foi uma sedução. Ele está fazendo isso desde o início e sem perceber.

— Como vai sua mãe?

A pergunta quase me assusta, sendo assim feita do nada.

— Bem, e a sua?

Ele emite algo parecido com um riso, então suas mãos abandonam o copo para irem ao seu rosto, onde ele esfrega de forma, aparentemente, dolorosa.

— A minha também — responde depois de terminar a ação estranha, mas que já percebi ser costumeira dele. — Eu não gostei de ter sido deixado no restaurante quando te levei no seu primeiro dia. Precisa desfazer sua falta de educação.

— O que isso quer dizer? — pergunto, estando totalmente perplexa por ele lembrar disso ainda.

— Sei lá. Precisamos almoçar ou jantar juntos, para você me recompensar.

— Eu não tenho que te recompensar nada — um pequeno riso de incredulidade é inevitável.

— Claro que você tem — me olha, seus olhos desviando imediatamente para minha boca e ele lambe os próprios lábios, eu vendo seu pomo-de-Adão se mover. — Deus, você tem que me recompensar muito por…

— Por...? — Eu não estou entendendo um pouco direito.

Ele segura minha mão direita e puxa em sua direção, seus olhos não abandonando os meus quando, de um jeito muito rápido e enquanto estou perdida em seu olhar castanho maravilhoso e que me lembram rochas, sinto algo duro.

Meus olhos arregalam e puxo a mão de volta, só assim percebendo que ele a colocou na calça.

*Oh, droga…*

— Por isso, Renata — diz, voltando a pegar o copo em mãos. — Por isso que não sabe pensar.

Estou tão chocada que apenas bebo mais água, tendo ciência que…

*Eu acabei de sentir um órgão masculino!*

# Capítulo 24

— Eu sinto vontade de lamber, às vezes — Renata fala ao meu lado, quase me fazendo pedir que fique quieta, porque só a voz dela já me faz imaginar umas insanidades e isso não é bom se não posso realizá-las.

— Lamber o quê? — Não a olho para não piorar meu estado. Ela é tão... moldada para minhas mãos que eu nem consigo dizer.

Ela me deixou excitado pela… quarta vez? Não conto mais. Se não for ela, precisa ser alguém. Eu preciso transar. Masturbação não é para mim. Tenho quase trinta anos e posso ter a mulher que eu quiser. Posso dar um jeito nisso. Posso e de um jeito rápido.

*Mas é que ela é tão doce...*

— Você sabe… Isso — sua resposta é um sussurro.

Olho-a, sorrindo pela forma que ela desvia rapidamente para a garrafa sobre o balcão.

— Seja específica.

— O negócio… — gesticula. — Que você tem. Aí. Acabei de… tocar.

— Ah — seguro a risada. — O meu está disponível e saudável para você lamber, chupar e tudo mais que quiser. Isso não vai tirar sua virgindade.

Não sei exatamente porque digo, mas vejo a oportunidade nas palavras dela. Seria perfeito. Eu acho que seria. Ela tem uma boca macia e doce, que me faz imaginar que, sim, deve ser muito perfeito.

Renata dá um risinho envergonhado, que só faz meu pau latejar com mais força, então me sinto impelido a segurar sua mão e dizer:

— Eu falo sério. Se você sente vontade, estou disposto a te ajudar com isso.

— Que bondoso… mas não, isso não é seguro — puxa a mão de volta e percebo que sua respiração começa a descompassar.

— É muito seguro — afirmo, levantando-me para ficar de pé ao seu lado, então viro seu rosto para mim, segurando-o com as duas mãos enquanto começo carícias em suas bochechas. — Você não quer me sentir?

Ela engole em seco, os lindos olhos parecendo com medo, e isso me deixa mal por um instante – tão rápido que parece que não senti.

— Você é meu chefe… — responde.

— Não estou sendo agora, não aqui — olho bem dentro dos seus olhos, para que ela entenda o que digo. — Você está curiosa e com vontade, e estou pronto para te ensinar e também com muita vontade. É perfeito, com certeza. Vamos?

É a primeira vez que a vejo me fitar por tanto tempo, nitidamente em uma batalha interior.

— Por favor — eu tento um último pedido. — É só o que você quiser e mais nada. Só vou te ensinar.

— Está bem — ela concorda, o que me deixa muito surpreso, é claro, e solto um suspiro fundo de alívio, quase tremendo em expectativa.

Tiro a carteira do terno e deixo algum valor no balcão, segurando sua mão e nos levando para fora do bar.

Nos conduzo ao meu carro, abrindo a porta para ela, que entra sem hesitar – e isso me anima mais ainda. Dirigir até minha casa vai levar muito tempo. Desperdiçar muito tempo. E eu não quero isso.

*Preciso disso agora*.

Assim que tomo meu assento, olhando mais uma vez para seu rosto, não hesito em abrir o cinto e a calça, puxando meu pau para fora.

Renata dá um pequeno grito, que eu não consigo interpretar, afinal estou muito alucinado.

— Me dá sua mão — peço.

Ela começa a rir, mas para de repente, arregalando os olhos e não conseguindo olhar para mim.

Começo a abrir os botões da camisa, com o intuito de que eu sinta sua mão também em outras partes, porque ela gosta de me tocar quando a beijo.

E é exatamente isso que faço quando termino minha ação, seguro sua nuca e puxo sua cabeça em minha direção, beijando-a de forma dolorosa, adorando o gemido abafado que ela dá, a forma como parece tremer um pouco.

Enfio minha língua em sua boca, adorando a forma como ela segura meu braço e aperta, gemendo baixinho enquanto dou umas investidas leves como quero fazer com meu pau dentro dela.

*Quero, mas não posso.*

Com a mão livre, seguro sua própria mão, descendo-a devagar, até colocá-la em meu membro.

Ela dá um suspiro de surpresa, querendo encerrar o beijo, mas o torno mais intenso, tentando fazê-la não pensar agora. Pode não querer mais se pensar muito.

Quando sua mão macia, pequena e quente entra em contato com o meu pau, ele dá uma remexida involuntária, e isso me deixa mais desesperado, porque não lembro de estar tão ansioso e com vontade por algo sexual. Sexo não é novidade para mim.

Mas isso, ela é. É muito.

— Alexander… — meu nome em seus lábios soa muito sexy, e afasto um pouco o rosto para olhar em seus olhos.

— O que foi, linda?

Ela estreita os olhos, parecendo estranhar, mas logo os fecha, a mão que eu seguro em meu pau suavizando o contato.

Solto a respiração de um jeito sofrível.

— Confie em mim — peço, incentivando-a me tocar por toda extensão, adorando a forma como seu toque me deixa em expectativa. — Aperta, não dói.

Ela abre os olhos e discretamente olha para baixo, onde está tocando, então sua boca se abre. Parece chocada.

— Meu Deus… Isso é… — ela engole em seco, fechando rapidamente os olhos de novo. — Muito grande.

— São 23cm, todos para você.

Ela me olha de novo, parecendo espantada, mas sua mão acaricia meu pau de cima a baixo de novo, me deixando desesperado.

— Eu não sei… — ela olha para frente. — Não sei o que fazer.

— Está perfeito — toco seu rosto. — Você assim é toda linda, meiga, gostosinha… Só queria te comer até meu pau não aguentar mais.

— Oh, nossa… — sua mão me aperta de repente, parecendo muito para eu aguentar, então puxo-a em minha direção de novo, a beijando com a força do meu desejo, e auxiliando seu toque.

Tudo parece muito quente, recíproco, certo, e sem hesitação, eu gozo, mesmo sem sua boca ou língua.

E não acredito que isso aconteceu.

# Capítulo 25

Eu não sei. Não sei de nada. O que houve, o que acabei de fazer ou onde enfiar a minha cara e também a minha mão molhada de…

*Oh, minha nossa...* O que eu acabei de fazer? Estou ficando louca?

Não consigo ao menos olhar Alexander, que parece continuar segurando minha mão em seu… Parece um taco de beisebol. Estou mais, muito mais que impressionada.

Eu acabei de sentir tantas coisas que não consigo explicar. Sensações diferentes, mas que não foram ruins. Definitivamente não foram. Tinham jeito de novidade, mas novidade boa.

É indescritível.

— Me desculpa por isso — Alexander fala puxando minha mão e sinto o contato de pano, olhando e vendo o seu terno.

— Isso é nojento — digo. — Está sujando sua roupa.

Ele dá um risinho baixo e rouco, parecendo colocar toda sua atenção em limpar minha mão com o terno, e engulo em seco ao ver seu membro parecer deitado sobre a barriga linda e morena, que possui alguns pelos aparados. É muita beleza para um homem só.

— Você achou realmente nojento? — questiona, embolando o terno e o descartando para os bancos detrás novamente, então em uma velocidade absurda quando o instrumento impressionante na cueca e fecha a calça.

— Não — respondo. Porque não foi. — Eu me referi a você usar seu terno. Deve custar muito.

— Eu lavo — ele suspira fortemente, descansando a cabeça no banco do carro. — Como você pode sentir vontade de lamber um pau se nunca tinha ao menos tocado em um?

Desvio o olhar, estranhamente não me sentindo mal. Não, não estou. É como se eu fosse acostumada a fazer isso ou já conhecesse o Alexander, e isso não faz o menor dos sentidos.

— Não sei… É instintivo.

— Você não lambeu o meu — ele me olha. — Me fala, Renata, por que aceitou a mim?

— Você pareceu convincente — sou metade honesta, porque a outra

metade é o fato de eu estar totalmente curiosa sobre seu órgão e ansiosa para ouvi-lo gemer. Os gemidos dele são a coisa mais excitante que já ouvi.

— Não foi isso. Ao menos te disse duas palavras — seus olhos estreitam. — Sei que é bem simples amolecer o corpo de uma mulher, mas não sua essência. Você nunca tinha feito isso, deu para perceber, então por que eu?

— Estou sendo sincera… — desvio o olhar, parecendo que o carro ficou mais apertado.

— Você sabe que isso não é fácil, certo? — ele toca meu queixo e vira meu rosto para si. — Eu sou um homem que não sigo como a maioria. Você me deu algo bom, e eu gostei, e isso significa algo para mim, também espero que signifique para você.

— O quê? — questiono, muito receosa.

— Que eu quero mais — seus olhos tem uma seriedade absurda enquanto ele fala, me dando certo sentimento — e, querida, eu sempre consigo o que quero.

— Que mais você quer?

Não sei se é a melhor pergunta a se fazer, pois ele dá um sorrisinho como de vilões e… eu preciso parar de assistir tantas séries.

— Eu quero você — sua mão em meu queixo desce lentamente ao meu pescoço, ele acompanhando o caminho com o olhar. — Mas quero por completo.

— Lamento por você — me afasto do toque quente e tentador.

— Eu não me importo que me diga não agora. É claro que você dirá isso, porque não me conhece, eu aguento no momento. Posso conquistar você.

Então eu rio, porque não me resta outra coisa a fazer.

— O que isso quer dizer? — rebato.

— Quer dizer o óbvio, querida — ele inclina o corpo para meu lado, então seus lábios raspam nos meus. — Eu sei tratar uma mulher.

Eu sei que ele sabe, não tenho dúvidas disso, mas…

— Onde você quer chegar? — pergunto.

— A conquista é uma tarefa diária, Renata — seus lábios desviam para meu pescoço e começo a receber beijinhos rápidos, gentis. Isso é… diferente. — Estou disposto a fazer isso por você.

— Eu não estou entendendo — empurro-o pelos ombros. — A custo de quê? O que você ganha com isso?

Ele se afasta, então seus olhos brilham quando sorri, sua mão se erguendo até mim e Alexander aponta em meu peito.

— Meus peitos? — Pareço indignada e estou.

— Não — ele ri —, embora eu esteja muito curioso, mas eu me referia ao seu coração. Posso ganhá-lo te conquistando.

— O quê? — Estou indignada, mas surpresa que alguém tão inteligente seja tão babaca. — Você quer o meu coração?

— Não quero, mas é consequência de uma conquista bem sucedida.

— Sua conquista não vai dar certo, sinto te informar — sorrio de incredulidade.

— Por que acha isso? — ele parece bem sério.

— Porque eu não me apaixono.

— Não se apaixonava, porque agora eu cheguei — ele liga a chave de ignição depois de colocar o cinto. — Vamos fazer um trato, o que acha?

— Que tipo de trato? — coloco meu próprio cinto.

— Se você se apaixonar por mim, nós transamos, senão, somente se — solta um suspiro entrecortado —, eu confesso em alto tom que não sei conquistar uma mulher a ponto de fazê-la me amar.

*Frustrado?* Foi isso que eu entendi? Oh, minha nossa. Quem tem coragem de frustrar alguém tão… Alexander.

— Você não vai querer isso, transar comigo — pontuo. — Eu nem sei o que ou como fazer.

— Eu vou te ensinar e isso é o espetacular. Você parece uma ótima aprendiz.

— Por que está dizendo como se já tivesse certeza? — pergunto intrigada.

— Porque eu trabalho com verdades. E cálculos — um ombro se levanta em presunção. — As chances de você se apaixonar por mim são muitas.

— Não está você equivocado demais? — eu riria se não estivesse me sentindo tão à vontade. Parece que conversamos sobre isso há dias e não faz sentido, porque mal nos conhecemos.

— Renata, por favor — ele me olha rapidamente —, nunca estou equivocado sobre o que sou capaz. Não se preocupe, isso não é um jogo. Entenda apenas como algo que já estou te adiantando do futuro.

— Bom — sorrio, incrédula —, suponhamos que eu me apaixone por você, nós transamos, e depois?

Seu semblante endurece novamente e posso vê-lo pensar. Ele não tem uma resposta para isso.

— Depois eu fico apaixonada e você se vangloria? — emendo.

— Não — sua resposta sai mais baixa. — Eu não pensei sobre o depois.

— Então, quando você tiver uma resposta, eu penso sobre voce tentar me

conquistar.

Alexander fica em silêncio, o que é estranho e, só depois que estou olhando o caminho em silêncio por alguns minutos, ele fala:

— Tudo bem, eu vou pensar em uma resposta.

Ele vai pensar? Não. Vai me fazer rir.

# Capítulo 26

— Não quero comprar cuecas — eu digo, porque já não foi embaraçoso o suficiente o que aconteceu há instantes, Alexander achou adequado que façamos algumas compras íntimas para ele.

— Você é minha assistente — ele me olha. — Não esqueça disso. E não é sobre você querer, ou isso não seria um trabalho.

Evito um suspiro frustrado, então o sigo para dentro de uma loja no shopping, ele, como sempre, chamando toda a atenção para si. Das vendedoras.

Alexander começa a andar por entre as prateleiras e cabides, dando um olhar superficial até chegar à parte de roupas íntimas.

Foco em um manequim vestido com um pijama lindo. É um shorts verde musgo e uma camisa branca de algodão, mas é muito lindo.

— Gostou? — a pergunta me faz perceber que ele já está ao meu lado.

— Ficou lindo no boneco.

— Então eu vou levar, afinal, tenho um corpo melhor.

O olho, incrédula.

— Você não cansa disso? — caminho além, olhando outras peças.

— Canso do quê? — ele me segue.

— Querer ser melhor até que um manequim… É quase problemático.

Ele dá um pequeno riso.

— É involuntário. O que acha dessas?

Paro e olho para trás, o vendo segurar um kit com cuecas rosas. Dou um sorriso.

— Ficaria sexy com seu tom de pele — respondo.

— Ótimo, eu levo.

— Mas eu não vou ficar te olhando de cueca…

— Deixo essas para usar quanto tiver te conquistado — recebo uma piscadela, ele me arrancando outro sorriso, ainda maior.

Parece muito surreal? O meu chefe querer me conquistar? Acho que não. Ele não quer isso como no ofício, mas como a pessoa. E, mesmo que não deva, eu gosto dessa ideia.

Como será ser conquistada por Alexander Damon?

— Vermelho também combina com você — eu digo quando o vejo avaliar

mais pacotes de cuecas. — Branco, preto, azul escuro… Acho que todas as cores.

Ele ergue uma sobrancelha, mas logo assente.

— Por isso preciso de uma assistente, nunca sei o que levar. As moças das lojas me auxiliam, mas não é a mesma coisa como alguém que me conhece.

Dou uma risadinha, adorando a forma como ele fala quando parece perdido.

— Eu não conheço você, mas consegui identificar o que combina mais — explico.

Ele me olha e dá um sorriso curto.

— É, mas mesmo assim… — seu olhar se mantém em mim por longos segundos, os cílios cheios por cima dos olhos castanhos e profundos, o que acentua mais ainda o impacto de me encarar. — Eu sei lá, é diferente.

— O quê?

Alexander abre a boca para responder, mas logo fecha, então balança a cabeça em negativa e parece desistir.

— Nada. Digo, o fato de você me indicar exatamente o que levar — ele vai até o manequim do pijama que gostei, pegando um igual nas prateleiras. — Pegue mais seis pacotes de cuecas para mim, por favor, eu vou esperar voce na área de pagamento.

— Aonde você vai?

— Fazer uma ligação — responde simplesmente, então sai com os pacotes que pegou, me deixando para trás e não gosto quando sinto a sensação de vazio por vê-lo ir.

※※※

Eu não acredito que estou sozinha em casa porque o chefe de Bianca a levou para a própria casa. Ela nem explicou direito quando bateu o telefone na minha cara.

Não sei se era raiva. Estava mais para desânimo.

Alexander também tentou me convencer a ir à sua casa, mas é claro que declinei. Depois do que houve no carro, aquele episódio inédito e memorável, não vou arriscar ficar sozinha com ele de novo.

Pode acontecer algo pior.

Meu celular vibra na mesinha de centro e estendo a mão para pegar, enquanto *Once Upon a Time* passa na TV.

É uma mensagem.

**Chefe Mala: Oi.**

Não sei exatamente por que, mas sorrio.

**555-5432: Oi, aconteceu alguma coisa?**

**Chefe Mala: Não. Eu estou só querendo saber como você chegou… Bem?**

**555-5432: Bem, obrigada. E você?**

**Chefe Mala: Também...**

**555-5432: ☺**

**Chefe Mala: Seu sorriso é mais bonito do que essa bola redonda com uma boca.**

Dou risada, apesar de não dever, porque ele disse que não era o tipo de chefe que procurava depois do horário de trabalho.

**555-5432: Obrigada, eu acho**

**Chefe Mala: O que está fazendo?**

**555-5432: Assistindo, e você?**

**Chefe Mala: Ah, acho que com saudades da minha assistente.**

**555-5432: Se mentir, a conquista não vale :"(**

**Chefe Mala: Ainda não faz parte da conquista. Ainda nem te dei uma resposta. Estou sendo sincero.**

**555-5432: Acredito… 😁**

**Chefe Mala: Independe se acredita ou não, o que sei é o que sinto. Posso ir aí?**

Uma risada alta é inevitável.

**555-5432: Não**

**Chefe Mala: Por quê? Tem medo ou receio? Eu só iria te fazer companhia.**

**555-5432: Não boto muita fé nisso…**

**Chefe Mala: Tudo bem… Então acho que vou ter que encontrar outra companhia. Boa noite.**

**555-5432: Boa noite *-***

Desligo o celular e coloco de volta na mesa, não sabendo se devendo, mas fico imediatamente triste.

*E se ele estivesse sendo sincero?*

# Capítulo 27

Eu ouço o barulho ao longe. É distante e perturbador, então aos poucos vou me dando conta. Abro os olhos e percebo que alguém está batendo na porta de forma insistente.

Levanto de forma abrupta, parando um pouco quando minha visão fica escura pelo movimento rápido, mas logo retomo os passos.

Chego à porta e a abro, imaginando ser Bianca que esqueceu sua chave.

*Mas não é, e eu já devia supor.*

— Alexander?

— Oi — diz somente, tirando as mãos dos bolsos da bermuda e gesticulando para mim de um jeito estranho. — Por acaso você estava dormindo?

— Acho que acabei cochilando, mas o que você está fazendo aqui? Como conseguiu subir?

— Liguei para você e não fui atendido, então fiquei preocupado e vim até aqui.

Minha mente ainda está embaralhada, então eu apenas tento demonstrar todo meu desentendimento.

— O porteiro… — começo, mas sou interrompida.

— Precisei mentir e disse que era seu namorado novo, que você tinha chegado um pouco bêbada e eu precisava ver se estava bem — ele aponta dentro do apartamento. — Vai me convidar para entrar?

— Não deveria — respondo, ainda segurando a maçaneta e não me dando tempo de ficar impressionada por sua audácia. — E você não deveria ter vindo aqui também.

— Bom, mas já estou aqui, e o mais educado seria me convidar para entrar.

— Não acho uma boa ideia, mas, tudo bem, pode entrar.

Eu lhe dou espaço para passar e Alexander entra, parando no meio da pequena sala e analisando. Seu olhar logo procura o meu e ele dá um pequeno sorriso.

— Então a Renata mora aqui? — questiona.

— Moro. Por que usou a terceira pessoa se está falando de mim?

— Porque o Alexander fala como quer — dá um sorriso e vai ao sofá, sentando-se; de quebra, de forma muito confortável com as pernas levemente separadas, um braço por cima das costas do estofado e o peito convidativo quase me chamando por baixo da camisa branca.

Se não é uma obra de artes em cores e vida na minha sala, então eu não sei. E se estava dormindo, acabo de acordar.

Pigarreio quando seu olhar castanho brilhante e penetrante me atinge em cheio. São os olhos mais maravilhosos que já vi. Não tem azul ou verde que superem essa cor linda.

Parecem olhos de lobo.

— Então — ele diz enfim, mudando o olhar para a TV —, estava vendo algo bem entediante?

— Alexander, por que está aqui? — eu repito a pergunta. — Como soube daqui?

— Ah — ele finge desdém —, Arthur me ligou há uma hora, pediu para avisar que sua amiga deixou o celular aqui e que dormirá fora hoje. Assuntos do ofício.

— Assuntos do ofício? — cuspo, incrédula. — Duvido muito que tenha a ver. É o mesmo de você estar no meu sofá como se estivesse acostumado.

— Você explode à toa — seus olhos se estreitam —, talvez você precise de algo para te acalmar... como carinhos.

— Não — nego, tentando não amolecer, porque olhá-lo nessa pose, enquanto me diz tudo isso com a voz deliciosa, está me matando aos poucos. — Nada de carinhos. Você não achou sua companhia?

— Admito que não. A sua é melhor, meu bem. Por que não se senta aqui comigo e assistimos o que quer que você esteja perdendo seu tempo vendo?

Abro a boca, só para fechar.

— Lidar com você já é desgastante o suficiente para não distrair a mente com algo — respondo, esfregando o rosto como uma forma de me sentir mais paciente.

— Eu discordo de você, mas, tudo bem, não precisamos concordar — ele bate no espaço vazio ao seu lado. — Vem, linda, senta comigo.

Faço uma careta inevitável.

— Odeio que me chamem de linda — pondero.

Ele ergue as sobrancelhas, em óbvia surpresa.

— Ahn… Tudo bem, não sabia, mil desculpas. Então senta aqui, feia.

Seguro a risada, porque não posso rir, principalmente com o sorrisinho

implicante que ele dá; então apenas reviro os olhos.

— Não vou sentar aí — deixo claro.

— Meu colo está disponível então. — Meu olhar indevida e inevitavelmente vai para as pernas longas e musculosas, enchendo minha boca de água simplesmente por lembrar de mais cedo. — Eu sei que você gostou. Entendo, é mais confortável.

— Você é muito idiota — digo e vou para a cozinha, indo ao filtro em busca de água para reativar as ideias.

Não demora até eu ouvir os passos, então a voz dele.

— Tudo aqui é muito arrumado, eu gostei — diz. — Adorei os quadros coloridos. Combina com você e com sua amiga elétrica.

O encontro em pé perto de um dos armários, as mãos nos bolsos da bermuda, parecendo muito masculino e potente. Ele é muito alto, moreno e delicioso. E essa barba… esses olhos… Olha esse cabelo. Minha nossa… É difícil suportar olhar sem querer. Querer para valer.

— Vocês que decoraram? — pergunta e entendo que ele quer arrumar um assunto, o que é o mínimo que deve fazer já que veio à minha residência.

— Não, um pônei veio aqui e decorou para nós — vou até a geladeira e pego a torta de chocolate que fiz pouco antes de cochilar. — Quer um pedaço?

— O pescoço?

— Quê?

— O quê? — ele rebate.

Balanço a cabeça, não entendendo, então vou pegar uma faca e os pratos.

— Quer ou não?

— Aceito, claro — responde. — Não se nega comida de uma dama.

— A menos que a dama tenha envenenado sua comida e use de sua sensualidade para fazer você comer, assim te matando e pegando suas riquezas.

Ele fica em silêncio por uns segundos, então emite um som engraçado, bem grave.

— Isso é você me dizendo o que vai fazer comigo ou é só por estar vendo muita porcaria em filmes? — pergunta.

Sorrio, cortando a primeira fatia.

— Sem chance de ser o primeiro, eu não tenho sensualidade. Vem pegar seu pedaço.

Seus passos se aproximam e de repente levo um susto quando sinto o calor me preencher por todos os lados.

Alexander está com os braços ao redor da minha cintura em instantes, sua

boca começando a encher a lateral do meu rosto com beijinhos rápidos, até chegar ao meu pescoço.

— Está louco? — questiono, deixando a faca na bancada. — Alexander!

— Você pediu para eu vir pegar meu pedaço e eu escolhi o pescoço — sua voz está baixa de propósito, me provocando vários arrepios.

— Eu quis dizer pedaço de torta, idiota — me desvencilho e ele me solta, dando alguns passos para trás. — Vai embora.

— Desculpa, eu só não tinha entendido… — alisa a barba, mas logo se aproxima novamente e pega o prato, ainda assim me dando um beijo de raspão na bochecha e se esquivando rapidamente. — Vou te esperar para gente perder tempo juntos assistindo alguma coisa. Não demora, querida.

Ele se vira e sai andando de volta à sala, me deixando indignada e toda boba para trás.

Mas o que estou pensando? Ele nem deveria estar aqui.

# Capítulo 28

— Coloca outro episódio — Alexander diz, chamando minha atenção.

— Não foi você que disse que eu estava perdendo tempo? — rebato, olhando-o.

Ele está delicioso, como sempre é, sentado ao meu lado como se sentisse à vontade. E não preciso destacar o fato de como fica lindo concentrado. Parece realmente uma escultura.

— Achei interessante — responde somente. — A menos que você queira sair e fazer algo.

— Não, vou descansar. E você, não vai embora?

Ele estreita os olhos, as sobrancelhas escuras e grossas se unindo, deixando-o muito quente e sério.

— Entendi errado ou você está me expulsando?

— Não, eu só quero saber mesmo, porque não costumo receber visitas em minha casa, ainda mais se tratando de homens ricos, arrogantes e bonitos — sorrio.

— Isso foi uma implicância. Você está implicando comigo, tentando me irritar, Renata? — pergunta e se aproxima mais do lado que estou, seu braço vindo por trás de mim e de repente estou cercada por Alexander. E fica muito claro o que quer.

Já não bastou o que aconteceu em seu carro mais cedo…

— Não, é a verdade — seguro um riso simplesmente por ele parecer tão irresistível.

— Acho que estou entendendo… Você gosta que eu fique com raiva — conclui, seu olhar acima do meu, então ele desvia para minha boca.

Seu cheiro bom me atinge e inebria, me obrigando a dar uma respirada funda, eu temendo me perder e amolecer. E esses olhos me perfurando… Deve ser a coisa mais quente do mundo olhá-lo enquanto...

— O que foi? — sua voz me tira dos pensamentos.

— O quê?

— Você está me olhando, mas parece com a cabeça em outro lugar. Preocupada com algo?

— Não — sorrio e desvio o olhar. É demais olhá-lo por muito tempo.

Deveria ser parabenizada a pessoa que consegue, sem se sentir intimidada. — Eu apenas... — pigarreio — Estava divagando.

— Por que divagar se existem coisas para interessantes para se fazer, não é mesmo?

— Vamos assistir outro episódio — pego o controle e, quando vou apertar o botão, Alexander o pega de minha mão, jogando-o no chão, de forma que eu tenho certeza que quebrou pelo barulho. — Você quebrou o meu controle — o repreendo, indignada.

— Compro outro para você, só para de fingir que não está me querendo, por favor, e nós estaremos entendidos.

— Quê? — Estou desentendida e surpresa, não entendendo mesmo. Eu não estou fingindo nada. É claro que o quero, até ele sabe, não é um fingimento.

— Quero sair com você.

— Sair comigo? — sorrio, tentando acompanhar sua lógica e raciocínio.

— Amanhã é sábado, eu tenho um lugar incrível para te levar.

— Isso faz parte da conquista? Porque você ainda não me deu uma resposta sobre o que acontece depois de me conquistar — o lembro.

Ele umedece os lábios, os olhos lindos não desviando dos meus um instante sequer. É incrível essa capacidade que ele tem. Admiro, e não é pouco.

— O futuro é desconhecido, Renata — ele suspira, parecendo um pouco desanimado. — Eu não posso afirmar o que realmente vai acontecer depois. Provavelmente você vai querer experimentar mais… Com outros homens e… — ele engole em seco. — Vai querer variar e testar, e… — ele se cala de repente, fechando os olhos e soltando um grunhido.

— O que houve? — toco seu braço, que é quente e rijo, exatamente como o seu… taco.

— Odiei pensar isso… — me olha novamente. — É necessário que eu deixe algo claro para você — se inclina mais em minha direção —, se você transar comigo não vai querer fazer isso com mais ninguém. Eu sou insubstituível nisso. Ninguém vai te causar as mesmas coisas que eu.

Ergo as sobrancelhas, obviamente muito surpreendida.

— Não?

— Não, porque eu sou o melhor, já disse isso a você — sua mão direita vem ao meu rosto e começo a receber carinho de seu polegar na bochecha e queixo. É maravilhoso. — Eu não brinco em serviço, Renata.

— Em outras palavras e fazendo uma síntese de tudo que me disse — tento sorrir —, está me dizendo que eu ficarei muito ferrada depois?

— Não — ele responde de imediato, parecendo chocado pela minha conclusão. — Óbvio que não, Renata.

— Então quer dizer o quê?

— Que você estará apaixonada e… — as palavras morrem em sua boca, então de repente ele se afasta, levantando-se de forma enérgica. — Foi uma péssima ideia. Me desculpe. Eu não quero que fique mal depois… Seria egoísmo te conquistar para… Para nada.

— Apenas por minha virgindade, você quer dizer.

— Também — ele de repente não consegue mais olhar diretamente para mim e parece inquieto. — Eu apenas pensei que pudesse ser algo tranquilo, mas obviamente você não tem experiência ou maturidade para sair ilesa de algo assim.

Eu realmente estou tentando acompanhar seu raciocínio, mas também realmente não estou conseguindo.

— Conclusão? — questiono.

— Apenas… me desculpe — me olha rapidamente. — Não deveria ter cogitado isso. Não devia ter deixado você me seduzir na piscina.

Então eu estou chocada.

— Eu te seduzir? — me levanto, apontando para mim mesma. — Eu não te seduzi, Alexander.

— Não de propósito, não, não foi — ele coloca as mãos nos bolsos da bermuda, como se não soubesse o que fazer com elas. — Foi involuntário, mas você me olhou com olhar de desejo, deixando explícito que estava com vontade… Eu não me esforcei o suficiente para resistir, então, desculpa, não vai acontecer de novo.

— Deixa eu ver se entendi… — estreito os olhos. — Você está me repelindo?

— Não, apenas me desculpando pela má forma que agi… — ele olha o relógio no pulso. — Preciso ir embora, agora estou me sentindo mal porque vi a realidade de fato. Não vou ser um filho da puta nesse nível.

— Ei, olha a boca. Eu nem estou entendendo porque você ficou assim do nada — digo. — Mas, se tomou sua decisão, quem sou eu para rebater.

— Exato — ele caminha para perto da porta, então para e me olha de novo. — Mais uma vez, me desculpe, nós nos vemos na segunda.

— Você não disse que tinha um lugar para me levar amanhã? — falo, antes que ele saia.

— É melhor não.

— Mas você já tinha dito, Alexander — eu me recrimino por parecer carente e idiota. — Por que você está agindo assim do nada? O que eu fiz?

— Nada, Renata. Você não fez nada. Até.

Então ele vai embora, sem qualquer sentido e eu caio sentada no sofá de novo, me sentindo triplamente idiota por querer chorar.

Ele me deu o fora.

# Capítulo 29

Estou há duas horas sozinha na sala de Alexander. É segunda e ele realmente não me procurou mais depois que saiu da minha casa daquele jeito muito estranho.

E como se não fosse ruim o suficiente, não vejo Bianca também desde aquele dia. Ela está viajando com o chefe, o que me deixou surpresa, mesmo sendo profissional. Nem era mais seu horário quando ela o encontrou novamente na sexta depois da festa.

Dou um suspiro frustrado, jogando os papéis que tenho sobre as pernas no espaço vazio do sofá de couro e cobrindo o rosto com as mãos, me sentindo mal, cansada e com fome.

Eu odeio estar pensando nele 24 horas. É inevitável. Vivi com ele em apenas dias, o que não vivi em toda vida. Isso é especial. Pelo menos para mim.

E diferente. Sem dúvidas, muito diferente.

Ouço um ruído e descubro o rosto, olhando diretamente para a porta, mas não é Alexander que vejo, e sim outro homem.

— Bom dia — me cumprimenta. — O Alexander está? — ele gesticula a porta. — A secretária não estava, então eu pensei que tudo bem entrar.

— Se existe uma secretária, é para que sua entrada seja avisada e permitida, então não está tudo bem.

Ele ergue as sobrancelhas, dando um meio sorriso.

— Beleza, acho que você está certa.

— Eu tenho certeza — me levanto e vou até ele. — Quem é você?

— Meu nome é David, sou um dos executivos — o sorriso prevalece. — Eu não te conheço.

— É porque nunca me viu. Sou Renata, Assistente Pessoal do Sr. Damon — respondo.

— A que nível ele chegou… — parece pensar alto. — Até Assistente Pessoal. Tão esbanjador que não me impressiono.

— Chega um ponto que você o conhece e nada de arrogante, presunçoso ou fora do comum soa impressionante vindo dele — concordo com seu pensamento, mas então algo me faz olhar para a porta de novo.

— Fox, o que te traz à minha sala?

É o Alexander, e ele nem se fez notar antes. Quando o percebemos, apenas

passa por nós e se direciona à sua mesa.

O homem que conversa comigo apenas me dá um sorriso e vai encontrá-lo, e eu volto ao meu lugar, tratando de juntar rapidamente as folhas que joguei.

Consigo ouvir a conversa, mas não faço ideia do que se trata, então apenas tento manter o foco no que estou fazendo, que é separar os documentos de cada empresa por nomes… e isso é uma tarefa chata, monótona e aparentemente desnecessária.

— Tchau, Renata.

Levanto a cabeça e vejo David já a caminho da porta, então dou um leve aceno em despedida, voltando rapidamente os olhos para as folhas.

Um silêncio gritante cobre o ambiente e eu quero dizer algo, mas sei que não devo. A atmosfera está pesada e eu não gosto disso, porque esse não é o Alexander que conheço. Ou conheci.

Antes de ele me fazer parecer bem idiota em dizer aquelas coisas e me deixar…

— O que você quis dizer com aquilo? — sua voz corta os ruídos de silêncio e eu o olho de imediato, percebendo que ele tirou a barba.

Diferente, mas continua tão lindo como com ela.

— Aquilo o quê? — Não estou bancando a desentendida, eu realmente não sei o que está perguntando.

— O de não ser impressionante que coisas ruins venham de mim.

Minhas sobrancelhas se erguem, em surpresa óbvia.

— Eu não disse isso — rebato.

— Você disse — seu tom se torna estrondoso. — Eu cheguei no exato momento que você estava dizendo ao Fox que tudo que é "arrogante, presunçoso ou fora do comum" não é impressionante vindo de mim — agora ele parece descrente. — Essa foi a impressão que eu te dei, Renata?

Fico em silêncio um momento, vendo que ele realmente parece decepcionado por isso, então concluo que é uma boa oportunidade para falar sobre o que estou sentindo.

— Eu não diria isso se você não tivesse me deixado como um louco — gesticulo, agora um pouco agoniada. — Nem entendi o que foi aquilo. E hoje chego no horário, nem um minuto a mais e nem a menos, e você não está. Isso foi muito idiota.

Ele solta um som esganiçado.

— Você acha que eu me atrasei por sua causa? — questiona.

— Tenho quase certeza, mas você me parece bem imprevisível, então não

vou afirmar, porque posso ouvir algo que também não estou esperando.

— Por que está com raiva? — Agora parece indignado. — Eu deixei claro estar fazendo o melhor para você em desistir daquilo…

— Daquilo… — rio incrédula, voltando a atenção às folhas. — Você só estava rindo da minha cara o tempo todo.

— É óbvio que não, Renata. Você não entendeu o que tentei te explicar, e não teria como mesmo... — ele bufa, praguejando algo. — Fiz o que era melhor para você, justamente para isso, para te proteger.

— Me proteger do quê? — o olho de novo, já absorta. — Do que, Alexander?

— De mim.

Seu tom sai tão melancólico e ao mesmo tempo sério, que por um momento que isso é sobre ele e não sobre mim.

Se tem algo errado, não é por minha causa, e sim dele. É o que posso concluir.

— Por que de você? — pergunto, imediatamente curiosa.

— Porque eu não me importaria  te deixar de lado logo depois… Não porque não ligo, apenas pelo motivo de não conseguir me apegar a ninguém.

— Isso quer dizer que você pega e vai embora?

Ele estreita os olhos, então desvia rapidamente o olhar do meu.

— Não se preocupa — emendo —, você deixou isso bem claro quando disse ter encontros casuais e não lembrar deles depois.

Não sei exatamente por que, mas é ruim e decepcionante falar isso.

— Você chegou ao ponto. Exatamente isso que não quero que aconteça com você, que se sinta como apenas um encontro casual — sua voz suaviza. — Não foi pro seu mal, apenas bem.

— Certo — volto a atenção à minha tarefa.

— Tudo bem, eu entendi.

— Obrigado por entender — ele hesita. — E, Renata, não me atrasei por sua causa. — Volto a olhá-lo, me arrependendo quando vejo o semblante fechado. — Foi por conta de um encontro casual.

Então ele leva a atenção ao seu computador, me deixando um pouco aérea.

Um pouco não, muito.

Isso foi para me fazer sentir mal? Parece que foi.

# Capítulo 30

Minha cabeça está explodindo quando deixo minha sala. São quase nove horas da noite e eu tive um dia mais que estressante.

Eu tinha que fazer uma viagem de última hora, mas Arthur foi em meu lugar, sem me avisar, então precisei reaver tantas ligações importantes, que me senti desgastado.

Não sei exatamente por que ele fez isso e também não tive tempo para questionar, adiando isso para amanhã, simplesmente pelo fato de seu pequeno show ter me feito chegar atrasado e dar más interpretações para minha assistente.

Mas foi melhor assim. Ela já estava muito vulnerável e isso não é um bom sinal. Eu não gosto de criar afeto, por precaução. Não estou querendo e nem pronto para isso.

Tenho que ter mais alguns encontros antes de realmente tentar algo sério. Mesmo porque ainda não senti essa vontade por alguém. Ninguém me prendeu assim, ou me fez despertar esse desejo.

E realmente não espero isso tão logo.

Ligo o carro e dirijo tranquilamente para fora do estacionamento, me surpreendendo quando em poucos instantes as gotas grossas de água começam a bater no vidro.

Particularmente, eu não gosto de chuva. Me faz sentir… Solitário. Chuva lembra frio, e isso lembra calor, e calor lembra corpo, e eu só tenho o meu.

Não é como se qualquer mulher fosse fácil de sentir bem abraçado. Não pra mim. Eu tenho que sentir, mesmo que um pouco que seja, ou se torna apenas uma coisa. E coisas são objetos. Isso faria de mim um péssimo homem, por fazer isso.

Então eu apenas fico sozinho quando chove, porque é a minha opção.

Meu celular toca no interior do terno, e eu conecto rapidamente no fone, ouvindo ruídos ao atender o número desconhecido.

— Alexander falando.

Mais ruídos, então uma tosse, seguida de um suspiro entrecortado.

— Oi — respondem. — Desculpa ligar essa hora…

— Renata? — Eu estou surpreso.

— Sim, eu liguei para avisar que estou me demitindo.

— O quê? — quase freio bruscamente na rua, pego de surpresa. — Por quê?

— Eu não vou conseguir continuar com você, então prefiro me demitir, porque aconteceu demais. Aconteceram coisas demais.

— Não — minha negação é imediata. — Não aconteceram. Você não pode simplesmente me ligar e dizer que se demitiu. Não pode. Porra, não faz isso.

Estou com raiva agora. Muita raiva, mas não demonstro. Tento soar o mais normal possível.

— Eu posso — rebate. — Você só paga a semana que trabalhei, ou nem isso, se não quiser. Apenas...

— Estou indo aí — a interrompo, avisando somente, então acelero e vou em direção ao seu apartamento.

Ela vai ter que me explicar.

※※※

Preciso aguardar uns cinco minutos enquanto Renata não abre a porta. Para minha felicidade, o porteiro realmente acha que sou seu namorado, então essa complicação não tive.

Quando a maçaneta rui, em instantes tenho uma mulher muito arrumada à minha frente. Ela realmente está deslumbrante.

E eu preciso me segurar para não questionar exatamente o motivo disso.

— Por que você está se demitindo? — sou objetivo na pergunta, porque realmente quero saber o motivo.

— Eu poderia dizer que é por sua causa, mas vou ser honesta, Alexander — sua voz parece tão séria que não gosto. Nenhum pouco. — Hoje, quando estava vindo embora, encontrei com o Sr. Fox e ele me recomendou a empresa de um amigo. Me interessei e farei uma entrevista amanhã.

— David?

Ela assente.

*Filho da puta*.

— Certo — dou um sorriso cínico. — Então você prefere abandonar o que

eu te dei, um emprego em um ótimo cargo sem ao menos te conhecer, para ir a um desconhecido que você só cumprimentou? E eu sou arrogante…

Seu olhar suaviza e ela olha para baixo um instante, meu olhar indo para o vestido acentuado perfeitamente em seu corpo, deixando-a como um… sonho.

É de salivar. Principalmente quando vem à tona a nossa cena no carro, sua vontade de entender e a forma fácil que é lidar com ela quando parece com vontade de estar comigo.

— Desculpe… Acho que sou tão ruim como você — sua voz sai um lamento, então ela chia algo baixinho. — Mas não tem como eu continuar te vendo depois de… tantas coisas.

— Você me viu — dou dois passos à frente, me aproximando dela. — Não é isso que está te incomodando, e sim o fato de querer mais e saber que não vai ter.

Ela me olha, seus olhos assumindo um brilho irresistível, o que me faz engolir em seco, tamanha a vontade que surge imediatamente de beijá-la.

— Aonde vai? — a pergunta escapa diante da sua ausência de resposta.

— Ah — olha o vestido preto. — Bianca me convidou para ir a um lugar que seu irmão a levou, mas depois cancelou e logo você chegou e não tive tempo de tirar.

— Sua própria amiga te deu um bolo?

— Ela é assim — dá de ombros.

— Fico feliz que não tenha dado tempo, você está terrivelmente linda e isso acabou de melhorar o meu dia em um nível que você não faz ideia.

— Terrivelmente?

— Para mim. Terrível pelo que disse e prometi.

— Não me lembro de você ter me prometido algo — as sobrancelhas se erguem, em estranhamento, mas meus olhos estão mesmo em seus lábios.

Convidativos, chamativos e suaves. São também doces e macios, e soltam os gemidos mais terrivelmente torturantes quando ela está chegando ao ápice.

E odeio lembrar isso no momento, porque posso sentir a mudança quando a calça parece incomodar alguém que quer se libertar [também].

— Eu prometi — pigarreio, tentando me manter centrado. — Disse que não ia mais conquista você.

— Mas quem está falando em conquista?

Talvez eu esteja errado. Ou apenas pensando com a segunda cabeça. Mas, quase, quase tenho certeza que sua pergunta saiu ambígua e isso me tira de todos os controles possíveis.

Sem pensar, dou mais um passo à frente e olho-a nos olhos.

— Agora, ninguém — começo a caminhar, incentivando-a ir mais para trás, então bato a porta com o pé, adorando ver o jeito como o fogo chega aos seus olhos. — Não precisamos de conquista nisso.

— Nisso o…

Interrompo suas palavras colando meus lábios aos seus, enlouquecendo quando suas unhas cravam em meus braços e ela geme na minha boca.

E, *tudo bem*, isso não é uma conquista.

# Capítulo 31

Alexander está me beijando de um jeito quase doloroso de bom. Tem algo diferente. É como se ele estivesse com sede e minha boca fosse água.

Posso estar errada, mas não quero acabar com isso.

Não quando meu corpo ferve por seu toque. E de repente suas mãos estão em todos os lugares que alcança, ele me puxando mais em direção ao seu corpo quente e delicioso, gemendo roucamente dentro da minha boca.

Essa definitivamente é uma das melhores sensações que já tive em minha vida.

E começo a esquentar de verdade quando sinto sua língua ultrapassar meus lábios, suas mãos subindo meu vestido de um jeito fugaz e apertando minha bunda com força; mas de um jeito que não é ruim, do contrário, é excelente.

Meu corpo se arrepia pelo contato novo e bem-vindo das mãos grandes e firmes, sua boca parecendo ainda mais desesperada na minha enquanto sua língua começa a passar por cada canto.

Estou ofegante já, quase sem ar, levando as mãos à sua nuca e tentando acompanhá-lo na ação.

Mas de repente tenho um pequeno susto quando ele se inclina um pouco e me pega no colo, sem desviar a boca da minha e sabendo exatamente onde vai.

Eu repito, talvez seja mesmo um erro, mas não estou nem aí. Já me preocupei muito em fazer o certo e sempre acabo na pior. Talvez seja hora de errar um pouco mesmo.

Sinto o macio do sofá, Alexander se afastando e me olhando de cima, enquanto acompanho o momento que ele se ajoelha ao mesmo instante que suas mãos separam meus joelhos.

Ele está de frente para minhas pernas e isso me deixa muito apreensiva, mas não vou voltar atrás. Ele não pode simplesmente sair à essa altura.

— Tira a camisa — peço, não sabendo bem o motivo, talvez porque seu peito moreno e suculento seja uma das visões mais excitantes que tive.

Recebo um sorrisinho como resposta, então rapidamente ele se desfaz do terno e abre a camisa social, tirando-a com a mesma velocidade e jogando igualmente no chão.

Suspiro, apenas por ver a imagem quente do homem lindo que é Alexander

entre minhas pernas.

— Agora é sua vez — ele fala e não digo nada, apenas observo a forma como suas mãos saltam para subir meu vestido até a cintura e ele segura por baixo dos meus joelhos, me puxando mais para a borda do sofá.

O gemido que emite é tão excitante que eu me remexo.

— Que lingerie comportada — diz, seu olhar encontrando o meu, e ele sorri, mas eu não quero isso, então o puxo em minha direção como consigo e o beijo novamente.

Dessa vez é algo explosivo. Principalmente quando sua mão se infiltra em minha calcinha e ele me toca com seus dedos longos, me deixando derretida sobre o sofá.

É um misto de sensações incríveis. Relaxamento, calor, calma… Tudo muito bom e parecendo muito certo, mesmo que não seja, mas Alexander está realmente fazendo parecer.

Ele mordisca meu lábio inferior por uns segundos antes de se afastar, então, sabendo exatamente o que vai fazer, suas mãos seguram às bordas da minha calcinha e a puxa para baixo.

Já estou aqui e não quero voltar atrás, então o ajudo, erguendo os quadris para ficar sem a peça.

Alexander a joga longe e solta um rugido ao separar minhas pernas, me puxando mais para frente e colocando uma em cada ombro seu.

Estou alucinada de todas as possíveis formas.

Isso nunca aconteceu antes, mas não me sinto mal, nem mesmo com vergonha – não agora, quando ele parece com o olhar brilhante e então me olha, soltando uma lufada pesada de ar.

— Você salvou o meu dia — sua voz se perde quando ele simplesmente abaixa a cabeça e eu sinto o rastro quente de fogo, me fazendo quase pular sobre o sofá.

*Minha. Nossa.*

Trago uma mão à boca, temendo ser uma escandalosa, mas, se for, não sou exatamente culpada.

Não sou, porque Alexander está me lambendo. Ele realmente está. E parece gostar, porque começa a gemer de um jeito muito gostoso de ouvir e eu começo a pesar.

*Sim, começo a pesar de verdade*. Eu me sinto assim, prestes a querer alívio de tudo.

E não é explicável quando começo a me mexer demais, sua boca persistindo

em mim e seus olhos se erguem aos meus, e isso já é demais.

É realmente demais olhar em seus olhos enquanto sua língua está… em mim. É explosivo, surreal, insuportável.

— Meu Deus — aperto o sofá como posso, meus olhos se fechando de forma automática, o calor entre as pernas sendo difícil de processar.

Isso é tão bom que eu quero gritar.

Alexander começa a intercalar a lambidelas com chupadinhas, e isso parece o meu fim. Eu vou cair. Não sei como dizer, simplesmente é o que parece. O peso vai me fazer cair.

— Você é muito deliciosa — ele diz, e logo depois recebo uma mordidinha no interior da coxa, me fazendo revirar os olhos. — Seu gosto é facilmente viciável. Estou ficando louco.

Abro os olhos para vê-lo, prendendo um gemido por ver seu semblante de satisfação. Ele realmente está gostando de fazer algo que eu adorei.

Se não é a melhor coisa da minha vida, então não sei.

— Não existe nada mais quente do que você com tesão — seu tom sai áspero é muito fervoroso. — Você vai gozar pra mim.

Não foi uma pergunta e tudo bem, porque sei que vou mesmo. Com ele, eu não duvido de nada que meu corpo possa fazer.

Nesse momento, aqui e agora, ele está totalmente no controle.

Agarro seus cabelos quando sua boca volta para mim, e as lambidelas começam a ser mais lentas, Alexander demorando mais no ponto onde tudo se acumula.

Inesperadamente, começo a sentir seu dedo longo me penetrar, e não sinto qualquer incômodo, do contrário, parece algo bem-vindo e pouco.

Realmente é pouco. Eu preciso de mais.

Justamente por isso começo a me remexer, puxando o vestido pela cabeça e jogando em qualquer lugar, minhas mãos vindo aos meus seios, que parecem igualmente pesados.

— Porra — Alexander levanta a cabeça, os olhos brilhando ainda mais, seu polegar substituindo a língua. — Você quer mesmo ser fodida.

— Então faz isso — eu quase suplico, me sentindo uma bomba e prestes a explodir a qualquer momento, mas não parece o suficiente. — Por favor, faz isso.

— Eu faria com todo prazer se tivesse um preservativo aqui — seus olhos estreitam, então percebo que ele está me observando e, de algum jeito, isso parece muito quente para eu suportar.

Ele vem em minha direção, me dando um beijo rápido, um segundo dedo se juntando ao primeiro e me fazendo gritar, porque foi um choque maravilhoso.

— Tira as mãos — ele pede e obedeço, soltando um suspiro entre o gemido por sentir sua boca agora em meus peitos.

Se não é a melhor noite da minha vida, então eu não sei.

Alexander suga quase meu seio para dentro da boca, começando a gemer de um jeito alucinante. Sua língua também volta a me agraciar, de um jeito insuportável.

— Alexander… — choramingo, realmente não aguentando mais.

— Eu sei — ele geme. — Goza gostoso pra mim, goza.

Sua mão livre vem aos meus cabelos e ele puxa, de um jeito que é realmente o que eu precisava.

Dos pés à cabeça, eu recebo os choques fortes e perfeitos, ouvindo meu próprio grito. A sensação é forte, poderosa e… quero de novo.

Preciso sentir de novo.

*E de novo, de novo, e de novo…*

Todos os dias.

Antes que eu volte a pensar, sinto os lábios sobre os meus, então recebo um selinho, seguido de beijos no pescoço e carinho nas coxas.

E eu não sei exatamente como vou aprender a viver, a partir de agora, sem tudo isso.

# Capítulo 32

É o mais próximo de perfeição o que eu acabei de contemplar. E fazer. E sentir.

*Como senti*.

Não foi premeditado, não foi. Eu não tinha isso em mente quando a beijei, mas a forma que ela se entregou de imediato, me fez enlouquecer.

O beijo dela é algo quente e que me faz ferver. Desde o primeiro. E agora tirar os lábios da pele do seu pescoço se torna uma tarefa mais que difícil, porque tudo que tenho vontade é de fechar os olhos e dormir assim.

O que estou pensando?

Provavelmente nada, mas minha cabeça de baixo me lembra que alguém não está satisfeito por igual, e com essa realidade crua, eu me afasto.

E talvez me sinta um desgraçado pela ação abrupta, porque isso parece assustar Renata, que abre os olhos depressa e então começa a tentar se tampar com as mãos, o olhar em um desespero quase palpável.

— Ei — eu digo e ela não consegue me olhar. — Não precisa se envergonhar. Está tudo bem.

Acho que está. Foi de comum acordo. Nós dois queríamos. Mesmo que eu tenha ficado insatisfeito, não me importo, ela ficou satisfeita. E isso já é muito prazeroso para mim.

Posso me contentar.

Levanto e pego minha blusa, entregando a ela.

— Pode vestir por enquanto.

Renata parece duvidosa, mas não pensa muito ao aceitar.

Suas mãos parecem se atrapalhar um pouco enquanto ela insiste em [tentar] tampar o corpo, e isso me causa uma sensação estranha, porque é como se fosse minha culpa ela não estar se sentindo confortável.

Coberto por impulso ou apenas vontade, não sei, volto a me ajoelhar à sua frente. Minhas mãos pegam a blusa.

— Deixa eu te ajudar — digo e, com cuidado, ajudo-a vestir a peça e logo fechar os botões. — É verdade que prefiro você sem nada e seus peitos são deliciosos, mas preciso entender que acabou por aqui.

Sua respiração funda inunda meu rosto, atraindo meu olhar para o seu.

E é a coisa mais linda do mundo vê-la com os olhos tão brilhantes e os

lábios inchados, usando uma blusa minha, logo depois de chegar ao clímax chamando por mim.

É realmente de enlouquecer, e não entendo exatamente porque sinto vontade de beijá-la, mas o faço.

Um beijo suave e sem pressa, doce como ela é. Renata entende isso. Ela me corresponde à mesma medida, e não me tocando, o que é essencial para que eu tente me manter calmo.

É uma das melhores sensações que já experimentei na minha vida – e foram muitas, mas nenhuma se compara com a forma que Renata se entrega e quer.

Ela realmente quer.

Quando já estou com os lábios dormentes, afasto o rosto calmamente, abrindo os olhos e observando os seus se manterem fechados; então eu, não sabendo bem o motivo, deixo um beijo em sua testa.

Talvez pela forma que ela parece muito… Eu não sei, é estranho, confesso. Mas é simplesmente impossível vê-la nesse estado de satisfação, sendo responsável por isso, e não querer enchê-la de beijos.

— Bem, eu… — digo quando seus olhos se abrem lentamente após minha ação. — Eu fico feliz de ter me dado um momento assim. Essa confiança. Obrigado.

Ela estreita os olhos, então pigarreia.

— De nada, eu acho…

— Não precisa ficar assim — seguro suas mãos que estão sobre seu colo. — Isso é normal. O que fizemos.

— Eu sei — seu olhar encontra o meu, com cautela. — É que estou me sentindo muito mal por ter sido com você.

— Por que, você preferia o David?

A pergunta simplesmente escapa dos meus lábios, me fazendo receber um olhar surpreso, seguido de descrença.

— É claro que… — balança a cabeça em negativa. — Eu nem o conheço, Alexander.

— Então por que está se sentindo muito mal?

— Eu já disse, por ser você, e não preciso explicar os motivos — ela gesticula quando abro a boca para rebater. — Não, sei que você sabe. Mas não vou negar, eu gostei muito. Gostei mais do que me arrependi e mais do que deveria.

— Se gostou tanto assim, não deveria sobrar espaço para se sentir "muito mal" — resmungo, me sentindo chateado.

Eu sei que foi ótimo, ela estava me dizendo de todas as formas que foram possíveis; gestos, expressões, gemidos e pedidos. Ela chegou a pedir.

*Puta merda, por que ela tem que dificultar?*

— É só que eu fico pensando o que você vai fazer agora — explica. — Se vai me dizer um monte de coisas nada a ver, levantar, se desculpar e ir embora. Talvez diga depois que prefere seus encontros casuais — a essa altura, ela já está gesticulando muito. — Não é por nada, apenas porque…

— Ei, eu não vou fazer nada disso — seguro suas mãos novamente, aproximando nossos rostos e raspando meus lábios sobre os seus. Ela geme baixinho. — Gostei muito do que foi e que senti para simplesmente pensar em esquecer ou negligenciar.

Puxo seu lábio inferior e mordisco em seguida, só para soltar.

Ela me encara por uns segundos, soltando um suspiro contido, mas logo dá um sorriso lindo e isso me enche de um alívio inexplicável, porque significa que ela não vai negar ou discordar.

— E o que vai ser então? — questiona.

— Vai ser o que tiver que ser. Nós somos solteiros e podemos viver isso, essa sua descoberta… a menos que você se oponha.

— No fim, nem precisou de conquista… — ela dá uma risadinha desanimada.

— Do contrário, querida — levo uma mão à sua bochecha e acaricio devagar, adorando a forma como sua pele é macia e delicada. Ela é assim, perfeita em cada novo cantinho que descubro. — Houve uma conquista ou não teríamos tido isso. Fiquei pensando sobre como seria, mas não percebi que já estava te conquistando.

— Isso te deixa muito se sentindo o melhor, não é? — outro sorriso lindo toma conta de seus lábios e é muito louco que eu queira beijá-la até perder meu próprio ar.

— Me sinto e sou — levanto, mas ela segura minhas mãos de imediato.

— Para onde vai?

— Fazer isso — respondo e trago as mãos ao cinto, logo me livrando da calça, sapatos e meias. — Quero ficar que nem você.

Ela pisca os olhos rapidamente, então sua boca se abre, ela buscando meu olhar.

— Você diz…

— Não, tudo bem por hoje — a tranquilizo, me sentindo merecedor de um prêmio por manter o controle tamanha a dureza do meu pau. — Vamos apenas

ficar juntos. Vou esperar a chuva passar.

— Eu concordo muito — ela ri e se encolhe em mim assim que sento ao seu lado, gemendo de conforto e isso me faz fechar os olhos, em igual conforto.

E talvez isso seja errado. Parece muito perfeito, apesar da rapidez que se deu. Eu nunca experimentei isso.

É completamente diferente e, tudo bem, isso pode ser preocupante. Mas não vou me preocupar.

*Pelo menos não por ora*.

# Capítulo 33

— Sua amiga não vem para casa hoje? — Alexander pergunta quando estou quase cochilando. É impossível não estar.

Não sei exatamente o que pode ser comparado com a sensação que estou tendo. É prazer. Satisfação – sim, total –. Alívio. Calma. E, mais e maior que tudo, uma paz que não posso explicar.

É tudo leveza e mesmo que uma parte do meu cérebro queira gritar que isso é ilusório, não ligo.

Não aqui, não agora. Não quando Alexander está acariciando meus cabelos enquanto estou deitada em seu corpo, adormecendo mesmo assistindo minha série favorita.

Parece tão sonho que não acredito, então para reforçar a realidade, faço um esforço para responder.

— Acho que não. Ela está com seu irmão.

— Que estranho — diz, meio vago, mas também não comenta mais nada sobre. — Você está com fome? Vamos pedir uma pizza.

— Você está? — viro a cabeça para inspirar em seu pescoço, adorando a risadinha que ele dá. — Tem cócegas aqui?

— Só quando não estou concentrado. Fica quietinha, que aí tudo bem.

— *Tá* bom — sorrio, deitando a cabeça em seu ombro, simplesmente me sentindo alguém mais velha por cada canto seu me fazer querer dormir.

— Vamos pedir?

— O quê?

— A pizza, linda — seu hálito inunda meu rosto e meu sono aumenta em um nível grande. — Eu posso te acordar em segundos.

— Você não vai fazer isso que está pensando — aviso.

— O quê? Eu só pensei em espirrar água em você.

— E eu consigo voar.

Ele ri.

— Muito engraçada — me repreende, seus braços me circundando e me tirando um suspiro alto. — Eu gosto da sua casa, é tranquila.

— Também gosto da sua.

— Não, é diferente, sabe? — suas mãos começam a me embalar, o som de

sua voz se tornando como uma canção. — A minha casa não tem essa… Não sei, esse conforto. Lá é vazio e sem vida. Aqui, não. Aqui eu quero ficar por mais que algumas horas.

Ele para de falar, mas quero pedir que continue, embora sua voz tenha ficado mais baixa e distante, eu gosto do som e combina muito bem com seu cheiro.

Mas não consigo ter forças o suficiente para pedir, porque só continuo sentido seu corpo e toques, e isso é muito maravilhoso.

E mais do que já pedi.

※※※

Desperto com o toque que me incomoda no braço. É algo insistente e que me faz querer gritar.

De raiva.

— Droga, para! — resmungo, me remexendo.

— Renata, querida, acorda.

Essa voz é um sonífero, mas também um calmante.

Abro os olhos, buscando Alexander, encontrando-o ao meu lado, os cabelos escuros bagunçados de um jeito muito satisfatório, juntamente com seu rosto inchado.

Ele também dormiu.

— Oi — eu digo, meio que tentando não abrir muito a boca devido sua proximidade.

— Bom dia. Acho que você dormiu muito  pesado, sabia? — sorri, sua mão segurando minha cintura e me puxando mais para ele.

— Eu estava cansada… E você, dormiu aqui comigo?

— Dormi — ele dá uma risada baixa. — Não costumo muito falar essa palavra, mas dormi. Você apagou e eu fiquei falando sozinho até me dar conta dos seus roncos.

— Ei, eu não ronco!

*Será? Oh, droga. Que vergonha.*

— Ronca muito. Parece uma porquinha. Elas que fazem *óinc, óinc.*

Dou risada, virando meu rosto contra seu pescoço de novo, sendo agraciada por outro riso seu.

— Mas — continua —, logo depois de perceber que tinha dormido, eu te trouxe para o seu quarto, então deitei ao seu lado porque você não queria me deixar sair. E nós dormimos juntos, sim.

— Hmm, e sua pizza?

— Ah, quem lembra? Dormir abraçado com você supera mil pizzas.

As palavras me pegam de surpresa, claro; e parece que a ele também, porque um silêncio gritante se instala.

E eu não posso negar que ouvir isso me causa arrepios. Porque ele disse. Eu acredito nisso, na forma e com a convicção que disse. Não há brechas para dúvidas. Ele realmente pensa isso.

— Por que estava me acordando com tanta insistência? — questiono, resolvendo acabar com o mal clima.

Ele não parece ser do tipo que gosta de admitir coisas. Por isso mesmo estranhei quando confessou tantas coisas no dia anterior.

— Nós temos que ir trabalhar — hesita. — Por mim, passaria o dia nessa cama com você, mas primeiro as obrigações.

— Sim — concordo com pesar, então faço um grande esforço para me afastar dele e sentar, logo lembrando que estou com sua blusa e ela parece mais confortável do que deveria. — Vai usar o banheiro na frente?

— Já usei — ele dá um risinho, então sinto sua mão grande em minhas costas, fazendo carícias suaves, que me fazem despertar um pouco mais. — Você parece mais cansada do que quando foi dormir. Não quer levantar?

— Não sei por que, meu corpo parece dolorido.

— Mas a gente nem transou.

Sorrio, olhando-o. Parece desconfiado.

— Eu posso ter dormido em uma só posição — explico.

— Parece cansada e não com dor, acho que devemos te levar a um médico.

Meus olhos saltam, em surpresa e descrença, então rio.

— Estou bem, Alexander, não preciso de médico. Vai passar.

— Certo — ele não parece acreditar. — Se está dizendo, tudo bem. Eu vou te esperar para o café, não demore.

Eu o acompanho levantar e sair andando, exibindo o moreno e suculento corpo de coxas torneadas e costas delineadas de músculos, parecendo lindo

demais.

Não parece o Alexander que conheci. A forma como ele está se comportando é diferente.

Mas tudo bem, se ele não me deixar triste de novo, tudo muito bem.

# Capítulo 34

Foi um bom dia.

Realmente foi. Alexander dormiu comigo. Ele me levou à minha cama. Eu o abracei ao acordar. Ele preparou nosso café. Ele me fez rir logo cedo, o que não acontece com frequência. Ele me deu um orgasmo no meu sofá.

Se não foi também um fim de noite incrível, não sei o que foi.

Agora nós já estamos trabalhando em sua sala, e não resisto a cada dois segundos levantar a cabeça para olhá-lo. E um sorriso satisfeito é toda vez inevitável.

Eu adorei tudo.

Seu telefone toca na mesa e rapidamente levanto para atender, mas Alexander faz um sinal, dando a entender que não precisa, e volto a sentar.

Rapidamente ele desliga e em segundos sua porta se abre, uma mulher passando por ela.

— Oi, Alexander — cantarola, seguindo até sua mesa.

— Olá, Áquila — ele a olha, estendendo uma mão em cumprimento quando ela se aproxima. — O que me trouxe?

— Nada — responde. — Eu só vim te pedir um favor — senta-se na cadeira em frente à mesa dele. — Gostaria de pedir que você libere o Lance por duas semanas. Nós queremos aproveitar um pouco e estou querendo ficar grávida.

Ele ergue as sobrancelhas, parecendo surpreso.

— Nós não estamos sozinhos — gesticula, apontando para mim.

A mulher logo olha em minha direção, abrindo um pouco mais os olhos, mas logo sorri.

— Oi, desculpa, eu não tinha te visto. Muito prazer, sou Áquila — acena. — Prima do Alexander.

— Sou Renata, o prazer é meu.

— É minha Assistente Pessoal — Alexander explica, atraindo novamente o olhar dela. — Não acredito que veio à minha sala pedir férias para o seu marido. Ele já teve as dele esse ano.

— Eu sei, mas é que… — ela suspira, parecendo triste. — Acho que ele quer ser pai. Não aguentando mais ouvi-lo falando sobre isso de forma indireta.

E eu também quero ser mãe. Por favor, Alexander.

— Tudo bem, contanto que você pare de desabafar comigo — dá um sorriso cínico. — Vai fazer seu filho. Duas semanas e, se passar disso, Lance está demitido.

— Obrigada — ela levanta-se, muito animada de repente. — Você é o melhor.

— Eu sei — ele a olha. — Boa sorte.

A prima acena de novo para mim antes de sair, mas logo outra mulher entra, e essa eu conheço.

— Bianca? — Estranho totalmente sua vinda.

Ela dá um sorriso desanimado, e eu entendo o por que quando Arthur se junta a nós, batendo a porta, que não faz um barulho estridente por sorte.

— Eu ainda estou esperando os arquivos da documentação da fusão, Alexander — diz. — Por que não me enviou?

— Minha secretária não encontrou ainda — responde somente. — Oi, Bianca. Bom te ver.

Ela dá um sorriso singelo, então me olha e percebo que está triste.

— Eu preciso disso hoje — Arthur insiste. — Você sabe disso. Temos que depositar logo o valor e eu não posso fazer isso sem a sua assinatura.

— Sei disso. Você se estressar não vai mudar nada, os arquivos não vão aparecer mais rápido — Alexander parece muito tranquilo, ainda concentrado no que estava fazendo.

— Alexander, eu gostaria de falar com você depois — Bianca diz, chamando a atenção de nós todos para ela.

O que ela quer falar com ele?

— Claro, pode falar — ele lhe dá atenção.

Ela olha de soslaio para Arthur rapidamente.

— Eu preferia que fosse a sós, se não se incomodar — explica.

— Mas eu me incomodo — o irmão se intromete. — O que você tem para falar para ele, pode dizer para mim também, afinal, é minha funcionária.

— De nós dois — Alexander ressalta. — Mais minha do que sua, porque sou superior a você, hierarquicamente falando.

— Como assim sua? Ela não é nada sua.

— Funcionária, Arthur — enfatiza, dando um sorriso de canto. — Você está mais alterado que o normal.

— Esse é o normal dele, pelo visto — minha amiga pondera. — Parece um lobo, só vive uivando.

Dou um riso discreto pela forma que Arthur a olha. É uma mistura de irritado com surpreso.

— Ah, você sabe que é — ela gesticula, nitidamente perdendo também a paciência, então olha Alexander novamente. — Eu queria pedir para trocar de chefe. A Renata poderia trabalhar com o Arthur e eu com você.

*O quê?* Essa vaca...

— Fora de cogitação, linda — Alexander responde, dando um sorriso suave a ela, então olha o irmão. — Por que você está dificultando a vida da moça?

Arthur parece tão chocado quanto eu, olhando Bianca que não parece ligar para sua expressão.

— Por que você quer isso? — pergunta a ela. — Eu estou sendo um ótimo chefe para você.

— Não está, na verdade — ela responde. — Estou enjoada da sua voz sempre carrancuda. Eu até sonhei com isso e, se vou estar com algum trabalho que tire a minha paz, prefiro procurar outro, mesmo grata ao seu irmão pela oportunidade. Você é insuportável.

Um silêncio pesaroso se instala, os dois se encarando sem desviar e estou querendo questionar o que aconteceu.

Sei que ela disse que estava se estressando, mas não sabia que ao ponto de rebater as respostas do próprio chefe.

Nós não estamos nessas condições. Precisamos de dinheiro. Temos que suportar.

Mesmo que agora isso na seja uma dificuldade para mim depois de ontem.

— *Tá* bom, Bianca — Arthur fala finalmente, sua voz mais baixa. — Você não precisa trabalhar comigo. Eu vou cuidar da sua transferência para outro setor — olha o irmão. — Vou aguardar o arquivos. A gente se vê.

E simplesmente assim Arthur se vira e sai da sala, Bianca o olhando e parecendo sem saber o que fazer.

— Parece que vocês não deram uma boa dupla — Alexander ri. — Ele parece bem perturbado.

— Ele me trata muito mal sem motivo — ela dá um suspiro baixo, desanimada. — Faço tudo correto e sou pró-ativa, mesmo assim não adianta. Isso porque só fazem alguns dias, imagine se ficar mais tempo.

— Bem, ele vai te transferir — me olha. — Renata, pode ir almoçar com a sua amiga. Eu vou precisar ficar por aqui hoje.

Me levanto rapidamente, assentindo.

— Vou trazer seu almoço — aviso, indo até minha bolsa, então me aproximando da Bianca.

— Ficarei aguardando — recebo uma piscadinha, que me tira um sorriso enorme do rosto. — Bom almoço, meninas.

Bianca agradece, então me puxa para sairmos rápido.

E eu entendo que vou ter uma hora de desabafo.

Mas tudo bem, porque meu dia começou muito bem e posso dar um pouco da minha alegria a ela.

Graças ao Alexander.

# Capítulo 35

Arthur é o menor dos meus problemas.

Não consigo me concentrar em nada com Renata a alguns centímetros de mim, me olhando a cada um minuto.

Ela não sabe sobre visa o periférica? Eu tô percebendo desde cedo. E gosto. Não posso culpá-la, eu também estaria olhando-a se ela não o estivesse fazendo comigo.

Não consigo também esquecer seu gosto. Minha boca está seca querendo mais. Eu preciso de mais.

Posso ser um filho da puta pelo que estou prestes a sugerir, mas, se ela quiser também, vou me sentir menos culpado.

Abro a primeira gaveta da minha mesa para conferir se ainda as tenho, e, aliviado por ter, olho a linda mulher trabalhando.

Mas a verdade é que nenhum de nós quer isso. Nós queremos nos agarrar. Renata está quase me dizendo isso. Já posso até ouvir.

— Renata?

Ela me olha de imediato, parando o que está fazendo.

— Vem cá — a chamo, afastando um pouco a cadeira da mesa.

Acho incrível a rapidez que ela levanta e vem até mim, eu aproveitando para babar em seu corpo coberto pelo vestido cinza colado à pele.

— Como posso ajudar? — ela é solícita e profissional, o que me impressiona.

— Vem mais pertinho. Vamos conversar — bato na parte de cima da mesa, indicando onde ela deve sentar.

— Quer que eu vá aí? — ergue as sobrancelhas, em surpresa.

— Eu quero — afirmo. — A menos que você não queira o mesmo.

— Vamos conversar? — ela dá um sorrisinho que eu interpreto como malicioso.

*E gosto pra cacete.*

— A menos que você queira fazer outras coisas — o sorriso que dou é malicioso de propósito.

— Tipo o quê?

— Não sei, fica a sugestão…

Ela me encara por uns segundos, quase me deixando sem expectativa, mas um suspiro de alívio é inevitável quando meu olhar a segue e ela caminha até mim, sentando na minha mesa.

— Gosta do perigo — digo, aproximando a cadeira da mesa de novo, minhas mãos partindo para suas coxas. Ela geme baixinho, e isso é minha resposta. — Ou será de mim?

— Da sua boca.

A resposta me deixa satisfeito.

*Sim*, porque não preciso que ela goste de mim. Aliás, eu nem sei de onde saiu essa pergunta, pois não preciso ser aprovado por ela.

— Onde você quer ela? — questiono, minhas mãos começando um carinho nas coxas macias e subindo o vestido de forma suave.

Renata solta um suspiro pesado, dedurando seu desejo óbvio.

— Onde você quiser que ela esteja — responde e isso com certeza é a melhor resposta do meu dia.

— Safada — me levanto, segurando sua nuca e então a beijo com urgência. E, porra, esperei por isso durante horas e a melhor sensação de alívio que me lembro de ter experimentado.

Porque ela parece com a mesma fome que estou, suas mãos vindo aos meus cabelos e tentando puxá-los, enquanto me oferece sua língua para chupar, gemendo loucamente.

Esses gemidos são uma perdição, sem dúvidas. Não tem pau que aguente.

Minhas mãos estão deslizando por seu corpo em instantes e me irrita que o vestido esteja nos atrapalhando.

Afasto o rosto, Renata nitidamente reclamando quando tenta puxar minha cabeça de volta.

— Deixa eu tirar isso se você — peço e ela imediatamente mostra o zíper na lateral, que eu abaixo e ajudo-a a ficar sem a peça, que jogo em algum canto. — Bem melhor.

Tê-la de calcinha e sutiã na minha mesa, é a coisa mais excitante que me lembro de sentir. Tirando quando ela sentou no meu colo. E ontem. E quando a beijei na piscina e ela gozou.

*Droga*. Com ela cada momento sexual parece melhor que o outro.

Nosso beijo insano e desesperado, parece deixá-la animada, porque suas mãos buscam as minhas e as guiam para seus peitos.

Isso me faz sorrir.

Ela é safada, apesar de virgem.

Tiro seu sutiã sem interromper nossas bocas, adorando um suspiro que ela dá entre o beijo, os gemidos intensificando quando envolvo seus seios com as mãos e dou um leve aperto.

Entendo sua necessidade, porque estou na mesma, então termino nosso beijo para poder levar a boca onde já estão minhas mãos, meu pau pulsando em ver como os biquinhos estão rijos.

— Alexander…

Meu nome e ao mesmo tempo uma súplica.

E eu obedeço o pedido quando levo a boca a um e ao outro seio, intercalando com as mãos, grunhindo de satisfação quando Renata cai de costas na mesa, deitando e gemendo, abrindo as pernas e puxando minha cabeça mais em sua direção.

Começo a me esfregar nela, impaciente com minha própria roupa.

Nossos sexos em uma fricção perfeita, mas não é o suficiente.

Quando a vejo morder a mão, tenho certeza que está excitada o bastante para descer a boca até entre suas pernas.

E faço o caminho lambendo sua barriga até chegar onde quero, dando uma chupada feroz por cima de sua calcinha e ela grita.

Sento de volta na cadeira, me acomodando melhor para conseguir melhor acesso.

— Você está molhadinha — falo com satisfação. — Gosto disso pra caralho.

— Ah, nossa… — ela traz a própria mão entre as pernas, em busca de alguma fricção mais forte.

— Gulosinha — dou um aperto no interior de sua coxa, afastando a lingerie com a mão livre e abrindo um sorriso inevitável. — Você tá molhada pra caralho.

Recompenso seu gemido lindo com minha boca, que tem o prazer de me fazer experimentar o gosto dela mais uma vez.

Talvez só essa. Não preciso pensar em outras.

Renata está excitada para valer, enquanto começa a se retorcer, me chamar, agarrar os seios, soltar suspiros.

E realmente não sei separar o que me causa mais prazer. Qual dessas coisas. Qual parte dela.

Não tenho como dividir em maior ou menor, porque tudo é fodidamente gostoso de sentir, ouvir, tocar e ver.

— Quer mais o que, Renata? — afasto o rosto para perguntar, colocando

um dedo em sua entradinha, que entra com facilidade, me fazendo grunhir por senti-la assim.

E só eu senti. Somente eu estou tendo a oportunidade. É realmente insano.

— Eu quero você — ela responde, parecendo com falta de ar. — Quero muito você… Alexander! — meu nome sai junto com o orgasmo, eu não conseguindo tirar meus olhos de seu rosto enquanto a vejo ir ao ápice.

Isso me faz engolir em seco porque, merda, tem alguém mais linda assim?

# Capítulo 36

Eu não me sinto.

É estranho, mas muito bom. Uma sensação inigualável, então é mesmo muito difícil olhar para Alexander quando recebo um tapa na coxa.

— Vem me chupar, gostosa — ele me chama, então sento depressa, muito abismada quando o vejo já com a calça aberta e seu grande instrumento para fora.

— Eu… Nossa.

Ele traz o polegar ao meu lábio inferior e esfrega, soltando um gemido grave e sexy.

— Não consigo ter muita calma com você — diz e senta em sua cadeira, começando a abrir os botões da camisa. — Quer experimentar?

— Quero — eu respondo muito rápido e sem hesitação, porque realmente quero.

É o Alexander. Ele é muito gostoso e lindo, e está me proporcionando vários momentos e sensações. É claro que eu quero.

— Sua danadinha — ele segura minha mão e desço da mesa, me ajoelhando à sua frente como se fosse algo automático.

Eu o observo segurar a extensão longa pela base, então me olhar.

— Experimenta como você quiser — me oferece, e eu seguro, engolindo um suspiro de admiração.

É macio, quente e muito, muito firme. Duro de verdade. Eu estou impressionada.

Observo todo seu membro na minha mão, sendo uma cena fascinante em contraste com o abdômen moreno, e um sorriso é inevitável.

É um dos melhores acontecimentos da minha vida.

— Que sorriso lindo — ele segura meu queixo, me fazendo olhá-lo, e é muito esquisito que seus olhos me causem um arrepio imediato. — Deixa eu sentir sua boquinha macia.

O pedido é tão quente, que não consigo me segurar. Inclino a cabeça e, de um jeito apreensivo, encosto meus lábios em seu membro muito ereto.

Não sei exatamente se o gemido que é ouvido no mesmo instante é meu ou dele, mas provavelmente que seja de nós dois.

É incrível. É macio aos lábios também, e quente, grosso. Não sei, parece muito bom de sentir.

— Isso é bom — sua mão direita segura minha nuca. — Pode usar como quiser, Renata.

Eu suspiro, me empolgando quando sua mão começa a projetar carinho onde está, me deixando relaxada e excitada – ainda mais.

Umedeço os lábios, então começo a provar movimentos. E isso também parece automático, porque minha língua começa a trabalhar junto com os lábios.

E cada toque é um suspiro dele, sua mão livre vindo ao meu rosto, onde passo a também receber carinho.

Eu não sei se isso é errado, mas parece tão certo que não quero pensar. Não posso pensar, porque não quero chegar a nenhuma conclusão.

— Isso — ele incentiva quando lambo a ponta úmida e brilhosa, que tem um gosto interessante. — Chupa devagar. Assim… Cuidado os… — aperta meus cabelos. — Os dentes. Um pouco mais forte… — geme asperamente. — Porra, de novo. Você é toda gostosa.

Alguma parte do meu cérebro quer me censurar sobre isso, mas, o que posso fazer?

Não há nada mais quente e sensual que ter Alexander sentado em sua cadeira, com sua blusa aberta e seu membro em minha boca, enquanto diz coisas quentes.

Não há, e não vou voltar atrás.

— Não consigo parar de olhar pra você — sua voz está mais rouca por causa dos gemidos. — Eu quero te foder.

Fecho os olhos porque ouvir isso não está fazendo muito bem para mim. Para o meu corpo. São muitos arrepios incontroláveis.

Porque eu também quero. E quero muito.

Abro novamente os olhos quando sinto Alexander colocar a mão por cima da minha, que está em sua coxa magnífica. Ele é magnífico.

Eu o olho, ainda testando o que fazer, então recebo um sorriso de canto, que me faz derreter.

Preciso separar a boca para suspirar. É a coisa mais íntima da minha vida.

E não estou desconfortável.

— O que foi, hum? — ele pergunta, se inclinando em minha direção, e percebo que o estou olhando. Seu nariz raspa no meu, sua respiração se misturando com a minha. — O que você está pensando?

— Em você — admito. Porque é verdade.

— Não precisa pensar em mim, eu já estou aqui — seus lábios encostam nos meus e ficam parados. — Isso é muito insano.

Não sei exatamente do que ele está falando, mas não ligo. Penso nem estar ouvindo direito a essa altura.

Suas mãos vem ao meu corpo e passam a me acariciar por onde ele consegue, então percebo sua respiração ruidosa e difícil, parecendo ser bem esforçada.

— A gente pode terminar isso depois — ele diz, e preciso me situar para olhar dentro dos seus olhos, com uma grande interrogação no olhar. — Seria negligente da minha parte deixar que sua primeira vez fosse em uma mesa.

Isso me deixa surpresa.

— Seria, mas eu não ligo — digo, porque não ligo mesmo. Não no momento. Não agora, meu corpo estando a altíssimos graus. — Você me deixou quente, não é justo que volte atrás agora.

Ele sorri. Esse sorriso que me deixa a cada vez em pedacinhos menores. É torturante e dilacerante.

— Tão linda… — sua mão desce por minha barriga, até o meio de minhas pernas. — Tão quente, também — seus lábios raspam nos meus uma, duas e três vezes. — Não é da minha índole ceder a algo se eu vejo um risco.

— Mas não tem risco — seguro seu rosto entre as mãos. — Não vejo um. Só desejo.

Ele não diz nada, apenas preenche minha boca com um beijo quente, sua língua pedindo passagem, e começo a me sentir trêmula também.

Suas mãos vêm à minha cintura e ele me incentiva a ficar de pé, e não gosto por interromper o beijo.

— Vamos vestir você. Temos que trabalhar — seu toque permanece em mim, mesmo depois das palavras que me murcham.

— Ué, mas...?

— Eu não consigo ter paciência com você — ele repete o que já disse. — Isso não daria certo. Não posso. Não podemos.

E eu não sei se fico com raiva ou triste.

Porque eu queria. E queria muito.

# Capítulo 37

Talvez eu esteja me sentindo mais desgraçado que o normal. Não é do meu feitio isso.

Isso de deixar uma mulher insatisfeita. Foi exatamente como Renata pareceu enquanto ficou um bom tempo me olhando em descrença por eu não ter continuidade ao nosso momento.

Mas como eu poderia? Ela é intocada, pelo amor de Deus. Eu teria que ser um cretino se tirasse isso dela. Porque eu não ligo pra ela. Nós não temos nada além de uma química muito visível e uma atração sexual palpável.

E só. Ela se arrependeria a longo prazo. Eu tenho certeza que sim. Não por ser comigo, mas pela minha dificuldade de apego ou afinidade.

Agora, aqui sentado em minha cadeira enquanto cada momento da nossa quase transa repassa na minha mente, eu não consigo ficar em paz.

Porque foi cortante vê-la se separar de mim e se vestir com raiva. Não, fúria. Ela realmente ficou furiosa e não tiro sua razão.

Olho para o lugar onde ela costuma ficar, o sofá, e um suspiro pesado é inevitável.

Não tem ela me olhando.

Meus olhos desviam para mesa, onde está meu celular. E eu penso e repenso – tanto quanto consigo.

Mas no que exatamente estou pensando? Eu não preciso ficar agarrado a uma mulher.

Exceto porque eu deixei de cumprir meu papel. Eu não a satisfiz. Não fiz o que deveria ter feito.

Só que ela é virgem. Eu não poderia…

Meu telefone toca, me tirando de tantos pensamentos descabidos e aparentemente desnecessários, então atendo, recebendo a informação de ser David.

Permito sua entrada e em alguns segundos ele está em minha sala, as mãos trazendo algumas pastas.

— Hey, Alexander — ele me cumprimenta, se aproximando e colocando-as sobre minha mesa. — Finalmente consegui uma forma de nos colocar como investidores da empresa que você estava querendo.

— Ah.

— Não vai ficar feliz? — um papel é colocado à minha frente. — Sua assinatura aí e teremos 40% investidos, com estimativa de um retorno de 90% enquanto a empresa existir.

— Sim, é pra isso que você é pago.

David parece surpreso, então concorda.

— É verdade — aponta as pastas. — Aqui é tudo que você precisa saber. Eu teria já fechado, mas preciso que bata o martelo. Nós podemos fazer uma reunião sobre isso. Informar a todos e os possíveis aumentos… Todos vão gostar muito — ele olha para o lado. — A Renatinha já foi embora?

— Não vai ter aumento para ninguém esse ano, exceto o bônus do fim do ano. Todos já tiveram aumentos consideráveis da última vez — aviso, puxando as pastas para mim.

Mas David continua olhando para outro lado e isso me irrita.

— Por que você falou com toda essa intimidade sobre minha assistente? — A pergunta não faz sentido, mas eu quero saber mesmo assim.

Ele me olha rapidamente, parecendo surpreso.

— Não falei — se defende. — Ela é legal, almoçamos uma vez juntos, só isso.

Mas não é só isso. Tanto sinto quanto seus olhos de gato acuado me dizem.

— Não quero você se metendo com ela.

Agora ele parece desentendido.

— Somos companheiros de trabalho, qual o problema? — questiona. — Aliás — assume uma posição de implicância —, ela me pediu ajuda para um novo trabalho. Não deve gostar muito do seu jeito.

— Se ela não gostasse, tenho certeza que eu perceberia. Agora que já me entregou o que queria, pode se retirar.

Ele ri e isso me deixa puto.

— Eu vou tentar manter distância dela, mas não vou rejeitar se ela se aproximar de mim — diz, então vira e sai.

E eu não posso dar uns cinquenta socos em sua cara porque não teria sentido. Ela não é nada para mim além de funcionária.

Mesmo que… Droga, foi tão gostoso de sentir.

*Foda-se se não tem sentido.*

Pego meu celular e faço a chamada de seu número. É angustiante ter que esperar mais de quatro toques.

Mas quando a voz preguiçosa me atende, eu fico aliviado. Ao menos ela

não desligou.

— Você chegou bem? — É a única coisa que acho plausível.

— Você não quer saber isso, Alexander. O que você quer?

— Eu não sei — admito, deixando um suspiro escapar enquanto aliso a barba de um jeito impaciente.

— Se você não sabe, por que me ligou então? Quer que eu tente adivinhar também? Por que você não para e pensa até saber, e tenta encontrar uma resposta para ter me feito tirar a roupa para nada.

As últimas palavras saem mais como um grito e isso me deixa sem fala por um momento.

— Desculpa.

— Não desculpo — ela parece com raiva agora. — Você é um idiota. Se não quer falar nada, eu vou desligar.

— Eu queria pedir desculpa, calma.

— Já pediu.

— É, mas… — hesito. — Eu não vou conseguir dormir sabendo que você está com raiva de mim.

— Foi da sua boca que eu ouvi que você não dorme direito, então não, não vai ser culpa minha.

— Não precisa ser grossa assim, só tentei pensar em você a longo prazo — digo, já me sentindo mal. Não é bom ser tratado assim.

— Não estou sendo grossa, Alexander, só repetindo o que você me disse.

— O seu tom — explico. — Está sendo grossa de propósito, mas não deveria porque eu fiz o que era melhor pra você.

— *Tá* bom, tchau.

— Espera — peço depressa. — Você quer jantar comigo?

— Não. Até amanhã.

E ela desliga, me deixando triste.

Não era para ela reagir assim. Não era, porque eu fiz o certo.

E espero que um dia ela entenda.

# Capítulo 38

— Pensei que você não viria para casa de novo — eu digo quando Bianca irrompe pela porta, jogando a bolsa no chão e vindo rapidamente sentar ao meu lado. — O que houve?

— Trabalho e mais trabalho. O Arthur hoje quis que eu fosse buscar uma camisa nova para ele em sua casa.

— E ele mora em outra cidade? — ironizo.

— Não, mas — ela abre a bolsa e tira algo de dentro — olha só o que ele me deu.

— Uma chave.

— Não é só uma chave — parece incrédula. — É a chave da porta principal da sua casa.

— E isso é bom? — Não estou entendendo muito bem.

— Não sei, na verdade — ela solta um suspiro cansado. — Eu pensei que ele tinha me transferido para outro setor, mas foi só para outra sala.

— Vocês não parecem se dar bem.

— A gente se aguenta — dá de ombros. — Estou tratando-o da mesma forma que ele me trata. Ele aprende a lidar. E você, não parece tão radiante quanto mais cedo.

Desvio o olhar, amargurada e com raiva.

— Alexander me negligenciou.

— Como assim? — ela tira os saltos.

— Eu estava pelada na mesa dele e então ele disse que não poderíamos transar.

Bianca parece levar um susto, me olhando com os olhos arregalados. Não é surpresa, ela está assustada.

— Oi? O quê? O que foi que eu perdi? — questiona.

— Você esteve sempre fora, me desculpa não ter dito que ele tinha me beijado… — hesito, coçando a testa, um pouco envergonhada. — E também me deu uns orgasmos — olho o sofá, querendo dissipar a lembrança do que tivemos nele. — Até dormimos juntos.

— Eu pensei que você era santa — ela assobia. — Quem te viu, quem te vê, meu anjo.

— Não é algo ruim — me defendo. — Eu sou adulta.

— Claro que não é. Não estou te criticando, você está mais que certa de tirar proveito daquela boquinha. Só estou impressionada porque você é sempre tão, "Bianca, você é muito safada" — dá risada. — Não sabia que era também.

— Eu só sou safada com ele. Quer dizer, ele me deixa safada — balanço a cabeça. — Ele é um homem delicioso.

— Você disse isso pra ele? A parte de ele te deixar safada — ela segura outro riso.

— Não, porque não preciso, é meio óbvio.

— Ah, meu anjo, você ficaria impressionada em como homens não percebem o que estão diante deles — ele se cala, parecendo refletir algo. — Mas se estava tão bom assim, por que ele não quis transar com você?

— Ele disse que não tem paciência comigo.

— Você é irritante? Eu sei que eu sou. Pelo menos para o Arthur.

— Não — nego. — Ele não tem paciência no quesito sexual.

— Então ele tem medo de te machucar — conclui, então um sorrisinho alcança seus lábios. — Você viu? — ela faz com as mãos como se estivesse me falando sobre algum tamanho. — É grande?

— Ah — sorrio, mas paro no mesmo instante por me lembrar de como é… desejável. — Ele me disse os centímetros, acho que 22 ou 23. É grande.

— Minha nossa! — ela tampa a boca com as mãos. — Isso não é um pênis, é um tronco de árvore. Meu namorado tem 15 e eu não posso reclamar, porque tem quem tenha 11.

Então eu rio, porque ela parece decepcionada.

— Eu realmente não gostaria de ter essa informação sobre o Leonard.

— Ah, você quase não o vê mesmo — parece não ligar. — Eu estou ficando preocupada com nosso relacionamento, porque não está parecendo um.

— Vocês brigaram?

Bianca relaxa no sofá, olhando o teto.

— Não, está mais para distância sentimental — me olha. — Está faltando tudo entre a gente. Nem parecemos namorados. Olha isso, nem lembro a última vez que nos beijamos.

Uma careta é inevitável.

— Você deveria discutir com ele sobre isso — proponho.

— Como, se ele nunca está perto? — volta a olhar o teto. — Eu sinto mais pelo Arthur, que não gosto, do que por ele.

— Temos dois problemas…

— Não temos — ri e levanta. — Se o Leonard não faz sua parte como namorado, um beijo e um abraço, não devo nem favor.

— Eu concordo.

— Sim, porque…

Sua fala é interrompida quando a campainha toca. Nós duas olhamos em direção à porta, então nos encaramos.

— Você pediu pizza? — ela questiona.

— Não, deve ser seu namorado.

Bianca ri.

— Não é. Leonard não é do tipo surpresa. Pega a panela — pede, indo em direção à porta.

— Pra quê?

— Se for bandido. Pega logo, garota.

Eu me levanto e corro até a cozinha, pegando a primeira frigideira que encontro.

Bianca me pede para ficar atrás dela e conta até três, destrancando a porta.

— Vai! — grita.

Eu não sei exatamente porque ela faz isso, mas a contagem junto com o grito me induz a realmente agir com a panela em mãos e somente escuto um palavrão, me fazendo recuar imediatamente.

Um silêncio pesaroso impera, eu não sabendo se por minha ação ou por identificar as duas figuras à minha frente.

— Perdão — eu digo —, foi a adrenalina.

— Porra, é assim que vocês se defendem? — Arthur questiona, esfregando a testa.

— Droga, eu devia ter ficado com a parte da panela — Bianca chia atrás de mim.

— Nós não estávamos esperando ninguém e não fomos avisadas — explico, ou tento.

Alexander puxa meu olhar com o seu, e não gosto muito quando tenho vontade de perguntar o que aconteceu para ele estar com o semblante entristecido.

— Isso vai criar um galo, você precisa colocar gelo — volto a olhar Arthur, que parece roer os dentes de tanto que sua mandíbula está cerrada.

— Que nada — Bianca fala. — Ninguém vai nem ver diferença, já que um chifrinho na testa vai super combinar.

Eu a olho, horrorizada.

— O que estão fazendo aqui? — Acho mais coerente de questionar.

— Nos esbarramos no caminho — Alexander que responde. — Podemos conversar?

— Nosso horário terminou — minha amiga responde.

— Não é sobre trabalho — Arthur deixa claro. — Eu quero falar com você sobre outra coisa.

— Pois fale, eu estou ouvindo. Mas não demora que preciso tomar banho.

Ele respira fundo, parecendo buscar calma onde não tem.

— Será que pode ser a sós? — gesticula o corredor.

— Se eu não for, vou perder o trabalho?

— Claro que não — ele parece ofendido. — O querer é seu, se não quer, eu vou embora, mas depois não adianta perguntar por curiosidade que não direi.

— Seu irmão me disse que você demite sim por banalidades — me intrometo.

— Isso não é uma banalidade, apenas uma informação — explica. — Bianca. Por favor.

Ela suspira impaciente, então passa por mim e por eles e some da minha visão no corredor.

Arthur me dá um sorriso simples e vai atrás.

Olho Alexander, que parece um cachorro abandonado.

— O que foi? — pergunto.

— Não gosto de frieza.

— Então vai se queimar — fecho a porta, ou tento, porque ele espalma a mão, me impedindo.

— Renata — sua voz assume o tom sério —, não seja imatura. Eu só quero conversar.

— Conversar o quê? — questiono incrédula. — Eu não tenho mais nada para falar com você que não seja profissional. E se tem alguém sendo imaturo, não sou eu.

Ele parece pensar em uma resposta, me olhando todo sério com seus olhos castanhos lindos e profundos. São tão límpidos. Esse ar que ele exala…

Olhar para ele enquanto sinto todo seu toque em mim e suas palavras que me fazem arder de desejo…

Eu não consigo me manter imune muito tempo.

— Não é nada — É o tom profissional. — Apenas para avisar que prepare uma mala. Nós sairemos cedo para uma viagem de negócios. Estarei te esperando lá embaixo exatamente às oito. Não se atrase. Boa noite.

E com essas palavras ele se vira e vai embora, me fazendo bater a porta com força.

*Idiota delicioso*.

# Capítulo 39

— Aonde estamos indo? — Renata questiona.

Ela está muito mal-humorada. Mais do que o dia anterior, se possível.

— Eu disse, viagem de negócios.

Talvez não seja toda a verdade. Mas não posso, de maneira nenhuma, dizer simplesmente que estamos indo visitar a cidade de Albany, na Geórgia, e que teremos uma longa viagem pela frente.

É um lugar que já frequentei quando mais novo, por conta da casa que meu tio-avô de consideração tem no lugar.

Vai me fazer ter boas lembranças e eu quero ter um motivo. E terei. Estarei indo comprar uma casa. Isso é negócio.

— Droga — Renata resmunga ao meu lado. — Ai, cacete! Que inferno! Solta merda!

Eu a olho de relance, vendo que está tentando cumprir uma ação, mas não está conseguindo.

— O que houve? — pergunto.

— O que houve? — debocha. — Eu tive uma noite péssima, não dormi e levantei cansada, então meu cabelo não cooperou e me irritei. Eu o prendi, o que não gosto de fazer, porque desfaz o formato dos meus cachos, daí fui em busca de uma roupa e nenhuma ficou boa. Foi só isso.

— Mas você está linda, não entendi por que o estresse.

Ela realmente está. Como cada dia que a vejo. Linda que me deixa com a boca seca e…

— Você está mentindo — sua voz interrompe meus pensamentos. — Estou horrível. Me sinto horrível.

— Não estou mentindo. Eu nem deveria estar precisando te dizer uma verdade incontestável. Não importa como estiver, você sempre vai estar linda.

Ela emite um som esganiçado, como de perplexidade.

— Está falando essas coisas para de redimir do episódio de ontem? — indaga. — Porque não vai funcionar. Pelo menos, não comigo.

Infelizmente não é. É o que realmente penso mesmo.

— Não — opto por dizer simplesmente. — Você pode dormir durante a viagem. Vai demorar um pouco mesmo.

— Está bem. Posso ir para os bancos atrás?

— Não, Renata, você pode dormir no meu jato, não no carro.

— Ah, tá.

Sorrio, mas ela não vê.

Acho que vai ser uma boa viagem. Eu farei ser.

※※※

— Foi tranquilo — Renata diz assim que decolamos, soltando a respiração, aliviada. — Eu pensei que seria muito ruim.

— Não foi — sorrio, então me levanto e estendo a mão à sua frente. — Vem comigo, vou te mostrar um lugar que vai gostar.

Ela me encara, olha minha mão, hesita, mas enfim aceita.

É gostoso o contato de nossas mãos juntas. Muito mesmo. Não consigo nem imaginar quando for outras partes de nossos corpos…

Nos guio até a porta mais adiante, abrindo-a e revelando o quarto.

— Nossa… — Renata parece impressionada.

Solto sua mão para caminhar até a cama, onde me sento.

— Vem, você pode dormir aqui. É muito confortável.

— Mas — parece avaliar —, se isso aqui cair — gesticula — eu não vou sentir por estar dormindo.

— Não vai cair, Renata.

— Como você sabe?

— Eu não sei exatamente, mas espero que não caia — explico, querendo rir com a expressão que seu rosto assume. — Você não é destemida?

Ela ergue uma sobrancelha.

— Me desafiar não vale, mas eu vou porque quero — diz e em instantes se junta a mim, dando o primeiro sorriso depois do que pareceu anos. — É mesmo confortável.

— Sim — tiro os sapatos e deito. — Experimenta.

Não sei se me sinto abençoado ou extasiado quando ela realmente o faz, deitando ao meu lado e soltando um suspiro de relaxamento.

— É deliciosa — diz, parecendo sonhadora.

— Você é mais.

Ela me olha, dando um risinho.

— Eu sei, mas obrigada.

— Ficou abusadinha?

— Sempre fui — ela ri, virando de lado, então boceja.

— Cuidado para não rasgar a boca.

O riso volta, então ela bate em meu braço.

— Não vou — outro bocejo. — Se minha boca fosse pequena — seus olhos fecham involuntariamente — não caberia seu órgão nela.

As palavras se dissipam no ar e concluo que talvez ela esteja delirando, porque…

*Sério que ela falou isso?*

※※※

Acordar Renata é uma tarefa difícil. Ela não parece querer acordar porque nem se mexe. E isso é ruim para mim, porque não quero interromper seu sono, que parece tão tranquilo.

Mas nós vamos aterrissar, então é necessário.

— Renata? — balanço-a com mais veemência. — Acorda, querida.

Ela reclama. E não entendo porque sorrio achando isso bonito. Não faz sentido.

Eu só estou tentando me desculpar, mesmo que isso também não tenha cabimento. Nada está fazendo muito sentido desde que beijei essa mulher.

— O que foi? — ela não abre os olhos, a pergunta saindo de forma preguiçosa.

— Vamos pousar. Você tem acordar.

Então sim seus olhos se abrem e em segundos ela se senta, me olhando com um olhar carente. Parece angelical.

— Quanto tempo eu dormi? — questiona, sua voz tentando se recobrar ao tom normal.

— O bastante — seguro suas mãos. — Vem, nós temos que nos sentar.

— Certo.

Ela aceita minha ajuda muito facilmente, o que me deixa surpreendido, então nos levo em direção às poltronas.

Renata se senta e me deixa colocar seu cinto, não se incomodando quando sento ao seu lado e, depois de fechar meu próprio cinto, seguro sua mão.

Fico mais surpreendido quando ela deita a cabeça em meu ombro.

Ela deve ser sonâmbula.

※※※

Renata agora parece mais desperta enquanto presta atenção no caminho que o taxista está fazendo. Parece curiosa.

— É mais calmo aqui — me olha. — Que lugar é esse?

— Albany. Sim, é mais tranquilo.

— Não parece o seu tipo — estreita os olhos. — Não parece o tipo onde tem algo para você administrar. Por que está aqui?

— Você parece não acreditar no que eu falo. — Realmente parece, sempre rebatendo tudo que digo.

— Não, só tracei o seu perfil com o do lugar, e não bateu.

— Então bom que não é a sua função. Agora, você poderia parar um pouco de fazer perguntas e usufruir do ar de tranquilidade.

— Poderia, mas não vou, porque eu não acredito que estamos aqui a negócios — ela olha pela janela de novo. — Você mente mal.

— Eu não estou mentindo — grunho. — Vou comprar uma casa aqui, então não é uma mentira.

Ela solta um risinho de deboche.

— Não negócios das suas empresas.

— É por isso que você é Assistente Pessoal, Renata. Você faz o que mando, tudo relacionado a mim.

Seu olhar volta a encontrar o meu, ela dando um sorriso forçado.

— Eu sei, só estava querendo saber o que era mesmo o motivo dessa viagem imediata — me encara por uns segundos. — Sinceramente, não sei ler você, Alexander.

Não digo nada, apenas deixo-a ficar pensando sozinha, porque isso não é

uma novidade.

Ninguém consegue.

# Capítulo 40

— É realmente tudo tão simples assim para você? — eu questiono enquanto ajudo Alexander a guardar as compras por entre os armários.

Ele me olha, parecendo estranhar a pergunta.

— Ao que se refere?

Eu gesticulo o lugar – a linda casa –, então sorrio.

— Isso. Nós chegamos aqui e poucas horas depois você comprou essa casa mobiliada e enorme, então simplesmente gastou muito dinheiro em compras e… — eu paro, porque estou mesmo impressionada. — Deve ser ótima a sua vida.

Alexander desvia o olhar e não me responde, continuando sua tarefa.

Não foi uma ofensa, eu realmente acho que deve ser muito bom ter tudo tão facilmente.

Eu demoraria, no mínimo, a minha vida inteira para pagar uma casa desse tamanho e com tantos pertences.

— Você deve estar cansada — sua voz está se aproximando. Ele pega o pacote de macarrão que tenho em mãos, então aponta a porta. — Pode ir tomar um banho e se trocar, eu termino isso aqui.

— Certeza?

— Sim, Renata. Vá logo, por favor.

Ele está incomodado com algo, o que não faz sentido, e não perco meu tempo perguntando.

Levanto-me e vou em direção à grande porta, que me leva até a sala de estar agradável e confortável.

Mas não é meu destino, então me dirijo às escadas e subo ao segundo andar, abrindo as cinco primeiras portas que encontro, em busca do quarto onde Alexander deixou nossas malas. Ou melhor, a dele, porque eu trouxe somente uma mochila.

Quando encontro enfim, me impressiono por parecer a suíte master. Sem dúvidas é. E é linda de um jeito que me faz abrir a boca.

A parede por trás da cama é toda de vidro escuro e leva à uma varanda da mesma largura. Seria sinistro ver tantas tantas árvores balançando sua folhas se eu não estivesse do lado de dentro.

Eu moraria aqui fácil, fácil.

Saio do meu devaneio e vou à minha mochila, em busca do meu pijama. Mas quero me estapear por ter trazido algo tão simplório.

Não sou culpada no entanto, eu pensei que dormiria sozinha e não em uma casa com ele.

Ignoro isso e vou para o banheiro.

Ele já deve ter visto mais feios.

**<....>**

Quando estou me secando, ouço um barulho alto, me fazendo levar um susto.

Isso foi alto o suficiente para eu ter medo, então me enrolo rapidamente na toalha e corro até à porta, abrindo-a e me preparando para sair com igual pressa, mas paro no lugar ao ver Alexander.

Ele me olha de onde está, parado no meio do quarto, quase perto da cama, então faz um gesto com a cabeça.

— Vim buscar minha mala — explica.

— Que barulho foi esse?

Tenho a impressão de ver seu pomo-de-Adão se mover lentamente, seus olhos desviando para baixo, para o meu corpo, e de repente é como se eu estivesse nua. Seu olhar parece estar me vendo assim.

— Eu derrubei algo — responde. — O que você achou da água?

Estreito os olhos, um pouco confusa com a pergunta.

— É água, não tem o que achar, mas foi ótimo o banho.

Alexander não diz nada, apenas continua me encarando, então inconscientemente eu aperto mais a toalha ao corpo, e isso parece causar algum tipo de reação nele, que grunhe e em segundos está caminhando em minha direção.

Não sei exatamente o que pensar, e apenas arregalo meus olhos sem entender muito bem.

Pelo menos até a parte que ele se aproxima, me olhando de cima com seus olhos castanhos maravilhosos, umedecendo os lábios de um jeito sensual.

Minha respiração começa a desestabilizar, principalmente quando as mãos dele chegam à minha cintura e ele me puxa em sua direção, chocando nossos corpos.

Eu tentaria resistir, mas não quero nem pensar em tentar.

Alexander murmura algo indecifrável e inclina a cabeça, encostando nossos lábios e roubando meu fôlego quando inicia um beijo cheio de calor.

É definitivamente. Não é controlado, apesar de lento. Ele parece desesperado. E isso é bom, porque eu também estou.

Suas mãos apertam minha cintura, me tirando um gemido, porque o contato não parece suficiente.

Não parece suficiente se comparado a tudo que ele já me fez sentir em tão pouco tempo. Eu preciso de mais. Muito mais.

Minhas mãos tocam seus braços cobertos pelo tecido fino da camisa social e isso me faz reclamar, porque eu gosto de tocar sua pele quente e morena. Gosto de sentir o quanto ele é delicioso.

Alexander circunda minha cintura com um braço, rompendo o beijo e me afastando uns centímetros, então sua mão livre puxa a toalha do meu corpo, até ela cair aos meus pés.

O arrepio é instantâneo, principalmente pelo rugido que ele emite.

Seus olhos encontram os meus, me fazendo engolir em seco pelo que tenho medo de decifrar.

Mas já captei e não vou voltar atrás. Eu também quero.

Como se eu não pesasse nada, ele me pega nos braços, me levando em direção à cama. Não tem movimentos calculados ou premeditados. Não aqui, não agora, porque eu realmente não esperava que fosse acontecer.

Alexander me coloca sentada, então fica parado à minha frente, me olhando.

— Se você me falar para vestir a roupa, eu te castro aqui e agora — deixo claro, não sabendo bem de onde saem as palavras, mas me deixam satisfeitas.

Principalmente quando ele abre um sorrisinho malicioso, se aproximando mais de mim, eu tendo que abrir as pernas de tão próximo que ele vem.

— Pega o que tenho para você — pede.

Ele não precisa enfatizar, porque seu órgão estaria quase dentro da minha boca se não fosse a calça.

Sem muita paciência ou habilidade, eu abro seu cinto, tentando não focar muito na rigidez que consigo sentir somado ao volume. É muito grande.

Rapidamente abaixo o zíper e Alexander segura minha mão, direcionando ao seu instrumento, me fazendo apertar.

— É assim que você vai sentir dentro de você — fala entre um gemido áspero e, distraída com tantas sensações, eu não percebo como tão rapidamente ele me faz deitar, lambendo os lábios enquanto me olha. — Vamos fazer você sorrir um pouco, ou gritar. Ambos provavelmente.

Suas mãos em um instante o deixam sem a camisa e eu quero gemer quando vejo seu abdômen gostoso visível de novo. Eu poderia lambê-lo inteirinho.

E não é melhor parte, porque ele segura as bordas da calça e abaixa juntamente com a cueca, se erguendo de novo e me deixando derretida com a grande extensão apontando em minha direção.

Esfrego as pernas uma na outra, de forma instintiva.

Recebo uma piscadela, me tirando uma respiração funda, e Alexander me vira de bruços em um instante, me dando um tapa estalado na bunda.

— Fica de quatro.

O pedido quase me faz engasgar e ele parece um pouco apressado quando me ajuda a cumprir a ação.

Deveria estar sendo muito estranho e eu deveria estar muito nervosa também; mas não, o calor que ele me faz sentir é tanto que não consigo arrumar um encaixe para essas coisas, então apenas deixo minha cabeça cair contra o colchão quando sinto sua respiração em minhas coxas.

— Você fica impossivelmente gostosa assim — seus dedos apertam minhas coxas, me enviando um choque imediato por todo corpo.

Não tenho tempo de interpretar suas palavras, porque um gemido do fundo da garganta é inevitável quando sinto o calor e maciez por entre minhas pernas.

Ele realmente está fazendo isso. Eu realmente estou fazendo isso.

*Está acontecendo*.

— Você tem um gosto delicioso, Renata — recebo uma mordida indolor na coxa esquerda. — Assim eu posso me viciar.

— Pelo amor, vai logo! — peço, minha respiração ofegante misturada à impaciência.

Ele ri atrás de mim.

— Você é ansiosa — seus dedos encontram meu clitóris, me fazendo engolir um grito profundo pelo choque da sensação. — Tem que ficar bem molhadinha para eu não te machucar.

— É impossível não ficar com você — admito em um fio de voz, minhas mãos apertando o edredom pela ansiedade.

Parece a coisa certa a se dizer, porque Alexander grunhe e então o calor que passo a sentir não é só da sua língua, e sim de sua boca.

Ele me incentiva a afastar ainda mais as pernas, me chupando e lambendo de um jeito que me faz tremer. Eu realmente estou tremendo.

São muitos choques. Ele é muito bom.

Estou perdida.

Começo a me mover contra sua boca, seus gemidos graves me estimulando de um jeito que nunca vou compreender. Eu poderia ter um orgasmo só por ouvi-lo.

Meu desespero aumenta quando passo a receber carinho de suas mãos na parte de trás das coxas, me fazendo amolecer como gelatina.

Eu derreto logo mais.

Alexander parece entender, porque sua boca parece exercer um pouco mais de pressão, exatamente onde sei que vou explodir.

E isso é realmente inevitável de acontecer quando sinto seu dedo longo e grosso me penetrar, fazendo somente um movimento, que é suficiente para me tirar de órbita.

Grito, mordendo o edredom e poupando algo exagerado, sentindo-me tremer quando Alexander persiste com sua boca em mim, me lambendo de um jeito mais calmo, seus gemidos mais roucos, me fazendo flutuar.

*Oh, nossa.* Isso foi perfeito.

Mas meu corpo continua agitado, querendo mais. Isso não foi suficiente.

Levanto a cabeça, olhando para trás e vendo Alexander ir até sua mala. Ele parece muito paciente pegando algo de dentro, então volta até mim.

Analiso todo seu corpo, um gemido sendo minha expressão.

— Você é muito gostoso — deixo escapar.

Ele dá um sorriso de lado, abrindo a embalagem do preservativo.

*Ele trouxe? Isso foi premeditado da parte dele?*

Não importa, no entanto. Não agora, com ele podendo me dar o que quero.

Observo-o envolver sua extensão, então se aproximar novamente. Ele sobe na cama, me incentivando a deitar de costas.

Respiro fundo, olhando-o de baixo, meu corpo inteiro formigando só por vê-lo, quanto mais sem qualquer roupa.

Ele separa minhas pernas, seus braços suportando o peso de seu corpo quando se inclina em minha direção e preenche meus lábios com um beijo calmo, um contraste gritante em relação ao meu estado.

Estou correspondendo, circundando sua cintura com minhas pernas, gemendo em suas boca e levando as mãos aos seus cabelos, me perdendo em todo Alexander.

Estou fervendo, precisando de mais. Deixou de ser um querer, é realmente precisar.

Ele interrompe o beijo, então sinto a fricção de seus dedos em meu clitóris. Ele está paciente, parecendo analisar minhas expressões.

Mas eu não estou com tanta paciência assim, então levando os quadris, e um convite suplicante.

Alexander parece entender, porque grunhe (de descrença?) e olha para baixo, onde nossos corpos se tocam.

Ele respira fundo, me olha outra vez e balanço os quadris, em uma afirmação do que quero.

Seu olhar novamente abaixa e solto um suspiro baixo quando sinto o calor e dureza. Ele é perfeito.

Fecho os olhos, tentando me concentrar somente na sensação.

— Abra os olhos, Renata — ele pede. — Quero que olhe para mim.

Eu olho, gemendo de tanto que ele é deliciosamente lindo, me fitando com seus olhos profundos.

— Você me enlouquece — confesso.

Ele dá uma risadinha baixa e grave, me fazendo quase babar de admiração, mas isso é dissipado quando sinto a dor aguda e inesperada.

— Ai, cacete! — grito, levantando a cabeça, só para deixá-la cair contra o colchão de novo.

Alexander solta uma lufada de ar pesada, eu sentindo-o pulsar.

— Você é *enoooorme* — alongo a palavra de propósito, porque estou me sentindo estranha de repente.

— Eu sei. Respire — ele pede, uma mão espalmando entre meus seios enquanto a outra desce ao meu clitóris e recomeço a ser estimulada. — Você me prendeu. Precisa me deixar entrar, Renata — seus olhos se fecham brevemente, ele parecendo se concentrar.

Obedeço, respirando fundo e começando a mover calmamente os quadris.

Alexander me olha de cima, mas desvia, eu tendo a impressão de vê-lo balançar a cabeça negativamente.

Mas estou sendo preenchida e não tenho tempo para chegar a uma conclusão sobre isso.

— É muita dor? — pergunta, voltando a me olhar. Parece realmente curioso.

— Um pouco. Mais arde do que... Seu desgraçado! — aperto seus braços por reflexo quando ele empurra novamente, conseguindo todo espaço dentro de mim.

Pelo menos eu penso que foi todo.

Alexander grunhe, sua mão entre meus seios apertando um, depois o outro, então ele parece mais agitado.

E fico impressionada e desentendida quando volta a se inclinar, para me beijar.

É um beijo doce, intercalando entre selinhos e mordidinhas no meu lábio inferior. Calmo. Suave. Delicioso.

Sua boca desce ao meu pescoço, onde também sou agraciada da mesma forma, ainda recebendo lambidelas.

Estou gemendo de absoluto e total prazer, como se não estivesse com 23 centímetros dentro de mim.

Eu duvido muito que seja tudo.

Quando começo a acariciar Alexander da mesma forma que ele está fazendo comigo, posso sentir sua respiração estabilizar mais, então ele se puxa calmamente para fora, seu rosto em meu pescoço e o som do seu gemido se abafando em minha pele.

Isso definitivamente é a melhor noite da minha vida, até agora.

— Estou te machucando? — a pergunta é sussurro fraco, como se ele estivesse com preguiça e cansado, mas é o som mais melodioso que me lembro de ouvir.

— *Tá* não — respondo, minhas mãos fazendo carícias circulares em suas costas.

Minha resposta é suficiente para ele voltar para dentro de mim calmamente, então sair de forma mais rápida; e entrar, sair, repetindo os movimentos até eu me acostumar com o pequeno incômodo.

— Está sentindo muita dor?

Quero rir por tantas perguntas, mas não faço, apenas sorrio, então nego.

Alexander levanta a cabeça, parecendo reclamar da sua própria ação.

— Vamos te fazer gozar — sua voz está arrastada, então logo sinto novamente seus dedos em clitóris, me acendendo de um jeito bom e que inibe mais a dor aguda. — Olha para mim. Eu quero ver você.

Engulo em seco, muita pressão me fazendo me sentir cheia, e sinto quando o orgasmo começa; não sabendo se foi a voz, os toques ou simplesmente olhar para ele que me faz chegar ao ápice.

Não é tão longo, mas é forte. Impactante. Diferente. Misturado. Cheio de novas sensações.

Somente o gemido grave de Alexander me traz de volta, eu acompanhando o momento que ele se desfaz do preservativo e se estimula em minha barriga.

Mas parece um cálculo errado, porque seu jato chega até ao meu queixo.

E fico surpresa por não achar mais que extasiante.

Sua respiração parece muito alterada, então sorrio para ele, me contorcendo um pouco na cama.

Seu olhar não se mantém muito tempo no meu, ele simplesmente jogando o preservativo no chão e caindo ao meu lado, seu braço me puxando para si.

— Você está bem? — questiona.

*Bem?* Não. Eu estou ótima.

Como nunca pensei que estaria…

# Capítulo 41

Eu não consigo me mexer.

Ou talvez seja só a sensação, mas não me lembro de qual foi a última vez que foi tão bom gozar. Quero dizer, gozar é muito bom, mas isso foi fenomenal.

Renata tem um jeito que me deixa louco. Tudo que ela fala, os gemidos, a forma que seu corpo se move, me convidando… É realmente de enlouquecer.

— Dormiu? — sua voz me faz abrir os olhos, mas não quero levantar a cabeça de seu pescoço, principalmente porque a posição que estamos parece perfeita.

Essa viagem foi a melhor ideia da minha vida.

— Não — respondo simplesmente, me sentindo ainda dormente. Não exatamente dormente, mas é como se eu estivesse com o corpo fraquejando.

Eu pensei que sabia o que era gozar pra ver, mas estava enganado.

— Estou me sentindo… Bem — ela parece pensativa. — Pensei que seria muita dor.

— E foi? — aperto um pouco sua cintura, adorando o jeito que ela ri e se remexe contra mim.

— Não foi, você é muito quente para que eu ficasse pensando em doer. Aliás, posso perguntar?

— Pergunte.

— Coube tudo? — sua voz parece vacilante.

Sorrio em seu pescoço.

— Acho que está meio óbvio, Renata. É claro que não.

— Suspeitei — dá uma risadinha. — Mas mesmo assim foi bom. Eu pensei que seria ruim, porque não imaginava minha primeira vez com alguém tão bom. Você sabia o que estava fazendo.

— Sabia. — Não tenho muita certeza, me controlei muito para não me descontrolar.

— Eu sei — outro riso, mais gracioso, então ela suspira. E esse suspiro eu conheço bem. De satisfação. Ela está satisfeita. — Muito bom.

Foi mesmo. Eu quero dizer em voz alta, mas imagino ser somente um reflexo dos meus pensamentos, porque meus olhos pesam de uma forma descomunal, até a voz de Renata pairar ao longe.

Muito distante e, ainda assim, muito perto.

※※※

Quando meus olhos se abrem, imediatamente me espreguiço de uma forma longa e gostosa, me sentindo tão bem que não consigo reconhecer.

Olho as janelas e então ouço o barulho da grande parede de vidro, os sentidos começando a entender o cenário.

Esse barulho. Pingos grossos de chuva batendo contra os vidros, o friozinho gostoso em contraste com os lençóis macios e cheirosos. E eu, totalmente bem. Renovado. Em paz.

E isso é uma novidade, que me tira um sorriso involuntário.

Quando foi que me senti tão bem depois de dormir?

Viro a cabeça, observando um pouco a chuva forte, a ventania fazendo as folhas balançarem com veemência.

Outro sorriso.

Eu dormi tão bem porque… Levanto a cabeça, olhando para o lado, encontrando o espaço vazio, então tudo faz sentido.

Não sabia que dormir bem poderia apagar lembranças momentaneamente.

Renata.

Ela não está na cama e isso me faz levantar, procurando minha calça, mas não a encontro, e nenhuma peça de nossas roupas, então vou até o banheiro e pego uma toalha, enrolando na cintura.

Saio ao corredor, logo descendo as escadas e vasculhando os cômodos. Quando chego à cozinha, a encontro.

Está assobiando e todo um cheiro gostoso enche os ares. Fico parado, imóvel, sem palavras pela cena.

Renata veste um short de couro preto e uma blusinha fina que só tampa os seios lindos e que minhas mãos imediatamente coçam para tocar de novo.

Engulo em seco, tentando entender o que aconteceu, mas não tem como, porque estava dormindo.

Fico onde estou, parado, olhando-a, bebendo sua imagem, seus movimentos indo até os armários e voltando à ilha. Parece bem relaxada ao fazer isso. Como se fizesse sempre.

E eu não sei por que sinto uma vontade louca de abraça-la.

— Ai, meu Deus! — ela dá um passo para trás, soltando a faca e levando as mãos ao peito. — Você me assustou. Está parecendo uma miragem aí parado.

— Oi.

Ela ri, o som e o sorriso me deixando ainda mais sem fala.

— Oi — devolve, então gesticula para mim. — Você acordou tarde, neném. São duas da tarde.

— Desculpe — eu começo a caminhar em direção à mesinha redonda à extrema direita sua, onde consigo olhá-la direito, até acordar completamente. — Você acordou há muito tempo?

— Bastante. Estava com fome, então vim usar sua cozinha, espero que não se importe.

— Nenhum pouco — desvio o olhar do dela, me sentindo um pouco idiota por querer chamá-la até mim. — Devia ter me acordado.

— Você estava dormindo muito bem, não queria te incomodar. Está com fome?

A pergunta me faz buscar seu olhar novamente.

— Sim. Quer ajuda?

— Não — ela sorri largamente, erguendo uma sobrancelha. — Você está bem?

— Estou, por quê?

— Não sei, parece meio travado.

Me levanto, indo em sua direção, então espio dentro das panelas, vendo macarrão e frango em cubos pronto, enquanto tem outra cozinhando legumes.

— Você parece radiante — olho-a, umedecendo os lábios com a língua.

— Por que não vai tomar banho, vestir uma roupa e vem almoçar comigo?

Eu assinto.

— Claro. Eu só vim ver onde você estava, porque não achei você na cama, fiquei preocupado... Pensei que tinha ido embora.

— É um neném mesmo.

Recebo uma carícia rápida no braço, então um tapinha leve.

— Vai logo — pede. — Vou te esperar.

E eu vou, me sentindo muito… Bem.

*Sim*, bem, porque isso não é comum para mim.

....

Quando volto à cozinha, Renata já está sentada, dois pratos à sua frente sobre a mesinha redonda, e ela parece distraída olhando para a porta dos fundos, que revela também uma boa visão da chuva forte.

— Voltei — me pronuncio, agora mais leve e acordado. E também com saudade do seu abraço.

— Logo a comida esfria — ela me olha e sorri, então gesticula a cadeira da frente. — Vem.

E eu vou, me sentindo muito bem.

— Vai ser bom comer algo feito também para mim — digo, pegando o garfo e enrolando macarrão. — Só eu faço ou compro. Você vê quando estou trabalhando.

— Tadinho de você — ela sorri, colocando em seguida um cubinho de frango na boca.

Tadinho nada. Eu estou mais que bem.

Me sirvo com o macarrão, não poupando um gemido pelo gosto.

— Foi feito com carinho — ela diz.

— Tem gosto de carinho — sorrio de boca cheia.

Renata ri, de novo. E cada vez eu gosto mais.

— Obrigada então.

— Eu que agradeço — falo com sinceridade. — Pela noite, por ontem e por ter me feito dormir tão bem. Você foi a responsável. Então, se alguém tem que agradecer, esse alguém sou eu. Obrigado você, Renata.

Não sei exatamente se é a coisa certa a dizer, mas a palavra lançada não volta atrás.

*Já falei.*

# Capítulo 42

Alexander está tão… diferente. A forma que ele está me olhando, como se eu fosse sair a qualquer momento e ele pudesse me impedir. Sim, é o que parece.

Mas não é algo ruim, muito pelo contrário. Eu gosto. Me faz bem. Eu me sinto bem. Depois do que tivemos, depois do que ele me fez ter, é importante e significativo que eu o esteja sentindo tão próximo.

Eu estou feliz.

— Você parece inquieta… — diz, me fazendo olhá-lo. E um suspiro é inevitável. Ele é maravilhoso, lindo, carinhoso. Essa voz… — A cadeira está desconfortável? Se quiser podemos terminar de comer na sala e…

— Não — o interrompo. — É só que... — gesticulo, rindo nervosamente. — Estou um pouco dolorida… Da noite. Né…

— Ah — ela balança a cabeça. — Eu sinto muito, mas não dava para ser mais suave do que fui. Realmente tentei ser cuidadoso.

Posso ter certeza que meus olhos estão brilhando, porque ele é a coisa mais fofa do mundo quando está assim, tão carinhoso e preocupado.

— Eu sei — o tranquilizo. — É só respondendo. Foi um momento maravilhoso.

Ele concorda, dando um meio sorriso. Parece… envergonhado?

— Terminou aí? Quero te levar para fazer uma coisa — ele aperta a nuca com uma mão, parecendo meio sem jeito.

— Terminei agora — coloco o último cubinho de frango na boca, mastigando e engolindo depressa, e levanto, Alexander me acompanhando na ação.

Nós ficamos parados, nos encarando durante alguns segundos, até eu achar que seu olhar é muito para eu suportar, então pigarreio.

— O que é? — questiono.

Ele dá dois passos a frente e segura minha mão, olhando para o contato alguns segundos, até me olhar de novo.

— Você é muito macia, eu adoro isso — sua voz sai baixa e melodiosa, me fazendo sorrir.

Ele também é macio de músculos e com a boca, e eu também adoro isso.

Alexander me incentiva a caminhar com ele e nós seguimos para a porta dos

fundos, que nos leva até um deck, onde esse é junto a uma área esverdeada. O gramado parece ter sido muito bem cuidado e as árvores enormes, quatro destas, foras os arbustos, deixa o lugar desejável.

Ele caminha até a escadinha do deck e solto sua mão. Seu sorriso é imediato.

— Que foi, linda? Tem medo de se molhar? — a pergunta é feita junto a um sorrisinho malicioso.

— Não tenho, mas pra quê?

— Pra você ver como é bom — sua mão novamente se entende, a essa altura ele já sendo muito molhado pela forte chuva. — Vem, é gostoso.

E eu vou, porque ele parece insuportavelmente lindo com a água colando sua camisa fina ao corpo e me deixando contemplar o abdômen que tanto amo.

Assim que desço o primeiro degrau, a chuva começa a me atingir. São pingos grossos e me fazem soltar um pequeno grito, porque o contraste do corpo quente junto com a água gelada, é altamente sentido.

Alexander ri, me puxando mais para o meio do gramado, sua mão soltando a minha para vir com a outra até minha cintura, onde recebo cócegas.

E não é justo, porque começo a me contorcer e rir de nervoso, tentando impedi-lo. Mas não é como se eu fosse conseguir, porque ele é dois tamanhos do meu e três larguras da minha.

— *Ahhhhh, paaaaaara!* — um grito histérico não é poupável quando as cócegas parecem querer me matar.

Alexander gargalha e suas mãos me puxam para seu corpo, ele me olhando de cima, ainda rindo.

Levo minhas mãos ao seu peito, onde sinto seu coração bater aceleradamente e ele tenta compassar a respiração.

— É escandalosinha? — pergunta, sua risada grave me fazendo sorrir.

— É apavorada mesmo.

Ele não para de sorrir, uma mão vindo ao meu rosto e tirando os cabelos grudados pela chuva.

E eu gosto muito disso. Alexander está me deixando muito bem. Principalmente quando seu rosto inclina em direção ao meu e ele raspa os lábios nos meus, seu suspiro quente sendo muito bem-vindo.

Ele morde meu lábio inferior uma, duas, três e quatro vezes, sua mão em meu rosto vindo à minha nuca, enquanto seu outro braço o certifica de manter junto ao seu corpo.

Alexander inicia um beijo lento, muito lento. Seus dedos começam a

projetar um carinho que parece calculado em minha nuca, me fazendo começar a sentir arrepios bons.

Levo minhas mãos aos seus ombros, descendo pelos braços, adorando quando ele aprofunda o beijo por minha ação, sua língua pedindo passagem para dentro da minha boca.

E eu concedo, amando a forma como ele parece rodeá-la por cada canto, suave e deliciosamente.

Ele parece controlado. Meticuloso. Carinhoso.

*Gosto tanto, tanto, mas tanto disso*.

Quando já estou ignorando completamente a água que cai sobre nós e se mistura ao gosto do nosso beijo, Alexander separa nossos lábios, encostando nossas testas e respirando com força.

— É a melhor viagem da minha vida — suas palavras saem ruidosas, como se fossem difíceis de pronunciar.

Eu sorrio, levantando o olhar sem desfazer o contato, então o vejo de olhos fechados.

— Uma viagem altamente de negócios — dou risada, mas ele se mantém como está.

— É sério, Renata.

Meu riso diminui, apesar da vontade ser de aumentar.

— É carentinho? — deslizo o rosto até seu ombro, então o abraço, tendo que ficar bem nas pontas dos pés.

— Um pouco — ele me abraça de volta pela cintura, talvez com muita vontade, pois logo meus pés estão deixando o chão.

— Alexander! — tenho que segurar seus ombros com mais propriedade e logo abrir as pernas, envolvendo seus quadris. — O que está fazendo? — afasto o rosto para olhá-lo, rindo um pouco da sensação de estar tão alta.

Ele dá um sorriso lindo, piscando os olhos um pouco mais rápido por causa da água da chuva.

— É medrosinha?

— Não — rio. — Mas nunca fui tão alta.

Ele me ajeita em seus braços, me puxando mais para frente, eu tendo que olhá-lo de cima.

Estou rindo agora de preocupação e nervosismo.

— Você não pode me soltar de uma vez senão posso quebrar a bunda — aconselho.

Percebo quando seus lábios se remexem, ele poupando um riso.

— Não quero sua bundinha quebrada, se isso é possível de acontecer — uma sobrancelha grossa se ergue, aprofundando seu olhar amendoado e que me deixa sempre impressionada.

— Somos dois então, não vamos querer descobrir.

— Não mesmo, senão onde você vai levar umas palmadas?

— É mesmo — eu concordo, o abraçando, colocando minha cabeça em seu ombro, um sorriso bobo chegando aos lábios. — Era isso que queria me mostrar, os fundos da sua casa nova?

— Não, a chuva.

— Você gosta de ver chover?

— Não — ele me aperta mais em seus braços e fecho os olhos. — Eu não gosto geralmente, porque me faz sentir sozinho, mas hoje não me senti assim, pelo contrário.

— Que bom, neném.

Alexander começa a caminhar, então abro os olhos, percebendo que estamos voltando em direção ao deck.

— Já vamos entrar? — pergunto.

— Vamos — sua resposta sai baixa e rouca, me lembrando quando o ouvi falar nesse tom.

Ontem. E nós não estávamos vestidos.

# Capítulo 43

Alexander me coloca no sofá da sala de estar, se ajoelhando à minha frente e segurando minhas coxas, me incentivando a manter as pernas ao seu redor.

— Seu sofá vai ficar todo molhado — aviso.

Ele fica me olhando, uma expressão serena no rosto. É tão bom de ver.

— O que foi? — pergunto, um sorriso tomando meus lábios.

— Sei lá — ele olha para baixo um instante. — Eu não costumo sentir o que estou sentindo. Estou tentando entender.

— Talvez eu esteja sentindo o mesmo — forço minhas pernas para abri-las. — Quero mais.

— Pensei que você estava dolorida — suas mãos vêm até minhas coxas e ele aperta, me causando calor imediato.

— Estou, mas não ligo. O que você me faz sentir supera.

— Muito bem então — ele sorri, se afastando um pouco para tirar a camisa molhada e jogar no chão.

O peito moreno e delicioso se exibe para mim mais uma vez e me inclino em sua direção, levando as mãos até sua pele e arranhando de leve. Alexander geme baixinho de um jeito rouco.

— Gosto muito do seu toque — as palavras parecem pesadas.

— E eu gosto muito de te tocar.

Dizer isso parece deixá-lo satisfeito, pois rapidamente sua boca encontra a minha e recebo um beijo quente. Também apressado. Com vontade.

Deixo-me voltar à posição anterior, erguendo os quadris em um pedido impaciente quando ele enfia a língua em minha boca e começa um vaivém com ela.

Alexander também começa a se esfregar contra mim, suas mãos passando por baixo da minha blusa, ele agarrando meus seios em suas mãos grandes e os apertando com força.

Um choque é inevitável, me fazendo separar a boca da sua para gemer.

Sua própria boca desvia para meu pescoço e ele começa a mordiscar minha pele e rodear a língua em cada pedacinho dela, seus gemidos graves começando a encher o ambiente.

E eu amo especialmente isso. Seus sons junto aos toques.

Me remexo, pedindo mais.

Alexander se afasta de repente, ficando de pé em um instante. Suas mãos são rápidas em deixá-lo sem o short, então também sem a cueca.

Minha boca se abre. É inevitável.

Ele se aproxima mais, agarrando a grande extensão e acariciando-a da base até a ponta, soltando um rugido.

E entendo o que ele quer, porque também quero.

Volto a me inclinar em sua direção, sentando ereta, e logo sinto sua mão livre em minha nuca enquanto a outra traz seu pau aos meus lábios.

— Abre — ele pede.

Eu sorrio, mantendo os lábios juntos. Seus olhos estreitam e vejo seu abdômen denunciar sua respiração difícil.

— Não me faça implorar, Renata.

Balanço a cabeça.

Ele emite um som alto, talvez de impaciência, e em uma instante suas mãos vêm ao meu short, Alexander o puxando pelas minhas pernas junto com a calcinha.

Começo a ofegar, me sentindo mais leve que uma pena quando volto a cair de costas contra o sofá e ele se ajoelha outra vez, segurando minhas pernas abertas enquanto traz a boca ao meu sexo.

Recebo uma chupada forte, que me faz quase ver estrelas. Então sorrio com o resultado de não ter aberto a boca.

Agarro seus cabelos o quanto consigo, amando a forma que ele geme, parecendo gostar muito do que está fazendo.

Que bom para mim.

Um dedo longo se junta à sua boca e lábios, eu querendo desmaiar de tanto que é bom, mesmo com a dor e ardor, que passam a ser pouco evidentes.

Alexander me olha durante sua ação, me deixando desesperada. Tenho noção que estou gemendo muito, mas não tem como ser de outra forma enquanto estou sendo presenteada com tantas sensações.

Seus movimentos hesitam por um instante, e por reflexo puxo seus cabelos.

— Não para, por favor… — peço.

Ele levanta a cabeça, sorrindo enquanto lambe os lábios, então circula seu dedo bem dentro de mim, me deixando agoniada de vontade.

— Alexander… — É um pedido, mas também uma ameaça.

— Tão ansiosa quanto linda — ele puxa o dedo do meu interior, levando-o à boca e chupando, soltando um gemido que me deixa arrepiada. — Doce, muito

doce.

Trago meus próprios dedos até a boca, chupando também, mas de desespero.

Ele expira com força, voltando a me lamber, seu dedo vindo ao meu auxílio outra vez, e agora começa um vaivém mais rápido.

Me agito contra o sofá quando o orgasmo se aproxima, agarrando as almofadas ao lado, me sentindo toda arrepiada.

— Abre os olhos, Renata. Olha para mim.

Sua voz está pesada e cumpro ação, vendo sua expressão tomada de admiração. Sei porque é a mesma forma que o olho.

— Você vai gozar? — ele pergunta, inclinando a cabeça um pouco para o lado.

— Eu vou!

Ele sorri, seus lábios voltando a me agraciar e agora sua língua se concentrando em meu clitóris, e sinto o choque dos pés e que chegam à cabeça em questão de décimos.

E minhas pernas caem para o lado, Alexander apertando meus seios enquanto não para de me lamber.

Estou voando.

— Meu Deus! — coloco minhas mãos por cima das suas. — Isso foi…

— Foi mesmo — ele beija o interior da minha coxa, logo em seguida minha barriga, até chegar à minha boca, onde recebo um beijo suave e lento.

Sorrio em seus lábios, recebendo um gemido muito masculino como resposta, sentindo suas mãos começarem a passear por meu corpo.

É também a melhor viagem da minha vida.

— Você ainda vai ser uma menina malvada? — ele pergunta, seus lábios beijando o cantinho na minha boca.

— Só quando for propício…

Ele ri, se afastando devagar para se colocar de pé.

Seu membro está duro realmente, apontado para frente, fazendo uns movimentos rapidíssimo, que parecem involuntários.

— Isso é normal? — levanto o olhar para ele, que parece um pouco vermelho.

— Sim, é muita vontade — segura minha mão, me incentivando a sentar, e então segurar seu longo instrumento. — Vem, chupa o meu pau.

E eu chupo, enlouquecendo com seu gemido do fundo da garganta, me sentindo boa negócio.

Mas tenho ciência de que não sou, Alexander que parece estar em um nível extremo de vontade.

Suas mãos vêm ao meu cabelo, ele juntando-o nelas, então dá um puxão que me faz levar a cabeça para trás.

Olho seu rosto e recebo um sorriso encantador, que me faz querer derreter bem onde estou.

— Que boquinha gulosa — fala, mas não estou querendo responder o óbvio, então forço minha cabeça para frente, voltando à minha ação.

Alexander é muito grande e eu não sei como conseguir que ele tenha prazer da mesma forma que me concede, então apenas presto atenção em seus gemidos, nos lugares que parece gostar mais conforme a pressão de seus dedos em meus cabelos.

— Fica parada — ele pede e, sozinho, começa a fazer o vaivém com o próprio corpo, eu tendo que apertar meus seios de tão bom que é tudo isso. — Olha para mim, Renata.

Eu olho, vendo seus próprios olhos se estreitarem e os gemidos se tornarem entrecortados.

Ele balança a cabeça, acelerando os movimentos e levo as mãos ao seu abdômen tanto quanto consigo, recebendo um rugido quando o arranho com força.

— Caralho! — ele solta meu cabelo, descendo uma mão à minha nuca, onde segura, e a outra vai ao seu membro, que ele o estimula rapidamente. — Desculpa, amor.

E só entendo o porquê do pedido até sentir o líquido quente na boca, que parece chegar em grande quantidade.

Também não entendo o motivo de gostar disso.

# Capítulo 44

Alexander solta um gemido áspero, estimulando-se um pouco mais, então sua boca se curva um pouco em um sorriso, até ele ajoelhar-se à minha frente, as mãos em minhas coxas.

— Você engoliu — ele fala, parecendo descrente.

— Eu não tinha opção — limpo os cantos da boca, meio intrigada com o que acabo de ver e sentir. Não por nada, mas porque gostei. E gostei muito. — O que eu poderia fazer quando me deparei com um monte de… líquido na boca?

Ele ri, então balança levemente a cabeça em negativa.

— Me desculpa, eu não consegui controlar. Mas é melhor do que ser dentro de você, porque você poderia engravidar.

Engulo em seco, me deparando com uma imagem. Um bebezinho lindo com os cabelos rasos e escuros como o céu da meia-noite, lembrando Alexander. Ele seria um pai lindo.

— É… — concordo. — Que bom que foi na boca.

— Sim — ele traz o polegar à minha boca e esfrega meu lábio inferior de leve, logo em seguida sua mão descendo por meu corpo devagar, até ele parar entre minhas pernas, o que me faz juntá-las, tirando um sorriso seu. — Um dia ainda vai ser aqui dentro.

— O que isso quer dizer, que vamos namorar?

Eu não sei exatamente por que pergunto isso. Talvez porque eu queira. Mas me arrependo de imediato quando Alexander para de sorrir e ergue as sobrancelhas, inclinando um pouco a cabeça para o lado, como se fosse algo estranho.

— É claro que não, Renata — responde, soltando um som em descrença. — Não é porque transamos que vamos namorar. Você sabe disso, não é?

Meus olhos quase se abrem um pouco mais de surpresa devido ao seu tom de descaso e desdém.

— Sei — balanço a cabeça afirmativamente o tanto que consigo. — É claro que sei.

Ele me encara por uns segundos, a boca levemente aberta, então eu desvio primeiro, porque o olhar dele parece demais para suportar depois dessa verdade.

Ele nem cogitou…

— Eu não acredito — ele diz, dando um riso, que imediatamente é substituído por uma expressão de quem não quer acreditar no que concluiu. — Você achou que isso mudaria meu pensamento, Renata?

— Isso?

— O sexo — enfatiza. — Você achou que depois de transar eu ia mudar minha cabeça porque você era virgem?

— Não — respondo de imediato. — É claro que não achei.

Talvez eu tenha pensado que haveria a possibilidade, mas não cem por cento. Apenas é doloroso ver a verdade.

— Está parecendo que achou — ele levanta e vai até o seu short jogado e molhado no chão, pegando-o e vestindo.

Eu desvio o olhar, puxando uma almofada para me cobrir.

*Por que agora pareço mais nua do que estou?*

Alexander solta uma lufada de ar profunda e pesada. Muito pesada.

— Escuta, você lembra, não é? — questiona.

Eu o olho, colocando o cabelo atrás da orelha, me sentindo com frio.

— O quê?

— Você que quis que eu tirasse sua virgindade — seu olhar e tom se tornam mais duros. — Eu não pedi, não insisti, não queria. Só fiz por sua causa.

Minha boca se abre, em descrença.

— Minha causa? — estou incrédula. — Você não gozou na minha boca por minha causa, Alexander.

— Eu não ia te engravidar. Não sou maluco.

Balanço a cabeça.

— Com certeza você é — rebato. — Não estaria dando esse… ataque… se não fosse — aperto mais as almofadas ao corpo.

— Você não deveria ter insinuado nada disso, Renata — ele esfrega o rosto com as mãos. Parece irritado agora.

Mas não mais que eu, que ainda estou com seu gosto em minha boca e ouvindo-o falar um monte de merdas.

— O que foi que eu insinuei, seu doente? — pergunto, me levantando e também perdendo a minha paciência, que até que é muita quando se trata dele.

— Que iríamos ou poderíamos namorar. Você quer namorar. Esse é o problema.

— Você pode até ter razão, eu quero namorar, mas, tendo em vista o seu — gesticulo — chilique, não mais com você, com toda certeza.

— Eu não namoro.

— Isso é ótimo então — dou um sorriso cínico. — Você deve saber o que isso significa.

— O quê? — sua voz sai mais baixa. — Você não pode se demitir por isso.

— Eu não vou me demitir. Isso não foi uma troca ou uma compra. Foi bom, eu gostei, você fez certo, o que é de impressionar pensando agora — o encaro por um instante. — Mas nós não vamos ter nada além do profissional. Não mais.

— Pra que essa merda agora, Renata? — ele abre os braços, parecendo não entender. — Agora que eu já tive o principal você tá falando que não vai mais rolar?

— Não vai mais rolar? — estreito os olhos. — Primeiro você fala como homem, não moleque, e depois eu também já tive o que eu queria, perder a virgindade com prazer. Não preciso mais ter medo.

— O que isso quer dizer? — ele dá um passo à frente, deixando os braços caírem ao lado de seu corpo.

— O que está óbvio. Eu quero namorar e não vai ser com você. Vou poder transar à vontade, também — caminho até minhas roupas, pegando-as do chão. — Não estou arrependida — olho-o de novo. — Mas você poderia ter apenas sido menos arrogante.

— Eu não fui arrogante — ele grunhe. — Fui sincero. Não iria ficar te comendo e criando esperança de algo a longo prazo, se não é minha intenção. Nunca foi.

— Já entendi, Alexander. Não tem que repetir.

Um longo e pesado silêncio se instala, e nós nos encaramos à mesma altura, e isso é impressionante, mas só porque estou com muita raiva e levemente decepcionada.

— Por que você tem medo de relacionamentos? — Não resisto a perguntar.

Ele ri. Um riso melancólico.

— Não tenho medo, Renata. Relacionamento requer muitas coisas, as quais eu não estou disposto a dar.

— É mesmo uma pena.

— Uma pena? — sua boca se curva em um sorriso torto. — O que é mesmo que você sabe sobre relacionamento?

— Nem mais e nem menos que você.

— Você acabou de perder a virgindade, com certeza menos do que eu.

— Sair pulando de cama em cama não te faz saber sobre relacionamentos, ao menos amizade — caminho até sua frente, olhando dentro dos seus olhos. —

Se soubesse ao menos um pouco sobre essas coisas, não estaria me tratando dessa forma. Não se trataria dessa forma.

Tenho a impressão de ver seu olhar suavizar, então ele solta um suspiro baixo.

— Eu só não quero que você pense que estou querendo algo além… — ele hesita, parecendo repensar. — Além do seu corpo.

*Eu pensei.* Pensei quando ele me segurou no colo, na chuva, e me beijou carinhosamente… E me chamou de *amor* quando tivemos algo tão íntimo. Realmente pensei.

— Talvez — eu sorrio. — Mas você deu seu recado bem dado — viro-me, caminhando para ir até a escada.

Quando piso no primeiro degrau, ouço sua voz novamente, me chamando. Eu o olho.

— Você também deu bem dado.

Eu o ignoro, voltando a subir os degraus.

Ainda bem que arrependimento não mata, ou eu já estaria em óbito.

# Capítulo 45

Eu não gosto desse clima.

Renata não está falando comigo. Não diretamente. E isso é muito desnecessário.

Por que ela tinha que ter falado aquilo? Estava tudo bem entre nós. Não precisava dessa palhaçada.

Se não tivesse maturidade suficiente para perder a virgindade sem se envolver, que tivesse me avisado. Que tivesse continuado virgem. Que tivesse saído da merda do meu caminho.

Eu não preciso de mais esse problema na minha vida.

— Quando nós vamos embora? — ela pergunta, aparecendo na cozinha, onde estou cozinhando e tentando dispersar as ideias e pensamentos sem sentido.

Por que parece que eu tenho culpa de algo? Porque não tenho. Porra, não tenho mesmo. Não fiz e não falei nada que não fosse a mais absoluta verdade.

— Amanhã — respondo sem tirar o olhar da panela. — Logo cedo.

Quando um silêncio pesaroso se instala, eu olho para o batente da porta, me surpreendendo por ainda vê-la em pé, me olhando.

— O que foi? — questiono.

— Eu não disse nada.

— Por isso estou perguntando. Por que quer saber o dia que vamos embora?

— Não está óbvio? — ela parece impaciente, mas não explosiva como quando discutimos. E não acredito que realmente o fizemos.

— Não está, Renata. Você vai se demitir?

Ela emite um som de escárnio.

— É claro que eu não vou me demitir, pensei ter deixado isso claro.

— Tenho minhas dúvidas, tendo em vista seu olhar e o tom da sua voz para mim.

Renata revira os olhos, então gesticula.

— Estou indo dar uma volta — fala. — Volto mais tarde.

— Não tenho guarda-chuva aqui, Renata.

— Não te pedi um — ela se vira e sai, me deixando agoniado.

*Mas que merda*. Eu não preciso disso. Não mesmo.

***

Já passa da meia-noite e Renata ainda não voltou.

E estou tentando, realmente estou, colocar na cabeça que não preciso me preocupar. Mas, é foda, não está funcionando.

O que essa mulher está pensando, afinal? Ela não pode sumir mais de sete horas, sem dar nenhuma notícia, nesse temporal e em uma cidade que não é sua.

*Porra*, já não basta tudo que ela conseguiu estragar em apenas segundos?

Paro de dar voltas na sala e caminho até as janelas da lateral da porta de entrada, abrindo a cortina e grunhindo pelas pancadas de água.

*Garota burra*.

Volto a caminhar em círculos, até me cansar e sentar no sofá.

Confiro as horas mais uma vez. 01h02.

O que infernos ela está fazendo até essa hora?

Resolvo esperar deitado, mas assim que me levanto, ouço o baque na porta.

Imediatamente caminho até ela, destrancando e girando a maçaneta.

— O que...

Não termino a frase quando Renata passa por mim, completamente ensopada, os braços ao redor do corpo, tremendo os lábios quase brancos.

Volto a fechar a porta, querendo muito quebrar alguma coisa.

— Por que você estava na chuva? — me viro para olhá-la, que começa a tremer.

— Eu vou dormir — me dá as costas.

— Espera, porra — caminho até ela, segurando seu braço. — Deixa eu pegar ao menos uma toalha para você não sair molhando tudo por aí.

Ela não me olha, mas ficar parada é minha resposta, então subo as escadas depressa, pegando uma toalha no banheiro do primeiro quarto que encontro, voltando rapidamente até ela.

Renata aceita a toalha e começa a se secar, mesmo trêmula.

Cruzo os braços, observando e me impedindo de me oferecer para fazer a ação por ela.

— Obrigada — ela mal me olha quando se vira para sair.

— Você não vai me dizer o que estava fazendo? — questiono quando ela

chega à metade dos degraus.

Ela não se vira ao menos para me olhar e isso me incomoda, de alguma forma.

— Eu disse, fui dar uma volta.

— Você poderia ter me avisado que ia dar uma volta de sete horas, Renata — digo, incrédulo pelo seu tom de desdém. — Eu fiquei preocupado. Se você não tivesse voltado, eu ia te procurar onde?

— Mas eu voltei.

— Você está sendo muito infantil — abro os braços, sem encontrar um meio de me expressar. — Olha só pra isso, que desnecessário.

— Boa noite, Alexander — ela me deixa, subindo o restante dos degraus.

Muito desnecessário. E eu não preciso mesmo disso.

Tem alguns muitos minutos desde que estou tentando dormir.

Que hilário. Eu não consigo nem em dias comuns, o que dirá agora.

Resolvo me levantar, então pego meu notebook, o carregador e desço. A chuva ainda está forte, os pingos carregados fazendo muito barulho contra os vidros. E se tem uma coisa que essa nova casa tem, são vidros.

Meus passos são preguiçosos e, quando alcanço a sala de estar, paro de imediato.

Renata está no sofá.

E não sei exatamente qual a melhor opção: ignorar e seguir caminho até o deck ou me aproximar e perguntar por que ela está acordada.

Minhas mãos ocupadas coçam para se juntar, em apreensão.

A tosse alta me faz matar a charada e a dúvida, então meus passos me levam até ela.

Parece estar encolhida com o edredom ao redor do corpo, tampando também a boca.

— Ei, você está bem? — indago, colocando o notebook e o carregador sobre a mesinha de centro.

Ela não responde. E isso me deixa puto.

— Renata?

Continuo sem obter resposta, então me abaixo à sua frente, segurando a

borda do edredom que cobre sua boca, e puxo.

— Porra, custa responder? — Mas me arrependo quando vejo seu tremor exagerado. — O que você tem? — minhas mãos vão ao seu rosto, tocando sua pele e sentindo o quanto está quente. — Renata...

Ela aperta bem os olhos, juntando mais ainda o edredom ao corpo.

— Você está com muita febre — concluo, levantando novamente, então olho para os lados, sem saber o que fazer. — Puta merda... Espera aqui.

Caminho depressa até a cozinha, olhando também ao redor.

Precisa de médico? Imagino que não.

Leite quente. Pode ajudar.

Rapidamente caminho aos armários, e em instantes estou voltando à sala com uma xícara de leite muito quente.

Me abaixo ao lado de Renata, recebendo seu olhar.

— Toma, isso deve te ajudar a parar de tremer — ofereço a xícara e ela, que parece trêmula até mesmo para pegar. — Deixa.

Me ajeito e eu mesmo ajudo-a tomar, levando aos seus lábios devagar, Renata tendo dificuldade para engolir.

Ela solta um gemido esganiçado, me deixando muito mais preocupado.

— Você não devia ter pegado tanta chuva à toa — a repreendo.

Renata desvia a boca da xícara, deixando claro que não quer mais tomar.

— Não seja teimosa...

Ela volta a cobrir a boca com o edredom e, tomado pelo momento ou medo de como ela pode estar se sentindo, deixo a xícara na mesinha e me sento ao seu lado, puxando-a para mim e começando a aquecer seu corpo com o meu.

É só uma febre. Está tudo bem. Ela vai ficar bem.

— Deus queira que você fique bem logo — eu digo —, senão eu posso morrer de preocupação.

E isso não é uma hipérbole.

# Capítulo 46

— Como está se sentindo?

A pergunta me faz abrir os olhos com mais ímpeto, então vejo Alexander ao meu lado. Ao que parece, está mastigando o lábio inferior entre os dentes. Sua barba e cabelo estão enormes, o que é relevante, visto que faz poucos dias que estavam quase rasos.

— Dolorida — faço uma careta, sentindo minha boca amargar. — Eu dormi?

— Sim, sim — ele gesticula, parecendo um pouco desnorteado. — Você apagou por horas. Já está quase amanhecendo, mas não se preocupe, não precisamos ir hoje. Ainda está chovendo.

— Já me sinto melhor — me esforço para sentar, percebendo estar no quarto. O quarto que… Não quero lembrar. — Podemos ir, não tem problema.

— Podemos, mas não vamos.

Passo as mãos nos cabelos, sentindo o quanto estão bagunçados. Eu fui muito burra.

Fui, porque minha intenção era somente dar uma volta pela cidade, mas meu dinheiro não deu para pagar um táxi de volta, porque caminhei até muito longe, então tive que vir andando mesmo. E isso que levou horas.

— Eu vou procurar uma farmácia para comprar algum remédio que ajude você a melhorar — ele levanta, e eu também, poupando um gemido de desconforto. — Fica deitada até eu voltar, aonde pensa em ir?

— Estou bem, Alexander — passo os braços ao redor do corpo. — Tomar banho deve ajudar.

— Você sabe que não está bem — ele se aproxima, suas mãos vindo aos meus ombros. — Para de ser teimosa, Renata. Eu só estou querendo te ajudar.

Encaro-o por um instante, não querendo concordar, mas também não tendo outra opção coerente.

— Tudo bem…

— Ótimo. Volta a deitar que eu tenho algo para te distrair até eu voltar.

Eu o observo sair do quarto apressado e vou para a cama de novo, me cobrindo toda. O barulho forte de chuva é muito gostoso, mesmo dadas as circunstâncias.

Depois de alguns minutos, Alexander volta com seu notebook e outros apetrechos. Ele caminha até a TV que fica na parede de frente para a cama, então conecta algum cabo, que também vai computador.

Em instantes estou vendo *Once Upon a Time* aparecer na tela.

Alexander me olha e dá um sorriso.

— O que acha? Em qual episódio você parou? — questiona.

Não quero querer parabenizá-lo pela brilhante ideia de distração, mas eu deveria.

— Episódio 4 da terceira temporada — respondo.

Ele rapidamente coloca.

— Eu não demoro, aqui não parece muito movimentado, então vou chegar rápido — avisa. — Tenta não aprontar até eu voltar.

Assinto tanto quanto consigo, vendo-o me deixar.

Aprontar? Isso é algo que não faço e nem nunca fiz. E não vou fazer.

※※※

Quando o quarto episódio está no final, Alexander aparece. Ele está sem camisa, o que tento não prestar atenção, mas é impossível. O cinto marrom da bermuda jeans branca o deixa tremendamente sexy.

— A chuva não para — diz, passando uma mão nos cabelos e caminhando em minha direção. — Eu demorei porque não tem uma farmácia perto. Como se sente, melhor?

— Não, mas vou ficar — respondo, então faço um esforço para me sentar. — Pegou chuva também?

— Não muito — ele senta na ponta da cama, colocando a sacolinha em mãos no criado-mudo. — A garota da farmácia disse que só precisa de vinte gotas disso — ele vasculha por algo dentro da sacola, puxando um frasco — aqui e vai ficar boa logo.

— Tomara, é muito ruim ficar assim.

— Quem sabe desse jeito você não aprende a ser menos teimosa? — ele sorri de canto, me tirando um suspiro. — Coloca a língua para fora.

— Hm?

— A língua. Para fora. Eu vou colocar as gotas.

— Não é melhor uma colher?

— Eu gastaria mais tempo indo pegar uma — ele nega. — É só colocar a língua em formato de concha. Assim — Alexander me ensina, o que eu acho muito adorável, mesmo me recriminando por isso.

Eu tento imitá-lo e ele dá uma risadinha, tirando a tampa do remédio e pingando algumas gotas na minha língua.

Engulo, sentindo o gosto horrível e azedo.

— Tão ruim assim? — ele ergue uma sobrancelha.

— Sim, parece o pior gosto que já senti.

Alexander me encara por um longo momento, então sorri.

— O pior? — pergunta.

— Sim, que me lembro.

— Que bom — seu sorriso parece muito insistente e talvez ele esteja querendo dizer algo que não estou entendendo. — Está com fome?

*Não*. Eu estou carente. Mas não posso dizer isso a ele, porque seria como iniciar uma nova discussão. Ele entenderia que estou interpretando sua ajuda de forma errada, o que não é uma verdade.

Sei que ele está fazendo o que qualquer pessoa com um pouco de altruísmo faria.

Mas Alexander se sente muito "o cara" para compreender que eu estaria apenas pedindo um abraço. Ele diria algo como, "Você está louca e não entendeu o que eu disse".

O que também não seria uma verdade, porque ficou tão claro quanto água e não sou do tipo de pessoa que alimenta expectativas onde não existe nada.

— Não estou sentindo fome, na verdade — respondo, voltando a deitar. — Obrigada.

— Mas acho que você deve comer — rebate, trazendo uma mão à minha testa. — Está morna, é um bom sinal. Eu vou descer e preparar alguma coisa para você. Está conseguindo engolir sem dificuldade?

— Não, dói um pouco.

— Então algo que não precise mastigar — sua mão desce até minha bochecha e ele acaricia um pouco, sorrindo de leve. — Você vai ficar bem. Volto logo.

Alexander levanta, saindo do quarto e me deixando contemplar o quanto é lindo até mesmo caminhando.

Ele tem razão por se sentir tanto, a culpa é de quem o circula. Somos

atingidos por esse alto nível de tudo que ele tem, então o fazemos ter noção de tudo que ele é.

Eu também sou culpada.

# Capítulo 47

Não gostei disso. Não mesmo. Renata é melhor quando não está bem. Mais… fácil de lidar.

Mas parece que o remédio funciona mesmo, porque ela acordou depois com todo gás, já sem febre e dizendo que estava bem. Então nós voltamos e essa é a pior parte.

Eu estava gostando de cuidar dela, da casa, da gente… E, porra, por quê? Não faz o menor dos sentidos.

*Sim*, porque ela é só foi uma mulher na minha cama, não é? E por que parece que não? Por que ela está parecendo ter tanta importância? Por que infernos estou lembrando tanto do jeito que ela é totalmente entregue e deliciosa no sexo?

Me levanto da cadeira, já angustiado.

Eu vim direto para o escritório, mas Renata foi à sua casa, trocar de roupa. Pela hora, já deve ter chegado.

E resolvo conferir.

Saio à sala da secretária, cumprimentando-a com um aceno de cabeça, então vou em direção à porta onde Renata fica.

Dou duas batidas antes de abri-la e ser recebido pelo olhar escuro e curioso.

— Vim ver se você tinha chegado… — explico.

— Cheguei há uma hora. Já estou acabando o que sua secretária disse que eu deveria fazer, já que não vou mais ficar em sua sala.

Pigarreio.

— Eu ia te dizer isso pessoalmente… — desvio o olhar um momento. — Ainda não tinha decidido.

— É bom você falar olhando para mim — suas palavras parecem mais sérias. — Sabe, o lance de passar confiança e intimidar no olhar. Não está funcionando agora.

Talvez porque não estou conseguindo olhá-la por muito tempo. Não tem como transar com a Renata e depois tratá-la como uma simples funcionária. Não do jeito que ela se entrega.

Deveria ser do jeito de sempre, eu deveria estar acostumado – pensei estar –, mas não foi como premeditei.

Parece que a cada segundo estou querendo-a mais.

— Enfim — olho ao redor, buscando algo a dizer —, eu vim desejar um bom trabalho. Você está mesmo bem?

— Sim — seu olhar está em sua tarefa e ela parece indiferente, mas não gosto.

Eu gosto quando ela é carinhosa, entregue, receptiva e engraçada. Gosto quando ela gosta de estar comigo. Realmente gosto.

— Tudo bem, tchau.

Saio da sala, meio cabisbaixo, mas resolvo colocar só trabalho na cabeça, visto que Renata não é  simplesmente – eu sempre soube que não seria, mesmo sem querer admitir – mais uma minha cama.

※※※

Estou deixando minha sala quando passa das dez, e dessa vez não foi proposital. Eu só me peguei muito entretido no trabalho por conta de não poder concentrar minha mente em outros episódios que não são agradáveis.

Pego o elevador para descer, sentindo uma forte dor no corpo. Não sei se é físico ou psicológico, mas me incomoda para cacete.

Solto a respiração com força, saindo quando as portas se abrem, para me direcionar ao estacionamento no subsolo pelo outro lado.

De repente tudo parece mais difícil, respirar, caminhar, pensar… e só assim percebo que não passa de psicológico.

Tento ignorar e faço o caminho até o estacionamento, pegando a chave do carro no bolso e me dirigindo ao veículo, desviando o olhar para o lado, quando ouço o ruído de vozes.

Estreito os olhos, um pouco confuso, mas não muito quando reconheço a silhueta feminina. E não preciso de muitos segundos para reconhecer sua companhia.

David.

Preciso de um instante para refletir sobre isso, mas, como me notando, o

olhar se direciona a mim.

Não o dela, o dele, porque Renata está de costas para mim.

David tem a cara de pau de me cumprimentar com um aceno, que eu ignoro, terminando o caminho até meu carro e destravando a porta.

Mas parece que ele não se sente filho da puta o bastante e, pelas janelas, o vejo se aproximar, acenando como em pedido para eu esperar.

Eu devia acelerar em cima dessa cara de merda dele, mas obtenho um controle até então desconhecido para mim e abro o vidro da janela que ele aproxima, fazendo um gesto de cabeça para que diga o que quer.

— Saiu tarde hoje — ele está sorrindo, não sei exatamente para quem.

— O que você quer, Fox?

— Ah — ele se apoia na janela, apontando para trás rapidamente. — Estava aqui batendo um papo com a Renatinha e ela me disse que está trabalhando perto do meu andar.

— Ela está trabalhando ao lado da minha sala.

— Sim, que é um andar depois do meu — seu sorriso alonga. — Estamos indo comer uma pizza, quer ir com a gente? A amiga dela vai com o namorado.

— E você com sua namorada, eu suponho — coloco uma mão no volante.

— Ah, não. Eu sou solteiro. Você sabe… — ele se aproxima mais. — Eu deixo claro minhas intenções. Ela sabe.

— Ela quem?

— Renata. Ela também quer — ele ergue um ombro. — Ao menos foi o que eu entendi, porque deixei claro minhas intenções. Ela é muito gostosinha e aquele jeito bravo só me deixa mais curioso.

— Curioso? — Minha mão aperta o volante enquanto tento não seguir o caminho dele.

Ele é um desgraçado e está fazendo de propósito porque nunca o tirei do nível baixo de Executivo.

— Sim, muito curioso — David olha para trás um instante. — Me conta aí, Alexander, você que já comeu, ela é boa?

— Se afasta do meu carro ou eu passo por cima de você sem pensar duas vezes — ordeno, olhando dentro dos seus olhos e deixando claro que não estou brincando.

Ele ri, se afastando e erguendo as mãos.

Ligo a chave de ignição, ainda vendo Renata esperá-lo lá trás, como a lerda que é.

Mas eu não vou esquentar a cabeça com mais isso. Não vou, porque não é

da minha conta. Ela não é.

*Não tem que ser.*

Saio do estacionamento, com destino a um lugar que sempre vou, mas tinha esquecido desde que ela apareceu.

# Capítulo 48

Eu não sei exatamente quem parece mais sem graça. David ou Leonard. Eles se deram bem, o que não me impressionou, porque dois iguais se dão bem.

Bianca me olha, chupando com força o canudo de sua bebida, fazendo um barulho alto. E é de propósito.

Leonard a olha, ainda rindo de algo que está conversando com David.

— Quer mais alguma coisa, amor?

Ela deixa o copo na mesa, dando um sorriso irônico.

— Nós acabamos as pizzas há quase uma hora, seria legal se fôssemos passar algum tempo juntos — responde.

— Eu pensei que você gostasse da companhia da sua amiga — Leonard parece incrédulo, o que deixa Bianca do mesmo jeito, só que mais.

— Você é o meu namorado, eu também gostaria de passar um tempo com você.

— Claro — ele coloca a mão por cima da sua, acariciando. — Nós já vamos. Deixa só eu terminar essa conversa aqui com o David e vamos aproveitar muito juntos.

Ela bufa, e eu tento fingir que não estava prestando atenção no pequeno bate boca deles, mas é tarde quando ela gesticula, cochichando um, "Você acredita nisso?".

Balanço a cabeça negativamente, porque realmente não acredito.

Bianca parece muito impaciente e eu dou mais uma mordida na minha sobremesa, uma panqueca deliciosa de chocolate, até que recebo um chute na canela, me fazendo resmungar.

Olho para ela, a repreendendo, mas então ela gesticula com a cabeça para trás de mim.

Me viro para olhar, e não sei exatamente o que pensar quando vejo Alexander e Arthur se dirigirem a uma mesa. São eles mesmo.

Volto a olhar Bianca, que agora está sorrindo e eu não entendo o motivo. Ela odeia o Arthur.

Indago sobre a situação com o olhar e ela responde com uma risadinha.

O que ele está fazendo aqui? Eu sei que David foi até ele no estacionamento

falar sobre umas pendências, mas disse que Alexander estava tão irritado que não quis ouvir.

E eu não acreditei muito nisso, porque ele é sério, mas não de um jeito irritado. Somente quando alguém diz algo que ele não gosta. E também quando recebe um não.

— Eu vou lá — Bianca se inclina para falar.

— Não — a repreendo.

— Mas eu não estou te pedindo permissão, Renata — sorri. — Vem comigo?

— Não vou passar essa vergonha, obrigada.

— Ah, fala sério. Vai ser legal, vamos lá — ela se vira para David e diz algo em seu ouvindo, ele balançando a cabeça que sim.

Eu também não sei exatamente o que me dá na cabeça, porque levanto e vou atrás dela, que parece nenhum pouco constrangida em passar as mesas e chegar até a que está nossos chefes.

Acho muito louvável da parte deles fingir que não estão nos vendo, mantendo uma conversa entre si, que parece divertida, já que estão rindo.

E isso é uma coisa impressionante. Não só para mim, como também para Bianca, que ergue as sobrancelhas ante a cena.

— Ora, ora — ela espalma as mãos na mesa, olhando os dois. — Se não são os irmãos Damon por aqui.

Eles não dizem nada, apenas ficam olhando-a. E eu quase quero puxá-la para voltarmos até nossa mesa.

— O que estão fazendo aqui? — Bianca questiona quando nenhum deles se pronuncia. — Não venham me dizer que vieram comer pizza, porque eu sei que não foi.

— A pergunta certa seria — Arthur se inclina em direção a ela —, por que você veio até nossa mesa se o seu namorado está lá atrás?

Alexander sabe que estou junto, mas não me olhou um instante sequer, mesmo eu vendo todos os seus movimentos.

— Curiosidade — ela responde.

— Não é bom ser curiosa, meu amor.

Ela tira as mãos da mesa, então me olha.

Em segundos tenho o olhar de Arthur em mim, e ele parece surpreso por me ver.

— Você é a… — parece tentar lembrar meu nome.

— Renata — eu digo. — Oi.

— Isso, Renata. Desculpe não ter lembrado — ele dá um sorriso lindo, que o deixa muito jovem. Ainda mais do que parece ser. — Veio com seu namorado também?

— Não, vim com um amigo.

— Um contraste legal. Amiga e namorado — ele aponta Bianca. — Amiga e amigo.

— Você não me faz cair na sua, Arthur — minha amiga parece descrente. — Tantas pizzarias por aí e você veio exatamente nessa, o que é uma coincidência muito grande, tendo em vista que eu te disse que viria aqui.

— Ledo engano, Bianca — ele parece muito tranquilo. — Meu irmão é dono dessa franquia — aponta Alexander, que está bebendo alguma coisa é fingindo indiferença. — Aliás, a promoção de hoje é graças a nossa equipe de marketing.

— E não existem outras?

— Sim, mas essa é a mais perto — Alexander responde, tomando a atenção para si.

Ele está… *Argh*. Lindo de um jeito desarrumado. Tirou o terno e sua blusa está com o dois primeiros botões abertos, revelando um pouco do peito delicioso, que chama atenção até sua barba, já preenchida do jeito perfeito, e a forma como ele parece muito sexy com a camisa enrolada até os cotovelos.

— Vocês não precisam de promoção — sou eu que digo, porque não gosto do fato de ele tentar me fazer invisível. — Podem comer sem pagar, são os donos.

Arthur ri, o que tira um som esganiçado de Bianca. Alexander se mantém do jeito que está.

— Vocês vieram até aqui por nossa causa — ela fala, nitidamente começando a se estressar.

— Tem razão, linda — Alexander surpreende respondendo. — Foi mesmo.

Nós ficamos em silêncio, obviamente porque não era a resposta que estávamos esperando.

Arthur a olha, dando um sorriso curto, então bate no assento ao seu lado.

— Está convidada a sentar conosco, porque eu sei que o seu namorado não está sendo uma boa companhia.

Ela balança a cabeça em negativa, nitidamente tentando entender o que está acontecendo.

— Você só pode estar… — diz, mas Arthur nega, a interrompendo.

— Não estou. Eu vim salvar sua noite — ele levanta-se, então faz uma

reverência. — Sir. Arthur, ao seu dispor.

Então eu não evito um riso, porque é realmente impossível, quanto mais vendo a expressão de Bianca.

Mas meu riso se esvai quando sinto a mão em minha cintura, então a voz.

— Fugindo de mim, Renatinha? — David questiona, me fazendo olhá-lo.

E também ouço a risada de Alexander agora, que parece muito escariosa.

— Qualquer mulher foge de você — ele fala.

— Vamos dar uma volta? — David o ignora.

E eu não sei o que fazer, porque nisso Alexander tem razão, qualquer mulher fugiria de um encontro com ele.

# Capítulo 49

Renata não consegue enganar nem ela mesma. O sorriso morto que dá ao Fox me comprova isso. Ela está achando uma merda.

— Eu acho que vou embora — ela responde para ele, que finge estar triste. — Minha amiga vai sair com o namorado e acho mais propício que eu vá para casa.

— Se é mesmo o que você quer — ele segura suas mãos —, eu vou respeitar. Você sempre vai ter o seu espaço comigo.

Bianca e meu irmão também estão tendo que contemplar essa cena, que é insuportável.

— Ela não quer ir com você, não ficou claro? — eu digo, porque não tenho muito paciência para essas merdas de mentira.

Renata me olha, o que não retribuo, porque quanto menor o contato, menos eu vou me importar.

Sei que eu trouxe meu irmão até aqui comigo para não parecer um maluco vindo sozinho, mas acho que depois ele vai me agradecer ou só está tirando uma com Bianca. Nunca dá pra saber exatamente o que Arthur está pensando.

E essa não é a minha real preocupação e sim o fato de Renata ter aceitado sair com esse palhaço bancando o bom moço e ter se arrependido, mas não sabendo como sair da situação.

— Que bom — ela fala, tirando as mãos das suas e olhando a amiga. — Você vai ficar? Eu já estou indo.

Ela parece pensar enquanto olha Arthur, que não parece ansioso e nem nada, como se soubesse a resposta.

Mas eu também estou de saco cheio desse fingimento ridículo da Renata, como se estivesse tentando se manter imune a mim.

— Eu te dou uma carona, Renata — digo, me levantando.

Ela dá um sorriso e esse eu sei que escorre presunção.

— Não, obrigada — responde. — Vou pegar um ônibus.

— Eu faço questão.

— Mas ela não faz — David me olha, sorrindo de um jeito que me faz apertar as mãos e não socar sua cara até cansar o braço.

— Eu prefiro que você vá com o Alexander — a amiga diz. — É mais

seguro.

— Não é mais seguro, com certeza — ela dá um riso sem graça.

— Estou te esperando no carro — aviso, dando um aceno para Bianca e me dirigindo ao lado de fora.

Meu carro é um dos primeiros no estacionamento, mas, por via das dúvidas, espero em frente.

Eu não acho que ela virá, mas vou usar da mínima esperança que existe para aguardar um pouco.

A amiga tinha razão, comigo ela está mais segura. Mais que à mercê de um idiota como David. Acho muita palhaçada que ele tente me atingir usando Renata para isso.

Infelizmente, ele acertou em cheio. Tentar fingir descaso não funciona, então, se é para jogar, tudo bem, eu posso fazer isso.

Quando estou ficando agoniado, já desistindo de esperar, vejo o vulto se aproximar, que logo se faz notar Renata.

E um sorriso surge em meus lábios, o que não me deixa surpreso, porque é de satisfação.

Caminho até a porta do carona, abrindo e esperando-a se aproximar.

Seu olhar vem me fuzilando de longe e, quando ela está perto, solta um resmungo.

— Calma, é só uma carona — digo.

Renata me ignora e entra no carro, e seu perfume todo me atinge, me fazendo respirar fundo.

Bato a porta e também vou ao meu assento, colocando o cinto e dando partida no veículo.

Renata bufa uma vez, o que sou bom em ignorar, mas, quando o faz mais duas vezes, tenho que olhá-la de soslaio, um pouco incomodado.

— O que foi, seu encontro foi muito irritante? — pergunto, e não é uma brincadeira.

— Também.

Fico surpreso com a resposta, porque foi algo notável ao longe.

— Isso e mais o quê? — Tenho certeza que tenho culpa.

— Eu não entendi por que você foi por minha causa.

— Não exatamente por sua causa, mas por causa do David. Ele não te merece.

Renata ri. Parece que achou mesmo engraçado.

— Ele não me merece… — repete. — Engraçado você, Alexander.

— Estou falando sério — paro no sinal vermelho. — Se quer se envolver com alguém, ótimo, você até deve mesmo — hesito, porque dizer isso tão deliberadamente requer um pouco de sacrifício, levando em conta que a ideia não parece muito boa. — Mas que pelo menos não seja com um idiota.

— Ele é idiota, mas você também é.

— Não estamos fazendo uma comparação, Renata — encaro-a seriamente, para que ela saiba que não estou brincando. — Se for para comparar, nós dois sabemos quem vai sair ganhando nessa. Encontra um homem que te faça gozar, e não que te faça de idiota ou brinquedinho para me atingir.

— Do que você está falando? — parece estupefata agora. — O David apenas queria ser gentil.

— Não, ele queria te comer — coloco novamente o carro em movimento.

— Eu queria que ele me comesse.

Quase freio bruscamente tamanha a força que as palavras me atingem. Não posso olhá-la da forma que quero por estar dirigindo, mas também não deveria, porque é normal que ela queira isso.

Com outros homens, outras camas, outras casas, outros corpos…

— Ele é muito idiota para você — é só o que acho coerente dizer. — Aquele não é o cara.

— E quem é? — ela parece um pouco enfurecida. — Você? — seu tom está carregado de deboche.

— Eu não gostaria de dizer, mas, sim, eu sou. Mas também entendi que seu lance é namoro.

— Não que meu lance seja namoro, Alexander — meu nome é pontuado de forma severa. — Eu apenas quis deixar claro que não sou do tipo que você está em uma noite e descarta pela manhã, porque não, para isso eu não tenho mesmo qualquer preparo e maturidade. Sou sentimental mesmo e te avisei isso.

Fico em silêncio, porque não me lembro de ela ter avisado, mas imagino que estando com tão pouca paciência, não seja algo que queira ouvir.

— Eu vou ser sincero com você, Renata — a olho um instante, voltando a atenção à pista. — Foi muito gostoso o que tivemos e eu gostaria de repetir, mas não assim, sabe, com você me fazendo parecer um monstro. Poderíamos jantar, dançar e transar sem pressa.

Minha resposta é uma risada, quase me deixando com medo quando se torna uma gargalhada.

E eu não entendo por quê.

# Capítulo 50

Foi uma péssima semana. Eu não vou fingir que estou bem, porque não estou. Isso de trabalhar com o chefe que se perdeu a virgindade, não dá muito certo.

Não dá nem um pouco certo, na verdade.

Alexander está agindo normalmente. Ou melhor, formalmente. Está sendo apenas profissional, no sentido mais original da palavra.

E isso é bom, claro. Muito bom. Só estou incomodada, porque, toda vez que o vejo ou ele vem me dar algum recado de um minuto, eu me lembro da forma que ele fica terrivelmente quente quando me deixa quente.

Eu sei, realmente não deveria ter que me lembrar de nada disso, mas como posso esquecer? E tão rápido? Infelizmente, eu não tenho essa habilidade, facilidade e capacidade [imediata].

Se de um lado Alexander não se apega fácil, do outro, tem eu, que me apego em questão de horas.

E eu também sei que existem outras opções, que estou aberta a conhecer, mas ele está tão próximo… Querendo ou não, muito próximo.

Gostaria de toda vez que ouço sua voz do outro lado, falando com a secretária, ou quando ele vem até mim, falar comigo, não ficar com meu coração acelerado. Tão acelerado.

Maldita realidade que estou tentando veemente ignorar.

Olho meu celular, vendo que deu a hora de ir embora, e essa é a parte que comemoro, porque vou ficar livre dele e do som da sua voz; mas também, é a parte que eu cruzo os dedos para não encontrar David pelos corredores.

Pego minha bolsa, guardo o que é meu, junto as pastas em cima da mesa, e me levanto para sair.

A secretária já foi embora, o que posso comprovar por ver a mesa arrumada e a cadeira no lugar, e isso é muito estranho porque ela é a última a sair. Talvez quase junto com Alexander, que é o último a deixar o prédio.

Dou os passos que me levam ao elevador, mas por algum motivo eu olho para a porta do escritório dele. A luz está acesa, indicando que ele está lá dentro.

Mas o fato da secretária não estar, me faz estranhar muito. E posso ser burra por voltar e ir à sua porta, dando duas batidas e esperando ser atendida.

Isso é também curiosidade.

Não obtenho resposta, então bato outra vez; o que também não se diferencia, e acho propício girar a maçaneta e abrir a porta, agradecendo por estar destrancada.

A porta é tão boa que não faz um ruído sequer, o que me dá a chance de procurar por Alexander, achando-o sentado perto do sofá, com um monte de folhas e envelopes pardo perto das pernas.

Parece atarefado.

— Licença — eu me faço notar, seu olhar levantando lentamente até mim.

Ele me encara, parecendo esperar que eu diga mais alguma coisa.

— Ahn… — gesticulo. — Eu vi que a secretária tinha ido embora, então achei um pouco esquisito.

— Eu a liberei mais cedo porque a filha dela estava doente. Você precisa de alguma coisa?

— Ah… Não, só queria ver se estava tudo bem.

— Com a secretária? — seu olhar volta aos papéis, ele tornando a se concentrar.

— Também. Quer dizer, porque quando se acostuma com um loop, é estranho que não aconteça, então desperta a preocupação.

— Hum… — ele murmura. — Entendi. Mas ela está bem, só foi cuidar da filha.

— Que bom.

Fico parada por um instante, observando-o.

É errado, ao menos parece, mas não consigo dar a volta e ir embora. Isso me incomoda, só que não consigo.

— Você tem certeza que não precisa de nada? — Alexander pergunta, sua voz sendo muito estrondosa devido o silêncio, mas ele não me olha.

Pigarreio.

— Tenho. O que você está fazendo?

— Procurando uns documentos específicos, assinando outros, lendo alguns contratos… Enfim, ganhando dinheiro.

— Mais ainda.

Ele solta um som que se assemelha a um riso, mas não chega a ser completamente.

— Sim, mais ainda — ele rasga uma folha em mãos, o que lembra o episódio que ele me colocou para fazer algo que eu não era capaz, me esforcei e Alexander rasgou. — Temos que melhorar sempre no que sabemos que somos

capazes.

— Em busca da perfeição…

— Perfeição não existe — ele discorda, levantando uma folha contra luz, amassando e jogando para o lado em seguida. — Aperfeiçoamento seria a palavra certa.

— Melhoria…

— Exato.

Eu fico quieta, observando-o por mais um tempo. Ele é muito alto, com suas pernas longas tomando todo o espaço entre a mesa menor, que ele colocou mais ao lado, e a estante.

— Você sempre trabalha até tão tarde? — questiono, porque o espaço do silêncio não é bom.

— Sim, geralmente. Eu não tenho muito o que fazer fora daqui, então prefiro cansar de esforçar a mente.

— Isso deveria te deixar com sono… Por que não deixa?

— Me deixa com sono — ele pega um envelope, lê a frente e rasga no meio. — Eu só não consigo dormir, mas sono eu sinto.

— Entendi…

— Você devia ir embora, está ficando tarde.

— Eu vou… — pigarreio.

Mas eu não vou. Fico parada onde estou, observando-o com propriedade. Ele sabe ser profissional de verdade.

— Você quer chamar um táxi? — ele me olha então e eu desvio para olhar as folhas no chão, sentindo que parece muito difícil retribuir.

— Não, eu vou de ônibus.

— Tudo bem — Alexander se levanta, levando algumas folhas na mão. — Eu ainda tenho muita coisa para ler e outras para redigir. Não precisa mesmo de nada?

— Não — dou um passo para trás e seguro a maçaneta. — Você quer ajuda?

— Não, obrigado. Eu já sou acostumado a me virar sozinho — ele sorri, só um esboço, que vejo muito rápido porque o olho de raspão. — Sou acostumado a fazer tudo sozinho desde que assumi as empresas do meu pai. Enfim, agradeço a disposição em ajudar.

— Por nada — abro a porta e dou mais um passo para trás. — Então é isso, boa noite.

— Boa noite, até amanhã.

— Até — eu fecho a porta, sentindo o quanto minha mão está suada.

E, quando solto a respiração, que parece estar presa, tenho noção do que estou sentindo; que não ficaria mais claro nem se estivesse tatuado na testa.

*Droga de coração.*

# Capítulo 51

— Você está bem?

A voz do meu irmão parece estar muito distante, apesar de ele estar à minha frente. Eu o olho, não entendendo bem a pergunta.

— Como assim? — devolvo.

— Parece meio aéreo… Distraído, envolvido em outro mundo — parece me analisar. — Pensando ao longe, mas conhecido como, não está prestando atenção em mim.

— E você precisa de atenção?

Arthur ergue uma sobrancelha, parecendo surpreso.

— Definitivamente não. Pelo menos, não sua, mas quando se trata do meu montante, sim, preciso da sua atenção — ele dá um sorriso de lado. E está sorrindo muito, o que não é de seu feitio.

— Cobra do contador a atenção.

— Certo — ele se acomoda melhor na cadeira. — O que está acontecendo? Sou seu irmão, pode falar comigo. Não vou te julgar, seja lá o que for.

Solto um suspiro pesado, passando as mãos no rosto e encarando-o. Ele parece estar disposto a me ouvir.

E, tudo bem, porque ele é mesmo meu irmão. Se tem alguém que eu deveria confiar, é nele. Mas não somos o tipo de irmãos que conversam sobre tudo. Nunca fomos. Nosso pai fazia isso conosco, até cada um ter sua casa.

Mas é um risco que estou disposto a correr, porque se não conversar com ninguém, isso pode me fazer explodir.

— A amiga da Bianca, você lembra?

Arthur estreita os olhos, parecendo pensar.

— Ah, sim. A moreninha de cachos, me lembro. O que tem ela?

— Ela é minha assistente.

— Saquei — ele cruza os braços. — Como a Bianca é minha.

— Isso — desvio o olhar, um pouco balançado. — Eu vou fazer o resumo, porque é agonizante lembrar cada detalhe.

Arthur assente, de acordo.

— Nós viajamos para Albany há duas semanas — continuo. — É um lugar que me traz boas lembranças por causa do nosso tio-avô Brian, então eu comprei

uma casa lá.

— E nem me contou…

— Eu não tive tempo — desdenho. — Enfim, nós transamos.

Arthur ri.

— Desculpa — levanta as mãos. — É que você pareceu um pouco amedrontado ao falar. Ok, e depois? Ela se demitiu? Não foi bom?

— Não se demitiu, foi muito bom e ela era virgem.

— Entendi, você fez ela se arrepender.

— Não — discordo. — Quer dizer, ela gostou, é só que… Como eu posso explicar?

— Pela parte que você está afligido por isso.

— É que… — passo as mãos no rosto outra vez. — Eu falei umas coisas que não precisava, porque pensei que ela estava pensando em namoro.

— Ela estava?

— Não sei, ficou subentendido que sim.

— E você não gostaria de namorar com ela? — Arthur se inclina para frente, colocando os cotovelos sobre a mesa. — Pensa como poderia ser bom namorar a mulher que confiou a você a primeira vez dela. Eu gostaria.

— Eu não quero namorar.

— Por que não? — parece desentendido.

— Parece muita coisa — minhas mãos estão inquietas.

— Mas você nunca namorou, como pode saber o que se espera? — Arthur emite um som de deboche. — Você e a Bianca realmente não sabem como um namoro deve ser.

— E você sabe?

— Sei, é claro que sei — gesticula. — Eu já namorei muito e, modéstia parte, sou um ótimo namorado. E você também seria um, se não tivesse medo.

— Não é medo — bufo. — É precaução.

— Precaução do que, cara?

— De não fazer… certo — admito, um pouco desgostoso. — Parece complicado. Eu não sou o tipo de homem que namora.

— Não existe isso, Alexander. Você só precisa deixar as coisas fluírem. Foi bom com ela, não é?

— Foi. Muito — passo as mãos no rosto, pesaroso por tudo que estou sentindo. — Mas, sei lá.

— Não sabe mesmo — Arthur ri. — Uma coisa tão simples e você complicando. Se ela não se demitiu, já é uma outra chance que você já tem.

— É, mas… O que vou dizer? Ela está indiferente a mim. É como se fôssemos dois estranhos… Ela quis assim.

— Não — ele dá um sorriso. — Ela não quis assim, você que quis, por estar com medo.

— Não quero dar falsas esperanças a ela.

— Porra, Alexander — ele ergue as mãos em impaciência. — Você também não ajuda, cara. Se não quer nada com ela, só sexo, vai atrás de uma mulher que queira só isso também. Ela não é obrigada a ficar lidando com a sua indecisão.

— Não é indecisão, eu só não gostaria de errar. Não com ela…

— Então deixa eu te falar uma coisa — ele se inclina para frente outra vez —, você já errou. Foi um filho da puta. Não estaria se remoendo se não tivesse sido.

— Experiência própria? — sorrio sarcástico.

— Sim, infelizmente sim. Muito própria. Agora você devia parar com isso de ficar se lamentando se não vai tomar uma providência — ele gesticula para trás. — Muda a garota de setor, esquece ela, deixa que ela viva a própria vida, porque já não deve estar sendo fácil para ela.

Fico em silêncio, refletindo nas palavras, que nesse momento se embaralham em minha mente.

— O que você acha que devo fazer?

Arthur parece incrédulo.

— Você não ouviu tudo que eu disse? — pergunta. — Se você a quer, levanta daí e diz para ela, mas deixa específico que não quer só o corpo dela, se isso for verdade. Agora, se não, deixe-a em paz. Não vai confundir a mente dela, o que acho que já é muito tarde para pedir.

— Eu não sei se ela vai querer me ouvir — olho a porta, sabendo que Renata está somente a alguns metros de mim. — Não sei se ela me aceitaria depois de tudo que eu disse.

— Foi tão pesado assim?

— Não… — trago uma mão à nuca. — Quer dizer, não para mim, mas talvez tenha sido para ela.

— Então, pela minha experiência, foi pesado — meu irmão dá um riso estranho. — Quem diria que eu, o irmão mais novo, estaria te dando conselhos sobre mulheres.

— Engraçado — bufo.

— Não tanto — ele levanta-se. — Eu te ligo mais tarde para saber o que

você decidiu. Agora preciso ir, tenho um encontro e estou cheio de fome.

— Poderia almoçar comigo.

Arthur caminha até a porta, rindo alto.

— Não é fome de comida, Alexander.

E ele sai, mas não consigo parar de pensar em o que devo fazer.

*Será que estou disposto a me arriscar por ela?*

# Capítulo 52

Estou entretida em minha tarefa de organizar a agenda da semana de Alexander, porque sua secretária ainda não voltou, quando ouço o clique da porta.

Olho de soslaio, acompanhando o momento que ele entra na sala e fecha a porta. Tem algo nas mãos, que eu não presto atenção porque foco em seu rosto, esperando que ele diga o que quer.

E saia logo da mesmo ambiente que eu, porque imediatamente eu sinto o cheiro inigualável. O perfume que eu recomendei.

E isso não é nenhum pouco justo.

— Bom dia, Renata — sua voz está mais baixa, embora com a mesma potência.

— Bom dia.

Alexander caminha até mim, então estende o braço, me dando o que tem em mãos, que percebo ser um potinho.

— O que é isso? — questiono.

— Eu estava vindo e fiquei com vontade de comer algo doce e gelado — ele gesticula quando pego o recipiente em mãos. — Então comprei uma torta e te trouxe um pedaço.

— Ah — eu abro o potinho, ficando imediatamente com água na boca. Volto a olhá-lo. — Parece deliciosa, obrigada.

— Você não tem nada contra comer chocolate pela manhã, não é?

— Não. Acho que toda hora é boa para comer chocolate.

Ele sorri, então gesticula para o espaço livre ao meu lado no sofá de couro.

— Posso me sentar com você? — questiona.

— Pra quê?

Alexander hesita, parece pensar em uma resposta.

— Gostaria de conversar algo sério com você — sua resposta tem propriedade, o que me faz concordar.

Eu espero que ele não vá me demitir, porque o dinheiro realmente foi bem-vindo há três dias. Muito bem-vindo.

Ele senta ao meu lado, ajeitando o terno e apoiando os cotovelos nos joelhos, se inclinando para frente, de forma que me olhe na altura dos olhos.

Tenho um pouco de temor, levando em conta que estou, depois do que

parece tanto tempo – mesmo sem ser –, cercada por Alexander.

Seu tamanho, seu cheiro, seu calor e o seu olhar, que é tão castanho e límpido de uma forma que o deixa tão tentadoramente lindo.

*Merda…*

— O que o senhor quer conversar? — pergunto, estritamente profissional da forma que estamos sendo.

— Sobre a verdade — a resposta é tão séria que me faz ficar apreensiva.

— A verdade? — Estou desentendida, apreensiva e curiosa.

— Sim, a verdade — ele repete. — Sei que ficou certo que nos contentaríamos em agir apenas de forma profissional, mas… — hesita, olhando um nonassegundo para o lado, só para me olhar de novo. — Não está funcionando, eu preciso admitir. Não para mim.

— Me pareceu que estava, você está agindo tão corretamente — eu digo, porque não fez muito sentido.

— Corretamente — ele dá um riso sem graça. — Não, Renata. Eu sinto que parece, mas não é.

— Eu também sinto.

Alexander balança a cabeça em negativa.

— Não, Renata. Não — ele parece tentar encontrar as palavras. — Não quero ficar mais negando o que sinto, porque eu gosto muito de você.

Estreito os olhos, tentando não ficar confusa, mas não é muito possível.

— Você — aponto para ele — gosta muito de mim? O que isso significa?

— Significa que eu quero você.

Talvez a minha perplexidade, misturada com embaraço, e também o óbvio alienamento, me façam esbanjar uma expressão perdida, porque Alexander se inclina ainda mais em minha direção, me fazendo piscar os olhos rapidamente algumas vezes.

— Mas — ele continua e sua voz sai como um sopro —, eu não quero só o isso ou aquilo. Não quero escolher o que quero.

Balanço a cabeça, tentando normalizar as ideias.

— Acho que não estou entendendo, Alexander — digo, porque é verdade. — Por que está dizendo isso?

Ele segura minhas mãos nas suas, puxando-as para suas pernas e deixando ali.

— Quero você de toda forma, Renata — sua respiração funda atinge meu rosto e, misturada ao cheiro dele, não fazem muito bem. Ou fazem demais. — Quero quando parecer carinhosa, mas também quando ficar confusa; quando

parecer irritada comigo, com certeza é com razão, mas eu também gosto. Gosto porque significa que tenho algum espaço nos seus sentimentos, que te faço sentir algo.

Engulo em seco, tentando processar o que estou ouvindo. Mesmo que pareça não fazer sentido.

— Alexander, você está bem?

Ele sorri, mesmo não sendo seu sorriso completo.

— Não estou — a resposta não me surpreende, porque… Bom, é óbvio.

— Está bêbado?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Não estou bêbado, Renata — responde. — Só se for de saudade.

Eu com certeza riria – e deveria –, se não estivesse tão absolutamente perdida.

— Não, me parece mais bêbado de álcool mesmo, embora eu não esteja sentindo que está parecendo…

— Olha — Alexander parece um pouco sem jeito agora —, eu só queria dizer o que sinto, mas acho que é um pouco tarde… Você não parece acreditar em mim.

— É, é bem por aí, e não me sinto culpada por isso, porque você me deu muitos motivos.

— Tem razão — ele concorda. — Mas eu estou arrependido e achei que seria relevante dizer. De toda forma, se você ainda quisesse — ele traz minhas mãos às minhas próprias pernas, separando nosso contato —, eu gostaria de namorar. Já que, obviamente, não é a situação, me desculpo de toda forma.

— Se desculpa? Mas eu já te perdoei.

— Me desculpo por não ter reparado meu erro a tempo de ainda ter uma chance com você — ele levanta-se. — Já estou arrependido de agora, muito — dá um sorriso, nitidamente nervoso. — É a vida.

Isso é muito… fora do normal. Eu não sei o que dizer ou fazer.

— Espero que você goste da torta — ele gesticula. — Lembrou muito a sua, só que não é tão boa. Bom dia, Renata.

Eu fico observando-o caminhar até a porta, a boca levemente aberta por causa da surpresa.

Isso foi uma declaração? Alexander se declarou para mim.

— Como você pode saber que me quer? — a pergunta sai de algum lugar dentro de mim.

Ele se vira, a mão já na porta.

— Desde que estou há duas noites sem conseguir dormir nenhum pouco pensando na possibilidade de você com alguém que não seja eu, ou de não conseguir mais estar com você — outro sorriso, mas esse é sem qualquer brilho. — Nunca senti nada assim, mas, tudo bem, você não é responsável pelo que sinto... Nos vemos por aí.

Alexander sai e nunca imaginei que ver uma porta sendo fechada me faria ter um nó tão grande na garganta.

# Capítulo 53

Chego em casa, mas não sei exatamente como. O caminho foi feito mesmo no automático, porque não consigo me lembrar.

Foi jogado um balde de água gelada e com pedras de gelo em cima de mim. Alexander fez isso dizendo tudo aquilo.

— Ei, Renata?

Olho para o sofá, vendo Bianca enrolada em um cobertor. Provavelmente o ar está na temperatura mínima, mas nem isso eu consigo sentir direito, porque é muito estranho.

Solto a bolsa no chão e caminho até o seu lado, me jogando no sofá.

— Eu não sei o que aconteceu hoje — digo, porque não sei mesmo.

— O que aconteceu?

— Acabei de dizer que não sei — olho-a. — Não exatamente, quero dizer. O Alexander se declarou para mim. Ele disse mais do que eu gostaria de ouvir. Ele foi… — busco a palavra. — Um amor. Me disse coisas que eu nem consigo repetir.

— Ué — Bianca parece desentendida. — O Alexander?

— Ele mesmo.

— Por quê?

— Eu não sei — balanço a cabeça. — Quer dizer, ele disse que queria conversar sobre a verdade, então começou a dizer umas coisas, que gostava muito de mim, que me queria, que gostaria de namorar — estou descrente por falar em voz alta. — Namorar, Bianca!

— Namorar com você? — ela leva as mãos à boca.

— Não, Bianca, com você.

— Eu quero!

— Palhaça — sorrio. — Mas, é sério, o que você acha que eu devo fazer?

— Não tenho que achar nada, meu anjo. Ele quer você, não a mim — ela finge limpar uma lágrima.

— Não sei o que fazer, Bianca, é sério. Ele mudou muito rápido o pensamento — olho para qualquer lugar, querendo um foco. — Há apenas um mês, me disse coisas pesadas e agora apareceu falando isso com tanta credibilidade… — olho-a de novo. — E se ele estiver mentindo?

— Ele é mentiroso?

— À essa altura, sempre pareceu mais que sincero...

— Hm… — parece pensar.

— Você que já teve vários relacionamentos, me diz, o que você acha? Como saber se um homem diz a verdade?

— Meu anjo — ela ri —, você falando assim parece que eu namoro sempre.

— E namora.

— Tá, tá — gesticula. — Quero dizer que isso não me faz uma perita em homens. Cada um é diferente, cada um mente de um jeito… Sim, alguns tem pontos em comum, às vezes a maioria, mas não tem como eu bater o martelo e dizer se Alexander está te enganando ou não. O que seu instinto diz?

— Que é mentira — começo a roer a unha, muito nervosa. — Não consigo acreditar, porque, como eu disse, era tudo e mais que queria ouvir. É surreal.

Bianca parece refletir sobre o que eu disse.

— Olha, Renata — ela pega uma almofada e coloca sobre as pernas —, eu não vou dizer o que acho que você deve fazer, porque nada a ver, nem conheço muito o Alexander, mas pensa direitinho… Se você acha que ele merece uma chance, dá para ele.

Ela estreita os olhos, então ri.

— Dá a chance, eu quero dizer — complementa. — O chato é que o Leonard tinha conseguido uns ingressos para gente em uma boate muito requisitada e um carinha ia ir com você.

— Quê?

— Um encontro — ela gesticula, parecendo acuada. — Ele sabe que gosto de agito. É que nós conversamos e eu disse que estaria tudo acabado se ele não tentasse ser um namorado de verdade… Aí ele deu essa ideia.

— Você arrumou isso sem me consultar? — Não estou impressionada.

— Pensei que você gostaria de ir — agora parece ofendida. — Não sabia que estava apaixonada pelo Alexander.

— Nem eu — admito. — Não até semana passada…

— Agora que sabe, o que vai fazer? Mas pensa direito, porque ele é um homenzarrão. Eu queria muito — ela umedece os lábios. — Muita potência ele tem.

— Pode parando com isso — a repreendo. — Você tem seu namorado.

— Já está com ciúmes?

— Claro que não — olho para qualquer lugar outra vez —, é só que… Não

é nenhum pouco agradável ver você falando isso dele. Eu não falo essas coisas com seu namorado, então mais respeito.

— Nossa — ela levanta as mãos —, me desculpa. Eu jamais pensei que você iria querer me bater por causa de um homem.

— Não quero te bater — bufo. — Mas não fala mais assim dele.

— Recado dado e recado entendido — ela finge costurar a boca. — Não está mais aqui quem falou.

— Ótimo, parece que entendeu — me levanto. — Agora eu vou ligar para o Alexander.

— Nem sei quem é — ela deita e pega o controle da TV.

Sorrio, mas antes de ir ao meu quarto, acho coerente perguntar:

— Quem era o cara do encontro, Bianca?

— Não faço ideia, mas o Leo disse que você ia gostar.

Eu duvido muito, mas, à essa altura não preciso mais de um encontro, porque preciso ter o encontro.

E com o meu par favorito.

# Capítulo 54

O clima está gélido. É muito estranho, mesmo sendo minha cozinha, minha casa...

A sensação depois de se dizer tudo que sente. Os mil e um pensamentos que giram na cabeça e nos faz repensar se foi a melhor opção.

Parecia ser. Até eu ver o olhar perdido de Renata. Tenho consciência de que ela não acreditou em uma só palavra que eu disse. E isso me parte o coração. Mas não posso culpá-la de todo. Uma boa parcela da culpa é minha.

Talvez o fato de ter focado somente na minha carreira, não tenha sido de todo bom. Olha só para o outro lado, o sentimental, eu nem sei como deveria agir e se realmente soube, mesmo que depois.

É doloroso. Isso de não receber um não, mas saber que ele está ali quase sendo dito, e sair de perto por não saber como seria suportá-lo em voz alta de fato. É como rasgar o peito.

Essa percepção me faz soltar o garfo no prato e me levantar para seguir até a área da piscina.

E as lembranças me invadem em cheio. Renata. Enrolada em meus braços. Se retorcendo contra mim. Me chamando…

*Parece pesaroso.*

Tiro a camisa e a calça, porque depois de um dia como esses – e de lembranças como essas –, é importante refrescar as ideias e me colocar no meu lugar.

Mesmo que pareça difícil no nível do impossível, no momento.

Pulo na piscina e começo a nadar, a água morna me sendo um cálice, mesmo que meu interior esteja quebrado.

Será que ela não sentiu nada? Será que foi tão fácil só não acreditar e deixar para lá? Será que o que vivemos não a atingiu um pouco sequer?

Que inferno. Por que diabos estou pensando tanta coisa sem nexo?

Nado por alguns minutos, tentando me concentrar na minha ação, mas não adianta, porque é Renata que circula em minha mente. E isso parece vicioso, porque não consigo tirar.

Resolvo sair da piscina, com a intenção de trocar de roupa e dar uma volta. Ficar em casa sozinho só vai me fazer piorar.

E não acredito que isso, esse tipo de coisa, está mesmo acontecendo comigo.

Quando estou quase subindo os degraus para ir ao meu quarto, meu celular toca. É algo que estranho totalmente porque, depois do trabalho, ninguém me liga. Exceto meu irmão ou meus pais, mas isso é raramente.

Caminho em direção ao aparelho, olhando o visor, e meu coração acelera.

*É ela*.

Pego depressa o celular e atendo, um misto de confusão, expectativa e alegria dentro de mim.

— Oi, Renata. — Não finjo que não sei que é ela. Quero que saiba que eu sei.

— Ahn... Hm, oi — ela parece sem jeito. — Eu liguei porque eu estava pensando no que você me disse...

Respiro fundo, me sentando no sofá, de forma aliviada.

— Que bom, fico feliz que sim.

— É… Mas, aquilo que você disse, é verdade mesmo? A parte de querer… namorar?

— Tudo é verdade, não só essa parte — deixo claro. — Eu te quero por completo, Renata, e sinto tanto, tanto, mas tanto a sua falta. Sei que não nos conhecemos o bastante, mas é para isso que o namoro serve.

— Então você quer… me conhecer?

— Claro que sim — começo a ficar eufórico com a ideia de que ela está cogitando. — Quero muito. Sei que já vi alguns lados, mas o interesse é constante. É tanto que desde que estive com você, não desejei outra mulher porque não consigo te esquecer.

Ela fica em silêncio por um momento, e isso me deixa agoniado.

— Desejo… — repete. — Isso foi sobre você ser o primeiro homem a estar comigo? É como se você me quisesse até acostumar com essa ideia?

— Deus, não — demonstro minha perplexidade por sua conclusão. — É claro que não, Renata. Eu sinto desejo não só pelo seu corpo, mas também por como você faz com que eu me sinta. Tudo em você é bom e me faz bem, é por isso que você me fez esquecer de mim e de como eu pareceria dizendo tudo que sinto — suspiro pelo puro prazer de dizer as palavras. — Isso nunca aconteceu antes.

— Estou feliz por isso — ela parece estar sorrindo. — Confesso que ainda não acredito.

— Você pode acreditar, Renata. Eu não brinco com coisa séria.

— É que parece muito bom para ser verdade — hesita. — Você é tão… Sabe, o que eu nunca pensei que encontraria.

— Você também, Renata. Quero muito te ver, se for possível.

— Hoje?

— Sim. Quer jantar comigo?

— Eu não estava esperando — dá uma risadinha graciosa. — Tudo bem, eu quero.

— Ótimo. Chego em alguns minutos para te pegar — me levanto, percebendo o quanto minha respiração está rápida. — Até logo.

— Até — ela desliga.

E a sensação de despedida, mesmo que breve, faz meu peito apertar novamente, me fazendo chegar a uma conclusão.

Eu não gosto de me despedir dela.

# Capítulo 55

Eu estou tentando não me sentir muito nervosa e agoniada durante o tempo que vejo o carro de Alexander se aproximar de mim na calçada.

Porque é diferente agora. Muito diferente. E não sei também se foi uma boa aceitar um encontro às dez da noite. Sei o quanto ele é atirado.

Não que eu não goste, mas depois de como tudo se deu, não sei como vai ser agora… se acontecer de novo… Os beijos e toques dele podem muito.

Respiro fundo quando o carro estaciona, pronta para colocar a mão e abrir a porta, mas Alexander sai antes que isso aconteça, me presenteando com seu sorriso lindo.

E suspiro onde estou, percebendo então o tanto de saudade que senti. Não foi fácil ficar tanto tempo indiferente, não foi.

Ele vem em minha direção, decidido, e dou um passo para trás de tanto que parece forte ter sua presença.

Mas Alexander não me quer longe, porque se aproxima e me puxa pela cintura, de uma forma muito hábil me prendendo entre seu corpo e o carro, e me dando um beijo inesperado e cheio de calor; trazendo de brinde um gemido áspero e masculino, que é como música para meus ouvidos.

Estou nas nuvens, outra vez.

Suas mãos começam a me acariciar por onde conseguem, Alexander parecendo se desesperar a cada toque, seu beijo se tornando intenso e exigente. Sua língua pede passagem para minha boca, começando a me deixar derretida.

Não estou me importando se as pessoas que passam estão nos vendo. A saudade é maior.

Levo minhas mãos aos seus braços, apertando de forma decidida, mostrando tudo que estou sentindo também – mesmo não sendo suficiente.

Um gemido é inevitável quando Alexander enrola as mãos em meu cabelo e arrasta a boca ao meu pescoço, beijando com seus lábios carnudos e molhados, até chegar à minha orelha, que ele morde.

— Meu Deus! — eu digo, inevitavelmente, porque depois desse tempo todo, ser tocada assim, vai me fazer explodir aqui mesmo. Não que eu me oponha.

Isso parece deixá-lo mais desesperado, porque sou mais imprensada contra

seu corpo e ele passa a se insinuar contra mim, uma mão descendo ao meu seio e apertando.

— Alexander! — É para ser uma repreensão, mas acho que não passa de uma súplica. Por mais.

— O que foi, hum? — ele provoca, sussurrando em meu ouvido. — Está excitadinha?

— Sim... — engulo em seco, minhas mãos querendo se perder dentro da sua blusa, que amaldiçoo no momento. — Estou.

Recebo como resposta outro gemido gostoso de ouvir, que também me faz sentir muitas coisas pelo corpo.

Se eu estava com medo, isso acabou de ir embora, porque estou desesperada para tê-lo de novo, me fazendo sentir tantas coisas boas.

— Nós devíamos ir para minha casa, não acha? — sua voz está rouca em meu ouvido e ele morde a pontinha da minha orelha, e me contorço de desejo.

— Acho… — O incentivo a me beijar outra vez, o que ele não faz. Ao contrário, dá uma risada curta e gostosa, me causando arrepios.

— O que você quer fazer na minha casa, sua safadinha? — sua boca vem novamente ao meu pescoço, onde recebo beijinhos suaves.

— Tudo — arranho seus braços por cima da camisa, porque preciso extrair meu desejo em algum lugar.

— Hum… — sinto sua mão abaixando por minha barriga, até chegar na barra do meu vestido. — Abre as pernas.

Não sei se é a adrenalina ou o desejo, mas eu realmente separo as pernas, Alexander imediatamente trazendo sua mão grande para dentro da minha calcinha, o que me faz abafar um grito contra seu ombro.

Ele não deveria fazer esse tipo de coisa, eu estou muito… sensível. E também em frente ao prédio onde moro.

Mas todos os pensamentos se desfazem quando ele grunhe, levantando a cabeça para me olhar, e tenho que morder a boca para não gemer alto quando seus dedos começam a me tocar.

Alexander sorri.

— Molhada, Renata — diz baixinho. — Pronta para mim.

Apenas balanço a cabeça como consigo, me remexendo para que ele me toque mais depressa, porque estou com muita vontade acumulada. E ele parece não perceber isso.

— Eu fico contente por isso e muito aliviado, porque significa que você ainda me quer — emenda.

Umedeço os lábios para responder.

— Nunca deixei de querer, agora…

— Agora — me interrompe e solto um gemido de descrença quando ele puxa a mão e leva os dedos à boca, chupando e gemendo de um jeito alucinante —, nós vamos jantar.

— Não! — eu protesto, abismada e ainda mais alucinada depois da cena que acabei de ver. — Eu perdi a fome...

Ele ergue uma sobrancelha, dando um sorriso.

— Me parece que está com muita fome, Renata.

— De comida, não — enfatizo. — Só de você.

Ele grunhe, as mãos vindo ao meu rosto e sua boca se inclinando para me beijar. Mas é um beijo mais calmo e doce, em contraste com os que acabei de ganhar.

— Você me faz pirar — as palavras são abafadas em meus lábios.

Eu não acho que sou eu que faço, ele já parece ser assim normalmente. E não pirado, apenas incerto do que quer quando não sabe o que esperar.

Corro minhas mãos por suas costas, abrindo os olhos quando ele traz a boca novamente ao meu pescoço, e agora passa a mordiscar.

É a melhor coisa que eu poderia imaginar…

— Você vai namorar comigo? — questiona, a voz rouquíssima.

— Sim — a resposta é muito rápida, então pigarreio, recebendo um beijinho no pescoço. — Eu vou.

— Estou feliz que sim — ele levanta a cabeça para me olhar. — Eu nunca namorei, como já disse, mas vou tentar acertar nesse quesito, também — um sorriso alcança seus lábios. — Obrigado por me dar outra chance.

— Eu também quero, então não é mesmo um problema — fico na ponta dos pés, tentando alcançar sua boca, mas não consigo.

Ele ri, balançando a cabeça negativamente.

— É um anão de jardim? — pergunta. — Ou uma duende?

Desisto da ação, cruzando os braços, indignada.

— Não quero mais também — bufo. — Eu não tenho culpa de você parecer um poste.

— Ficou irritadinha? — seus braços circulam minha cintura, ele ainda rindo.

— Não.

— É brincadeira — me abraça. — Senti muita saudade… Tanta que nem gosto de lembrar.

— Eu também — o abraço de volta, puxando-o ao máximo para mim. — Vamos para sua casa.

Alexander ri, se afastando devagar, então segura minha mão e me puxa da frente da porta do carro, abrindo-a e gesticulando para dentro.

— Vamos jantar, depois, minha casa.

Balanço a cabeça inconformada e entro, não gostando de ele não alterar as ordens dos programas.

# Capítulo 56

Alexander parece muito entusiasmado com a mão em minha cintura, que está fazendo cócegas enquanto seguimos para dentro do estabelecimento. Um restaurante requintado.

— Ai — me esquivo, rindo. — Para com isso.

Ele me puxa mais para seu lado, falando quase ao meu ouvido:

— Mais tarde você não vai querer que eu pare.

— Nem vem com essa — o olho de soslaio. — Nós devíamos ter ido para sua casa logo. Eu não queria comer.

— Sei, você queria ser comida.

— Queria, agora não quero mais — me afasto dele, ouvindo sua risada.

— Você está negligenciando o meu romantismo, Renata — faz uma voz dramática. — Estou me sentindo esmorecido.

Volto a me aproximar, agarrando seu braço nas mãos.

— Você é muito dramático, neném — arranho-o de leve. — Um neném dramático e lindo.

— Assim a gente nem vai completar o caminho até o restaurante — sua voz é um chiado. — Adoro quando você me faz parecer seu.

— Meu? — olho-o de baixo. — Você é meu?

— Eu sou, se você quiser — ele dá uma piscadela, nos guiando para passar as portas escuras de vidro.

Somos recepcionados por uma linda jovem, que é cortês e muito simpática, disponibilizando-se para nos levar a uma mesa mais escondida, que ela diz ser perfeita para um encontro de casal.

E eu preciso, antes de ela sair, elogiar o seu profissionalismo e solicitude, garantindo que voltaremos outras vezes e que gostaríamos que ela nos atendesse.

Isso é difícil de encontrar. *É realmente.*

— Ela pareceu feliz — Alexander diz quando nos sentamos.

— Ela mereceu, foi muito profissional.

— Pela minha experiência, tanto em restaurantes quanto no trabalho, ela parece estar trabalhando nisso há pouco tempo — ele sorri. — Foi simplesmente a novidade do trabalho e a sede de autorreconhecimento.

— Talvez — penso um pouco, concluindo que ele pode estar certo, porque

ela parecia muito feliz. — Mesmo assim, a Bianca, mesmo quando começou, não tinha toda essa simpatia.

— Então que bom que você me atendeu — recebo outra piscadela. — Aliás, você sentiu que estou usando hoje o perfume que me deu?

— Percebi — dou um risinho. — Te deixa muito sexy.

— Me lembra você — ele inclina a cabeça um pouco para o lado. — Às vezes eu colocava no travesseiro para sentir o cheiro e lembrar de você, para tentar dormir mais rápido.

Minha boca se abre, em pura surpresa.

— Você não fazia isso… — demonstro minha dúvida. — Não mesmo — estreito os olhos. — Alexander Damon não tem cara de que faz esse tipo de coisa.

Ele bufa. Não parece feliz com minha resposta.

— Eu fiz, sim. Acredite você ou não — pega o cardápio, abrindo-o e passando o olhar. — Hm… Hoje estão servindo massas em especial. Vou pedir uma. O que vai querer?

Eu dou um riso discreto, não por nada, apenas porque me lembro da primeira vez, no meu primeiro dia de trabalho, que ele me levou a um restaurante e tudo parecia tão absurdamente caro, que eu me desesperei.

— O que é engraçado? — ele abaixa um pouco o cardápio para perguntar.

— Lembrei do jantar que me levou… — divago. — Acho que estou pagando a dívida agora, não é?

— Está mesmo — ele sorri lindamente, os olhos castanhos límpidos acentuando a cor enquanto a barba perfeita emoldura o sorriso também perfeito. — Obrigado.

— De nada — pego o cardápio também, mas é para disfarçar a minha cara de ridiculamente apaixonada.

O garçom se aproxima e escolho o meu prato, Alexander pedindo o dele e escolhendo um vinho, que ele me garante não ter álcool. E o garçom confirma para mim.

Outro garçom traz nossas entradas, que comemos enquanto conversamos, distraídos.

E acabo de perceber que gosto muito, muito do Alexander distraído, parecendo não se preocupar com nada e apenas ter sua atenção voltada ao aqui e agora. A mim. O riso dele se torna mais fácil, o sorriso constante, as piadinhas sem limites e parece se divertir.

*Gosto muito mesmo*.

— Alexander? Eu não acredito que é você.

Levanto a cabeça e olho para o lado, de onde vem a voz. É uma mulher que também parece um poste de tão alta. Ela também é muito esguia e só posso chegar a uma conclusão: é modelo.

Olho Alexander, que parece em um pouco de transe, mas logo balança a cabeça, como se acalmasse as ideias.

— Oi — ele fala simplesmente. — Você é a…? — parece meio envergonhado por não lembrar o nome da… mulher.

— Oh — ela dá um riso falso e nojento. — Sempre muito esquecido. Eu sou a Nancy, nós saímos por um tempo quando você esteve em Roma.

Em Roma?

Estou imediatamente desconfortável e muito nervosa quando ela se aproxima dele e toca seu braço, mesmo que Alexander tire sua mão de forma inquieta.

— Ah, claro — sua voz sai arrastada e sei que deve estar com alguma dificuldade pela situação. — Nancy. Faz muito tempo e eu não costumo me lembrar das mulheres com quem saía — ele me olha. — Estou com minha namorada.

A tal mulher me olha, me avaliando até onde seus olhos conseguem, então sorri falsamente.

— Eu pensei que você não namorava — volta a olhá-lo. — Me disse isso tantas vezes, mas não tem problema — ela dá um suspiro, parecendo cansada, então me olha novamente. — É claro que eu fiquei muito triste, por que quem quer perder um homem desses? Principalmente quando ele disse que me amava.

Minha boca se abre, então fecha, só para abrir de novo. Eu o olho. Ele está chocado.

— Mas — Nancy emenda —, eu devia saber que ele só disse aquilo para me levar para a cama quantas e quantas vezes quisesse — o olha de novo, e agora seu sorriso parece de verdade. — Nada contra seus métodos, querido, apenas estou explicando para sua namorada o tipo de homem que você é.

Alexander me olha rapidamente e parece estar desesperado, mesmo que se contendo.

— O tipo de homem que eu era — ele volta a olhá-la para falar. — E meu namoro não é da sua conta. Por que não vai embora?

Nancy não parece nenhum pouco ofendida quando ajeita os ombros e sorri para mim.

— Tenha cuidado, ele é uma pedra e tudo que te disser, vai ser camuflado

de mentiras — despeja antes de sair andando como se estivesse em uma passarela.

Meus olhos voltam ao Alexander, e ele está me encarando, ao que parece sem piscar e cheio de expectativa.

— Você disse que amava ela? — questiono.

Observo seu pomo-de-Adão se mover, e ele balança a cabeça lentamente.

— Eu disse, mas…

— Bom saber — o interrompo.

Muito bom saber.

# Capítulo 57

Alexander parece ainda um pouco fora de si. Mesmo que o caminho até sua casa tenha sido de forma descontraída. Eu consegui deixá-lo mais relaxado, mas parece que agora, entrando em sua casa, ele está tenso de novo.

Quando me dá espaço para passar, vou direto à sala de estar, aproveitando sua distração para trancar a porta e tirando a calcinha, que guardo depressa na bolsa.

Ele aparece depois de alguns segundos, calmamente deixando as chaves sobre uma das mesinhas ao lado do sofá em L e me olhando em seguida.

Dou um sorriso inocente.

— O que foi? — uma sobrancelha sexy, grossa e perfeita se ergue.

— O quê?

Estreita os olhos.

— O que você tem? — rebate.

— Eu? — gesticulo para mim mesma. — Nadinha. Agora — caminho até ele, deixando minha bolsa na mesma mesa — você deveria me levar ao seu quarto, não?

— Sim — suas mãos alcançam minha cintura e ele me puxa para seu peito, inclinando a cabeça e raspando os lábios nos meus. — Vamos satisfazer você, já que parece estar impaciente.

Sorrio, contente com a resposta.

— Vamos — me afasto para segurar sua mão e o incentivar a caminhar comigo para a escada que nos leva ao andar do seu quarto.

Alexander está rindo atrás de mim, mas eu não ligo. Estou desesperada mesmo, e daí? Não há quem não fique quando se tem alguém como ele.

Quando chegamos ao quarto, solto sua mão para correr até a cama e deitar no meio, sem cerimônia.

Ele se aproxima e me olha de cima.

— Sinto que você está impaciente demais — murmura, me deixando para caminhar em direção ao banheiro.

— *AONDE VOCÊ VAI?*

— *PEGAR UMA CAMISINHA* — responde na mesma altura e ri em seguida.

Quando volta, já é sem a blusa, o que me faz gemer.

— Eu adoro o seu abdômen — admito. — É tão… quente!

— Assim você parece uma leoa sedenta por carne — dá um riso baixo, então começa a deitar por cima de mim, seus braços ao lado da minha cabeça sustentando seu peso. — Não acredito que você está na minha cama de novo.

— Pode acreditar então — abro as pernas. — E pode começar também.

— Você não vai me deixar agraciar seu corpo primeiro? — a pergunta é feita de forma sedutora enquanto ele inclina a cabeça e começa a chupar e beijar meu pescoço.

— Vou, mas estou muito… ansiosa — me remexo debaixo de seu corpo, levando as mãos à sua nuca, só para fazer meus dedos se perderem em seus cabelos macios.

— Estou vendo — sua voz está abafada e começo a sentir sua mão deslizar pela lateral do meu corpo, até chegar sem hesitação até o meio de minhas pernas.

Alexander grunhe, levantando a cabeça para me olhar. Seus olhos parecem queimar minha pele agora.

— Porra, esse tempo todo você estava sem nada por baixo desse vestido?

— Não — sorrio. — Eu só tirei se porventura você não quisesse vir depressa.

— Impossível que não — seus dedos longos e ásperos fazem uma carícia breve, me fazendo já gemer absurdamente, só em pensar que é um prenúncio do que está por vir. — Você estava quase me amarrando para me usar.

— Não parece uma má ideia — sorrio, elevando os quadris, deixando claro que quero mais que seus dedos.

— Tudo bem — ele ergue as sobrancelhas antes de sair para levantar ao lado da cama.

Suas mãos são habilidosas em desafivelar o cinto de forma rápida e eficiente, deixando a calça ir ao chão. Seu pau está duro, eu vejo mesmo através da boxer, que também é descartada em instantes.

Ele sorri quando abro a boca pelo instrumento incrível. Senti falta disso, mesmo que só tenha experimentado uma vez.

Abro mais as pernas, umedecendo os lábios. Estou toda arrepiada.

Principalmente quando ele volta para mim, deitando na cama de barriga baixo, em frente minhas pernas. Reviro os olhos antes mesmo de sentir sua boca.

— Nossa, Renata — sua voz está áspera. — Você está muito molhada.

— Estou — admito tentando olhá-lo. — Vai depressa.

— Quer que eu seja impaciente? — a pergunta é acompanhada de uma

chupada forte que recebo no interior da coxa, mais um sonoro gemido.

— Se vou ficar satisfeita mais rápido — ofego —, quero.

Alexander emite um som semelhante a um rugido, então se ergue sobre os joelhos, pegando a camisinha ao lado e rasgando o pacote de forma rápida, logo envolvendo sua extensão.

Agarro os seios e aperto, querendo aliviar a pressão do corpo de alguma forma.

— Você pediu — suas palavras saem de forma grave e Alexander segura por baixo de meus joelhos, de forma que empurra-os para frente, me deixando completamente exposta ao seu olhar.

Poderia ser desesperado, se eu não estivesse com tanta vontade.

Um gemido é inevitável quando sinto o contato grosso contra minha carne sensível, soltando um grito quando, sem hesitação, ele consegue espaço dentro de mim.

Alexander ruge e sinto suas mãos tremerem enquanto seguram minhas pernas no lugar.

— Minha. *NOSSA!* — eu grito, quase me engasgando também. É muito… grosso.

— Eu sei — ele rosna, se puxando para fora de forma lenta, me fazendo tremer dessa vez; só para voltar com toda força de novo.

Minhas mãos estão inquietas, procurando um lugar onde eu possa liberar o desejo reprimido. Estou pegando fogo.

Alexander me olha, seu olhar nublado enquanto ele parece sério demais. E é muito difícil manter os olhos abertos, então eu os fecho, soltando outro grito quando ele sai de dentro de mim de forma rápida, voltando imediatamente na mesma velocidade.

— É… — engulo em seco. — Perfeito.

— Eu sei, você tá pegando fogo por dentro — suas mãos separam minhas pernas, e ele dá um impulso feroz. — Envolvendo todo meu pau.

Reviro os olhos, simplesmente por não saber se é mais fácil me arrepiar por seu toque, voz ou movimentos.

— Mais… rápido — peço. Porque não é suficiente.

— Porra — ele geme e sei que vou ser ouvida quando Alexander sai de dentro de mim e rapidamente me vira de bruços, só para me puxar um pouco pela cintura. — Assim. Fica de quatro.

— Fico — respondo, já abaixando o rosto contra o colchão e agarrando os lençóis, me preparando para o que vai vir.

— Abre mais as pernas — pede, me puxando já para envolver toda sua extensão e mordo o lençol, sentindo as pernas tremerem. — Safada e gostosa — recebo um tapa estalado na bunda, que me faz choramingar.

Alexander imediatamente começa uma série de estocadas fortes e rápidas, muito rápidas; parecendo sem qualquer controle, atingindo um limite tão bom dentro de mim e tão perfeito, sendo também perfeito em grossura, sincronizado com meu corpo, que começo a babar.

Realmente começo, tentando controlar enquanto sinto uma mão vir ao meu cabelo, que ele enrola na mão, enquanto a outra espalma na base da minha coluna e ele usa como apoio para meter ainda mais forte.

— *MEU DEUS DO CÉÉÉÉU!* — eu grito, já me sentindo meio aérea e desnorteada.

É perfeito. Ele está em força absoluta. Eu sinto o quanto estou molhada. E também ouço.

Seus rosnados atrás de mim são um incentivo à parte, que me deixa muito alucinada.

— Porra! — rosna, a mão em minha coluna descendo para minha bunda e recebo outro tapa. — Gostosa pra caralho!

Não posso dizer nada, porque estou sendo submetida a uma seção de estocadas incontroláveis e imparáveis. Meu corpo daqui a pouco vai jazer.

Alexander arrasta a mão para baixo, enquanto decide desritmar os movimentos; tornando-os devagar, acelerando um pouco, ondulando os quadris bem dentro de mim, se puxando para fora, voltando em calma absoluta, junta a mais uma estocada forte, tudo isso somado aos seus dedos que começam a acariciar meu clitóris lentamente.

E eu me perco em mim mesma, gritando como se não houvesse mundo, sentindo meu corpo todo estremecer e tremer, até Alexander grunhir grosseiramente atrás de mim, parecendo ainda descontrolado, mantendo as estocadas até que caio para frente, meu corpo se separando do seu sozinho, como se fosse impossível ainda suportar mais e quase choro de parece, toda trêmula.

Sinto os toques por toda parte de trás do meu corpo, carícias leves e delicadas, um contraste extravagante do que acabei de sentir.

Isso foi… sem limites.

# Capítulo 58

— Tudo bem?

A voz está um pouco longe, mas ao mesmo tempo perto, e isso me faz rir.

Alexander me vira de costas contra a cama novamente, de uma forma muito habilidosa, o que só me faz perceber que ele realmente devia fazer isso direto. E o pensamento me incomoda, exceto pelo fato de que sua experiência parece algo muito bem-vindo agora.

Eu poderia estar na pior. Poderia ter um encontrado alguém como o namorado da Bianca, que não soubesse me dar tanto prazer e me deixar tão quente. Poderia mesmo.

— Que sorriso lindo — ele se inclina em direção ao meu corpo, seus braços sustentando seu peso.

— Eu não sabia que um orgasmo poderia me fazer quase chorar e então rir — levo minhas mãos à sua nuca, levantando as pernas para enroscá-las em seu quadril.

Alexander me encara, como é costume seu. Mas eu nunca me acostumo, porque o olhar dele é tão… Magnético. Ele é a perfeição.

Tudo parece muito certo. Essa intimidade fácil. Entrega imediata. A facilidade mesmo. Tudo parece possível quando ele está comigo, sem peso, sem amarras, e essa realidade me acerta em cheio.

Como um golpe.

— Eu gosto de te olhar — ele fala, me tirando dos pensamentos. — Você é linda e tem esse jeito que… Ah, como eu posso dizer? Você me manobra, Renata.

— Que neném — forço minhas pernas para baixo, o puxando para mim, e o abraço. — Fala tão fofinho.

— É sério — ele dá um meio riso grave. — Eu nunca senti isso por ninguém. É gostoso e… — hesita, soltando um suspiro contra meu pescoço. — Infinito. Parece infinito. Muito forte, a ponto de eu não saber definir. Estou tentando explicar, mas não consigo…

— Não precisa conseguir — levanto um pouco os quadris, me insinuando para ele. As palavras só estão me deixando com mais vontade dele.

— Não é só sexo — seu tom sai gravíssimo. — Não é, porque eu fico

imediatamente triste por pensar que, depois que acabar, você vai ir embora e ficar longe de mim… — ele levanta a cabeça e percebo seu semblante caído. — É doloroso, Renata.

Isso parece ser verdade. E meu coração começa a acelerar, como se fosse difícil acreditar; mas é de pura felicidade.

— Não tem que ser doloroso — desço minhas mãos ao seu rosto e acaricio por cima da barba escura e linda, que tanto gosto. — Estou aqui, não estou?

Ele fica em silêncio por uns instantes, parece começar a mudar o ritmo da respiração, como se ficasse difícil.

— Mas amanhã pode não estar… — sussurra.

— Eu não vou morrer, Alexander — balanço a cabeça. — Deus queira que não, pelo menos.

— Não isso — seu olhar desvia por um milissegundo, até focar em mim de novo. Alexander morde o lábio carnudo. Parece querer dizer algo. — Eu quero você para mim.

— Nós já estamos namorando — sorrio, fazendo minhas mãos percorrerem seu corpo onde alcanço. Pescoço, ombros, braços, rosto; várias e várias vezes. — Inclusive, minha mãe vai ficar muito feliz de saber disso. Imagina que eu conte para ela que…

— Quer que eu seja seu marido?

A pergunta que me interrompe me faz piscar os olhos algumas vezes, e estreito-os, levemente desentendida.

— Se eu quero que seja meu marido? — rebato.

Alexander dá um sorriso de canto, parecendo sem jeito.

— Sim.

— O que isso significa? — sorrio de volta.

— Que eu quero me casar com você.

Minha respiração suspende e meus olhos se arregalam.

*Isso é sério? Ele está falando sério?*

— É que… — Alexander mantém o olhar no meu, falando de forma tão firme que eu nem sei como ele consegue. — Doeu e dói ficar longe de você, sequer pensar nisso. Eu não quero que tenha dúvidas do que sinto, é muito sério. Não quero que isso que você me faz sentir, parta simplesmente como um namoro banal de duas pessoas que não querem ficar sozinhas… Porque meus sentimentos são reais, Renata, e eu quero mais que tudo fazê-los durar, mas isso só é possível com você. E eu sei que só com você.

Expiro todo o ar, trazendo as mãos à boca.

— Você está… — Meu Deus. — Está me pedindo em casamento?

— Estou — ele sorri, puxando minha mão e beijando em cima. — Você me daria essa honra? Quer se casar comigo?

— Alexander, minha nossa… Sim! — rio, extasiada e impressionada. — Caramba, sim!

Ele ri e, quando solta a respiração, sei que estava apreensivo.

— Fiquei leve até — diz.

— Oh, nossa… — estou rindo à toa, com motivos. — Eu devia ter dito sim logo.

— O meu medo mesmo foi você dizer não e querer sair da minha vida — seu olhar parece acentuar a cor. — Pensar isso é muito ruim. Estou muito feliz — o sorriso que se abre é largo e brilhante. — Você não vai ter que ir para longe de mim mais.

— Eu não vou — o puxo para um abraço de novo e ele nos gira na cama, me segurando por cima de seu corpo. — Hm…

— Gosto de manter a visão, lembra? — uma sobrancelha se ergue, sedutora e perfeita.

— A visão é toda minha, pode apostar — me inclino para morder seu queixo e em seguida arranhar seu peito até o abdômen gostoso e moreno.

— Tudo seu mesmo, amor — suas mãos deslizam por cima de minhas coxas, me fazendo arrepiar.

Isso parece estar sendo muito perfeito. Com todas as letras. Em que mundo eu me imaginaria tendo essa sorte?

*É sorte?* Eu não sei. Pode ser, ou só a vida trabalhando como quer… Seja lá o que for, eu estou tão grata que não consigo prender as lágrimas, que escorrem por meu rosto.

— Renata? — Alexander parece estranhar. — Você estava agorinha rindo, por que está chorando? — ele me puxa de volta para seu peito, me fazendo esconder o rosto em seu pescoço.

Suas mãos começam a me acariciar e eu me sinto tão bem, protegida e guardada, cheia de sentimentos bons, que não resisto a dizer:

— Eu amo você.

Suas mãos param os movimentos em minhas costas por um instante, então ele continua de forma ainda mais deliciosa.

— Está chorando porque me ama? — ele vira a cabeça, deixando um beijo em meu rosto. — Isso é ruim?

— Não — me remexo em cima dele, tirando um gemido seu. — É muito

bom.

Alexander é rápido em me incentivar a erguer um pouco o corpo, então quando volto a baixar, é já envolvendo sua extensão.

Nós dois gememos pela sensação avassaladora e fenomenal.

— Nos encaixamos bem, amor — ele sibila, suas mãos vindo para minha bunda e ele me incentiva a erguer sobre os joelhos. — Não me imagino mais sem tudo que você me faz sentir — Alexander me impulsiona a sentar com força, me fazendo apertá-lo dentro de mim.

Ele ruge, o som tão perfeito e melodioso, que sento novamente, porque quero observá-lo. Seu olhar é perfeito, junto à mandíbula cerrada e os lábios úmidos.

— Você gosta assim? — apoio as mãos em seu peito e remexo.

— *Tá* brincando?! — suas mãos apertam minha cintura e ele fecha os olhos. — Você rebolando é a coisa mais gostosa do mundo.

Sorrio, admirando seu semblante, a forma como ele aperta os olhos, grunhe palavras desconexas e pede por mais.

É perfeito.

— Estou quase gozando… — as palavras saem com dificuldade. — Se você continuar me apertando assim com essa bocetinha molhada, eu não vou aguentar.

Me inclino em direção ao seu ouvido, mordendo sua orelha.

— Prefere minha boca? — sussurro.

— Porra! — suas mãos me seguram no lugar e ele começa a me penetrar de forma veloz, eu precisando segurar o edredom para me manter no lugar enquanto tento não pirar por seu toque firme.

Eu sinto o momento que ele parece ficar maior, ou eu me estreitar ainda mais ao seu redor, e Alexander se puxa rapidamente de dentro de mim, praguejando quando, em segundos, eu sinto os jatos quentes e busco sua boca com a minha, amolecendo pela forma que ele enfia sua língua em minha boca, gemendo ferozmente.

É a melhor sensação do mundo.

Seus braços circundam minha cintura instantes depois e ele inspira em meu pescoço, eu sentindo sua respiração difícil pela forma que seu abdômen se movimenta.

Nós ficamos em silêncio, eu somente o ouvindo estabilizar a respiração pesada e sentindo o conforto de seu corpo.

— Eu nunca senti tanta coisa boa junta — ele fala, parecendo estar

sorrindo, o que me faz sorrir também. — Como não querer você sempre assim? — uma mão sobe à minha nuca e seus dedos serpenteiam por meus cabelos, eu começando a receber uma massagem gostosa no couro cabeludo.

— Senti prazer em fazer você sentir prazer — admito. — É muito bom.

— Muito bom é ter o seu *sim*, Renata — ele suspira. — Acho que agora eu posso dizer que tenho quase tudo que quero.

— Ah, é? O que falta? Comprar um castelo?

— Não preciso de um castelo, só de você — sua voz está ficando mais baixa, como se ele estivesse fraco. — Só falta um Damon.

— Seu irmão? Que broxante — solto um ruído de descrença.

— Não, um Damon bebê — sua mão que ainda me abraça, me aperta mais forte. — Um filho nosso.

E isso não me assusta, do contrário, me tira um sorriso imenso, porque eu já pensei em um garotinho parecido com ele. Ou uma garotinha.

— Logo não vai faltar mais nada então — beijo seu pescoço, feliz e… feliz.

Alexander não diz mais nada e sou levada pelo silêncio, sentindo ao longe quando sou virada contra a cama e recebo um beijo na pontinha do nariz.

— Boa noite, minha noiva linda — as palavras são baixinhas e suaves.

E eu me entrego ao sono, as palavras sendo o melhor dos soníferos.

# Capítulo 59

— Isso é um absurdo — Bianca parece alterada em contraste com Renata, que está sorrindo.

E isso me deixa como um bobo, parado a alguns centímetros dela, porque eu preciso esperar enquanto ela decide com a amiga algo sobre a cor dos vestidos das damas de honra. Eu não entendo muito sobre, mas realmente estou me esforçando.

— Não basta que você queira me fazer entrar na igreja com o irmão do seu noivo? — Bianca parece descrente.

— Para de neura — Renata a repreende, pegando uma amostra de tecido e avaliando. — Essa é perfeita e não, você não vai parecer um cone.

— Mas eu pareço — a outra bufa. — Eu vou procurar uma costureira que faça sob medida. Vou tentar ficar bonita de marfim.

Minha noiva ri. Parece estar se divertindo.

— Desculpa o atraso. — A voz de Arthur chama minha atenção, e o vejo se sentar na poltrona ao meu lado. — Eu estava com o Matthew e Lance, e eles não sabem ouvir não.

— Não do quê? Aliás, não desculpo seu atraso.

— Então não desculpa — ele tira o terno. — Tivemos um imprevisto com a obra de uma das lojas que estamos aumentando, e eles queriam que eu autorizasse um acréscimo no orçamento já passado.

— O Matthew pode permitir — estranho sua desculpa. — Por que falou com você? Se não é só no nosso você sabe, ele manda tanto quanto…

— Nós — me interrompe. — Eu sei, eu sei. Mas ele não pareceu se ligar nisso, ou não teria batido boca comigo. Enfim, eu resolvi e não vou acrescentar nada. O orçamento já tinha valor suficiente para imprevistos.

— Espero que esteja certo do que tenha feito — volto a prestar atenção em Renata.

— O que elas estão fazendo? — ele questiona. — Por que Bianca está irritada?

— Escolhendo uma cor — respondo o que sei.

— Pensei que tinha vindo para tirar minhas medidas.

— E foi, Arthur, mas Renata tem que acabar primeiro.

— Só sai esse nome da sua boca agora — ele bufa, relaxando sobre a poltrona. — Nunca pensei que você ficaria tão…

— Apaixonado?

— Não — desdenha —, isso eu já sabia que você estava. Me refiro a essa forma, esse jeito, todo purpurinado por uma mulher. O que ela te fez?

— Me amou — respondo a verdade.

— Muito açucarado, Alexander — Arthur debocha. — Você sabe algo sobre o David?

A pergunta me faz olhá-lo.

— Calma — ele ergue as mãos, rindo um pouco. — Não é sobre a Renata, relaxa. É só que eu tenho juntado uns pontos e — gesticula, olhando em direção às garotas — é muito esquisito, cara. Ele tá ligando para o namorado da Bianca direto.

— E o quê?

— Como assim o que, cara? — bufa.

— O que eu tenho a ver com isso?

— Ah, vai se foder — reclama. — Tem muito a ver com isso sim, porque o cara queria pegar sua noiva.

— Bem dissestes, queria. Se ele vier de palhaçada, vai para o olho da rua.

— Isso é óbvio — Arthur parece incomodado. — Não boto fé nos caras. Quem fica adiando transar com a namorada, hein? Fala sério.

— Ele fica? O David?

— Não, o palhaço que a Bianca está — agora parece mais desanimado. — Quem tem coragem de negar ela?

— Mas onde porra você quer chegar, Arthur? — eu o olho, sem entender. — Eu estou nos preparativos do meu casamento, você se ligou nisso?

— Tem razão, desculpa — esfrega o rosto. — Era para ser um comentário.

Desvio o olhar para frente quando sinto Renata se aproximar. Seu sorriso lindo está estampado no rosto e vem direto sentar em meu colo, me presenteando com um beijo gostoso e que me tira o fôlego.

— Ai, pelo amor, vocês dois — Bianca reclama ao longe. — Eu não vim aqui para ouvir barulho de beijo, não.

Renata se separa, rindo e se remexendo de propósito sobre meu colo.

— Imagino que deve ser difícil mesmo — eu digo —, levando em conta que você não deve beijar há um tempo.

— Vai se catar, Alexander — resmunga. — Não tô para gracinha com você.

— Para de brigar com ele — Renata diz, me abraçando pelo pescoço. — Ninguém briga com o meu neném.

— Parem com essa viadagem — Arthur também reclama. — Não vim para isso.

— Eles estão muito mal-humorados, amor — falo.

Renata dá uma risadinha, concordando.

— Olha só, eu vim para ver a cor e já vi, então *arrivederci, adiós*. Não sou obrigada — Bianca diz, acenando e saindo andando.

Arthur vai atrás, sem ao menos esperar eu pedir que fique.

— Qual a deles? — questiono.

— Quem sabe? Eu não moro mais com ela há três meses, Alexander — recebo uma mordida indolor no pescoço, o que me faz vaguear minha mão por sua coxa, até a barra do vestido, e serpenteio meus dedos pelo interior de sua coxa. — Safado.

— Você me deixa mais safado.

— Eu gosto dessa confissão — ela abre mais as pernas.

— Logo chega alguém aqui — quase rio, mas tento manter a expressão séria caso realmente alguém atravesse as portas de vidro de repente.

— Deixa chegar — a resposta sai junto com sua respiração quente.

— Você é apressada, meu amor.

— Olha quem fala de pressa — ela ri, mordendo meu pescoço, o que me faz esquivar um pouco a cabeça, rindo também.

— Esqueci das suas cócegas — recebo um beijinho. — Vamos…

O barulho nas portas de vidro me faz parar a mão, que volto a colocar sobre sua coxa, e também interrompe Renata.

Nós observamos Arthur e Bianca voltarem, ela na frente.

— Mas já? — Renata parece levemente triste.

— Seu cunhado foi atrás de mim — a amiga fala. — Mas eu só vim avisar que não vou almoçar com vocês. Tenho uma coisa para fazer.

— Que coisa, Bianca? —meu irmão quer saber.

Ela olha a mão, então para ele, com um sorriso debochado.

— Eu não tô vendo uma aliança no meu dedo, meu anjo, para te dizer pra onde vou. Não é da sua conta — bufa.

Renata se levanta, segurando minha mão e me incentivando a levantar com ela.

— Vamos deixar os dois se entenderem, eu quero te mostrar uma coisa.

Eu concordo, porque eu conheço esse tom de voz falhado. Ela quer dar.

— Claro, amor — sorrio para os que ficaram, me deixando ser puxado em direção às portas de vidro que nos levam à rua, então ao meu carro.

E sorrio, porque eu nunca pensei que isso poderia ser possível. O possível que eu tenho vivido nos últimos três meses com ela.

Renata além de minha assistente, é também minha noiva e a primeira pessoa que penso quando acordo e vou dormir, ela é quem me faz sorrir, é ela que me ouve e me faz descansar sem peso. Me faz dormir.

Ela é incrível. É tudo. Extraordinária. E a cada dia eu tenho mais certeza da decisão que tomei. Eu realmente a quero na minha vida por tempo ilimitado.

Isso pode ter parte com a ambição, sim, mas essa é completamente diferente. Ela me faz ambicionar o amor. O amor dela. E só dela.

E eu não vou cansar. Não enquanto eu respirar.

# BÔNUS

***Bianca***

— Garota, pega a segunda pasta branca.

Viro a cabeça, ainda vendo Arthur sentado em seu sofá e, aos seus pés, as incontáveis folhas brancas bagunçadas.

Ele me convidou para uma reunião de pessoas importantes, mas desistiu de última hora, o que foi um absurdo, porque eu gastei minhas economias indo a um salão de beleza e comprando um vestido novo.

Quase chorei, de verdade. E isso tem sido muito esquisito, porque eu não sinto essa vontade há muito tempo. Nem lembro qual foi a última vez.

Então simplesmente assim, eu fiquei em sua casa – mais uma vez –, trabalhando. Nem é mais o meu horário. Ele sabe disso, mas está arrumando coisas para eu fazer de propósito.

O que posso fazer? Tenho contas a pagar e também que comer, não posso deixar minha amiga sozinha nessa.

Mas confesso que já pensei na possibilidade de pedir uma troca de chefes. Alexander é muito mais legal comigo e eu gosto dele. Não veria problema nenhum em passar o dia com ele.

— Onde está? — eu questiono quando vou até as prateleiras que tenho visitado umas dez vezes à essa altura.

Arthur me olha, a expressão séria e que me faz murchar sempre.

Me incomoda muito. Todas as pessoas sérias que conheço, dão ao menos um sorrisinho quando estão perto de mim. Ele nem isso. A única vez que o vi sorrir foi para Renata, o que não faz sentido.

— Está bem aí — responde, a voz sempre estridente de um jeito que não me agrada. — Tem problema de vista?

— O senhor disse pasta branca, aqui não tem nenhuma branca — explico em uma paciência que não lembro de ter.

— Porra! Eu só encontro gente incompetente — ele resmunga rudemente e se levanta, vindo em minha direção.

Outrora, eu repararia em seu abdômen lindo e digno de uma foto. Também de umas lambidas. Eu perceberia que ele tem as entradinhas de músculos nos

cantos da barriga que apontam para entre suas pernas. Também notaria que ele está simplesmente impecável na calça moletom.

Com certeza também comentaria.

Só que não, eu não estou fazendo nada disso porque ele é Arthur Mackenzie Damon, de acordo com seus documentos, um homem irritante e que me deixa desanimada.

Em outras palavras, eu não gosto dele.

— Isso aqui é o quê? — ele pergunta, colocando uma pasta em frente aos meus olhos.

Respiro fundo, quase o xingando.

— É uma pasta, mas é cinza.

— Não é cinza — seu tom agrava.

— O senhor sabe que é — rebato. — Um cinza mais claro, mas é cinza. Não precisa se estressar. Ser daltônico não é grave.

Ele estreita os olhos, uma mecha do cabelo loiro chegando às sobrancelhas e tenho vontade de tirar, por puro reflexo.

— Você se acha engraçada? — questiona, sua boca repuxando um pouco, entregando sua irritação.

— Acho, e as pessoas em geral também.

— Mais uma prova de que não faço parte do geral — ele me deixa e sai caminhando de volta ao lugar que estava.

Preciso morder a língua para não dar uma resposta que ele mereça, contentando-me a também ir para a mesa de centro, arrumar o que ele já bagunçou.

Meu vestido novo já está todo amassado e isso é angustiante. Eu nem pude estrear e já está assim.

Empilho mais um monte de folhas, então olho para Arthur no sofá, parecendo irritadíssimo por não achar o que procura.

— O que exatamente está procurando? — pergunto, porque também tem muito silêncio. Tanto que é irritante.

— Não é da sua conta. Faz o que te pedi, garota.

— Se me disser, eu posso ajudar.

— Vai me ajudar se calar a boca.

— Eu estava calada o tempo todo — pondero. — Só estou…

— Porra — ele joga a pasta no chão, levantando-se.

E não sei o que interpretar quando sai andando ao corredor, desaparecendo da minha visão.

Mas isso não é novidade desde que comecei a trabalhar para ele e, sendo assim, apenas volto à minha tarefa.

◎◎◎

Depois de um bom tempo, Arthur volta. Está com outra calça e os cabelos molhados e bagunçados, não extraindo um pingo sequer de sua beleza, o que é uma indignação.

Eu queria ser assim. Se molho o cabelo, pareço uma vassoura. É bem estranho.

Não digo nada, apenas fico espiando ele sentar e agora parece e mais tranquilo quando volta a verificar as folhas. Seu olhar não encontra o meu um segundo sequer.

De repente, quase como um susto, o meu celular toca na bolsa e me apresso em pegar, nem ousando olhar para Arthur. Sei que vou encontrar o semblante carrancudo e irritado.

Atendo depressa quando vejo o nome do meu namorado na tela.

— Oi! — Estou feliz de novo. E aliviada.

— Oi, meu amor. Vamos sair na sexta?

— Sexta? Não. Vamos sair hoje. Eu estou trabalhando ainda, mas você pode me buscar quando terminar — eu digo depressa, torcendo para que ele não cancele novamente comigo.

— Acho perfeito. Você quer ir aonde?

— Começa com S e termina com O.

Ele ri.

— Não faço ideia, amor. O que é?

— Seu corpo.

Nós dois rimos e eu gosto muito dessa sensação, porque é o que me motiva. Gosto de rir e sorrir.

— Que horas eu te pego?

— Deixa eu pergunta é… — olho meu chefe, o vendo já olhando em minha direção, a mandíbula cerrada. Mas também não é uma novidade. — Sr. Damon, que horas serei liberada?

— Só quando encontrar o que procuro e, leva em conta, não imagino que vai ser logo, garota.

Evito uma careta, apenas respirando fundo e falando mais baixo.

— *Babe*, não vai rolar, eu sinto muito. Deixa para sexta mesmo.

— Tudo bem — meu namorado concorda muito rápido. — Até sexta, beijos.

Ele desliga e olho para a tela do celular, impressionada e descrente.

*Ele nem lamentou*.

— Isso não é permitido — a voz de Arthur, mas ignoro. — Você não pode atender celular no trabalho.

— Não vai ser repetido — digo somente, me sentindo desgastada.

Não vai mesmo, porque vou falar com Alexander.

# EPÍLOGO

— Amor, nós vamos nos atrasar.

Coloco o último grampo no cabelo, vendo pelo espelho quando Alexander entra no quarto, vestido impecavelmente.

Ele sorri para mim, se aproximando e ajoelhado atrás de mim, sua cabeça ficando à altura do meu ombro, onde recebo um beijo, possibilitado pelo vestido que os deixa descobertos.

— Linda como sempre — sussurra.

— Obrigada — sorrio de volta.

— Como está se sentindo hoje?

— Aparentemente bem, só um pouco enjoada…

Alexander me abraça por trás, colocando as mãos em minha barriga, que ainda nem é perceptível.

Eu ainda não consigo acreditar que estou grávida, porque faz somente cinco meses que nos casamos, mas Alexander está radiante, mesmo que eu só esteja com cinco semanas.

— Nosso mini Damon já está deixando você mal — ele dá um risinho e deito minha cabeça em seu ombro. — Espero que você fique bem logo, meu amor.

— Eu vou — coloco minhas mãos por cima das suas. — Tem certeza que vai contar para os seus pais hoje?

— E tem hora melhor do que a festa do aniversário de casamento deles?

— Não sei — rio. — Eles podem ficar muito surpresos.

— É a intenção. Vão comemorar mais um ano de casamento com todos os amigos e nossa família e, de quebra, saber que vão ser avós.

Levanto a cabeça para poder me virar e olhá-lo de frente. Seus cabelos estão impecáveis, sua boca linda sendo emoldurada pela barba cheia e perfeita, e seu corpo maravilhoso coberto pelo traje de gala.

— Meus pais vão ficar assustados — ressalto. — Tenho minhas dúvidas que minha mãe não vá desmaiar de emoção.

— Só se for sua mãe, porque seu pai não parece do tipo que se emociona. No nosso casamento ele ficou impassível.

— Ele garantiu ter chorado na mente — eu rio, colocando minhas mãos ao

redor de seu pescoço. — A explicação foi o baque da notícia que eu iria casar.

— Ele precisa superar — Alexander acaricia meus braços. — Mas eu devo agradecer a ele e sua mãe, no entanto, pelo resto da minha vida. Sem eles você não existiria e não estaria aqui, me fazendo tão feliz.

— Isso é mesmo verdade, de igual forma, eu aos seus adoráveis pais.

— Ah, eu te dei um pouco de dor de cabeça — seu sorriso torto mostra que está acanhado. — Nunca pensei que amar fosse tão… simples. Sabe, acontecesse tão de repente.

— Acho que é assim quando as pessoas se encaixam — desço as mãos ao seu rosto. — Isso aconteceu com a gente. Foi tão certo.

— Foi, foi muito certo. Você também sentiu?

— Se senti — dou risada. — Senti tudo e muito mais.

— Eu também. Você me fez sentir tudo que nunca tinha sentido antes. É muito louco explicar ou tentar, porque nunca consigo — ele balança levemente a cabeça. — Acho que agora entendo o que meus pais sentem um pelo outro. Quero que sejamos assim, comemorando anos e anos de casados.

— Um homem visionário, sem qualquer sombra de dúvidas.

Alexander dá um risinho, descendo as mãos à minha barriga de novo e acaricia, por vários segundos.

— Foi a minha melhor visão — as palavras saem arrastadas. — Quem você acha que nosso bebê vai parecer mais, comigo ou você?

— Tomara que a você, para ele ser lindo como o pai.

— Mas ele pode ser perfeito como a mãe — ele me dá uma piscadinha. — Uma garotinha com seus cachos, já pensou?

— Já — rio. — Acho que já pensei até demais.

— Com toda certeza. Será que é normal eu ficar ansioso pelas outras consultas?

— Deve ser, eu também fico muito. A Bianca talvez se anime um pouco com a notícia.

— Ela ainda está triste?

— Sim… Não foi um episódio fácil de superar.

— Paciência — ele se levanta, estendendo a mão para mim. — Vamos tentar animá-la um pouco então. Agora precisamos ir, minha mãe vai ficar uma fera se eu chegar muito tarde.

— Tenho certeza que a boa notícia vai fazê-la nos desculpar — aceito sua ajuda e olho para meus saltos, sorrindo um pouco. — Vamos à nossa noite maravilhosa entre família, amigos e boas notícias.

— Vamos, sim, minha esposa linda e bela e maravilhosa que eu tanto amo — recebo um beijo demorado na bochecha, me fazendo rir.

— Meu neném tamanho grande.

Ele ri e deixo que me induza a caminhar junto consigo, nos levando a uma noite e tanto.

E não só uma noite, porque eu soube que desde que disse sim, Alexander me conduziria a muito mais que uma simples felicidade.

Com ele, cada dia é uma novidade surpreendente. Ele tem esse tato para me fazer sentir sempre admirada e amada. Definitivamente ele tem.

E eu amo isso, somado à facilidade que tudo se resolve quando ele está por perto. Ele me passa isso, segurança pura. Somado ao amor que sinto por ele, não me fez ter medo.

Do de repente e imediato. E é por isso que nos encaixamos tão bem, porque o que falta nele, ele encontra em mim e vice-versa.

O amor aconteceu para mim. Aconteceu lindo e de repente. Aconteceu o Alexander. E, claro, se completou com nosso mini Damon.

E eu sempre, *sempre*, serei grata.

Um brinde ao destino.

***Série Tower: Os Mackenzies***

***Livro 15***

***DREAMWORKGIRL***

## *Outros livros da Série:*

*Amor Por Atração*
*Amor Por Redenção*
*Amor Por Obsessão*
*Amor Por Opção*
*Amor Por Omissão*
*Amor Por Negação*
*Amor Por Ilusão*
*Amor Por Impulsão*
*Amor Por Possessão*
*Amor Por Intenção*

*Amor Por Pretensão*
*Amor Por Obstinação*
*Amor Por Depressão*
*Amor Por Ambição*
*Amor Por Solidão*
*Amor Por Exceção*
*Amor Por Emoção*